

Três Maneiras de Ver

Jesus

A maneira histórica,
a mítica literal e
a mítica simbólica

José Pinheiro de Souza

Três Maneiras de Ver

Jesus

A maneira histórica,
a mítica literal e
a mítica simbólica

Fortaleza, 2011

Três Maneiras de Ver Jesus: A maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica

©2011 Copyright by José Pinheiro de Souza

Contato com o autor:

E-mail: jpinheirosouza@uol.com.br

Site: www.professorpinheiro.com

Blog: www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br

Capa: Mônica Costa

Diagramação: Franciana Pequeno

Ilustração da Capa: Carlos Henrique (Guabiras)

Revisão de Texto: Prof. José Alves Fernandes

S 725 t Souza, José Pinheiro de.

Três maneiras de ver Jesus: a maneira história, a mítica literal e a mítica simbólica / José Pinheiro de Souza. – Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.

224p. ; 15 x 21cm.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-85-7915-092-0

Disponível no site www.professorpinheiro.com

1. Cristianismo. – 2. Diálogo inter-religioso.
3. Espiritismo. - 4. Religião. - 5. Ecumenismo. I. Título

CDU: 27

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	9
NÃO IMPORTA O CAMINHO	11
CREDO MACROECUMÊNICO	12
ABREVIATURAS E SIGLAS	13
APRESENTAÇÃO	15
PREFÁCIO	17
INTRODUÇÃO	23

Capítulo 1: CONCEITOS DE MITO, MITOLOGIA E MITOS

CRISTÃOS	27
Conceito de “mito”	27
Valor dos mitos	32
Sinceridade das pessoas em suas crenças míticas	33
Conceito de “mitologia”	34
Conceito de “mitos cristãos”	35
Origem do conceito de “mitos cristãos”	36
Os mitos cristãos mais exclusivistas	38
Linguagem figurada/mitológica sobre Deus	38
Jesus existiu, de fato, ou é apenas um mito?	39
Jesus histórico x Jesus mítico	40
O Jesus mítico visto como uma divindade solar	41
A mitificação literal do Jesus histórico por Paulo de Tarso	45
Outros argumentos a favor da tese de que foi Paulo de Tarso quem mitificou Jesus	47
Verdade mítica x verdade histórica	48
Origem dos principais mitos cristãos	49
Jesus mítico literalmente interpretado x Jesus mítico simbolicamente interpretado	54
Interpretação literal x interpretação simbólica dos mitos	57

Capítulo 2: A MANEIRA HISTÓRICA DE VER JESUS

A busca do Jesus histórico	61
O pioneiro na busca do Jesus histórico	62
O Seminário de Jesus	64
Os sete pilares do Seminário de Jesus	66
Argumentos a favor do Jesus histórico	68

Palavras e ações autênticas de Jesus nos Evangelhos sinópticos .	70
Palavras autênticas de Jesus no Evangelho de Marcos	71
Ações autênticas de Jesus no Evangelho de Marcos	73
Palavras autênticas de Jesus no Evangelho de Mateus	75
Ações autênticas de Jesus no Evangelho de Mateus	78
Palavras autênticas de Jesus no Evangelho de Lucas	80
Ações autênticas de Jesus no Evangelho de Lucas	86
Ensinamentos autênticos do Jesus histórico	87
A síntese da doutrina de Jesus no Sermão da Montanha	88
Interpretação pluralista da pregação de Jesus no Sermão da Montanha	91
Cristianismo do Jesus histórico x cristianismo do Jesus mítico	93
O Papa do Jesus Histórico	94
O que realmente sabemos sobre o Jesus histórico?	95
Capítulo 3: A MANEIRA MÍTICA LITERAL DE VER JESUS	107
O mal das interpretações literais do Jesus mítico	107
Interpretação literal de Jesus como “Deus encarnado”	108
Interpretação literal de Jesus como o “Filho de Deus”	108
Interpretação literal de Jesus como “Deus o Filho”	109
Interpretação literal do nascimento virginal e miraculoso de Jesus	112
Interpretação literal das narrativas sobre o nascimento e a infância de Jesus	113
Interpretação literal de frases egoístas e exclusivistas atribuídas a Jesus	114
Interpretação literal de frases agressivas ou vingativas atribuídas a Jesus	119
Interpretação literal das passagens evangélicas sobre a Paixão de Jesus	123
Interpretação literal de Jesus como o único salvador	124
Interpretação literal de Jesus como o nosso “Bode Expiatório” ..	128
Interpretação literal e exclusivista dos milagres atribuídos a Jesus	130
Interpretação literal do “autoesvaziamento” de Jesus	132
Interpretação literal da religião (ou igreja) supostamente instituída por Jesus	136
Interpretação literal de sacramentos supostamente instituídos por Jesus	139
Interpretação literal da ressurreição de Jesus	152

Interpretação literal de ressurreições de mortos atribuídas a Jesus	155
Interpretação literal da Segunda Vinda de Jesus	158
Capítulo 4: A MANEIRA MÍTICA SIMBÓLICA DE VER JESUS ..	161
Maneira mítica literal x maneira mítica simbólica de ver Jesus ...	161
Evangelhos canônicos x Evangelhos gnósticos	164
Deus está dentro de nós?	169
Em que sentido podemos afirmar que “todos somos Deus”?	171
Jesus é o “Verbo Encarnado” dentro de nós?	174
Interpretação simbólica de Jesus como Deus dentro de nós	175
Interpretação simbólica da encarnação de Deus na pessoa de Jesus	178
Interpretação simbólica do Natal de Jesus	178
Interpretação simbólica da concepção virginal e miraculosa de Jesus	179
Interpretação simbólica das narrativas do nascimento e da infância de Jesus	180
Interpretação simbólica do nascimento de Jesus em Belém	181
Interpretação simbólica do batismo de Jesus	182
Interpretação simbólica dos 12 discípulos de Jesus	182
Interpretação simbólica da transformação da água em vinho	183
Interpretação simbólica da caminhada de Jesus sobre a água (acalmado uma tempestade)	184
Interpretação simbólica das parábolas de Jesus	185
Interpretação simbólica de parábolas de Jesus sobre o “Reino de Deus”	189
Interpretação simbólica das curas atribuídas a Jesus	191
Interpretação simbólica da cura de um paralítico por Jesus	192
Interpretação simbólica das tentações de Jesus	192
Interpretação simbólica do “autoesvaziamento” de Jesus	193
Interpretação simbólica de Jesus como “a Luz do Mundo”	194
Interpretação simbólica de Jesus como “Água Viva” e “Pão da Vida”	194
Interpretação simbólica de Jesus como “o Salvador” da humanidade	195
Interpretação simbólica de Jesus como “o Caminho, a Verdade e a Vida”	195
Interpretação simbólica da multiplicação de pães por Jesus	198
Interpretação simbólica da Eucaristia	199

Interpretação simbólica da morte de Jesus na cruz	200
Interpretação simbólica do sacrifício incruento da missa	200
Interpretação simbólica da transfiguração de Jesus.....	202
Interpretação simbólica da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém no lombo de um jumento	202
Interpretação simbólica da ressurreição de Jesus.....	203
Interpretação simbólica da ressurreição de Jesus “após três dias” ...	203
Interpretação simbólica do túmulo vazio de Jesus	205
Interpretação simbólica da ascensão de Jesus.....	205
Interpretação simbólica do retorno de Jesus	206
Interpretação simbólica do Juízo Final	208
Como o Espiritismo explica a regeneração do planeta Terra.....	210
O que é necessário para regenerar o planeta Terra	210
A importância da unidade de crença para a regeneração da humanidade	211
CONCLUSÃO	213
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	217

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas:

Minha esposa, Iaci, por me haver inspirado com suas palavras e seu testemunho de vida a ideia maior de meus livros ecumênicos de que a verdadeira religião é a prática do amor.

Meus agradecimentos especiais aos que fizeram revisões no texto original deste livro: o Professor Hyljoss Angelo de Souza, o escritor judeu Vicente Francimar de Oliveira, o irmão espírita Alberto de Albuquerque Cordeiro e o Professor José Alves Fernandes (membro da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense da Língua Portuguesa), principal responsável pela revisão textual desta obra.

Meus sinceros agradecimentos ao escritor Milton R. Medran Moreira, pela excelente Apresentação deste livro.

Meu muito obrigado a Franciana Pequeno da Silva, pelo suporte na digitação eletrônica e diagramação desta obra (PageMaker), a Mônica Costa, pela elaboração da capa, e a Carlos Henrique (Guabiras), pela ilustração da capa.

Não posso esquecer-me de agradecer a Deus, a Jesus e a outros amigos espirituais, por terem me dado inspiração e coragem de escrever este livro, de natureza bastante polêmica, mas cujo objetivo último é contribuir para a verdadeira paz e fraternidade entre todas as pessoas, independentemente de suas crenças religiosas.

NÃO IMPORTA O CAMINHO

Um juiz passava por uma estrada e encontrou um preto velho enrolando seu cigarro de palha e cumprimentando a todos que por ali passavam, dizendo:

– “Deus te abençoe, meu filho! Deus te acompanhe! Deus te guie! Deus te proteja!”

O juiz, um tanto curioso, perguntou-lhe:

– “O Senhor sabe onde Deus está?”

E o preto velho respondeu-lhe:

– “O Senhor sabe onde Ele não está?”

O juiz, não satisfeito com a resposta, retrucou:

– “O Senhor deve ser muito religioso! Qual é a sua religião?”

E o preto velho respondeu-lhe:

– “Quando vou levar trigo à cidade, posso ir pela rodovia, pela montanha, ou pela estrada do rio, mas, quando chego lá, o patrão não quer saber por onde vim. Ele quer saber se o trigo é de boa qualidade!”

(Autor desconhecido)

Moral da história e sua aplicação a esta obra: Quando formos prestar contas a Deus de nossa vida, Ele não vai querer saber se professamos Religião A, B ou C, mas **se nossas obras foram de boa qualidade!** Ou seja, **para Deus, não importa a religião que se professa, mas o amor que se pratica!** Esta é a chamada tese pluralista da **equivalência funcional** (mas não **doutrinal**) de todas as religiões, defendida neste livro, em oposição aos pontos de vista religiosos que sustentam a exclusividade, unicidade e superioridade de **UM CAMINHO**, isto é, de uma religião em relação às demais. Por essa tese, o catolicismo é tão bom, válido e verdadeiro para os católicos, quanto o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o espiritismo para os espíritas e assim por diante. Essa tese não afirma, porém, que todas as religiões são igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças, de seus dogmas ou de seus mitos, uma vez que, em questões de doutrina, elas se contradizem em muitos pontos. Daí, a necessidade do diálogo religioso aberto e sincero para se saber quem está com a verdade em assuntos doutrinários.

CREDO MACROECUMÊNICO

CREMOS QUE SOMOS TODOS IRMÃOS,
FILHOS DO MESMO PAI.
CREMOS NO AMOR UNIVERSAL,
ENSINADO POR JESUS E POR TODOS
OS MENSAGEIROS DA PAZ,
ENVIADOS POR DEUS
AO LONGO DA HISTÓRIA HUMANA.
CREMOS QUE,
SOMENTE VIVENDO UNIDOS NO AMOR,
EVITANDO QUALQUER ATO DE VIOLÊNCIA
E DISCRIMINAÇÃO CONTRA QUEM QUER QUE SEJA,
PODEREMOS CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR,
DE PAZ E FRATERNIDADE.
CREMOS QUE “NÃO IMPORTA O CAMINHO”, ISTO É,
QUE TODAS AS RELIGIÕES
SÃO CAMINHOS VÁLIDOS
NA BUSCA DA VERDADE,
DA PERFEIÇÃO
E DO CRESCIMENTO ESPIRITUAL.
CREMOS QUE
TODO REINO DIVIDIDO PERECERÁ.
CREMOS NO DIÁLOGO FRATERO
COMO MEIO DE ESCLARECIMENTO E DE
BUSCA COMUM DA VERDADE RELIGIOSA,
PARA QUE TODOS SEJAMOS UM.
AMÉM.

José Pinheiro de Souza

ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
d.C.	Depois de Cristo
apud	Citado por (Junto a)
Cf.	Confira (ou confronto)
Ibid.	Ibidem (na mesma obra)
Id.	Idem (o mesmo autor ou a mesma autora)
Op. Cit.	Obra citada
AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
SJ	Seminário de Jesus

DICIONÁRIOS DE RELIGIÕES

- DER *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (de Hugo SCHLESINGER e Humberto PORTO, Volumes I e II. Petrópolis, Vozes, 1995.
- DRCO *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo* (de autoria de George A. MATHER e Larry A. NICHOLS. São Paulo, Vidas, 2000, publicado originalmente nos Estados Unidos, em 1993.

DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

- HOUAISS HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- AURÉLIO FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed., rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Observação: As citações bíblicas contidas neste livro seguem o texto da *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, São Paulo, Edições Paulinas, 1981.

APRESENTAÇÃO

Historicamente, a fé tem servido muito mais para escravizar do que para libertar.

As religiões – todas elas – repousam sobre alicerces constituídos de valores espirituais incontestavelmente sublimes. Esses valores, entretanto, quando de sua enunciação, nos chamados livros sagrados das religiões, foram representados por mitos e alegorias que caberá ao tempo e à história decifrar. **Allan Kardec**, na magnífica página intitulada “Caráter da Revelação Espírita” (Capítulo I, de seu livro “A Gênese”) chama a atenção para a etimologia da palavra “revelação”, provinda do verbo latino “revelare”, que significa fazer sair de sob o véu. Libertar a revelação dos véus que a encobrem não é tarefa dos deuses, mas do ser humano, ao curso do tempo e da história. O homem, o tempo e a história promovem a revelação.

A grande questão, entretanto, como demonstram esta e anteriores obras do Professor **José Pinheiro de Souza**, é que as instituições religiosas, no trato das revelações, têm, de certa forma, muito mais tratado de preservar o véu do que de descerrá-lo. A fé religiosa, desta forma, acaba descansando mais sobre os movediços alicerces dos mitos e das alegorias do que sobre os sólidos fundamentos racionais e históricos que deveriam embasá-la. Cristalizando-se, a fé cria algemas. Por isso, se fala em fé cega. Aquele que não vê além dos símbolos e dos mitos livre não é.

Quanto mais se vivencia a intimidade institucional de uma crença aprisionada em dogmas, mais se agrava a cegueira e mais penosa se torna a conquista da liberdade. Esta se nutre do exercício contínuo de ver além da literalidade aparente ou do mítico simbolismo. Romper com essa prisão é privilégio de uns poucos dentre aqueles que, por tempo mais ou menos longo, se autoexilaram na prisão do dogmatismo institucionalizado. **José Pinheiro de Souza** é um desses privilegiados. O autor deste livro viveu grande parte de sua existência na condição de católico fiel e praticante, como gosta de lembrar. Integrou, inclusive, uma ordem religiosa das mais destacadas do seio da Igreja Romana. Houve, no entanto, um momento, já na madureza da presente encarnação, em que se permitiu ver além

do véu. Preservando os valores que sempre honrou, soube, no entanto, e corajosamente, transpô-los do mítico para o histórico e do literal para o racional.

De sua nova experiência pessoal, cuja gênese atribui à leitura das obras de **Allan Kardec**, Pinheiro tem dado testemunho através de uma série de livros. Em todos eles, tem buscado, como o fez seu inspirador, uma síntese – não confessional, mas arrimada na historicidade, na razão, no refletir filosófico, no humanismo e na liberdade de pensamento – das fontes comuns de espiritualidade, encontráveis em todas as crenças e, especialmente, no cristianismo.

A reinterpretação de artigos de fé, no seio do cristianismo, é fenômeno tão antigo quanto a própria história desse movimento no qual foi gestada a civilização ocidental. Sua dessacralização e sua humanização, entretanto, são questões bem mais delicadas do que aquelas que originaram suas divisões internas. Notadamente quando o objeto desse labor é a extraordinária figura de **Jesus de Nazaré**, em torno da qual se construiu a mais fascinante mitologia do Ocidente, compartilhada por toda a cristandade. Dessacralizá-lo e humanizá-lo, despindo-o da condição divina que os cristãos lhe outorgaram, passa a ser fundamental para a redescoberta da mensagem libertadora do Nazareno. O mito da deificação do Homem de Nazaré, ao lado de outros tantos incrustados nos seus evangelhos ou a eles acrescidos, é, em “*Três Maneiras de Ver Jesus*”, eloquentemente rechaçado. Pinheiro o faz com a autoridade de quem passou longo período de sua vida refletindo sobre esses mitos e analisando-os crítica e historicamente. Tem razão, pois, em usar a primeira pessoa em sentenças do tipo: “eu afirmo que isso é falso”, “eu sustento que isso é mentira”, etc., matizando-as com a força de sua autoridade pessoal.

Enfim, se a fé dogmática tem servido para escravizar, a fé raciocinada, proposta por **Allan Kardec** e, aqui, didática e magnificamente trabalhada pelo Professor **José Pinheiro de Souza**, tem o poder de libertar. Aliás, essa liberdade, antes, foi conquista pessoal do próprio autor, da qual dá, neste livro, mais um valioso testemunho.

Milton R. Medran Moreira

Centro Cultural Espírita de Porto Alegre

PREFÁCIO

Meu maior esforço em todas as minhas obras ecumênicas é o de separar, na Bíblia, fato histórico de mito religioso, uma vez que não se deve confundir verdade histórica com verdade mítica. Mas qual a distinção entre história e mito? História é fato real, enquanto mito é ficção, lenda, fábula, parábola, metáfora, alegoria. A Bíblia é muito mais um livro de mitos do que de história. Mais de 80% (oitenta por cento) dos relatos bíblicos são mitos e não história.

É importante ressaltar, contudo, que os mitos, quando interpretados metaforicamente, simbolicamente, não são mentiras, mas, quando interpretados ao pé da letra, como fatos históricos, são grandes mentiras. Afirmar, por exemplo, que Jesus é literalmente Deus encarnado não é uma maneira histórica de vê-lo, mas um modo teológico, mítico literal e, portanto, incorreto, de interpretá-lo. Afirmar que Jesus é metaforicamente Deus encarnado é uma maneira mítica simbólica (correta) de vê-lo.

Em meus livros ecumênicos anteriores, sempre fiz e enfatizei a distinção entre duas maneiras antagônicas de ver Jesus: **a maneira histórica e a mítica literal**, mas neste meu 6º livro ecumênico, faço e enfatizo a distinção entre três maneiras de ver Jesus: 1) **a maneira histórica**; 2) **a maneira mítica literal** e 3) **a maneira mítica simbólica**.

Pela **maneira histórica** de ver Jesus, ele é um personagem puramente humano, ou seja, ele é somente HOMEM; pela **maneira mítica literal** de ver Jesus, ele é, *literalmente*, DEUS e HOMEM, o único “Deus encarnado”, o único “Filho de Deus”, o “único Salvador da humanidade”, mas, pela **maneira mítica simbólica** (metafórica, alegórica, esotérica, gnóstica, pluralista) de ver Jesus, ele é um mito (um personagem mítico), de muito valor espiritual, que simboliza **A CENTELHA DIVINA ENCARNADA EM TODO SER HUMANO** (chamada também de “o Cristo cósmico”, “o Cristo Interno”, “o Cristo interior”, “o Eu divino em cada um de nós”, “o Pai em nós”, “o Reino de Deus no homem”, “Deus dentro de nós”).

No sentido simbólico de ver Jesus, o seu Natal, por exemplo, ou seja, o mito de seu nascimento divino, significa a encarnação da Centelha Divina em cada um de nós. No sentido simbólico de ver Jesus, sua caminhada sobre a água (acalmado uma tempestade), não deve mais ser interpretada literalmente como a anulação das leis da natureza por um deus-homem Jesus Cristo, mas pode ter um emocionante significado simbólico da representação do “Cristo interior” (“Deus dentro de nós”) acalmado o “oceano perturbado” dos nossos temores subjetivos e instilando um sentimento de paz (cf. HARPUR, 2008, p. 190).

Se considerarmos as diversas curas “milagrosas” como uma referência dramática, mítica, ao poder de cura do Cristo interior que existe em cada um de nós, e se considerarmos tais acontecimentos [...] como a simbolização do dom de Deus a cada um de nós das energias divinas pelas quais vivemos e crescemos, as passagens [evangélicas] são compreendidas de uma maneira totalmente nova. Conforme Kuhn afirma, os Evangelhos são a história das nossas almas (HARPUR, *ibid.*).

A interpretação literal do Jesus mítico (ou mitológico) é um erro fatal, a maior mentira das igrejas cristãs, enquanto a interpretação simbólica do Jesus mítico é uma maneira correta e valorosa de vê-lo. A interpretação literalista do Jesus mítico é **superexclusivista, discriminatória e divisionista**, enquanto a maneira mítica simbólica de interpretá-lo é altamente **pluralista, igualitária e unificadora**.

No correto dizer do escritor Tom Harpur, “a nossa crença cega no literalismo está matando a religião cristã” (HARPUR, 2008, Quarta Capa). “Nunca teremos paz sobre a Terra enquanto o literalismo controlar as religiões” (*ibid.*, p. 194).

Por isso, discordo da maneira literalista e exclusivista de ver o Jesus mítico, mas concordo plenamente com o modo simbólico e pluralista de vê-lo, do mesmo modo como concordo com o modo histórico de vê-lo, pois o Jesus histórico, como esclareço em minhas obras ecumênicas, nos ensinou um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade capaz de unir todas as crenças e todas as pessoas deste planeta e a única forma de nos fazer evoluir espiritualmente e de nos sintonizar com a

chama divina que habita dentro de cada um de nós, isto é, com Deus dentro de nós (“o Cristo interno”, “o Cristo cósmico”).

Conforme esclarecido em minhas obras ecumênicas anteriores, particularmente em meu livro “Mitosis Cristãos”, bem como na matéria nº 200 de meu *blog* (**VALOR DA INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DOS MITOS**), publicada em 14/12/2009, os mitos religiosos, por expressarem verdades espirituais profundas (transcendentes), possuem um grande valor espiritual, **quando interpretados simbolicamente**. A sua interpretação literal, porém, tem causado muitos males na humanidade: exclusivismos, divisões, conflitos, preconceitos, discriminações, intolerância, guerras catastróficas, autos de inquisição etc. Nesse sentido, reflatamos sobre a seguinte citação, feita na matéria nº 199 de meu *blog* (**INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA BÍBLIA**), publicada em 7/12/2009:

Nos séculos III e IV d.C., a Igreja cristã cometeu um erro fatal, ao adotar uma perspectiva literalista, populista, histórica, em relação à verdade sublime. O que havia sido preservado no âmbar da alegoria, ela representou falsamente como fato consumado. O significado transcendente dos mitos e símbolos gloriosos foi reduzido a uma mixórdia de “eventos” milagrosos ou irrelevantes, ou até mesmo inacreditáveis (HARPUR, 2008, p. 16-17).

Como também foi esclarecido nessa mesma matéria de meu *blog*, devido ao seu limitado poder de interpretação, a grande maioria dos religiosos ainda lê as narrativas de suas sagradas escrituras ao pé da letra, e não simbolicamente.

Krishna (deus hindu), cerca de quatro mil anos antes de Cristo, já pregava essa mesma verdade nos seguintes termos:

Aqueles que carecem de discernimento poderão citar as Escrituras literalmente, mas na realidade estarão negando a verdade implícita que elas transmitem (Bhagavad-Gita, apud HARPUR, op. cit., p. 29).

Em outras palavras, é por falta de discernimento, de maturidade e de atraso evolutivo que a grande maioria dos religiosos ainda interpreta seus mitos literalmente, sem perceber o seu significado espiritual alegórico profundo. A interpretação simbólica dos mitos, repito, tem um imenso valor, porque o mito é o único meio de expres-

sar verdades sagradas inefáveis, como nos esclarece Tom Harpur nos seguintes termos:

Quem quiser compreender a religião, as ideias religiosas e os documentos religiosos – isto é, os textos sagrados de qualquer natureza – deve entender que o divino, o oculto, o inefável, as obras do espírito no coração humano ou no cosmos em geral não podem ser expressos convenientemente de outra maneira a não ser pelo mito, pela alegoria, por um conjunto de imagens, parábolas e metáforas. Uma narrativa literal, descritiva, leva inevitavelmente à idolatria ou ao extremo absurdo (HARPUR, 2008, p. 32).

O grande teólogo cristão do século II, Orígenes, já afirmava o seguinte: “É reconhecido por todos aqueles que têm algum conhecimento das escrituras que tudo é transmitido enigmaticamente, isto é, esotericamente” (apud HARPUR, op. cit., p. 33).

Conforme o professor Kuhn observa, “as pessoas inteligentes nunca acreditaram nos mitos; elas acreditavam no que eles representavam, simbolizavam, prenunciavam” (apud HARPUR, op. cit., p. 33).

Foi a interpretação totalmente errônea do mito, das alegorias e da dramatização que resultou na transformação de Jesus em um Deus-Homem histórico – um feito que distorceu o cristianismo dos primeiros tempos e efetivamente frustrou o verdadeiro poder do mito para transformar a vida das pessoas. [...] Isso acabou levando ao erro colossal, perpetuado desde o século III em diante, de confundir mito, dramatização, ritual, alegoria e outras formas de representação simbólica com história objetiva, e por conseguinte converter literalmente o conjunto de mitos em pretensos acontecimentos (HARPUR, op. cit., p. 33-34).

Os textos sagrados estão escritos em uma linguagem de mitos e símbolos, e a religião cristã jogou fora e perdeu a própria alma do significado deles quando traduziu erroneamente essa linguagem em pretensa história, em vez de interpretá-los como uma alegoria espiritual (Alvin Boyd Kuhn, apud HARPUR, 2008, p. 34).

O resultado foi uma fé patética, cega, em um tipo de supernaturalismo emocional e supersticioso. As evidências disso se encontram por toda parte hoje em dia, nas modalidades extremas, literalistas, ultraconservadoras da religião cristã (HARPUR, op. cit., p. 34).

A respeito do modo errôneo de se interpretar a Bíblia literalmente, reflitamos sobre o que escreveram os escritores John Dominic Crossan e Richard G. Watts:

Não é que os antigos tenham contado histórias literalmente e hoje sejamos inteligentes o bastante para interpretá-las simbolicamente, mas que as contaram simbolicamente e agora somos tolos o bastante para interpretá-las literalmente (CROSSAN & WATTS, 1996, p. 63).

É por causa de toda essa confusão entre história e mito que adoto em meus livros ecumênicos e no meu *blog* a distinção crucial entre o Jesus histórico e o mítico, defendendo a tese de que os Evangelhos contêm, de fato, a história de um homem real (o Jesus histórico – uma pessoa inteiramente humana), ao lado da história de um Deus-Homem (o Jesus mítico, chamado também de Cristo da fé, Cristo confessional – interpretado literalmente como uma pessoa totalmente divina, com duas naturezas: a divina e a humana).

São duas maneiras *literalmente* antagônicas de ver Jesus, mas tanto o Jesus histórico como o Cristo da fé podem também ser vistos *simbolicamente* como a manifestação ou como a presença real de Deus em cada um de nós e em toda a humanidade. Por meio dessa interpretação simbólica e pluralista da pessoa do Jesus histórico e do Cristo da fé, desaparecem os antagonismos exclusivistas no modo de ver Jesus, ou seja, nesse sentido pluralista, tanto o Jesus histórico como o Cristo da fé (bem como os grandes líderes de outras religiões, como Krishna, Buda, Mitra, Gandhi e outros) passam a ser igualmente vistos por todos os seres humanos como a personificação simbólica de Deus no mundo, ou seja, como a centelha divina presente em cada um de nós. Era assim que os antigos interpretavam seus líderes religiosos:

Os antigos situaram no centro do mito uma pessoa ideal que simbolizasse a humanidade em si na sua natureza dual humana e divina. Essa pessoa ideal – os nomes eram Tamuz, Adônis, Mitra, Dioniso, Krishna, Cristo, entre muitos outros – simbolizava a centelha divina encarnada em todo ser humano, o elemento “destinado em última análise a deificar a humanidade” (HARPUR, 2008, p. 36).

Quando essa visão pluralista voltar a ser aceita por todos, desaparecerão os conflitos, as divisões, as guerras entre as religiões e haverá um só rebanho e um só pastor. Oxalá isso possa acontecer brevemente neste planeta, pois, no correto dizer de Allan Kardec, codificador da Doutrina Espírita,

a unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos, pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos pelos outros como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados (KARDEC, A Gênese, cap. 18, n. 18).

Para concluir o Prefácio deste meu 6º livro ecumênico, reafirmo que está na hora, portanto, se quisermos ter paz sobre a Terra, de interpretarmos os mitos religiosos simbolicamente, e não mais literalmente.

Fortaleza, 11 de maio de 2011

José Pinheiro de Souza

INTRODUÇÃO

Como afirmei no Prefácio deste livro, mas faço questão de repetir nesta Introdução, meu maior esforço em todas as minhas obras ecumênicas é o de separar, na Bíblia, fato histórico de mito religioso, uma vez que não se deve confundir verdade histórica com verdade mítica. Mas qual a distinção entre história e mito? História é fato real, enquanto mito é ficção, lenda, fábula, parábola, metáfora, alegoria. A Bíblia é muito mais um livro de mitos do que de história. Mais de 80% (oitenta por cento) dos relatos bíblicos são mitos e não história.

Este meu 6º livro ecumênico está estruturado em quatro longos capítulos. Eis o resumo dos principais temas abordados em cada capítulo deste livro:

O Capítulo 1 (**CONCEITOS DE MITO, MITOLOGIA E MITOS CRISTÃOS**), em grande parte extraído e adaptado de meu 2º livro ecumênico “Mitos Cristãos” (SOUZA, 2007), define mito, mitologia, mitos cristãos, aborda o valor dos mitos, a origem dos principais mitos cristãos, distingue verdade mítica de verdade histórica e finaliza com a distinção entre a interpretação literal e simbólica dos mitos.

O Capítulo 2 (**A MANEIRA HISTÓRICA DE VER JESUS**) defende a existência do Jesus histórico, ao lado do Jesus mítico, apresenta uma série de argumentos a favor do Jesus histórico, resume as suas palavras e ações autênticas nos Evangelhos sinópticos (Marcos, Mateus e Lucas) e reflete sobre o que realmente sabemos sobre o Jesus histórico, com base nas pesquisas do Seminário de Jesus (*The Jesus Seminar*), instituição de pesquisadores, iniciada, há 26 anos (em 1985), nos Estados Unidos, fundada pelo americano Robert Funk e pelo historiador e ex-padre católico irlandês John Dominic Crossan, que vem dando plena continuidade à pesquisa em busca do “Jesus histórico”.

O Capítulo 3 (**A MANEIRA MÍTICA LITERAL DE VER JESUS**), quase todo extraído e adaptado de meu 5º livro ecumênico “Mentiras sobre Jesus” (SOUZA, 2011), discorda do modo mítico literalista, exclusivista e errôneo de ver Jesus, a maior causa de conflitos e divisões entre cristãos e não cristãos, dado que a maioria dos cris-

tãos ainda confunde mito com história e interpreta toda a Bíblia literalmente como história real, como a “Palavra de Deus”, isenta de qualquer erro ou contradição.

O Capítulo 4 (**A MANEIRA MÍTICA SIMBÓLICA DE VER JESUS**), o capítulo mais importante deste livro, defende o grande valor espiritual do modo mítico simbólico (metafórico, gnóstico, alegórico, esotérico, pluralista) de ver Jesus, em contraposição à maneira mítica literalista e exclusivista de vê-lo como um **DEUS-HOMEM histórico**.

Antes de encerrar esta Introdução, vou fazer referências ao meu trabalho ecumênico anterior, depois que me aposentei e conheci as obras espíritas básicas de Allan Kardec.

Sou professor universitário, aposentado da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Federal do Ceará, PhD em Linguística e Mestre no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira pela Universidade de Illinois (USA).

Até meus 57 anos de idade, fui católico convicto, tendo estudado para padre no Seminário Salesiano, durante 12 anos. Atualmente, sou espiritualista reencarnacionista ecumênico, simpatizante do espiritismo kardecista. Depois que me aposentei, procurei uma maneira de ocupar bem o meu tempo, estudando as religiões, com o objetivo principal de poder escrever algumas obras ecumênicas (e macroecumênicas), para incentivar a existência do cada vez mais necessário diálogo inter-religioso, em busca da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”).

Como fruto de meus estudos, já escrevi as seguintes obras ecumênicas (e macroecumênicas):

1) Em 2005, escrevi e publiquei o livro *Entrevistas com Jesus: Reflexões Ecumênicas*.

2) Em 2007, escrevi o livro *Mitos Cristãos: Desafios para o Diálogo Religioso*, publicado no mesmo ano pelo Grupo Espírita GEEC (Grupo Educação, Ética e Cidadania), de Divinópolis, MG.

3) Em 2008, criei o chamado **Blog do Pinheiro: Diálogo Inter-Religioso** (www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br), o qual já recebeu mais de 33 mil visitas e no qual já publiquei mais de 300 matérias.

4) Em 2010, escrevi e publiquei dois livros (*Catecismo Ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da “fé raciocinada” e Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus*).

5) Neste ano de 2011 também já escrevi e publiquei dois livros (*Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*) e o presente livro (*Três Maneiras de Ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*).

Em todas as minhas obras ecumênicas (e macroecumênicas) anteriores ao presente livro, fazia questão de esclarecer aos leitores que minha meta, como a de muitos outros estudiosos atuais do cristianismo, era “chegar o mais perto possível do **Jesus histórico** [...], [uma vez que] nenhum outro personagem histórico suscita reações tão apaixonadas nem engendra conclusões tão opostas” (TABOR, 2006, p. 330), mas, no presente livro, além de refletir crítica e ecumenicamente sobre a verdadeira identidade (ou natureza) do Jesus histórico, **QUE É UM PERSONAGEM INTEIRAMENTE HUMANO**, dou grande valor também (sobretudo no Capítulo 4) ao Jesus mítico, visto, não literal e exclusivamente como um **DEUS-HOMEM histórico**, mas como um personagem mítico que simboliza *a centelha divina encarnada em todos nós*.

CAPÍTULO 1

CONCEITOS DE MITO, MITOLOGIA E MITOS CRISTÃOS

Como este livro, além da maneira histórica de ver Jesus, aborda também duas maneiras míticas de vê-lo (a maneira mítica literal e a mítica simbólica), este seu primeiro capítulo define os conceitos de mito, mitologia e mitos cristãos, aborda o valor dos mitos, a origem dos principais mitos cristãos, distingue verdade mítica de verdade histórica, faz a distinção entre o Jesus histórico e o mítico e finaliza com a distinção entre a interpretação literal e simbólica dos mitos.

CONCEITO DE “MITO”

A palavra “mito” pode ter muitos significados e, até hoje, ainda não existe consenso na literatura religiosa sobre o seu conceito.

“Platão opunha o mito (*mythos*), enquanto mentira, ao *logos* que exprime a verdade” (BRUNEL, *Dicionário de Mitos Literários*, p. xv).

Segundo um dos maiores especialistas em mitologia (o escritor romeno Mircea Eliade), a palavra “mito” é

hoje empregada tanto no sentido de “ficção” ou “ilusão”, como no sentido – familiar sobretudo aos etnólogos, sociólogos e historiadores das religiões – de “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, 2006, p. 7-8).

John Hick, o maior filósofo e teólogo pluralista do mundo, define “mito” nos seguintes termos:

Um mito é uma história contada, mas não é literalmente verdadeira; é uma ideia ou uma imagem que é aplicada a alguém ou a alguma coisa, mas não pode ser literalmente interpretada, pois quer somente despertar uma atitude particular nos seus ouvintes (HICK, 1977, p. 178) (grito meu).

Sem querer agredir a fé cristã tradicional (a qual merece todo o nosso respeito), nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), adoto, em meus livros ecumênicos, esses quatro sentidos de mito, uma vez que um sentido não exclui necessariamente o outro: 1) o conceito platônico de “mito” como “mentira”; 2) o seu conceito moderno de “ficção” ou “ilusão”; 3) o seu conceito proposto por Hick de uma história (uma crença, uma doutrina) que não pode ser literalmente interpretada e 4) o sentido arcaico de mito como “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, 2006, p. 8).

Em busca da verdade que nos liberta, reflito crítica e ecumenicamente em todas as minhas obras ecumênicas sobre os chamados “mitos cristãos”, à luz da filosofia espírita da “fé racioci-nada” (“aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade”), bem como à luz da história das religiões e da teologia liberal/pluralista contemporânea.

Todos os estudiosos das religiões são unânimes em afirmar que os mitos fizeram (ou fazem) parte de todas as religiões. Logo, o cristianismo não pode ter a pretensão de ser uma religião sem mitos (cf. ELIADE, 2006, p. 10; p. 141-150). No dizer desse mesmo autor, “veremos que o cristianismo, tal qual foi compreendido e praticado nos dois milênios de sua história, não pode ser completamente dissociado do pensamento mítico” (id. *ibid.*, p. 143).

O famoso teólogo alemão Rudolf Bultmann (1886-1968), um dos maiores nomes e líderes da teologia protestante em todo o mundo, sempre defendeu a tese de que os evangelhos, se interpretados literalmente, como eventos históricos, nada mais são que uma coleção de mitos. Eis o que escreveu Eliade (p. 42) sobre Rudolf Bultmann:

Em nossos dias, um Rudolf Bultmann afirma que nada se pode conhecer sobre a vida e a pessoa de Jesus, embora não duvide de sua existência histórica. Essa posição metodológica supõe que os Evangelhos e os outros testemunhos primitivos estão impregnados de “elementos mitológicos” (tomando o termo na acepção “daquilo que não

pode existir”). Não há dúvida que, nos Evangelhos, abundam “elementos mitológicos”.

O mesmo autor, ao escrever sobre a importância do “mito vivo”, nos esclarece a distinção entre o conceito usual de mito como “fábula”, “invenção”, “ficção” e o conceito arcaico de mito como uma “história verdadeira” e “extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo”:

Há mais de meio século, os eruditos ocidentais passaram a estudar o mito por uma perspectiva que contrasta sensivelmente com a do século XIX, por exemplo. Ao invés de tratar, como seus predecessores, o mito na acepção usual do termo, isto é, como “fábula”, “invenção”, “ficção”, eles o aceitaram tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, onde o mito designa, ao contrário, **uma “história verdadeira” e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo** (ELIADE, p. 7-8) (negrito meu).

Neste livro, não posso deixar de reconhecer e respeitar o conceito arcaico e tradicional de mito como uma “história verdadeira” (quando *simbolicamente* interpretada), uma “tradição sagrada, uma revelação primordial, um modelo exemplar”. Mas defendo igualmente, com o maior filósofo e teólogo pluralista do mundo, o inglês John Hick (cf. HICK, 1977), que é preciso saber distinguir mitos de fatos históricos e interpretar os mitos *metaforicamente/simbolicamente*, e não *literalmente*, pois, repetindo a definição de mito dada por ele,

um mito é uma história contada, mas não é literalmente verdadeira; é uma ideia ou uma imagem que é aplicada a alguém ou a alguma coisa, **mas não pode ser literalmente interpretada**, pois quer somente despertar uma atitude particular nos seus ouvintes (HICK, 1977, p. 178) (negrito meu).

Nesse sentido, os “dogmas cristãos”, rotulados pelos teólogos cristãos liberais/pluralistas de “mitos cristãos”, tradicionalmente intocáveis, estão sendo, atualmente, cada vez mais discutidos e debatidos, até mesmo por famosos teólogos católicos. Lembro-me, por exemplo, que, no dia 8 de abril de 2007, vi e ouvi, no Programa Fantástico da Rede Globo de Televisão, o famoso teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, idealizador e cofundador do Seminário de Jesus, autor de 26 livros sobre o *Jesus Histórico*, sendo entre-

vistado e afirmando que a ressurreição de Cristo deve ser interpretada *metaforicamente*, e não *literalmente*. Nesse contexto, os dogmas cristãos constituem hoje sérios desafios para o diálogo inter-religioso, mas creio que é chegado o tempo de os cristãos sentirem a necessidade de dialogar abertamente (com os seguidores de outras religiões) sobre a inegável dimensão mítica de suas crenças religiosas.

Embora ainda não haja consenso na literatura religiosa sobre o conceito de “mito”, os estudiosos das religiões são unânimes em declarar que os “mitos” fizeram (ou fazem) parte de todas as religiões, logo o cristianismo não pode ter a pretensão de ser uma religião sem mitos.

Mas qual é a diferença entre “verdade mítica” e “verdade histórica”? O consenso que parece existir entre os teólogos liberais e pluralistas cristãos é que não devemos confundir “mitos” com “acontecimentos históricos” (no sentido moderno de “história”, como narração de fatos reais, e não de acontecimentos imaginários), nem tampouco confundir **sentido literal** com **sentido figurado** da linguagem humana.

Fornecerei, a seguir, mais esclarecimentos sobre o conceito de “mito”, citando diversos outros autores.

O termo “mito” é geralmente usado para expressar o modo arcaico e primitivo de o homem tentar explicar – de modo ilógico e irracional – a realidade que nos rodeia, como a origem do mundo, do homem, a nossa dependência do divino etc. O “mito”, no dizer de Bierlein (2003, p. 19), “é a primeira forma de ciência: especulação sobre a origem do mundo”.

O mito é a primeira tentativa tateante de explicar *como* as coisas acontecem, o ancestral da ciência. Também é a tentativa de explicar *por que* as coisas acontecem, na esfera da religião e da filosofia. É uma história da *pré-história*, nos dizendo o que teria acontecido antes da história escrita. É a mais antiga forma de literatura, frequentemente uma literatura oral (id. *ibid.*).

Em seu significado antropológico, o *mito* pode ser conceituado como “relato simbólico, passado de geração a geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno,

ser vivo, acidente geográfico, instituição, costume social etc.” (HOUAISS, verbete **mito**).

No *Dicionário AURÉLIO* (verbo **mito**), encontramos, entre outros, os seguintes sentidos para a palavra “mito”:

- 1) Narrativa dos tempos fabulosos ou heroicos.
- 2) Narrativa de significação simbólica, geralmente ligada à cosmogonia [isto é, à origem e evolução do universo], e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e/ou de aspectos da condição humana.
- 3) Representação de fatos ou personagens reais, exagerada pela imaginação popular, pela tradição etc.
- 4) Pessoa ou fato assim representado ou concebido: *Para muitos, Rui Barbosa é um mito.*
- 5) Ideia falsa, sem correspondente na realidade: *As dívidas surgidas no inventário demonstram que a sua fortuna era um mito.*
- 6) Representação (passada ou futura) de um estágio ideal da humanidade: *O mito da Idade do Ouro.*
- 7) Coisa inacreditável, fantasiosa, irreal; utopia: *A perfeição absoluta é um mito.*
- 8) Exposição de uma doutrina ou de uma ideia sob forma imaginativa.
- 9) Forma de pensamento oposta à do pensamento lógico e científico.

No *Dicionário HOUAISS* (verbo **mito**), encontramos também diversos significados de mito, dentre os quais os três seguintes:

- 1) Relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, acidente geográfico, instituição, costume social etc. (*o mito da criação do mundo*).
- 2) Representação de fatos e/ou de personagens históricos, frequentemente deformados, amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas (*o mito em torno de Tiradentes*).
- 3) Exposição alegórica de uma ideia qualquer, de uma doutrina ou teoria filosófica; fábula, alegoria.

O já referido escritor romeno Mircea Eliade, renomado historiador das religiões e grande especialista em mitologia, afirma que

seria difícil encontrar uma definição de mito que fosse aceita por todos os eruditos e, ao mesmo tempo, acessível aos não especialistas. [...] O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. [...] A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. [...] Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais (ELIADE, p. 11).

Os mitos são expressos em linguagem analógica, metafórica. Por isso, no dizer de Baden Powell, “todo dogma é mais ou menos um mito, uma vez que é necessariamente expresso em linguagem analógica e ação antropomórfica” (Baden Powell, apud WILES, 1977, p. 153).

VALOR DOS MITOS

Há dois grupos antagônicos de pensadores sobre o valor dos mitos: “os partidários e os detratores do mito” (BRUNEL, 1997, p. xvii). O primeiro grupo defende a força viva do mito, a sua força mágica, fascinante e poderosa, enquanto o segundo grupo tem uma concepção cética dos mitos, tachando-os de “mentiras”, de linguagem dos deuses, linguagem irracional do tempo primordial e fabuloso, ou de simples linguagem figurada, metafórica, e não de verdades absolutas.

Defendo que ambos os lados têm uma parcela de verdade, pois os mitos, se, por um lado, têm um grande valor e uma força muito grande de expressão, por outro, são geralmente confundidos com verdades históricas absolutas. Dizer, por exemplo, que “Pelé foi o melhor jogador de futebol do mundo” é uma afirmação literalmente verdadeira, mas é uma linguagem pobre, se comparada com a afirmação rica e mítica de que “ele foi o deus (ou o rei) do futebol mundial”.

Da mesma forma, afirmar que “Jesus é só homem” é uma afirmação literalmente verdadeira, mas é uma forma pobre de expressar a grandeza moral e espiritual de Jesus, se comparada com a linguagem rica, dogmática e mítica que o define como “Deus encarnado”, “Filho de Deus”, “uma pessoa inteiramente celeste/divina”.

Existe, porém, uma corrente intermediária, defendida nesta obra, que dá o devido valor aos mitos, mas que não os confunde com fatos históricos e nem os interpreta *literalmente*, mas *metaforicamente/simbolicamente*.

A atitude liberal-pluralista não pretende negar, contudo, o valor dos mitos. Os seres humanos não se alimentam apenas do pão dos fatos, mas vivem também de mitos e de ficções. Não há nenhum mal em se crer em mitos, sonhos e lendas. Os mitos cristãos já alimentaram (e continuam alimentando) a fé de bilhões de fiéis. Por isso, esses mitos merecem todo o nosso respeito, mesmo que, a bem da verdade, devamos questioná-los e distingui-los de fatos históricos reais.

O mal não é crer em mitos, o mal é interpretar crenças e narrativas míticas como se fossem acontecimentos históricos reais, absolutos e exclusivos desta ou daquela religião. E o mais desastroso ainda é uma religião querer defender e impor fanaticamente seus mitos como se apenas eles fossem verdadeiros e absolutos para toda a humanidade.

Esse tem sido o grande erro do cristianismo tradicional, o qual já foi muito intolerante para com aqueles que discordavam de suas crenças míticas, chegando mesmo a matar muita gente pelo simples fato de não aderir aos seus dogmas ou mitos exclusivistas ao longo da História.

SINCERIDADE DAS PESSOAS EM SUAS CRENÇAS MÍTICAS

Cumprе esclarecer que o que vale mesmo, para Deus, é a sinceridade das pessoas em suas convicções de fé, mesmo que suas crenças sejam baseadas em mitos e lendas.

Nesse sentido, ninguém deve abandonar suas crenças míticas particulares, se lhe fazem bem e se dão sentido à sua vida. Cada

pessoa é livre de acreditar no que quiser e, por conseguinte, merece todo o respeito por parte daqueles que não concordam com suas ideias. Afinal de contas, o importante mesmo não é se as crenças de alguém são verdadeiras ou falsas, baseadas em acontecimentos históricos ou mitológicos, pois o que vale mesmo, para Deus, convém repetir, é a vivência do amor e a sinceridade das pessoas em suas convicções de fé, não importando a religião que professem.

O grande mal de tudo isso é transformar as crenças mitológicas em **fanatismo religioso**, o que sempre aconteceu (e continua acontecendo) em quase todas as religiões e seitas que se deixam guiar por uma “fé cega”. O “fanatismo religioso” gera um grande mal para a sociedade, pois se torna loucura que produz ódios e paixões, capaz de levar muitos religiosos a cometerem os atos mais abomináveis e os crimes mais hediondos, como sempre ocorreu (e continua ocorrendo) na história de todas as grandes tradições religiosas (por ex., os atos terroristas ocorridos nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001). O fanatismo gera violência, intolerância e exclusivismo perigoso, criando nos indivíduos o sentimento arrogante de que somente sua crença é verdadeira e todas as demais são falsas. Daí a necessidade do **diálogo inter-religioso**, fundamentado, não na “fé cega” da maioria das religiões, mas na “fé raciocinada”, a única forma de fé que realmente permite um autêntico diálogo inter-religioso, em que tudo possa e deva ser questionado e avaliado através da argumentação.

CONCEITO DE “MITOLOGIA”

O termo “mitologia” designa o conjunto dos mitos próprios de um povo, de uma civilização, de uma religião, bem como a ciência que os estuda: *mitologia hindu*; *mitologia grega*; *mitologia romana*; *mitologia egípcia* etc. (cf. *Dicionário AURÉLIO*, verbete **mitologia**; cf. também BOLTON, 2004, p. 16).

A querela sobre o valor dos mitos se aplica também ao valor da mitologia:

Provavelmente essa querela não terminou. De um lado, encontramos os que tendem a achar a mitologia desvalorizada e que ironizam [...].

Do outro lado, encontramos os que são sensíveis à força viva do mito, à sua força mágica (BRUNEL, p. xvii).

Como esclarecido, existe, porém, uma posição intermediária (defendida em meus livros ecumênicos) que dá o devido valor aos mitos, mas que não os confunde com fatos históricos e nem os interpreta *literalmente*, mas *metaforicamente*. Nesse sentido, concordamos com o grande mitólogo P. Commelin, em seu livro *Mitologia Grega e Romana*, quando ele afirma que

a mitologia é, evidentemente, uma série de mentiras. Mas essas mentiras foram, durante longos séculos, motivo de crença. Elas tiveram, no espírito dos gregos e dos latinos, o valor de dogmas e de realidades. [...] Em matéria de crenças, a humanidade deixa-se guiar não por sua razão, mas pelo desejo, pela necessidade de conhecer a razão dos seres e das coisas. [...] Na infância dos povos, diz-se, tudo não é mais que crenças, que artigos de fé. Por certo. Mas na idade madura dos povos, mesmo quando a ciência supõe ter desvendado um grande número de mistérios da natureza, pode a humanidade se gabar de evoluir em plena luz? Não resta ainda no mundo uma infinidade de recônditos tenebrosos? (COMMELIN, 1997, p. vii-viii).

CONCEITO DE “MITOS CRISTÃOS”

“Mitos cristãos”, na concepção dos teólogos cristãos liberais/pluralistas, são as crenças (os dogmas) e os relatos bíblicos irracionais do cristianismo e que, portanto, contradizem a razão, a lógica, a ciência e o bom-senso. Um exemplo claro de um mito cristão é a doutrina da encarnação miraculosa e divina de Jesus, cujo caráter mítico é bem expresso pelo teólogo cristão pluralista John Hick nos seguintes termos:

Eu sugiro que seria melhor expressar o caráter desta doutrina como **uma ideia mitológica**. E eu uso o termo mito no seguinte sentido: **um mito é uma história contada, mas não é literalmente verdadeira**; é uma ideia ou uma imagem que é aplicada a alguém ou a alguma coisa, mas não pode ser literalmente interpretada, **pois quer somente despertar uma atitude particular nos seus ouvintes**. [...] Portanto, **a afirmação de que Jesus foi Filho encarnado de Deus não pode ser considerada uma verdade literal** (HICK, 1977, p. 178) (negrito meu).

Com base nas concepções de **mito** e de **mitos cristãos**, fornecidas pelos teólogos liberais e pluralistas, são, portanto, “mitos cristãos” todos os conceitos metafóricos/análogos/antropomórficos de Deus, tais como: Deus é Pessoa, Deus é Pai, Deus é Filho, Deus é uno e trino, bem como os conceitos cristológicos: Cristo é Deus, Cristo é Pessoa Divina, Cristo é literalmente Filho de Deus, Cristo é literalmente Deus encarnado, Cristo nasceu miraculosamente por obra e graça do Espírito Santo, além de outras doutrinas cristãs, como: Maria é a Mãe de Deus, Jesus ressuscitou fisicamente (mito da ressurreição dos mortos), subiu ao céu fisicamente e retornará fisicamente no fim do mundo para julgar a humanidade, mandando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno etc.

ORIGEM DO CONCEITO DE “MITOS CRISTÃOS”

O conceito de “mitos cristãos” nasceu, no século 19, com o genial protestante liberal (alemão) David Friedrich Strauss (1808-1874), com o lançamento de sua obra revolucionária, em 1835, quando tinha apenas 27 anos, intitulada *Vida de Jesus – Análise Crítica* (no original, *Das Leben Jesu Kritisch Bearbeitet*).

Nas palavras do teólogo católico Pe. Caetano Minette deTillesse,

Strauss marca uma distinção clara, dura, genial, entre os acontecimentos “históricos” e as reinterpretações que a eles se acrescentaram. Strauss batiza esses acréscimos de “**mitos**”, palavra que se tornará “clássica” na pesquisa protestante liberal. [...] O “mito” falado por Strauss, e reassumido com tanto entusiasmo por toda a pesquisa protestante liberal, corresponde àquilo que os mesmos protestantes chamavam de “**dogma**” (TILESSE, 1988, p. 7) (negrito meu).

Mais explicitamente, Strauss fez nos evangelhos uma clara distinção entre **elementos míticos e históricos**, definindo os primeiros como algo lendário ou sobrenatural. A tempestade que irrompeu sobre as 1400 páginas de análise minuciosa custou-lhe a perda de seu primeiro emprego como professor de um seminário em Tübingen. Seus críticos o perseguiram até o ano de sua morte, em 1874.

A escolha que Strauss fez na sua avaliação dos Evangelhos foi entre o “Cristo da fé” (o Jesus sobrenatural, mítico, uma pessoa

totalmente divina) e o “Jesus histórico” (uma pessoa totalmente humana). Strauss, no dizer dos autores do *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (DER), “considerava a história evangélica como um mito, surgindo da ideia preconcebida que o povo judeu tinha do Messias. A tese suscitou grande escândalo no clero alemão” (DER, verbete **Strauss, David Friedrich**).

Strauss preocupou-se em mostrar o caráter mítico de muitas narrativas evangélicas, por exemplo, a narrativa da **tentação de Jesus**. Ele argumenta que essa história foi inventada pela imaginação da Igreja antiga, ou copiada da literatura budista, pois Buda também foi supostamente tentado pelo diabo. O diabo (demônio, Satanás) é uma figura puramente mitológica. Strauss mostrou que a Bíblia judaico-cristã contém, de fato, uma grande quantidade de mitos.

Ao rotular os “dogmas” do cristianismo (principalmente os do catolicismo) de “mitos”, Strauss foi terrivelmente perseguido, mas seu pensamento continua vivo até hoje, através de seus inúmeros seguidores, principalmente os atuais filósofos e teólogos pluralistas cristãos, como o famoso escritor inglês John Hick, o maior filósofo e teólogo pluralista do mundo atual, com dezenas de obras publicadas, quase todas defendendo a tese de que os dogmas fundamentais do cristianismo tradicional, como o da filiação divina natural de Jesus e o da encarnação de Deus em Jesus, são mitos cristãos e não verdades históricas absolutas (cf. HICK, 1977).

O famoso teólogo alemão Rudolf Bultmann (1884-1976), o maior líder do grupo da chamada **neo-ortodoxia protestante**, também sempre defendeu a ideia de que os evangelhos, se interpretados literalmente como eventos históricos, nada mais são que uma coleção de mitos. Por isso, alega, basta “confiar” no testemunho de fé da Igreja nascente no “Cristo ressuscitado” (cf. ELIADE, 2006, p. 242; BULTMANN, 2004).

Em suma, “mitos cristãos”, na concepção dos teólogos cristãos liberais e pluralistas, são as narrativas bíblicas e as principais crenças dogmáticas e irracionais do cristianismo tradicional, tais como: o pecado original, o parto virginal, a encarnação divina de Jesus, a unicidade salvífica de Cristo, o seu sacrifício expiatório, a

ressurreição dos mortos, o juízo final, a trindade etc (cf. WILES, 1977, p. 154).

OS MITOS CRISTÃOS MAIS EXCLUSIVISTAS

Os mitos (ou dogmas) cristãos mais exclusivistas e que, portanto, apresentam maiores desafios para o diálogo inter-religioso resumem-se basicamente a três: 1) *o mito da divindade de Jesus*, ou seja, o dogma segundo o qual JESUS É DEUS E HOMEM, o único ser que é literalmente FILHO DE DEUS e a única ENCARNAÇÃO DE DEUS (no sentido natural); 2) *o mito da sua unicidade e universalidade salvífica*, isto é, a crença segundo a qual Jesus seria o único salvador de toda a humanidade e 3) *o mito de sua ressurreição e ascensão aos céus*, ou seja, a crença segundo a qual Jesus teria sido o único fundador de religião a ter realmente ressuscitado dos mortos e subido aos céus em corpo e alma, “onde agora está esperando para retornar fisicamente, em glória” (EHRMAN, 2006, p. 174), por ocasião do suposto juízo final.

Como argumentam os teólogos liberais/pluralistas, esses mitos cristãos, por serem altamente exclusivistas, erguem inegavelmente uma barreira intransponível entre o cristianismo ortodoxo/mítico e todas as demais religiões deste planeta. Por isso, eles precisam ser debatidos e questionados na mesa do diálogo inter-religioso, o que não significa dizer que devam ser automaticamente “rejeitados”.

LINGUAGEM FIGURADA/MITOLÓGICA SOBRE DEUS

O ser humano só pode falar sobre Deus fazendo uso dos recursos limitados que sua linguagem humana lhe oferece: figuras de linguagem, comparações, parábolas, analogias, metáforas, mitos, alegorias, antropomorfismos (do grego *anthropos*, homem, e *morphé*, forma – “em forma de homem”, ou seja, concepções de Deus “em forma de homem”) etc. Como elucida Dan Brown,

todas as religiões descrevem Deus através de metáforas, alegorias e hipérboles, desde os primeiros egípcios até o catecismo moderno. As metáforas são uma forma de ajudar nossa mente a processar o

improcessável. **Os problemas surgem quando começamos a tomar nossas metáforas ao pé da letra** (BROWN, 2004, p. 321) (negrito meu).

É isso mesmo. “Os problemas surgem quando começamos a tomar nossas metáforas ao pé da letra”, fazendo confusão entre sentidos figurados e sentidos literais da linguagem humana e, conseqüentemente, fazendo confusão entre mito e realidade histórica.

Mas o que é **metáfora**? Segundo o Dicionário HOUAISS, o termo “metáfora” é a “designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (por ex., ele tem uma *vontade de ferro*, para designar uma *vontade forte*, como o ferro)”.

Se um rapaz também diz, por exemplo, que “sua namorada é *uma flor*”, não está afirmando que ela é *literalmente* uma flor, mas que ela é linda como uma flor. Ou seja, a frase “minha namorada é *uma flor*” pode ser *metaforicamente* verdadeira, mas é *literalmente* falsa.

Do mesmo modo, quando dizemos que “Deus é Pai”, não estamos querendo afirmar que Ele é física e *literalmente* Pai (o que seria uma afirmação absurda, irracional e falsa), mas que Ele é como um pai (o que é uma afirmação racional e *metaforicamente* verdadeira).

Em outros termos, afirmar que Deus é *metaforicamente* Pai (Mãe, Filho, Pessoa, Luz etc.) é um modo correto de se falar racionalmente sobre Deus, com os recursos limitados de nossa linguagem, mas afirmar que Deus é *literalmente* Pai (Mãe, Filho, Pessoa etc.), ou que Jesus é *literalmente* Filho de Deus, e *literalmente* Deus encarnado, é um modo irracional e mítico de se falar sobre Deus ou sobre Jesus, mesmo admitindo que esse modo mítico, irracional e literalmente falso de conceituar verdades religiosas tenha alimentado (e ainda continue alimentando) a fé de bilhões de seres humanos neste planeta.

JESUS EXISTIU, DE FATO, OU É APENAS UM MITO?

Muitos estudiosos atuais defendem o ponto de vista segundo o qual Jesus nunca existiu, historicamente, mas é apenas um mito. No dizer do escritor Tom Harpur, “a história de Jesus nos Evangelhos –

para não mencionar cerca de 95 por cento do restante da Bíblia – é um mito ou uma coleção de mitos” (HARPUR, 2008, p. 30).

Esse mesmo autor afirma que “os Evangelhos não contêm a história de um homem real, mas o mito do Deus-Homem, Jesus *vestido em roupagem histórica*” (HARPUR, 2008, p. 34).

Discordo desse ponto de vista, defendido por Tom Harpur (e por outros estudiosos atuais) segundo o qual “os Evangelhos não contêm a história de um homem real”, Jesus de Nazaré. Defendo a tese oposta, particularmente no Capítulo 2 deste livro, de que os Evangelhos contêm, sim, a história de um homem real, o “Jesus histórico”, ao lado da história de um personagem mítico, o “Cristo da fé”, uma figura mítica que foi erroneamente historicizada pelos cristãos como um personagem real, histórico (o Jesus da fé cristã dogmática).

JESUS HISTÓRICO X JESUS MÍTICO

Em todos os meus livros ecumênicos, defendo a tese (com muitos outros autores) de que é preciso distinguir duas maneiras antagônicas de ver Jesus: o “Jesus histórico”, visto como um personagem puramente humano, um sábio, um profeta, um espírito iluminado, ao lado de muitos outros, e o “Jesus mítico/mitológico”, mais conhecido como o “Cristo da fé”, um personagem celeste, divino, Deus encarnado, o Filho de Deus, nascido de um parto virginal e miraculoso, o único Salvador da Humanidade, mediante seu sangue derramado na cruz, possuidor de duas naturezas: a divina e a humana.

Essa polêmica distinção já vem sendo feita por muitos estudiosos do cristianismo, há mais de 200 anos, desde o final do século 18, mas continua sendo rejeitada até hoje pela grande maioria dos cristãos, continuando a ser uma distinção superpolêmica, fator de muitas divisões e conflitos entre os próprios cristãos.

Mais explicitamente, os cristãos dogmáticos não aceitam a distinção entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, alegando que o Cristo da fé não é um mito, mas um personagem histórico, real, literalmente interpretado como o único Deus encarnado na História, o único Filho de Deus e o único Salvador da Humanidade.

O Papa Bento XVI, por exemplo, no Prefácio de seu livro “Jesus de Nazaré”, declara que o Jesus dos Evangelhos, ou seja, o Jesus da fé cristã dogmática (o Jesus mítico) é um personagem histórico, real. Eis suas palavras:

Quis tentar representar [neste livro] o Jesus dos Evangelhos como o Jesus real, como o “Jesus histórico” no sentido autêntico. Estou convencido, e espero que também o leitor possa ver, que esta figura é mais lógica e historicamente considerada mais compreensível do que as reconstruções com as quais fomos confrontados nas últimas décadas. Penso que precisamente este Jesus – o dos Evangelhos – é uma figura racional e manifestamente histórica (RATZINGER/BENTO XVI, 2007, p. 17).

Discordo, obviamente, dessa afirmação do Papa Bento XVI, pois é preciso distinguir, nos Evangelhos, o Jesus histórico do Cristo da fé.

Conforme argumento em todas as minhas obras ecumênicas, Jesus existiu historicamente, embora ele tenha sido mitificado ao longo da história e passado a ser *literalmente* (e não *simbolicamente*) interpretado pela grande maioria dos cristãos como um ser histórico totalmente divino, Deus encarnado, o único Salvador da Humanidade, mediante seu sangue derramado na cruz.

O Cristo da fé, como comprovo em minhas obras ecumênicas, particularmente no meu livro “Paulinismo” (SOUZA, 2010b), é o resultado da mitificação do Jesus histórico. Não somente Jesus, mas muitos outros personagens históricos, como Buda, Krishna, Confúcio ou Lao Tsé foram igualmente mitificados ao longo da História.

O JESUS MÍTICO VISTO COMO UMA DIVINDADE SOLAR

Muitos mitólogos têm defendido, com muita razão, que o “Jesus mítico” foi um produto criado com elementos das antigas divindades mitológicas solares. Mas o que é uma **“divindade solar”**?

Divindades solares eram pessoas que, nas religiões antigas, personificavam o Deus-Sol. Na antiguidade, a principal divindade era o Sol, o Deus-Sol, uma vez que nada pode existir neste planeta sem o Sol. Por isso, o Sol era visto como “Deus”, como “Filho de

Deus”, como “Senhor”, como a “Luz do Mundo”, e como o “Salvador” da humanidade.

O Deus-Sol era adorado no “domingo”, palavra que significa “Dia do Senhor”, “Dia do Deus-Sol” (em inglês “Sunday”, em alemão “Sontag”).

O escritor espanhol Pepe Rodríguez, em seu livro “Mentiras Fundamentais da Igreja Católica”, afirma que a figura do Jesus mítico “foi construída segundo o modelo pagão dos deuses solares” (RODRÍGUEZ, 2001, p. 115).

Esse mesmo autor nos fornece, nessa referida obra, os seguintes dados comparativos entre Jesus Cristo e os deuses solares pagãos:

O deus que [o escritor] Saintyves identifica como “o jovem Sol” é obviamente Jesus Cristo, em cuja concepção mítica intervieram todos os elementos simbólicos e lendários característicos de desenvolvimentos religiosos muito anteriores que tiveram os seus primórdios nos cultos agrícolas que divinizaram todas as forças e manifestações da natureza que intervinham na sobrevivência dos homens nesta terra. [...] Nos mitos solares, o papel central pertence a um deus jovem. De origem astral, morre e ressuscita todos os anos, compendiando em si próprio os ciclos vitais da natureza. [...] Na época em que se formou a lenda de Jesus Cristo os cultos solares dominavam inteiramente o espectro religioso do Império Romano. [...] Durante a Antiguidade, o Sol foi em todo o planeta o emblema de todos os grandes deuses, e os monarcas de todos os impérios fizeram-se adorar como filhos do Sol, sempre identificado com a sua divindade principal. Neste contexto, a antropomorfização do Sol num deus jovem tem antecedentes fundamentais na história das religiões. Deuses como Hórus, Mitra, Adónis, Dioniso, Krishna são exemplos desse mesmo processo. O deus egípcio Hórus, filho de Osíris e de Ísis, é o grande dominador do mundo. [...] Ele é o *Christós* e simboliza o Sol. [...] Mitra, um dos principais deuses da religião iraniana anterior a Zaratustra, era uma divindade de tipo solar. [...] O deus Mitra hindu, como o persa, é igualmente uma divindade solar. [...] Todas as personalidades dos deuses solares acabam por ser vítimas propiciatórias que expiam os pecados dos mortais, carregando com as suas culpas. Morrendo de morte violenta, são posteriormente ressuscitados. Assim, Osíris, que nasceu como um salvador ou libertador e veio ao mundo para pôr fim à tribulação dos humanos, depositado no seu túmulo, ressuscita e, ao fim de três dias

(ou de quarenta, noutras versões), ascende aos céus. [...] Baco, outro deus solar destinado a arcar com as culpas da humanidade, também foi assassinado [morto e ressuscitado] [...] Idêntico destino estava reservado a Adónis, a Dioniso, a Átis e a uma extensa lista de seres divinos que, como Krishna – morto atado a uma árvore, com o corpo atravessado por uma flecha – e como Jesus Cristo – morto numa cruz de madeira, penetrado no lado por uma lança –, foram todos eles condenados à morte, chorados e restituídos à vida. São deuses que desceram ao *Hades* e regressaram, de novo, cheios de vigor, como faz a natureza com o seu ciclo anual das estações. [...] Se a Páscoa católica fosse o equivalente de uma celebração onomástica – a da suposta ressurreição de Jesus, a ser um fato, teria ocorrido num dia determinado – realizar-se-ia por norma numa data fixa o que, como se sabe, não acontece. Pelo contrário, varia de acordo com o ano astronômico, prova da origem pagã deste mito fundamental (RODRÍGUEZ, p.115-120).

Reflitamos também sobre o que escreveu o escritor vaticanista espanhol Juan Arias (ARIAS, 2001, p. 111-112) nos seguintes termos:

E se Jesus fosse apenas um mito construído com elementos das escatologias egípcias? É o que sustentaram, até o final do século XIX, não poucos mitólogos, como Albert Churchward e Joseph Welles. Os defensores da teoria mítica pensam que se tentou incorporar ao personagem Jesus [...] elementos de outros deuses ou personagens religiosos mitológicos de séculos anteriores a ele. Para esses autores, há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia. Todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: “Precisamos de mais coincidência?”

Claro que não. Em face desses e de muitos outros dados históricos que são apresentados em meus livros ecumênicos, ninguém poderá mais duvidar de que o “Jesus mítico” é, de fato, uma incorpo-

ração de “elementos de outros deuses ou personagens mitológicos de séculos anteriores a ele” (ARIAS, *ibid.*).

Em minhas obras ecumênicas, mostro que o processo de transformação do “Jesus (ou Cristo) real” no “Jesus (ou Cristo) mítico”, do nascimento à paixão e à morte, vem sendo confirmado por quase todas as pesquisas contemporâneas, as quais comprovam que a imagem do “Jesus (ou Cristo) mítico” é apenas uma criação fantástica, elaborada no curso dos tempos (cf. DONINI, 1965, p. 283).

Em resumo, o Jesus mítico é visto por muitos estudiosos, particularmente pelos astrólogos, como uma divindade solar, uma vez que ele possui todas as características atribuídas aos deuses solares, tais como:

- 1) seu nascimento de uma virgem (uma das constelações zodiacais), no solstício do inverno (a noite mais longa do ano);
- 2) sua ressurreição na Páscoa, no equinócio da primavera, depois de haver descido ao inferno;
- 3) seus doze apóstolos (ou discípulos), correspondentes às doze constelações do zodíaco;
- 4) sua afirmação de ser “a Luz do Mundo”;
- 5) seu nascimento no dia 25 de dezembro, data em que os romanos celebravam sua festa de solstício de inverno, a noite mais longa do ano, não porque gostassem de noites sem fim, mas porque ela marcava o começo do fim do inverno e o início da primavera;
- 6) seu papel de ser o “cordeiro pascal” (o Áries zodiacal);
- 7) sua adoração no “domingo”, termo derivado do latim “*Dominus*” (= “o dia do Senhor”, isto é, “o dia do deus-sol, que era o “Senhor” por excelência dos povos antigos).

Por todas essas evidências, pode-se concluir, seguramente, que o Jesus mítico repete todos os mistérios dos deuses e redentores solares da humanidade. Ou seja, o “Cristo da fé” é apenas mais um deus solar de origem pagã.

A MITIFICAÇÃO LITERAL DO JESUS HISTÓRICO POR PAULO DE TARSO

Conforme argumento em minhas obras ecumênicas, particularmente em meu livro “Paulinismo” (SOUZA, 2010b), foi Paulo de Tarso quem endeusou e mitificou o Jesus histórico. Para Paulo, Jesus Cristo era Deus dentro de nós: “Não sabeis vós que sois santuários de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Coríntios 3,16)

Nesse sentido, discordo do ponto de vista de alguns escritores atuais, segundo o qual Paulo não afirmava que Jesus era Deus. O escritor e ex-padre católico Marcelo da Luz, por exemplo, em seu livro “Onde a Religião Termina?”, lançado neste ano de 2011, declara que Paulo de Tarso **“jamais afirma categoricamente ser Jesus um deus”** (LUZ, 2011, p. 134) (negrito meu), quando Paulo afirma: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo [=Deus] que vive em mim” (Gálatas 2,20); e em sua carta aos Filipenses (Filipenses 2,6-11), Paulo expõe a doutrina da *kenosis*, ou seja a doutrina do autoesvaziamento de Deus na pessoa de Jesus, **“o qual subsistindo na forma de Deus, não se aferrou à sua igualdade com Deus,”** (Filipenses 2,6) (negrito meu).

Além disso, Paulo afirma que o lado humano de Jesus não pode ser separado do seu lado divino: **“Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade”** (Colossenses 2,9) (negrito meu). Ora, se em Jesus, Paulo afirma que habita corporalmente toda a plenitude da divindade, como negar a crença de Paulo sobre a divindade de Jesus?

Diante dessas afirmações paulinas, é um erro, portanto, dizer que Paulo de Tarso **“jamais afirma categoricamente ser Jesus um deus”** (LUZ, 2011, p. 134) (negrito meu), quando sabemos (cf. meu livro “Paulinismo”, SOUZA, 2010b) que foi Paulo de Tarso quem realmente mitificou e endeusou o Jesus histórico e foi ele quem realmente fundou o cristianismo mítico dos cristãos. A doutrina central de Paulo, exposta sobretudo em sua Epístola aos Romanos, é a de que Jesus era Deus e homem e morreu historicamente na cruz, como Deus e homem, para redimir a humanidade.

Paulo endeusou e mitificou o Jesus histórico principalmente para satisfazer interesses romanos (uma vez que ele era cidadão romano) e também para igualar Jesus a outras divindades cultuadas por religiões mais antigas do que o cristianismo, sobretudo pelas chamadas “religiões de mistério” do Egito, da Índia, da Pérsia, da Grécia e de Roma. Mas a verdade mesmo é que Paulo endeusou e mitificou o Jesus histórico sobretudo para igualar Jesus às divindades pagãs solares cultuadas pelos romanos, como o deus Sol, o deus Mitra(s) e o deus César. Esse ponto de vista é muito bem expresso por diversos estudiosos do cristianismo, por exemplo, pelos renomados escritores Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, na obra *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, livro *best-seller* que já teve 17 edições na Inglaterra:

A nova religião [o cristianismo] era basicamente orientada para uma audiência romana. Assim, o papel de Roma na morte de Jesus foi, por necessidade, suprimido, e a culpa transferida para os judeus. Mas esta não foi a única liberdade tomada em relação aos fatos, para torná-los mais assimiláveis no mundo romano. Pois o mundo romano estava acostumado a endeusar seus governantes, e César já havia sido oficialmente estabelecido como um deus. **Para competir, Jesus – a quem ninguém antes havia considerado divino – tinha que ser endeusado também. Ele o foi pelas mãos de Paulo** (BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, 1993, p. 303) (negrito meu).

Não há a menor dúvida de que foi Paulo de Tarso mesmo quem endeusou e mitificou Jesus, ou seja, foi ele quem transformou o Jesus histórico no Jesus mítico e foi ele quem fundou o “cristianismo mítico dos cristãos” (hoje conhecido como catolicismo e protestantismo), chamado mais corretamente de “**paulinismo**” (cf. SOUZA, 2010b), enquanto o verdadeiro Jesus histórico simplesmente propôs o corretamente chamado “**cristianismo de Jesus**”, não uma nova religião (ou igreja) exclusivista, mas **uma comunidade de amor**, isto é, uma comunidade de pessoas que se comprometessem a pautar suas vidas pelo **código de moral (ou de ética) universal** (chamado também por Allan Kardec de “código divino”) que ele pregou e viveu, resumido na lei do **amor a Deus e ao próximo**.

OUTROS ARGUMENTOS A FAVOR DA TESE DE QUE FOI PAULO DE TARSO QUEM MITIFICOU JESUS

Aprofundarei um pouco mais, nesta seção, as razões que levaram Paulo de Tarso a mitificar Jesus, ou seja, a transformar o “Jesus histórico” (**o Jesus que é só homem**) no “Jesus mítico” (**o Jesus que é literalmente interpretado como Deus e homem**), nascido de um parto virginal, que veio salvar a humanidade através de sua morte e ressurreição.

Convém repetir que Paulo mitificou Jesus, particularmente através de seu endeusamento, para que Jesus fosse aceito, no mundo do Império Romano daquela época, não como um simples profeta mortal, mas como uma divindade. Nesse sentido, reflitamos sobre o conteúdo da seguinte citação:

Antes de o cristianismo ser disseminado com sucesso – desde a Palestina até a Síria, Ásia Menor, Grécia, Egito, Roma e Europa Ocidental –, a nova religião tinha que ser adaptada para ser aceita pelos povos dessas regiões. E tinha que ser capaz de se firmar contra os credos já estabelecidos. Em suma, o novo deus [Jesus] tinha que ser comparável em poder, em majestade, em repertório de milagres, àqueles que ele deveria substituir. Para ganhar um terreno sólido no mundo romano de sua época, Jesus teria que se tornar um deus no sentido mais completo do termo. Não um Messias no velho sentido do termo, não um rei-sacerdote, mas um deus encarnado – que, como seus oponentes sírio, fenício, egípcio e clássico, passou pelo submundo e pelo tormento do inferno e emergiu, rejuvenescido, com a primavera. Foi aí que a ideia de ressurreição assumiu tal importância, por uma razão óbvia: colocar Jesus no nível de Tamuz, Adônis, Átis, Osíris e todos os outros deuses que, morrendo e revivendo, povoaram o mundo e a consciência de seu tempo. Pela mesma razão, precisamente, foi promulgada a doutrina do nascimento virgem. E o festival da Páscoa – festival da morte e da ressurreição – foi elaborado para coincidir com os rituais da primavera de outros cultos e escolas de mistério contemporâneos (BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, p. 303-304).

Resumindo, para endear e mitificar Jesus, Paulo de Tarso sofreu grande influência da cultura greco-romana, bem como de outras culturas pagãs mais antigas. Ele era um judeu detentor de cidadania romana, criado em um ambiente culturalmente grego, profun-

do conhecedor dos cultos pagãos das religiões de mistério do Egito, da Índia, da Grécia e de Roma.

Conforme argumento em minhas obras ecumênicas, é bem verdade que o mito da “divinização” (ou “deificação” ou “endeusamento”) de Jesus foi sobretudo produto da cultura greco-romana, e não da cultura judaica, pois tal divinização, como elucidam os teólogos pluralistas, seria impossível no contexto do judaísmo monoteísta. Apenas o ambiente pagão sincretista (como o dos gregos e o dos romanos) pode explicar essa deificação de Jesus, uma vez que a ideia de um Deus encarnado era uma ofensa para o pensamento judaico, mas era uma ideia comum no pensamento greco-romano e em muitas outras culturas.

O cristianismo, ao ser apoiado pelo imperador Constantino, sofreu grande influência de outras tradições religiosas mais antigas, sobretudo do culto ao **Sol Invictus** (O SOL INVENCÍVEL), divindade adorada pelos romanos, e do culto a **Mitra**, divindade indo-irania (também cultuada em Roma). Por isso, grande foi o sincretismo religioso que ocorreu entre o cristianismo e essas religiões pagãs, particularmente o **endeusamento de Jesus**, transformado em dogma de fé, por Constantino, no ano 325 de nossa era, no 1º Concílio Ecumênico, realizado em Niceia, para que houvesse maior semelhança entre o cristianismo paulinista e as outras religiões que adoravam uma divindade solar.

VERDADE MÍTICA X VERDADE HISTÓRICA

A causa da grande polêmica no modo de ver Jesus, diz respeito ao fato de a grande maioria dos cristãos ainda não admitir a separação fundamental entre MITO e HISTÓRIA, ou seja, entre VERDADE MÍTICA e VERDADE HISTÓRICA, não aceitando, portanto, a distinção entre o Jesus mítico e o Jesus histórico.

Mas que distinção existe entre “verdade mítica” e “verdade histórica”? A resposta a esta pergunta é um dos temas mais abordados em minhas obras ecumênicas.

Segundo o ponto de vista que defendo, é necessário separar MITO de HISTÓRIA. Verdade mítica não é a mesma coisa que verdade histórica e vice-versa.

Assim, é preciso separar um personagem mítico (como o “Cristo da fé”), literal ou simbolicamente interpretado, de um personagem real, como o “Jesus histórico”, o qual foi um personagem que realmente existiu na história e que não pode ser confundido com o Jesus mítico ou mitológico.

ORIGEM DOS PRINCIPAIS MITOS CRISTÃOS

Esta seção foi extraída de meu livro “Mitologia Cristã” (SOUZA, 2007).

Os principais mitos cristãos, conforme estamos verificando neste capítulo, foram copiados dos mitos de outras tradições religiosas mais antigas, o que comprovaremos com mais detalhes nesta seção, a qual foi extraída de várias obras, particularmente do livro: *La Desilusión de un Sacerdote: La Verdad Científica sobre la Religión Cristiana*, de autoria do famoso teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE (cf. GRIESE, 1957, Segunda Parte, capítulos I e II):

1. Os mitos da filiação divina e da divinização de Jesus, bem como o de seu nascimento miraculoso, foram copiados dos mitos de filiações divinas e de divinizações de outros personagens marcantes da História (como reis, heróis, líderes religiosos etc.). Há coincidências intrigantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia. Repetindo as palavras de Juan Arias, “todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: ‘Precisamos de mais coincidência?’” (ARIAS, p. 111-112)

2. Quanto à origem do mito da ressurreição de Jesus, informa-nos o historiador das religiões Ambrogio Donini que “o ‘mistério’ [mito] do deus que morre e renasce já inspirava os cultos populares da Mesopotâmia à Grécia e ao mundo romano, cinco ou seis séculos antes do aparecimento do cristianismo” (DONINI, 1965, p. 98). Tammuz (antigo deus da Mesopotâmia), Adônis (deus da Fenícia), Átis (deus da Frígia), Osíris (deus do Antigo Egito) e vários outros também eram deuses que morriam e ressuscitavam (cf. BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, 1993, p. 304).
3. Assim como foi dogmatizado a respeito de Jesus, o deus pré-cristão Mitra – chamado o Filho de Deus e a Luz do Mundo – morreu, foi enterrado em sepulcro de pedra e depois ressuscitou em três dias.
4. Assim como supostamente aconteceu com Jesus, após o seu nascimento, o recém-nascido Krishna (deus hindu) também recebeu ouro, incenso e mirra.
5. O dia santo semanal dos cristãos foi copiado dos pagãos, uma vez que, até o século IV, a cristandade celebrava o dia santo semanal no sábado judeu, mas Constantino mudou isso de modo que a celebração coincidissem com o dia em que os pagãos veneravam o deus-Sol (*dies Solis*; em inglês, **Sun-day** = “dia do Sol”). O termo “domingo” é uma derivação de “*dies dominica*”, “dia do Senhor”, isto é, do “Senhor-Sol”, pois “o deus-sol era o *dominus* (**senhor**) por excelência” (DONINI, p. 318).
6. Todos os milagres atribuídos a Jesus nos Evangelhos já haviam sido supostamente realizados por profetas e/ou fundadores de tradições religiosas mais antigas (por exemplo, mitraísmo, budismo, taoísmo etc.), tais como a transformação da água em vinho, a multiplicação de pães, o andar sobre as águas, a cura de doentes, a expulsão de demônios, a comunhão com pão e vinho consagrados etc.
7. A origem das lendas expostas na Bíblia judaico-cristã, tanto no Antigo como no Novo Testamento, provém da Mesopotâmia, da Índia, da Caldeia e de outros países. Assim, o mito do “primeiro homem”, da sua criação, da sua felicidade original e da sua queda tem sua origem na religião babilônica (cf. DONINI, p. 107, 109).
8. O mito da “unicidade cristã”, segundo o qual o cristianismo é a única religião verdadeira e Jesus é o único SALVADOR da humanidade, é cópia das crenças nos SALVADORES de religiões mais antigas, como Krishna – o primeiro salvador divino da Índia (4.000 a.C.), Buda – o segundo salvador divino da Índia (550 a.C.), além de ou-

tros salvadores, como Osíris (deus do Antigo Egito) e Mitra (deus indo-iraniano).

9. Também o mito da trindade divina (o conceito do Deus uno e trino) já existia em várias religiões bem mais antigas do que o cristianismo, sobretudo nas religiões da Índia e do Egito antigo.
10. A literatura sagrada dos judeus, escrita por volta do 5º século a.C., foi quase toda copiada, ou melhor, plagiada (para não dizer roubada), da literatura da Índia – a mais antiga literatura sagrada da qual se tem conhecimento. Os judeus, quando estiveram no cativeiro de Babilônia, aprenderam muitas coisas, sobretudo as leis e lendas que tinham vindo da Índia, especialmente as leis de Manu, famoso legislador indiano e protótipo para a criação da figura mítica de Moisés. O escritor Franz Griesse (em seu referido livro, p. 98-106) nos fornece vários exemplos desse paralelismo entre a literatura sagrada dos judeus e a literatura sagrada da Índia, por exemplo, as narrativas da criação do mundo, Adão e Eva, o dilúvio, a lenda de José etc.
11. Também a literatura cristã expressa nos Evangelhos é quase toda cópia ou plágio da literatura religiosa da Índia. O mesmo escritor Franz Griesse (op. cit., p. 107-118) nos dá muitas provas dessa verdade incontestável, por exemplo, o paralelismo entre o nascimento miraculoso de Krishna, pela virgem Devanaki e o suposto nascimento miraculoso de Jesus pela virgem Maria; a saudação à Virgem Devanaki por um eremita e a saudação à Virgem Maria por Isabel; a saudação a Buda e a Jesus por um venerável ancião; a chacina das crianças (ordenadas pelo tio de Krishna, o rei de Buda e o rei Herodes); aos 12 anos, tanto Buda como Jesus são procurados por seus pais; antes de iniciarem sua vida pública, tanto Buda como Jesus vão ao deserto e são tentados pelo diabo; o apóstolo favorito de Buda (chamado Ananda) e Jesus, sentados junto a um poço, são interpelados por uma mulher de outra casta ou seita (no caso de Jesus, a Samaritana); tanto Buda como Jesus enviaram seus apóstolos a fim de pregarem suas doutrinas; tanto Buda como Jesus predisseram sua morte e foram, por isso, admoestados por seus apóstolos; tanto Krishna como Jesus se transfiguraram; Krishna, Buda e Jesus fizeram muitos discípulos por causa dos mesmos tipos de milagres que supostamente realizaram; tanto Buda como Jesus supostamente alimentaram 5.000 homens com um pouco de pão; tanto Buda como Jesus se utilizaram das mesmas palavras e das mesmas parábolas para transmitirem suas doutrinas.

12. Griese (p. 97) esclarece que a ordem cronológica, genealógica, filológica e literária confirma que o conteúdo da Bíblia cristã é simplesmente uma cópia mal-feita da literatura sagrada da Índia.
13. Esse mesmo autor, fazendo referências a outros estudiosos (p.106), nos assegura que, dos 89 capítulos dos quatro evangelhos, 80 são cópias da vida e da doutrina de Krishna e de Buda!
14. Griese (p. 114) nos informa que, segundo o escritor Rodolfo Seydel, teólogo protestante e professor da Universidade de Leipzig, dos 28 capítulos do Evangelho de Mateus, apenas 2 (o 22 e o 24) estão isentos de textos hindus; também do Evangelho de Marcos, com seus 16 capítulos, apenas 2 (o 7 e o 12) não foram copiados. O Evangelho de João contém 21 capítulos, dos quais somente os capítulos 10 e 17 estão livres de plágio.
15. O teólogo protestante Happel, historiador das religiões, confirma as afirmações de Seydel e classifica como cópias 36 textos da Bíblia, dentre os quais os seguintes (cf. GRIESE, p. 114-115):
 - a encarnação de Jesus;
 - a sua ida ao Templo;
 - os seus doze anos;
 - a sua terra natal;
 - a tentação do diabo;
 - a figueira;
 - as oito bem-aventuranças;
 - a história da pecadora Madalena;
 - o encontro de Jesus com Nicodemos;
 - o seu encontro com a Samaritana;
 - o cego de nascença;
 - Marta e Maria;
 - O número dos apóstolos e seu envio para pregar o Evangelho;
 - O milagre de caminhar sobre as águas;
 - A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém;
 - O jovem rico;
 - A transfiguração de Jesus etc. etc.

16. Como afirma Griese (p. 115), o professor Dr. Bernhard Spiess, grande conhecedor do sânscrito e da escritura cuneiforme, está convicto de que quase todas as parábolas do Novo Testamento são cópias de parábolas hindus, sumérias, persas e sírias, particularmente as narradas no cap. 13 do Evangelho de Mateus.
17. Griese (ibid.) elucida-nos que, pelo menos 4 textos do Novo Testamento são cópias do budismo:
- Simeão no Templo;
 - a tentação do diabo;
 - o milagre da multiplicação de pães;
 - a caminhada de Pedro sobre o mar.
18. Conforme destaca Griese (p. 116-117), é inegável a grande influência do culto ao Deus Mitra sobre o cristianismo. Como o “Cristo da fé”, o salvador Mitra é também “logos”, ou seja, “emanado de Deus”, “palavra de Deus”, “verbo de Deus”; nasce milagrosamente e os pastores vieram adorá-lo quando nasceu. Mitra é o porto e a âncora da salvação e, terminada sua missão terrestre, volta ao Céu, permanecendo lá como Protetor Soberano. Os seus adoradores devem servi-lo com absoluta pureza, recebendo **sete sacramentos**, entre os quais figuram o **batismo**, a **confirmação** e a **comunhão: pão e vinho consagrados** por fórmulas rituais. Depois da morte, os fiéis devem comparecer diante de Mitra e, se tiverem sido bons, gozarão a eterna felicidade e, se tiverem sido maus, irão para o inferno eterno. No fim do mundo, virá Mitra para o Juízo Final. Linha por linha, encontramos aqui a religião cristã. O que faltava aos livros hindus encontramos aqui na religião persa. O culto a Mitra chegou a Roma com uma força tão grande, nos primeiros três séculos depois de Cristo, de tal modo que, se não tivesse ocorrido a vitória de Constantino, o mundo, no dizer de Renan, “teria se tornado mitriano, em vez de cristão” (apud GRIESE, p. 117).
19. Duas das divindades mais populares da Grécia antiga, cuja história, os seus ritos e as suas festas antecipam efetivamente, sob muitos aspectos, a religião cristã, são precisamente “Deméter” (a “mãe” de Deus) e “Dioniso” (o “filho” de Deus). Aliás, o termo “Dioniso” (da língua trácio-frígia – “**dioniso**”) significa etimologicamente “filho de deus” – “**dio-niso**” (cf. DONINI, p. 145, nota 26). A história de Dioniso, o deus libertador, o “filho de deus”, é muito semelhante à história do “Cristo da fé”, o Filho de Deus e o libertador (salvador) da humanidade.

20. Para encerrar essa pesquisa sobre a origem dos mitos cristãos, reafirmo que Krishna (divindade hindu), como o Cristo da fé, também era o filho de Deus, o verbo encarnado, o salvador do mundo, nascido miraculosamente (de um parto virginal), e também declarava ser **O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA**: “**Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da Verdade [...]**” (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11) (negrito meu). Como o Cristo da fé, também Hórus (divindade egípcia), 4 mil anos antes de Cristo, declarava ser “o Senhor da Luz” [...], “o Caminho, a Verdade e a Vida” (apud HARPUR, 2008, p. 88 e 93). O deus Mitra, da Pérsia, mil anos antes de Cristo, também já fazia a mesma afirmação.

Por todos esses dados históricos, podemos concluir que o cristianismo mítico dos cristãos é, de fato, uma religião altamente sincretista, uma vez que é o resultado da fusão de diversas crenças e mitos. Essa verdade histórica deveria diminuir (ou mesmo eliminar) as pretensões exclusivistas e espiritualmente arrogantes da grande maioria dos cristãos em torno do **mito da unicidade do cristianismo**. Nesse sentido, tem muita razão o renomado historiador das religiões Ambrogio Donini, ao fazer a seguinte reflexão pluralista e crítica:

Fala-se ainda hoje do cristianismo como de uma religião em si, para a qual confluíram e encontraram a sua sistematização motivos antiquíssimos, até representar algo de “excepcional” e de “único”. É necessário despir-se deste hábito dogmático e, se me permitem a expressão, presunçoso (DONINI, 1965, p. 198).

JESUS MÍTICO LITERALMENTE INTERPRETADO X JESUS MÍTICO SIMBOLICAMENTE INTERPRETADO

Conforme venho esclarecendo neste livro, desde o seu título (e subtítulo), argumento que há três maneiras de ver Jesus: 1) **a maneira histórica**; 2) **a maneira mítica literal** e 3) **a maneira mítica simbólica**. Concordo plenamente com a maneira histórica de ver Jesus, bem como com a maneira mítica simbólica de vê-lo, mas discordo da maneira mítica literal de ver Jesus.

Pela **maneira histórica** de ver Jesus, ele é um personagem puramente humano, ou seja, ele é somente HOMEM; pela **maneira mítica literal** (e **exclusivista**) de ver Jesus, ele é DEUS e HOMEM, o único “Deus encarnado”, o único “Filho de Deus”, o “único Salvador da humanidade”, mas, pela **maneira mítica simbólica** (metáforica, alegórica, esotérica, gnóstica, pluralista) de ver Jesus, ele é um mito (um personagem mítico), de muito valor espiritual, porque simboliza **A CENTELHA DIVINA ENCARNADA EM TODO SER HUMANO** (chamada também de “o *Cristo cósmico*”, “o *Cristo Interno*”, “o *Cristo interior*”, “o *Eu divino em cada um de nós*”, “o *Pai em nós*”, “o *Reino de Deus no homem*”, “*Deus dentro de nós*”, o “*Atman hindu*” etc.).

Como já foi dito, mas convém repetir, no sentido simbólico e gnóstico de ver Jesus, o seu Natal, ou seja, o mito de seu nascimento divino, representa **a encarnação da Centelha Divina em cada um de nós**. Conforme também já foi dito, no sentido simbólico de ver os milagres de Jesus, por exemplo, sua caminhada sobre a água, acalmando uma tempestade, não deve mais ser interpretada literalmente como a anulação das leis da natureza por um DEUS-HOMEM Jesus Cristo, mas pode ter um emocionante significado simbólico da representação do “Cristo interior” (“Deus dentro de nós”) acalmando o “oceano perturbado” dos nossos temores subjetivos e instilando um sentimento de paz (cf. HARPUR, 2008, p. 190). No dizer desse mesmo autor,

se considerarmos as diversas curas “milagrosas” como uma referência dramática, mítica, ao poder de cura do Cristo interior que existe em cada um de nós, e se considerarmos tais acontecimentos como a simbolização do dom de Deus a cada um de nós das energias divinas pelas quais vivemos e crescemos, as passagens [evangélicas] são compreendidas de uma maneira totalmente nova. Conforme Kuhn afirma, **os Evangelhos são a história das nossas almas** (HARPUR, *ibid.*) (negrito meu).

A interpretação literal (e exclusivista) do Jesus mítico (ou **mitológico**) é um erro fatal, a maior mentira das igrejas cristãs, enquanto **a interpretação simbólica do Jesus mítico** é uma maneira correta e valorosa de vê-lo. A interpretação literalista do Jesus mítico

é **superexclusivista, discriminatória e divisionista**, enquanto a maneira simbólica de interpretá-lo é altamente **pluralista, igualitária e unificadora**. As três maneiras de ver Jesus (**a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica**) serão aprofundadas, respectivamente, nos capítulos 2, 3 e 4 deste livro.

Convém repetir que o termo “mito”, na interpretação simbólica do Jesus mítico, não é usado no sentido de “ficção”, “lenda”, “fabula”, “mentira”, mas no sentido de um meio simbólico de comunicar as verdades sublimes de tanta eficácia como nenhum outro meio. Conforme Joseph Campbell deixou claro em seus diversos livros,

as verdades mais profundas sobre a vida, a alma, o sentido pessoal, o nosso lugar no universo, a nossa luta para galgar níveis superiores de percepção e compreensão, e especialmente o mistério de que chamamos Deus, podem ser explicadas apenas por meio de uma narrativa (*mythos*) ou de um ritual dramático. O mito em si é ficcional, mas a verdade eterna que ele expressa não é. [...] O mito é um meio de expressar a estrutura essencial ou o significado oculto de toda a história (apud HARPUR, 2008, p. 31).

No dizer de Tom Harpur,

O divino, o oculto, o inefável, as obras do espírito no coração humano ou no cosmos em geral não podem ser expressos convenientemente de outra maneira a não ser pelo mito, pela alegoria, por um conjunto de imagens, parábolas e metáforas. [...] A religião cristã não precisa “desmitificar” a sua história; precisa “remitificá-la” (HARPUR, op. cit., p. 32).

Eu diria que a religião cristã não precisa “desmitificar” nem “remitificar” as suas crenças míticas, mas precisa urgentemente interpretá-las *simbolicamente*, e não *literalmente* (como verdades históricas exclusivas e absolutas do cristianismo). Não se deve interpretar mito como verdade histórica.

Como esclarece Tom Harpur,

foi a interpretação totalmente errônea do mito, das alegorias e da dramatização que resultou na transformação de Jesus em um Deus-Homem histórico – um feito que distorceu o cristianismo dos primeiros tempos e efetivamente frustrou o verdadeiro poder do mito para transformar a vida das pessoas. Depois que um homem se tornou a total

incorporação de Deus-feito-carne, o resto da humanidade foi deixado olhando para além de si mesmo para um modelo inigualável de virtude, em vez de perceber seu próprio poder do Cristo interior. [...] Isso acabou levando ao erro colossal, perpetuado desde o século III em diante, de confundir mito, dramatização, ritual, alegoria e outras formas de representação simbólica com história objetiva, e por conseguinte converter literalmente o conjunto de mitos em pretensos acontecimentos. Em *Shadow of the Third Century*, lemos: “Os textos sagrados estão escritos em uma linguagem de mitos e símbolos, e a religião cristã jogou fora e perdeu a própria alma do significado deles quando traduziu erroneamente essa linguagem em pretensa história, em vez de interpretá-los como uma alegoria espiritual”. O seu erro elementar consistiu em tratar como história o que nunca foi história. [...] Conforme Gerald Massey impacientemente exclama no seu livro *Lunolatry* (adoração da Lua), “A insanidade consiste em confundir mito com história ou Revelação Divina”. (...) O mito sublime literalizado constitui uma história realmente grosseira (HARPUR, 2008, p. 33-34).

INTERPRETAÇÃO LITERAL X INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA/ METAFÓRICA DOS MITOS

Para encerrar o primeiro capítulo deste livro, resumirei nesta seção um dos temas mais abordados nele, ou seja, o da distinção fundamental entre a interpretação literal e a interpretação simbólica/metafórica dos mitos.

Embora essa distinção já tenha sido abordada por diversas vezes neste livro, não me cansarei de repeti-la, pois a interpretação literal dos mitos (ao invés de simbólica/metafórica) constitui uma grande ameaça para a fé cristã dogmática.

Os mitos, faço questão de repetir, devem ser interpretados simbolicamente (metaforicamente), e não literalmente. Por conseguinte, a própria Bíblia judaico-cristã, a qual é repleta de mitos, deve ser interpretada muito mais simbolicamente do que literalmente, considerando-se que a Bíblia é muito mais um livro de fé (de teologia) do que de história. A Bíblia é, na sua maior parte, uma grande parábola e, como tal, não pode ser toda interpretada literalmente como história. Por isso, é preciso separar o que, nos textos bíblicos, é fato histórico e o que é mito, metáfora, parábola religiosa, bem como sa-

ber distinguir, no Novo Testamento, “história lembrada” (=fato histórico) de “profecia historicizada” (=história inventada no NT para fazer-se cumprir determinada profecia do AT).

Como já argumentei várias vezes, o mal não é crer em mitos; o grande mal é interpretar mitos ao pé da letra, como verdades históricas absolutas e exclusivas desta ou daquela religião. Nesse sentido, a interpretação literal de Jesus como o Filho de Deus, Deus encarnado, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, nascido miraculosamente de um parto virginal etc., representa, de fato, uma grande ameaça para os cristãos de “fé cega”.

O famoso psicólogo Carl Gustav Jung, uma das personagens mais admiradas do mundo, já fazia, em 1956, a seguinte reflexão, apelando para uma interpretação simbólica, e não literal, dos mitos cristãos:

O perigo de que uma mitologia entendida de forma muito literal e na forma como é ensinada pela Igreja seja subitamente repudiada é hoje maior que nunca. **Não está na hora de entender a mitologia cristã simbolicamente, de uma vez por todas, ao invés de apagá-la?** (Carl Gustav Jung, *The Undiscovered Self*, Collected Works, v. 10, p. 266, 1956, apud BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, 1993, p. 337) (negrito meu).

Respondo positivamente a essa pergunta de Jung, pois, como argumento constantemente em minhas obras ecumênicas, **os cristãos não precisam apagar ou eliminar todos os seus mitos, mas interpretá-los simbolicamente (de maneira pluralista, sem excluir as outras religiões)**, pois sabemos que a interpretação literal e exclusivista dos mitos cristãos tem feito muito mal na humanidade. Quantas mortes, quanta intolerância, quanto ódio, quanta discriminação, quantas guerras catastróficas, quanto antijudaísmo e antisemitismo etc., por parte dos cristãos, contra aqueles que nunca acreditaram literalmente nos mitos cristãos, como a divindade de Cristo, sua unicidade salvífica e a da igreja supostamente fundada por ele. Eis aí o grande mal da interpretação literal e exclusivista dos mitos cristãos. Os judeus, por exemplo, sempre foram odiados e perseguidos pelos cristãos, porque sempre foram literalmente considerados os “assassinos de Deus”, ou seja, de Jesus interpretado literalmente como “Deus encarnado”. Jesus, aliás, nem foi oficial-

mente morto pelos judeus, mas pelos romanos. A mais duradoura das mentiras cristãs tem sido a crença de que Jesus foi morto pelos judeus (cf. CROSSAN, 1995).

A interpretação literal e exclusivista dos mitos cristãos opõe-se frontalmente aos verdadeiros ensinamentos do Jesus histórico, o Jesus pluralista, humilde, caridoso, que nunca discriminou nem excluiu ninguém. Jesus nunca afirmou ser uma divindade, nem que viera ao mundo para salvar-nos mediante seu sangue derramado na cruz. Essa doutrina não é de Jesus, mas dos cristãos.

Em suma, a interpretação simbólica/metafórica/pluralista dos mitos cristãos, em oposição à sua interpretação literal (a que ameaça radicalmente a fé cristã), é a única solução para os cristãos resolverem, de uma vez por todas, seu exclusivismo em relação às demais religiões deste planeta e dialogarem de igual para igual. Enquanto isso não ocorrer, continuarão as discriminações, os exclusivismos e o sentimento espiritualmente arrogante dos cristãos paulinistas de serem os donos exclusivos da verdade religiosa.

Para concluir o primeiro capítulo deste livro, reafirmo minha resposta positiva à pergunta de Carl Gustav Jung:

– “Não está na hora de entender a mitologia cristã simbolicamente, de uma vez por todas, ao invés de apagá-la?”

– SIM!

CAPÍTULO 2

A MANEIRA HISTÓRICA DE VER JESUS

Este capítulo, como foi dito na Introdução deste livro, defende a existência do Jesus histórico, ao lado do Jesus mítico, apresenta uma série de argumentos a favor do Jesus histórico, resume as suas palavras e ações autênticas nos Evangelhos sinópticos (Marcos, Mateus e Lucas) e reflete sobre o que realmente sabemos sobre o Jesus histórico, conforme as pesquisas do Seminário de Jesus (SJ).

A BUSCA DO JESUS HISTÓRICO

Esclareço ao leitor que a questão que domina os estudos do Novo Testamento nos últimos dois séculos, e principalmente nas últimas décadas, se relaciona sobretudo com a distinção, feita desde o final do século 18, entre o “Jesus histórico”, **uma pessoa inteiramente humana**, e o “Jesus mítico”, mais conhecido como o “Cristo da fé”, **uma pessoa totalmente divina, celeste** (com duas naturezas: **a divina e a humana**).

Mais explicitamente, o “Jesus histórico” é visto como uma figura apenas humana, que nasceu de um parto normal, como qualquer um de nós, enquanto o “Cristo da fé” (o “Jesus mítico”), literal e exclusivamente interpretado, é visto como uma figura divina, celeste, Deus encarnado, nascido de um parto virginal e miraculoso (por obra e graça do Espírito Santo), o único salvador da humanidade, que veio à Terra para sofrer e morrer na cruz para pagar os nossos pecados, que ressuscitou ao terceiro dia, que subiu fisicamente ao céu, de onde retornará no fim do mundo para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno.

Diante desses dois modos antagônicos de ver Jesus (o Jesus histórico e o mítico), todo mundo pergunta:

– Qual é, então, o verdadeiro Jesus? Jesus não é um só?

E eu respondo:

– Sim, Jesus é um só, mas há maneiras antagônicas de vê-lo. É como a polêmica em torno do ex-presidente Lula. Muitos brasileiros o julgavam como o melhor presidente que o Brasil já teve, mas outros o consideravam uma tragédia! Do mesmo modo, enquanto a grande maioria dos cristãos vê Jesus literalmente como um personagem mítico, divino, celeste, Deus encarnado, o único “Filho de Deus”, o único “Salvador” da humanidade, existem muitos outros cristãos que o veem como uma pessoa inteiramente humana, um sábio, um profeta, que nunca declarou ser “Deus”, nem “Filho de Deus”, nem o “Salvador” da humanidade. Este é o chamado “Jesus histórico”.

O PIONEIRO NA BUSCA DO JESUS HISTÓRICO

O pioneiro na investigação do “Jesus histórico” foi o professor alemão Hermann Samuel Reimarus (1697-1768), o qual começou a descobrir que o Jesus real (o “Jesus histórico”) não é a pessoa a respeito de quem os Evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) informam, uma vez que os Evangelhos não estão interessados em narrar história, mas em expor as ideias teológicas de seus autores.

Para Reimarus, então, o cristianismo havia dado uma ênfase equivocada e incorreta sobre a pessoa de Jesus, pois ele não foi uma figura literalmente divina, celeste (com duas naturezas), mas um mestre (um profeta, um sábio) religioso, puramente humano.

Reimarus é membro do **grupo dos protestantes liberais**, que, há mais de 200 anos, se interessa cientificamente pelo estudo crítico da Bíblia, particularmente em busca do “Jesus histórico”.

Esse grupo, a partir dos próprios relatos evangélicos, procura separar a parte autenticamente histórica dos aspectos fictícios (dogmáticos ou míticos). Além disso, é um grupo pluralista, aberto ao diálogo e fundamentado na chamada “**fé racionalista**” (muito semelhante à “**fé raciocinada**” kardeciana).

Depois de Reimarus, surgiu o genial protestante liberal (alemão) David Friedrich Strauss (1808-1874), o qual deu forte continuidade ao esforço de Reimarus, em busca do Jesus histórico.

Os estudos racionalistas vêm causando, desde o final do século 18, uma verdadeira revolução na interpretação do cristianismo. Nesse sentido, convém destacar a grande contribuição da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, na segunda metade do século 19, mediante as seguintes obras: 1) “O Livro dos Espíritos” (1857); 2) “O Livro dos Médiuns” (1861); 3) “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (1864); 4) “O Céu e o Inferno” (1865) e 5) “A Gênese” (1868).

No dizer do escritor espírita J. Herculano Pires, em sua obra “Revisão do Cristianismo”,

os estudos e as pesquisas de tipo universitário, independentes da Igreja, desde Renan a Guignebert, paralelamente com as pesquisas e estudos espíritas, promoveram em nosso tempo, a partir de meados do século 19, a revisão universal do Cristianismo. Renan e Kardec iniciaram essa revisão na mesma época, na segunda metade do século 19, tendo Kardec uma precedência de dez anos e pouco sobre Renan no trato do assunto (PIRES, 1977, p. 9).

Em oposição ao grupo dos **protestantes liberais**, que fazem a distinção entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé”, surgiu, a partir do final do século 19, o grupo da chamada **neo-ortodoxia protestante**, liderado por Karl Barth (1886-1968), teólogo protestante suíço, e Rudolf Bultmann (1884-1976), teólogo protestante alemão.

Esse grupo, diferentemente do grupo dos protestantes liberais, tenta suprimir qualquer interesse real pelo Jesus histórico, justificando que a busca do Jesus histórico não é condição para assegurar a fé dos cristãos, uma vez que não é o Jesus histórico o objeto do querigma (ou seja, do *anúncio*), mas o Cristo ressuscitado. Logo, basta o testemunho de fé da Igreja nascente no Cristo ressuscitado.

Bultmann, o maior líder desse grupo, sempre defendeu a ideia de que os Evangelhos, se interpretados literalmente, nada mais são que uma coleção de mitos. Por isso, alega, basta “confiar” (ter “fé-confiança”) no testemunho de fé da Igreja nascente no “Cristo ressuscitado” (cf. ELIADE, 2006, p. 142; BULTMANN, 2004).

Um outro famoso teólogo e filósofo desse mesmo grupo (da neo-ortodoxia protestante) foi o alemão Albert Schweitzer (1875-1965), o qual passou a insistir na ideia de que os Evangelhos são documentos

puramente teológicos e não históricos. Portanto, eles não contêm informações confiáveis acerca do Jesus histórico. Em 1906, Schweitzer publicou o livro *A Busca do Jesus Histórico* (*The Quest of the Historical Jesus*), obra que o tornou mundialmente famoso.

Seguindo a linha da neo-ortodoxia protestante, Albert Schweitzer reage criticamente contra 251 autores que escreveram sobre o Jesus histórico, desde o tempo de Reimarus até o seu próprio tempo. Ele conclui que um estudo crítico do Jesus histórico “é impossível, simplesmente porque não possuímos fontes históricas, cientificamente inquestionáveis” (apud TILESSE, 1988, p. 19).

Por quase cinco décadas (1920-1970), a grande maioria dos teólogos seguiu a tese de Albert Schweitzer (e dos demais teólogos da neo-ortodoxia protestante) contra a busca do “Jesus histórico”.

O SEMINÁRIO DE JESUS (SJ)

Apesar das duras críticas de Albert Schweitzer e dos demais teólogos da neo-ortodoxia protestante contra a busca do “Jesus histórico”, existe hoje em todo o mundo um crescente esforço em sua busca, principalmente por parte dos pesquisadores do **Seminário de Jesus** (*The Jesus Seminar*). Mas o que é o **Seminário de Jesus** (ou o **Seminário sobre Jesus**)?

O **Seminário de Jesus (SJ)** é uma instituição de pesquisadoras, iniciada, há 26 anos (em 1985), nos Estados Unidos, fundada pelo americano Robert W. Funk e pelo historiador e ex-padre católico irlandês John Dominic Crossan, que vem dando plena continuidade à pesquisa em busca do “Jesus histórico”.

O Seminário de Jesus não é uma religião, mas é uma instituição ecumênica (aberta ao diálogo inter-religioso).

Embora Robert W. Funk tenha falecido em 2005, o Seminário de Jesus continua existindo, sob a liderança de seu idealizador e cofundador, John Dominic Crossan, considerado o PAPA DO JESUS HISTÓRICO, Professor emérito da Universidade DePaul, Chicago (EUA), autor de 26 livros sobre o Jesus histórico, considerado o maior especialista do mundo em estudar o Novo Testamento com olhar de historiador.

Seu vigésimo sexto livro, intitulado “*The Greatest Prayer: rediscovering the revolutionary message of THE LORD’S PRAYER*” (‘A Maior Oração: redescobrimo a mensagem revolucionária do PAI-NOSSO’), foi publicado no ano passado (CROSSAN, 2010).

O Seminário de Jesus (SJ) é uma instituição composta por cerca de 100 pesquisadores, altamente qualificados, que, há 26 anos, se dedicam à investigação científica dos Evangelhos, em busca das palavras e ações autênticas de Jesus.

Em 2007, realizou-se no Brasil (na UFRJ) o primeiro Seminário Internacional do Jesus Histórico, com a participação de seu idealizador e cofundador John Dominic Crossan.

O SJ é uma reação à neo-ortodoxia protestante, que tentou suprimir qualquer interesse real pelo Jesus histórico ao longo de aproximadamente cinco décadas (1920-1970), e dá plena continuidade ao trabalho dos protestantes liberais, sendo mesmo considerado um verdadeiro “renascimento” dos estudos evangélicos em busca do Jesus histórico.

Conheci obras do SJ, alguns anos antes de ter lido as obras de Allan Kardec. Por isso, esclareço ao leitor deste livro que o conteúdo de minhas obras ecumênicas, sobretudo no que diz respeito à interpretação crítica dos Evangelhos sobre a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus, baseia-se, em grande parte, na pesquisa científica do SJ, publicada sobretudo nestes dois grandes livros: 1) FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., & THE JESUS SEMINAR. *The Five Gospels: what did Jesus really say? The search for the authentic words of Jesus*. New York: Macmillan Publishing Company, 1993; 2) FUNK, Robert W., and THE JESUS SEMINAR. *The Acts of Jesus: what did Jesus really do? The search for the authentic deeds of Jesus*. New York: Harper Collins, and Harper San Francisco, 1998.

Os títulos desses dois maiores livros do SJ podem ter, respectivamente, a seguinte tradução para o português: 1) *Os Cinco Evangelhos: O Que Jesus Realmente Disse? (A Busca pelas Palavras Autênticas de Jesus)*; 2) *As Ações de Jesus: O Que Jesus Realmente Fez? (A Busca pelas Ações Autênticas de Jesus)*.

A primeira grande obra do SJ é intitulada “*Os Cinco Evangelhos*” porque ela inclui o “Evangelho apócrifo de Tomé”, considerado pelo SJ como uma rica fonte de material sobre o Jesus histórico.

Além dessas duas obras fundamentais, o SJ publicou, em 1999, o livro “*The Gospel of Jesus*” (‘O Evangelho de Jesus’) (FUNK, Robert W. & The Jesus Seminar, 1999).

Em forte reação aos três grupos anteriores (**os protestantes liberais, os teólogos da neo-ortodoxia protestante e os pesquisadores do Seminário de Jesus**), existe um quarto grupo, o dos chamados **cristãos fundamentalistas**, que dá plena continuidade, de maneira muito mais radical, à velha postura tradicional, anterior ao último quartel do século 18, de interpretar todos os textos bíblicos em “chave histórica”, ou seja, de interpretar a Bíblia de maneira literal e exclusivista, como “Palavra de Deus”, inquestionável, isenta de qualquer erro ou mentira. Esse grupo obviamente guia-se por uma “fé totalmente cega”, sendo, portanto, radicalmente exclusivista e fechado a qualquer tipo de diálogo ecumênico ou inter-religioso.

Nas palavras do renomado teólogo católico Leonardo Boff,

a tese dos fundamentalistas no âmbito religioso é afirmar que a Bíblia constitui o fundamento básico da fé cristã e deve ser tomada ao pé da letra (o fundamento de tudo para a fé protestante é a Bíblia). Cada palavra, cada sílaba e cada vírgula, dizem os fundamentalistas, é inspirada por Deus. Como Deus não pode errar, então tudo na Bíblia é verdadeiro e sem qualquer erro. Como Deus é imutável, sua Palavra e suas sentenças também o são. Valem para sempre (BOFF, 2002, p. 13).

OS SETE PILARES DO SEMINÁRIO DE JESUS

O Seminário de Jesus adota os seguintes **sete pilares** (ou **sete colunas**) da moderna pesquisa crítica sobre Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 2-5):

- 1) O primeiro pilar é a distinção fundamental entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé”, feita desde o século 18, por Reimarus, e desde o século 19, por Strauss.
- 2) O segundo pilar consiste no reconhecimento dos Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) como mais próximos do Je-

sus histórico do que o Evangelho de João, que quase nada apresenta sobre o “Jesus histórico”, mas sobre o “Cristo da fé”.

- 3) O terceiro pilar é o reconhecimento do Evangelho de Marcos (escrito por volta do ano 70 d.C.) como anterior ao de Mateus e ao de Lucas.
- 4) O quarto pilar é o reconhecimento do Evangelho de Marcos como a fonte básica para o de Mateus e o de Lucas (que são revisões e ampliações do Evangelho de Marcos).
- 5) O quinto pilar é a identificação da hipotética Fonte Q (do alemão *Quelle*), utilizada tanto por Mateus como por Lucas (além da dependência de ambos do Evangelho de Marcos).
- 6) O sexto pilar consiste na rejeição do **Jesus escatológico apocalíptico** (mas não do **Jesus escatológico sapiencial**), ou seja, para os pesquisadores do SJ, o Jesus histórico não foi um “pregador escatológico apocalíptico”, no sentido de pregar que o fim iminente e cataclísmico do mundo estava bem próximo, em que Deus interviria de maneira iminente e cataclísmica, através de seu Filho Jesus Cristo, para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, profecia essa que nunca se cumpriu (nem se cumprirá), mas a mensagem central do Jesus histórico, na opinião de John Dominic Crossan, idealizador e cofundador do Seminário de Jesus, foi a de ser um “pregador escatológico sapiencial”, no sentido de envolver “um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro. [...] **Na escatologia apocalíptica, estamos esperando que Deus aja. Na escatologia sapiencial, Deus está esperando que nós ajamos**” (CROSSAN, 1995a, p. 65-66) (negrito meu).
- 7) O sétimo e último pilar consiste no fato de que os Evangelhos são vistos pelos integrantes do SJ muito mais como narrativas teológicas sobre o “Cristo da fé” do que como fatos históricos reais sobre o “Jesus histórico”. Os pesquisadores do SJ chegaram a concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos podem ser, de fato, consideradas autênticas, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1).

Ainda a respeito do sexto pilar, sobre a rejeição do **Jesus apocalíptico** pelos pesquisadores do SJ, esclareço ao leitor que essa crença é igualmente rejeitada pela Doutrina Espírita, segundo a qual a humanidade não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua regeneração. Será o fim do mundo velho, a decadência das ideias antigas. De acordo com os integrantes do SJ, o Jesus histórico não foi um pregador da “escatologia apocalíptica”, mas foi um pregador da “escatologia sapiencial”. Crossan distingue, no Novo Testamento, “escatologia apocalíptica” (como a de João Batista, a de Paulo de Tarso e a do Cristo da fé) de “escatologia sapiencial” (**a mensagem central do Jesus histórico**) nos seguintes termos:

A escatologia apocalíptica anuncia que Deus fez a nós somente (algum grupo específico) uma revelação especial e secreta sobre uma intervenção divina iminente e cataclísmica para restaurar a paz no mundo desordenado [...]; **a escatologia sapiencial é o que, finalmente, se tornou a mensagem central de Jesus.** [...] Envolve um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro (CROSSAN, 1995a, p. 65-66) (Negrito meu).

ARGUMENTOS A FAVOR DO JESUS HISTÓRICO

Nesta seção, vou fornecer 10 fortes argumentos a favor da existência do Jesus histórico:

1) Em primeiro lugar, como simpatizante do espiritismo kardecista, não posso negar a existência do Jesus histórico, pois a Doutrina Espírita, em seu aspecto religioso, é toda fundamentada no Jesus histórico, ou no Jesus mítico simbolicamente interpretado, mas não no Jesus mítico literalmente interpretado.

2) Em segundo lugar, embora a data histórica do nascimento de Jesus seja incerta, ela dividiu a história da humanidade em a.C. e d.C. Caso não existissem fundamentos históricos para a vida de Jesus, tal divisão jamais seria possível.

3) Em terceiro lugar, historiadores não cristãos, como Josefo, Plínio, Tácito e Suetônio, fizeram referências à existência de Jesus nas obras que escreveram. Mesmo com as inserções cristãs poste-

riores dentro do texto de Flávio Josefo (em sua obra “Antiguidades Judaicas”), John Dominic Crossan, o Papa do Jesus histórico, assegura que os acréscimos e inserções de Josefo não deveriam diminuir a importância do seu comentário sobre Jesus (cf. CROSSAN, 1995b, p. 171-172). “Também se pode considerar um relato autêntico a carta enviada a Tibério, pelo senador Públio Lentulo, quando presidente da Judeia, narrando a existência de ‘um homem de grandes virtudes chamado Jesus, pelo povo inculcado de profeta da verdade e pelos seus discípulos de filho de Deus.’” (RAMATÍS, 2006, p. 26).

4) Em quarto lugar, o nascimento de Jesus, a sua vida pública na Galileia e a sua condenação e execução por Pôncio Pilatos, não são mitos, mas fatos históricos.

5) Em quinto lugar, o endeusamento do Jesus histórico, pelo imperador Constantino, no ano 325 d.C., no Primeiro Concílio de Niceia, comprova a existência do Jesus histórico, o qual não era visto, até então, por muitos cristãos, como uma divindade. Os cristãos arianistas não viam Jesus como Deus. Daí, a convocação do referido concílio para dogmatizar a divindade de Jesus.

6) Em sexto lugar, a descrença de muitos cristãos na divindade de Jesus, como ocorria com os cristãos arianistas, comprova que Jesus era visto literalmente por muitos cristãos dos primeiros três séculos, não como um personagem mítico (divino), mas como um personagem histórico, totalmente humano.

7) Em sétimo lugar, a mitificação de personagens históricos importantes da história era um fenômeno muito comum na antiguidade, o que explica o fato de o Jesus histórico ter sido mitificado, isto é, transformado num personagem mitológico, divino, como foram muitos outros personagens importantes da história, como Buda, Krishna, Confúcio, Lao Tsé etc.

8) Em oitavo lugar, o reconhecimento do Jesus histórico, em contraposição ao Jesus mítico (mais conhecido como o “Cristo da fé”), vem sendo feito, como esclarecido, há mais de 200 anos, desde o final do século 18, com o pastor e protestante liberal alemão Hermann Samuel Reimarus (1694-1768), professor de línguas orientais em Hamburgo, Alemanha.

9) Em nono lugar, o reconhecimento do Jesus histórico, em contraposição ao Jesus mítico (mais conhecido como o “Cristo da fé”) vem também sendo feito, há 26 anos, pelo chamado **The Jesus Seminar** (‘O Seminário de Jesus’), instituição americana de pesquisadores sérios, altamente qualificados, com o objetivo principal de distinguir, nos Evangelhos, o Jesus histórico do Jesus mítico.

10) Em décimo (e último) lugar, os 26 livros do escritor e ex-padre católico John Dominic Crossan, idealizador e cofundador do Seminário de Jesus, todos têm o objetivo principal de comprovar a existência do Jesus histórico, em contraposição ao Cristo da fé. Recomendo a leitura das obras de Crossan a todos os leitores que ainda duvidam da existência do Jesus histórico.

Com base em toda essa argumentação e nas demais evidências que serão apresentadas neste capítulo, não há como não acreditar na existência do Jesus histórico, um personagem pluralista, em contraposição ao Jesus mítico, literalmente interpretado como um personagem altamente exclusivista, o único Deus encarnado, o único Filho de Deus, o único salvador da humanidade, o único nascido miraculosamente de um parto virginal, um personagem totalmente mítico, lendário.

Em suma, defendo a tese de que o “Jesus histórico” é um personagem real, somente homem, um profeta, um sábio, que nos ensinou a amar o próximo, mas que foi, contudo, mitificado, isto é, transformado, ao longo da história, no “Cristo da fé”, que é um mito pagão e solar historicizado, ou seja, um mito que é literalmente interpretado, pela maioria dos cristãos, como história real e exclusiva do cristianismo, o que não é verdade, mas mentira sobre Jesus.

PALAVRAS E AÇÕES AUTÊNTICAS DE JESUS NOS EVANGELHOS SINÓPTICOS

Com base nas pesquisas do Seminário de Jesus (SJ), cujo objetivo principal é separar fato histórico de mito, apresentarei, nas próximas seis seções, algumas das principais palavras e ações autênticas de Jesus nos Evangelhos sinópticos (Marcos, Mateus e Lucas).

Segundo as pesquisas do SJ, os Evangelhos sinópticos (Marcos, Mateus e Lucas) são os que mais contêm palavras e ações autênticas do Jesus histórico, em contraposição ao Evangelho de João, o qual não contém quase nada referente ao Jesus histórico, mas apenas ao Jesus mítico ou mitológico. Ou seja, o Evangelho de João, interpretado historicamente, é o mais pobre de todos, mas, interpretado simbolicamente, gnosticamente, é o mais rico de todos, como veremos no Capítulo 4 deste livro.

Para avaliar a historicidade ou não das palavras e ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos, os pesquisadores do SJ analisaram 1.500 frases atribuídas a Jesus nos Evangelhos, fazendo uso das seguintes quatro categorias (e quatro cores correspondentes) em suas avaliações:

1ª categoria – frases e/ou ações **muito provavelmente históricas – cor vermelha;**

2ª categoria – frases e/ou ações **provavelmente históricas – cor rosa;**

3ª categoria – frases e/ou ações **provavelmente não históricas – cor cinza;**

4ª categoria – frases e/ou ações **quase certamente não históricas – cor preta.**

As palavras e ações autênticas de Jesus, nos Evangelhos sinópticos, que serão apresentadas nas próximas seis seções, receberam, na avaliação do SJ, **cor vermelha ou rosa – muito provavelmente históricas, provavelmente históricas.**

PALAVRAS AUTÊNTICAS DE JESUS NO EVANGELHO DE MARCOS

- 1) “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes” (Marcos 2,17).
- 2) “Podem os amigos do noivo jejuar enquanto o noivo está com eles? Enquanto o noivo está com eles, não podem jejuar” (Marcos 2,19).
- 3) “Ninguém põe vinho novo em odres velhos; caso contrário, o vinho estourará os odres, e tanto o vinho como os odres, ficam inutilizados. Mas, vinho novo em odres novos!” (Marcos 2,22).

- 4) “Então lhes disse: ‘O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado; de modo que o Filho do Homem é senhor até do sábado’” (Marcos 2,27-28).
- 5) “Ninguém pode entrar na casa de um homem forte e roubar os seus pertences, se primeiro não o amarrar; só então poderá roubar a sua casa” (Marcos 3,27).

- 6) [**A parábola do semeador**] “Escutai: Eis que o semeador saiu a semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram. Outra parte caiu em solo pedregoso e, não havendo terra bastante, nasceu logo, porque não havia terra profunda, mas ao surgir o sol, queimou-se, e, por não ter raiz, secou. Outra parte caiu entre os espinhos; os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa, e produziu fruto que foi crescendo e aumentando; de modo que produziu trinta, sessenta e cem por um” (Marcos 4,3-8).

NOTA: Segundo alguns estudiosos das religiões, a **parábola do semeador** não é de autoria exclusiva de Jesus, uma vez que esta mesma parábola já havia sido contada por Buda, cerca de 600 anos antes de Cristo (cf. HARPUR, 2008, p. 46). Também a interpretação alegórica da **parábola do semeador** (Marcos 4,13-20), em que a semente simboliza a palavra de Deus, também não é de autoria de Jesus, mas do evangelista Marcos ou da comunidade cristã anterior a Marcos. Essa explicação é fornecida pelos integrantes do SJ. Esses mesmos pesquisadores do SJ esclarecem que Marcos e outros cristãos do movimento cristão primitivo reconheciam que as parábolas de Jesus eram difíceis de serem compreendidas, pelo fato de serem contadas em linguagem figurada, metafórica, alegórica. Por isso mesmo, nem os próprios discípulos de Jesus entenderam o seu significado alegórico. Como consequência, as interpretações eram necessárias. Por essa razão, Marcos, ou algum discípulo antes dele, argumentou que os discípulos de Jesus sabiam o que as parábolas significavam – sabiam o segredo do Reino de Deus – enquanto os de fora não entendiam nada. Por isso, o evangelista Marcos anexou uma explicação alegórica da parábola do semeador, para mostrar o significado simbólico da semente como a Palavra de Deus (cf. FUNK, Robert W., HOOVER, Roy W., & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 55-56).

- 7) “Quem traz uma lâmpada para colocá-la debaixo do alqueire ou debaixo de uma cama? Não a traz, ao invés, para colocá-la no candelabro?” (Marcos 4,21)

- 8) **[A parábola da semente que germina por si só]:** “O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra; ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. A terra por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, a espiga cheia de grãos. Quando o fruto está no ponto, imediatamente se lhe *lança a foice, porque a colheita chegou*” (Marcos 4,26-29).
- 9) **[A parábola do grão de mostarda]:** “Como iremos comparar o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos? É como um grão de mostarda, o qual, quando é semeado na terra – sendo a menor de todas as sementes da terra –, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e deita grandes ramos, a tal ponto que *as aves do céu se abrigam à sua sombra*” (Marcos 4,30-32).
- 10) “E Jesus lhes dizia que não há profeta sem honra, exceto em sua pátria, em sua parentela e em sua casa” (Marcos 6,4).
- 11) “Ouvi-me todos, e entendei! Nada há no exterior do homem que, penetrando nele, o possa tornar impuro; mas o que sai do homem, isso é o que o torna impuro” (Marcos 7,14-15).
- 12) “O sal é bom. Mas se o sal se tornar insípido, como retemperá-lo?” (Marcos 9,50)
- 13) “Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus” (Marcos 10,14).
- 14) “Como é difícil a quem tem riquezas entrar no Reino de Deus!” (Marcos 10,23)
- 15) “O que é de César, devolvi a César; o que é de Deus, a Deus” [“Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”] (Marcos 12,17).
- 16) “Guardai-vos dos escribas que gostam de circular com togas, de ser saudados nas praças públicas, e de ocupar os primeiros lugares nas sinagogas e os lugares de honra nos banquetes” (Marcos 12,38-39).

AÇÕES AUTÊNTICAS DE JESUS NO EVANGELHO DE MARCOS

- 1) **Jesus foi batizado por João Batista:** “Aconteceu, naqueles dias, que Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no Rio Jordão” (Marcos 1,9).

- 2) **Jesus curou a sogra de Pedro:** “A sogra de Simão estava de cama com febre, e eles [Tiago e João] imediatamente o mencionaram a Jesus. Aproximando-se, ele a tomou pela mão e a fez levantar-se. A febre a deixou e ela se pôs a servi-los” (Marcos 1,30-31).
- 3) **Jesus curou um leproso:** “Um leproso foi até ele, implorando-lhe de joelhos: ‘Se queres, tens o poder de purificar-me’. Movido de compaixão, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: ‘Eu quero, sê purificado’. E logo a lepra o deixou. E ficou purificado” (Marcos 1,40-42).
- 4) **Jesus curou um paralítico:** “Vieram trazer-lhe um paralítico, transportado por quatro homens. E como não pudessem aproximar-se por causa da multidão, abriram o teto à altura do lugar onde ele se encontrava, e, tendo feito um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico. [...] O paralítico levantou-se e, imediatamente, carregando o leito, saiu diante de todos, de sorte que ficaram admirados e glorificaram a Deus dizendo: ‘Nunca vimos coisa igual!’ ” (Marcos 2,3-5; 12).
- 5) **Jesus pregava para uma grande multidão de pessoas no mar da Galileia:** “E tornou a sair para a beira-mar, e toda a multidão ia até ele, e ele os ensinava” (Marcos 2,13).
- 6) **Jesus comia com os pecadores:** “Os escribas dos fariseus, vendo-o comer com os pecadores e os publicanos, disseram aos discípulos dele: Por que ele come com os publicanos e pecadores?” (Marcos 2,16)
- 7) **Jesus ensinava muitas coisas por meio de parábolas:** “E outra vez começou a ensinar junto ao mar. Veio até ele multidão muito numerosa, de modo que ele subiu e sentou-se num barco que estava no mar. E todo o povo estava na terra, junto ao mar. E ensinava-lhes muitas coisas por meio de parábolas” (Marcos 4,1-2).
- 8) **Jesus curou uma mulher que tinha um fluxo de sangue:** “Ora, uma mulher que havia doze anos tinha um fluxo de sangue, [...] aproximou-se dele, por detrás, no meio da multidão, e tocou-lhe as vestes. [...] e logo estancou a hemorragia. E ela sentiu no corpo que estava curada de sua enfermidade” (Marcos 5,25-29).
- 9) **Jesus ensinava na sinagoga:** “Vindo o sábado, começou ele a ensinar na sinagoga e numerosos ouvintes ficavam maravilhados, dizendo: ‘De onde lhe vem tudo isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais milagres por suas mãos? Não é este o filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E as

suas irmãs não estão aqui entre nós?’ E escandalizavam-se dele” (Marcos 6,2-3).

10) Jesus foi crucificado: “Então o crucificaram” (Marcos 15,24).

PALAVRAS AUTÊNTICAS DE JESUS NO EVANGELHO DE MATEUS

- 1) “Bem-aventurados os *pobres* em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mateus 5,3).
- 2) “Bem-aventurados os *afritos* porque serão consolados” (Mateus 5,4).
- 3) “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mateus 5,6).
- 4) “Assume logo uma atitude conciliadora com o teu adversário, enquanto estás com ele no caminho, para não acontecer que o adversário te entregue ao juiz e o juiz ao oficial de justiça e, assim, sejas lançado na prisão, Em verdade te digo: dali não sairás, enquanto não pagares o último centavo” (Mateus 5,25-26).
- 5) “Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau; antes, àquele que te fere na face direita oferece-lhe também a esquerda; e àquele que quer pleitear contigo, para tomar-te a túnica, deixa-lhe também a veste; e se alguém te obriga a andar uma milha, caminha com ele duas. Dá ao que te pede e não voltes as costas ao que te pede emprestado” (Mateus 5,39-42).
- 6) “Amai os vossos inimigos” (Mateus 5,44).
- 7) “(Deus) faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos. Com efeito, se amais aos que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem também os publicanos a mesma coisa?” (Mateus 5,45-46)
- 8) “Quando deres uma esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita” (Mateus 6,3).
- 9) [A oração do Pai-Nosso]: “Pai-Nosso, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino. O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje, Perdoanos as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores” (Mateus 6,9-12).
- 10) “Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mateus 6,24).

- 11) “Por isso vos digo: Não vos preocupeis com a vossa vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa? Olhai as aves do céu; não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros. E, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta. Ora, não valeis vós mais do que elas? Quem dentre vós, com as suas preocupações, pode prolongar, por pouco que seja, a duração da sua vida? E com a roupa, por que andais preocupados? Aprendei dos lírios do campo, como crescem, e não trabalham e nem fiam. E, no entanto, eu vos asseguro que nem Salomão, em todo o seu esplendor, se vestiu como um deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje e amanhã será lançada ao forno, não fará ele muito mais por vós, homens fracos na fé?” (Mateus 6,25-30)
- 12) “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois todo o que pede, recebe; o que busca acha e ao que bate se lhe abrirá. Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? Ou lhe dará uma cobra, se este lhe pedir peixe? Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedem!” (Mateus 7,7-11)
- 13) “Por acaso colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos cardos?” (Mateus 7,16)
- 14) “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mateus 8,20).
- 15) “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes” (Mateus 9,12).
- 16) “Sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas” (Mateus 10,16).
- 17) “Não se vendem dois pardais por um asse? E, no entanto, nenhum deles cai em terra sem o consentimento do vosso Pai! Quanto a vós, até mesmo os vossos cabelos foram todos contados. Não tendes medo, pois valeis mais do que muitos pardais” (Mateus 10,29-31).
- 18) “Se eu expulso os demônios por Beelzebu, por quem os expulsam os vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós. Ou como pode alguém entrar na casa de um forte e roubar os seus pertences, se primeiro não o amarrar? Só então poderá roubar a sua casa” (Mateus 12,27-29).

- 19) “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? [...] Aqui estão a minha mãe e os meus irmãos, porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mateus 12,48-50).
- 20) **[A parábola do semeador]**: “Eis que o semeador saiu a semear e, ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho e as aves vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Logo, brotou, porque a terra era pouco profunda. Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra ainda caiu entre os espinhos. Os espinhos cresceram e a abafaram. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto à razão de cem, sessenta e trinta por um” (Mateus 13,3-8).
- 21) **[A parábola do grão de mostarda]**: “O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce é maior do que qualquer hortaliça e torna-se árvore, a tal ponto que as aves do céu se abrigam nos seus ramos” (Mateus 13,31-32).
- 22) **[A parábola do fermento]**: “O Reino dos Céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e pôs em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado” (Mateus 13,33).
- 23) **[As parábolas do tesouro e da pérola]**: “O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido no campo; um homem o acha e torna a esconder e, na sua alegria, vai e vende tudo o que possui e compra aquele campo. O Reino dos Céus é ainda semelhante a um negociante que anda em busca de pérolas finas. Ao achar uma pérola de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra” (Mateus 13,44-46).
- 24) “Não há profeta sem honra, exceto em sua pátria e em sua casa” (Mateus 13,57).
- 25) “Ouvi e entendei! Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isto sim, o torna impuro” (Mateus 15,10-11).
- 26) **[A ovelha desgarrada]**: “Que vos parece? Se um homem possui cem ovelhas e uma delas se extravia, não deixa ele as noventa e nove nos montes e vai à procura da extraviada? Se consegue achá-la, em verdade vos digo, terá maior alegria nela do que nas noventa e nove que não se extraviaram” (Mateus 18,12-13).

27) **[A parábola do devedor implacável]:** “Eis porque o Reino dos Céus é semelhante a um rei que resolveu acertar contas com os seus servos. Ao começar o acerto, trouxeram-lhe um que devia dez mil talentos. Não tendo este com que pagar, o senhor ordenou que o vendessem, juntamente com a mulher e os filhos e todos os seus bens, para o pagamento da dívida. O servo, porém, caiu aos seus pés e, prostrado, suplicava-lhe: ‘Dá-me um prazo e eu te pagarei tudo.’ Diante disso, o senhor, compadecendo-se do servo, soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Mas, quando saiu dali, este servo encontrou um dos seus companheiros de servidão, que lhe devia cem denários e, agarrando-o pelo pescoço, pôs-se a sufocá-lo e a insistir: ‘Paga-me o que deves.’ O companheiro, caindo aos seus pés, rogava-lhe: ‘Dá-me um prazo e eu te pagarei.’ Mas ele não quis ouvi-lo; antes, retirou-se e mandou lançá-lo na prisão até que pagasse o que devia. Vendo os companheiros de servidão o que acontecera, ficaram muito penalizados e, procurando o senhor, contaram-lhe todo o acontecido. Então o senhor mandou chamar aquele servo e lhe disse: ‘Servo mau, eu te perdooi toda a tua dívida, porque me rogaste. Não devias, também tu, ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?’ Assim, encolerizado, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que pagasse toda a sua dívida” (Mateus 18,23-34).

28) “Há eunucos que nasceram assim, desde o ventre materno. E há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens. E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus” (Mateus 19,12).

29) “Deixai as crianças e não as impeçais de virem a mim, pois delas é o Reino dos Céus” (Mateus 19,14).

30) “Devolvei o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus” (Mateus 22,21).

AÇÕES AUTÊNTICAS DE JESUS NO EVANGELHO DE MATEUS

- 1) **Jesus veio da Galileia até o Rio Jordão para ser batizado:** “Nesse tempo, veio Jesus da Galileia ao Jordão à procura de João [Batista], a fim de ser batizado por ele” (Mateus 3,13).
- 2) **Jesus retornou à Galileia depois da prisão de João:** “Ao ouvir que João tinha sido preso, ele voltou para a Galileia” (Mateus 4,12).
- 3) **Jesus ensinava e curava:** “Jesus percorria toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curan-

do toda e qualquer doença ou enfermidade do povo. O seu renome espalhou-se por toda a Síria, de modo que lhe traziam todos os que eram acometidos por doenças diversas e atormentados por enfermidades, bem como endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curava. Seguiam-no multidões numerosas vindas da Galileia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia e da região além do Jordão” (Mateus 4,23-25).

NOTA: Os pesquisadores do Seminário de Jesus nos esclarecem que esses versículos de Mateus, embora não possam ser todos tomados ao pé da letra, contêm as seguintes ações autênticas do Jesus histórico: a) sua pregação na Galileia sobre o Reino de Deus; b) a sua cura de várias pessoas doentes e c) a sua expulsão dos chamados “demônios” naquela época (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 271).

- 4) **Jesus curou um leproso:** “De repente, um leproso se aproximou e se prostrou diante dele, dizendo: ‘Senhor, se queres, tens poder para purificar-me’. Ele estendeu a mão e, tocando-o, disse: ‘Eu quero, sê purificado’. E imediatamente ele ficou livre de sua lepra” (Mateus 8,2-3).
- 5) **Jesus curou a sogra de Pedro:** “Entrando Jesus na casa de Pedro, viu a sogra deste, que estava de cama e com febre. Logo tocou-lhe a mão e a febre a deixou. Ela se levantou e pôs-se a servi-lo” (Mateus 8,14-15).
- 6) **Jesus comia com os pecadores:** “Aconteceu que, estando ele à mesa em casa de Mateus, vieram muitos publicanos e pecadores e se assentaram à mesa e comiam com Jesus e seus discípulos. Os fariseus, vendo isto, perguntaram aos discípulos: ‘Por que come o vosso Mestre com os publicanos e os pecadores?’” (Mateus 9, 10-11)
- 7) **Jesus curou uma mulher com fluxo de sangue:** “Certa mulher que sofria de um fluxo de sangue fazia doze anos, aproximou-se dele por trás e tocou-lhe a orla da veste. Jesus, voltando-se e vendo-a, disse-lhe: ‘Ânimo, minha filha, a tua fé te salvou’. Desde aquele momento, a mulher ficou curada” (Mateus 9,20-22).
- 8) **Jesus passou, num sábado, pelas plantações:** “Por esse tempo, Jesus passou, num sábado, pelas plantações. Os seus discípulos, que estavam com fome, puseram-se a colher espigas e a comê-las” (Mateus 12,1).

PALAVRAS AUTÊNTICAS DE JESUS NO EVANGELHO DE LUCAS

- 1) “Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria” (Lucas 4,24).
- 2) “Os sãos não têm necessidade de médico e sim os doentes” (Lucas 5,31).
- 3) “Acaso podeis fazer que os amigos do noivo jejuem enquanto o noivo está com eles?” (Lucas 5,34)
- 4) “Ninguém põe vinho novo em odres velhos; caso contrário, o vinho novo estourará os odres, derramar-se-á, e os odres ficarão inutilizados. Coloque-se, antes, vinho novo em odres novos. Não há quem, após ter bebido vinho velho, queira do novo” (Lucas 5,37-39).
- 5) “Bem-aventurados vós, *os pobres*, porque vosso é o Reino de Deus” (Lucas 6,20).
- 6) “Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados” (Lucas 6,21).
- 7) “Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir” (Lucas 6,21).
- 8) “Amai os vossos inimigos” (Lucas 6,27).
- 9) “A quem te ferir numa face, oferece a outra; a quem te arrebatara a capa, não recuses a túnica” (Lucas 6,29).
- 10) “Dá a quem te pedir” (Lucas 6,30).
- 11) “Se amais os que vos amam, que mérito alcançais? Pois até mesmo os pecadores amam aqueles que os amam” (Lucas 6,32).
- 12) “Perdoai, e vos será perdoado” (Lucas 6,37).
- 13) “Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Mas que fostes ver? Um homem vestido com vestes finas? Ora, os que usam vestes suntuosas e vivem em delícias estão nos palácios reais” (Lucas 7,24-25).
- 14) **[A parábola do semeador]**: “O semeador saiu a semear sua semente. Ao semeá-la, uma parte da semente caiu ao longo do caminho, foi pisada e as aves do céu a comeram. Outra parte caiu sobre a pedra, e, tendo germinado, secou por falta de umidade. Outra caiu no meio dos espinhos, e os espinhos, nascendo com ela, abafaram-na. Outra parte, finalmente, caiu em terra fértil, germinou e deu fruto ao cêntuplo” (Lucas 8,5-8).

- 15) “Ninguém acende uma lâmpada para a cobrir com um recipiente, nem para colocá-la debaixo da cama; ao contrário, coloca-a num candelabro, para que aqueles que entram, vejam a luz. Pois nada há de oculto que não se torne manifesto, e nada em segredo que não seja conhecido e venha à luz do dia” (Lucas 8,16-17).
- 16) “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lucas 9,58).
- 17) “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus” (Lucas 9,60).
- 18) **[A parábola do bom samaritano]**: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por este caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando este lugar, viu-o, e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’ ” (Lucas 10,30-35).
- 19) “Quem dentre vós, se tiver um amigo e for procurá-lo no meio da noite, dizendo: ‘Meu amigo, empresta-me três pães, porque chegou de viagem um dos meus amigos e nada tenho para lhe oferecer’, e ele responder de dentro: ‘Não me importunes; a porta já está fechada, e meus filhos e eu já estamos na cama; não posso me levantar para dá-los a ti’; digo-vos, mesmo que não se levante para dá-los por ser amigo, levantar-se-á ao menos por causa da sua insistência, e lhe dará tudo aquilo de que precisa” (Lucas 11,5-8).
- 20) “Também eu vos digo: Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, acha; e ao que bate, se abrirá” (Lucas 11,9-10).
- 21) “Todo reino dividido contra si mesmo acaba em ruínas, e uma casa cai sobre outra. Ora, até mesmo Satanás, se estiver dividido contra si mesmo, como subsistirá seu reinado? Vós dizeis que é por Beelzebu que eu expulso os demônios; ora, se é por Beelzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsam os vossos filhos? Assim, eles mesmos serão os vossos juízes. Contudo, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós. Quando um homem forte e bem armado guarda

- sua moradia, seus bens ficarão a seguro; todavia, se um mais forte o assalta e vence, tira-lhe a armadura, na qual confiava, e distribui os seus despojos” (Lucas 11,17-22).
- 22) “Quando um espírito imundo sai de um homem, perambula em lugares áridos, procurando repouso, mas não o encontrando, diz: ‘Voltarei para minha casa, de onde saí’. Chegando lá, encontra-a varrida e arrumada. Diante disso, vai e toma outros sete espíritos piores do que ele, os quais vêm habitar aí. E com isso a condição final torna-se pior do que antes” (Lucas 11,24-26).
- 23) “Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la em lugar escondido ou debaixo do alqueire, e sim sobre o candelabro, a fim de que os que entram vejam a luz” (Lucas 11,33).
- 24) “Ai de vós, fariseus, que apreciáis o primeiro lugar nas sinagogas e as saudações nas praças públicas!” (Lucas 11,43).
- 25) “Nada há de encoberto que não venha a ser revelado, nem de oculto que não venha a ser conhecido” (Lucas 12,2).
- 26) “Não se vendem cinco pardais por dois asses? E, no entanto, nenhum deles é esquecido diante de Deus! Até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não tendes medo: pois valeis mais do que muitos pardais.” (Lucas 12,6-7).
- 27) **[A parábola do fazendeiro rico]**: “A terra de um rico produziu muito. Ele, então, refletia: ‘Que hei de fazer? Não tenho onde guardar minha colheita’. Depois pensou: ‘Eis o que vou fazer: vou demolir meus celeiros, construir maiores, e lá hei de recolher todo o meu trigo e os meus bens. E direi à minha alma: Minha alma, tens uma quantidade de bens em reserva para muitos anos; repousa, come, bebe, regala-te’. Mas Deus lhe diz: ‘Insensato, nessa mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, de quem serão?’” (Lucas 12,16-20).
- 28) **[Abandonar-se à Providência]**: “Por isso vos digo: Não vos preocupeis com a vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o corpo, quanto ao que haveis de vestir. Pois a vida é mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa. Olhai os corvos; eles não semeiam nem colhem, não têm celeiro nem depósito; mas Deus os alimenta. Quanto mais valeis vós do que as aves! Quem dentre vós, com as suas preocupações, pode prolongar por um pouco a duração de sua vida? Portanto, se até as coisas mínimas ultrapassam o vosso poder, por que preocupar-vos com as outras? Considerai os lírios, como não fiam nem tecem. Contudo, eu vos asseguro que

nem Salomão, com todo o seu esplendor, se vestiu como um deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje e amanhã será lançada no forno, quanto mais a vós, homens fracos na fé!” (Lucas 12,22-28).

- 29) “Com efeito, enquanto te diriges com teu adversário em busca do magistrado, esforça-te por entrar em acordo com ele no caminho, para que ele não te arraste perante o juiz, o juiz te entregue ao executor, e o executor te ponha na prisão. Eu te digo, **não sairás de lá antes de pagares o último centavo**” (Lucas 12,58-59) (negrito meu).
- 30) [A **parábola da figueira estéril**]: “Contou ainda esta parábola: ‘Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha. Veio a ela procurar frutos, mas não encontrou. Então disse ao viticultor: ‘Há três anos que venho buscar frutos nesta figueira e não encontro. Corta-a; por que há de tornar a terra infrutífera?’ Ele, porém, respondeu: ‘Senhor, deixa-a ainda este ano para que eu cave ao redor e coloque adubo. Depois, talvez, dê frutos. Caso contrário, tu a cortarás.’” (Lucas 13,6-8).
- 31) [A **parábola do grão de mostarda**]: “A que é semelhante o Reino de Deus e a que hei de compará-lo? É semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e lançou em sua horta; ele cresce, torna-se árvore, e *as aves do céu se abrigam em seus ramos*” (Lucas 13, 18-19).
- 32) [A **parábola do fermento**]: “A que compararei o Reino de Deus? É semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado” (Lucas 13, 20-21).
- 33) “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não conseguirão” (Lucas 13, 24).
- 34) [Os **convidados que recusam o banquete**]: “Um homem deu um grande jantar e convidou a muitos. À hora do jantar, enviou seu servo para dizer aos convidados: ‘Vinde, está tudo pronto’. Mas todos, unânimes, começaram a se desculpar. O primeiro disse: ‘Comprei um terreno e preciso vê-lo; peço-te que me dês por escusado’. Outro lhe disse: ‘Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me consideres escusado’. E outro lhe disse: ‘Casei-me, e por esta razão não posso ir’. Voltando, o servo relatou tudo ao seu senhor. Indignado, o dono da casa disse ao servo: ‘Vai depressa pelas praças e ruas da cidade, e introduz aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos’. Disse-lhe o servo: ‘Senhor, o

que mandaste já foi feito, e ainda há lugar'. O dono da casa disse então ao servo: 'Vai pelos caminhos e trilhas e obriga as pessoas a entrarem, para que a minha casa fique repleta' " (Lucas 14, 16-23).

- 35) **[Renunciar ao que temos de mais caro]:** "Se alguém vem a mim e não odeia pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo" (Lucas 14,26).

NOTA: Esse versículo recebeu cor rosa (=provavelmente histórico) na avaliação dos pesquisadores do SJ. Eles explicam que esta frase, que pode ter sido "ofensiva", quando foi dita por Jesus, quer apenas expressar que os laços de parentes são insignificantes em relação ao reino de Deus (cf. FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 353).

- 36) **[Não se tornar insosso]:** "O sal é bom. Porém, se ele se tornar insosso, com que se há de temperar? Não presta para a terra, nem é útil para estreme: jogam-no fora" (Lucas 14,34-35).

- 37) **[Três parábolas de misericórdia: a) A parábola da ovelha perdida]:** "Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu, até encontrá-la? E achando-a, alegre a coloca sobre os ombros e, de volta para casa, convoca os amigos e os vizinhos, dizendo-lhes: 'Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida!'" (Lucas 15,4-6).

- 38) **[Três parábolas de misericórdia: b) A parábola da dracma perdida]:** "Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas e perder uma, não acende uma lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la? E encontrando-a, convoca as amigas e vizinhas, e diz: 'Alegrai-vos comigo!'" (Lucas 15,8-9).

- 39) **[Três parábolas de misericórdia: c) A parábola da "filho pródigo"]:** "Um homem tinha dois filhos. O mais jovem disse ao pai: 'Pai, dá-me a parte da herança que me cabe.' E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, ajuntando seus haveres, o mais jovem partiu para uma região longínqua, dissipando sua herança numa vida devassa.

E gastou tudo. Sobreveio à região uma grande fome e ele começou a passar privações. Foi, então, empregar-se com um dos homens da região, que o mandou para os campos cuidar dos porcos. Ele queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas

ninguém lhas dava. E caindo em si, disse: Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome! Vou embora, procurar o meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados.’ Partiu, então, e foi ter com o pai.

Ele estava ainda ao longe, quando o pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se ao pescoço, cobrindo-o de beijos. O filho, então, disse: ‘Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho;’ Mas o pai disse aos servos: ‘Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o novilho cevado e matai-o. Comamos e festejemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!’ E começaram a festejar.

O filho mais velho estava no campo. Quando voltava, já perto de casa ouviu músicas e danças. Chamando um servo, perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe disse: ‘É teu irmão que voltou e teu pai matou o novilho cevado, porque o recuperou com saúde.’ Então ele ficou com muita raiva, e não queria entrar. O pai saiu para suplicar-lhe. Ele, porém, respondeu ao pai: ‘Há tantos anos que eu te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com os meus amigos. Contudo, veio este teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, e para ele matas o novilho cevado!’

Mas o pai lhe disse: ‘Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois este teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!’ ” (Lucas 15,11-31).

NOTA: As três parábolas de misericórdia, narradas no Capítulo 15 do Evangelho de Lucas (**a parábola da ovelha perdida; a parábola da dracma perdida e a parábola do “filho pródigo”**) não receberam cor vermelha, mas cor rosa, na avaliação histórica dos pesquisadores do Seminário de Jesus, pelas seguintes razões: Essas três parábolas estão unidas pela prática de Jesus de confraternizar-se com os “pecadores” arrependidos e cada uma dessas três parábolas está relacionada com algo perdido e encontrado. A parábola do **“filho pródigo”** tem a seguinte explicação simbólica, alegórica: O Pai representa Deus, o filho mais jovem representa os pagãos, enquanto o filho mais velho representa os judeus ou os fariseus. Uma vez que esta parábola se presta muito bem para ex-

pressar essa interpretação alegórica e para ajustar-se aos objetivos temáticos e estruturais do Evangelho de Lucas, nem todos os integrantes do SJ avaliaram-na como sendo de autoria do Jesus histórico, mas que ela foi certamente criada por Lucas ou pela Igreja primitiva (cf. FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 357).

- 40)[**O administrador infiel**]: “Um homem rico tinha um administrador que foi denunciado por estar dissipando os seus bens. Mandou chamá-lo e disse-lhe: ‘Que é isto que ouço dizer de ti? Presta contas da tua administração, pois já não podes mais ser administrador!’ O administrador então refletiu: ‘que farei, uma vez que meu senhor me retire a administração? Cavar? Não posso. Mendigar? Tenho vergonha. Já sei o que vou fazer para que, uma vez afastado da administração, tenha quem me receba na própria casa.’ Convoçou então os devedores de seu senhor um a um, e disse ao primeiro: ‘quanto deves ao meu senhor?’ Cem barris de óleo’, respondeu ele. Disse então: ‘Toma tua conta, senta-te e escreve depressa cinquenta.’ Depois, disse a outro: ‘E tu, quanto deves?’ – ‘Cem medidas de trigo,’ respondeu. Ele disse: ‘Toma tua conta e escreve oitenta.’ E o senhor louvou o administrador desonesto por ter agido com prudência” (Lucas 16,1-8).

AÇÕES AUTÊNTICAS DE JESUS NO EVANGELHO DE LUCAS

- 1) “Jesus voltou então para a Galileia, impulsionado pelo Espírito” (Lucas 4,14).
- 2) “Desceu então a Cafarnaum, cidade da Galileia” (Lucas 4,31).
- 3) “A sogra de Simão [Pedro] estava com febre alta, e pediram-lhe por ela. Ele se inclinou para ela, conjurou severamente a febre e esta a deixou; imediatamente ela se levantou e se pôs a servi-los” (Lucas 4,38-39).
- 4) “[Um leproso] vendo a Jesus, caiu com o rosto por terra e suplicou-lhe: ‘Senhor, se queres, tens o poder de purificar-me’. Ele estendeu a mão e, tocando-o, disse: ‘Eu quero. Sê purificado!’ E imediatamente a lepra o deixou” (Lucas 5,12-13).
- 5) “Depois disto, saiu, viu um publicano, sentado na coletoria de impostos.” (Lucas 5,27).
- 6) “Certo sábado, ao passarem pelas plantações, seus discípulos arrancavam espigas e as comiam, debulhando-as com as mãos. Al-

guns fariseus disseram: ‘Por que fazeis o que não é permitido em dia de sábado?’” (Lucas 6,1-2)

- 7) “Depois disso, ele andava por cidades e aldeias, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus” (Lucas 8,1).
- 8) “Certa mulher, porém, que sofria de um fluxo de sangue, fazia doze anos, e que ninguém pudera curar, aproximou-se por detrás e tocou a extremidade de sua veste; no mesmo instante, o fluxo de sangue parou” (Lucas 8,43-44).
- 9) “E entrando no Templo, começou a expulsar os vendedores” (Lucas 19,45).

ENSINAMENTOS AUTÊNTICOS DO JESUS HISTÓRICO

Com base nos dados das últimas seis seções, sobre as palavras e ações autênticas do Jesus histórico, nos Evangelhos sinópticos, podemos concluir que o Jesus histórico ensinou-nos que, para entramos no “Reino de Deus”, ou melhor, para “evoluirmos espiritualmente”, é preciso vivermos o amor, a caridade, o igualitarismo, sem discriminar nem excluir ninguém, pois quem discrimina o próximo não o ama. Ele nos ensinou que devemos amar até mesmo os nossos inimigos e também nos ensinou a oração mais ecumênica do mundo, o Pai-Nosso, uma oração sem dogmas de fé, que pode ser rezada por seguidores de qualquer religião, e resumiu toda a sua doutrina verdadeira no chamado *Sermão da Montanha*, em três longos capítulos do Evangelho de Mateus (capítulos 5, 6 e 7), que serão sintetizados na próxima seção deste capítulo.

Convém notar, porém, que, nas últimas seis seções, sobre as palavras e ações autênticas do Jesus histórico, nos Evangelhos sinópticos, os pesquisadores do Seminário de Jesus não incluem nada no Evangelho de João sobre os ensinamentos autênticos de Jesus. Nesse ponto, discordo do SJ, pois o Evangelho de João, embora seja o mais pobre sobre o Jesus histórico, contém, sim, várias passagens sobre os seus ensinamentos autênticos. Por isso, vou citar nesta seção alguns versículos do Evangelho de João que, no meu entender, expressam **o código de moral universal autenticamente ensinado pelo Jesus histórico.**

A doutrina central do “Jesus histórico”, repito, não é a da “salvação” gratuita pelo derramamento de seu sangue na cruz, mas a de nossa libertação ou evolução espiritual, mediante **a prática de um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor-caridade**, como bem expresso no Evangelho de João “Um Novo Mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros” (João 13,34). “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13,35). “Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros” (João 15,17). “Mestre, qual é o grande mandamento da Lei? Ele respondeu: *“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Deses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”* (Mateus 22, 36-40; ver também Lucas 10,27).

Discordo, portanto, dos pesquisadores do SJ ao defenderem a tese de que esses versículos não são de autoria do Jesus histórico. Na minha visão, essas passagens bíblicas expressam a verdadeira religião pluralista ensinada e vivida pelo Jesus histórico: **uma religião essencialmente moral, moral religiosa**, a qual foi substituída posteriormente pelos dogmas e mitos exclusivistas e divisionistas do cristianismo dogmático.

Em suma, o Jesus histórico resumiu toda a sua doutrina no mandamento do **amor-caridade**.

A SÍNTESE DA DOUTRINA DE JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA

Resumirei nesta seção, em doze itens, a síntese da doutrina autêntica do Jesus histórico no Sermão da Montanha:

1. **A humildade e o desapego:** “Bem-aventurados os pobres em espírito!” (Mateus 5,3), ou seja, felizes os humildes e desapegados dos bens materiais.
2. **A pureza da alma ou espírito:** “Bem-aventurados os puros de coração” (Mateus 5,8).
3. **A mansidão:** “Bem-aventurados os mansos.” (Mateus 5,4).
4. **A caridade:** “Bem-aventurados os misericordiosos” (Mateus 5,7).

5. **A justiça:** “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mateus 5,6).
6. **A paz:** “Bem-aventurados os que promovem a paz” (Mateus 5,9).
7. **O sofrimento:** “Bem-aventurados os aflitos” (Mateus 5,5). “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça” (Mateus 5,10).
8. **O amor aos inimigos:** “Amai os vossos inimigos” (Mateus 5,44).
9. **A oração pelos perseguidores:** “Orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5,44).
10. **A reconciliação e o perdão:** “Se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta” (Mateus 5,23-24).
11. **A reencarnação:** “Ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado através de múltiplas (re)encarnações, ensinamento este que nega radicalmente três verdades do cristianismo dogmático: 1) o dogma cristão do inferno eterno; 2) a crença na unicidade de nossa existência no plano físico e 3) o sacramento católico da confissão.
12. **A oração ecumênica do Pai-Nosso:** “Pai-Nosso que estás nos céus, santificado seja o teu Nome, venha o teu Reino, seja realizada a tua Vontade na terra como é realizada nos Céus. O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos exponhas à tentação, mas livra-nos do mal” (Mateus 6, 9-13).

Antes de encerrar esta seção, quero recomendar aos meus leitores a leitura do melhor livro que já li sobre o Sermão da Montanha, intitulado *O Segredo das Bem-Aventuranças: uma leitura do Sermão da Montanha*, de autoria do escritor espírita José Lázaro Boberg, publicado pela Editora EME, Capivari-SP, no ano 2009 (BOBERG, 2009a). É uma obra gigantesca, que enfatiza, em quase cada página, a verdade fundamental (defendida também por Huberto Rohden e por muitos outros escritores), segundo a qual todos nós somos portadores da *chama divina* (o *Eu divino em cada um de nós*, o *nosso Cristo interno*) que habita dentro de cada um de nós, ou seja, **Deus está dentro de nós**. Mas para evoluirmos espiritualmente e

sermos felizes, é preciso entrarmos constantemente em *sintonia* com a chama divina que habita dentro de nós, e para entrarmos em sintonia com o *Eu divino* dentro de nós só existe um caminho: **a vivência das virtudes ensinadas por Jesus no Sermão da Montanha, um código divino de moral (ou de ética) universal, resumido na Lei do Amor.**

Sobre a imensa riqueza espiritual e ecumênica do **Pai-Nosso**, oração autenticamente ensinada por Jesus, recomendo a leitura do livro “A Oração Pode Mudar Sua Vida”, do mesmo autor espírita José Lázaro Boberg, publicado pela Editora EME, Capivari-SP, no ano 2009 (BOBERG, 2009b), e, para quem souber inglês, recomendo a leitura do vigésimo sexto livro de John Dominic Crossan, idealizador e cofundador do Seminário de Jesus, intitulado “*The Greatest Prayer: rediscovering the revolutionary message of THE LORD’S PRAYER*” (‘A Maior Oração: redescobrimo a mensagem revolucionária do PAI-NOSSO’), publicado no ano passado (CROSSAN, 2010). Nessa obra, Crossan defende a ideia de que o Pai-Nosso é uma oração ecumênica e que, portanto, pode ser rezada por seguidores de todas as religiões. Nada nesta oração é exclusivo do cristianismo. O Pai-Nosso, mesmo sendo a oração cristã mais conhecida, é, porém, inteiramente de origem judaica. O termo chave desta oração é a palavra hebraica “Abba” (“Pai”) – a metáfora para Deus como “Chefe de Família”.

Para concluir esta seção, à luz da filosofia espírita da fé raciocinada e da história das religiões, reafirmo que o **cristianismo do Jesus histórico** (o “cristianismo das origens”), resumido no *Sermão da Montanha*, é a única forma de religiosidade capaz de unir todas as religiões e todas as pessoas deste planeta, enquanto o cristianismo dogmático e mítico dos cristãos, fundado por Paulo de Tarso, nunca uniu (nem terá jamais condições de unir) a cristandade e a humanidade, uma vez que ele está dividido em centenas (para não dizer “milhares”) de igrejas e seitas, todas se digladiando e cada uma considerando-se a única dona da verdade.

Repito que somente o amor-caridade será capaz de nos redimir de nossos erros, em múltiplas (re)encarnações, neste e em outros planetas, e não o sangue de Cristo derramado na cruz. O que nos

salva, o que nos liberta, o que nos faz evoluir espiritualmente, é somente a prática do amor-caridade, e não a fé em Cristo morto e ressuscitado, como defende erroneamente o cristianismo dogmático (paulinista), há dois mil anos, religião que se considera, segundo Paulo de Tarso, “**a coluna e o fundamento da verdade**” (1 Timóteo 3,15) (negrito meu).

INTERPRETAÇÃO PLURALISTA DA PREGAÇÃO DE JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA

A pregação básica de Jesus, no *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7), sintetizada na seção anterior deste livro, não se refere a ensinamentos exclusivos do Jesus histórico, uma vez que quase todos os ensinamentos contidos no *Sermão da Montanha*, resumidos na Lei do Amor, já haviam sido pregados por outras religiões antes de Cristo.

É inegável, por exemplo, a grande semelhança entre os **ensinamentos morais do hinduísmo** e os do **código de moral (ou de ética) universal**, autenticamente ensinados por Jesus no *Sermão da Montanha*, tais como:

- a bondade,
- a retidão,
- o amor ao próximo,
- a retribuição do mal com o bem,
- o desapego,
- a caridade,
- a humildade,
- a esperança,
- o perdão,
- a renúncia das riquezas,
- a união com Deus etc. (cf. SCHURÉ, p. 54-58)

Como afirma o escritor Tom Harpur,

Não há nada nesse “estatuto da cristandade” [o *Sermão da Montanha*] supostamente único que não possa ser achado em textos anteriores,

seja nas escrituras hebraicas (o Antigo Testamento), no Talmude, no Midrash (narrativas de tradição oral hebraica), na Mishná (outro tipo de tradição oral) e, muito antes disso, nos ensinamentos do Egito antigo. Por exemplo, “amar o próximo como a si mesmo” é o ensinamento principal do Jesus dos Evangelhos. Mas, abrindo o Livro do Levítico 19:18, por exemplo, descobrimos que ele fazia parte da tradição judaica havia séculos: “Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; **mas amarás o teu próximo como a ti mesmo.**” Os aforismos do Livro dos Provérbios, que muitas vezes têm afinidade com seus antecessores egípcios, também deixam claro que devemos praticar o bem, isto é, tratar com bondade todas as pessoas, inclusive nossos inimigos (HARPUR, 2009, p. 118) (negrito meu).

Inegavelmente, existem também muitas semelhanças entre a doutrina de Buda e a de Jesus. A doutrina básica do budismo é a de que toda a vida é sofrimento, mas o sofrimento passa, tudo passa, tudo é ilusão, tudo é aparência. E o caminho para vencer o sofrimento é a renúncia aos desejos e prazeres deste mundo ilusório; o caminho é mudar o coração, esvaziando-o de todo desejo, de todo desapego, de toda ilusão.

Essa foi também a moral evangélica básica pregada por Jesus no *Sermão da Montanha*, expressa, por exemplo, na seguinte passagem de Mateus:

Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os destroem, mas ajuntai para vós tesouros nos céus, onde nem a traça nem o caruncho destroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam. (Mateus 6, 19-20)

Como estamos vendo, os ensinamentos morais de Buda e os de Jesus são muito semelhantes, para não dizer idênticos. Ambos pregam a renúncia, o desapego e o correto modo de agir. Ambos pregam aquilo que é essencial para o ser humano evoluir espiritualmente: uma vida correta, pensamentos corretos (puros), ações e palavras corretas etc., tudo isso como instrumentos necessários para atingir o estado de libertação (o estado de iluminação ou de Buda). Jesus também dizia: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mateus 5,8). Em suma, tanto Jesus como Buda ensinaram a prática de uma vida correta, pura e cheia de amor,

a fim de que o homem se liberte das cadeias que o prendem a este mundo de ilusões e de aparências enganadoras.

Além dessas semelhanças incontestáveis entre os ensinamentos morais de Buda e os de Jesus, devo ainda destacar o fato de que ambos foram *pluralistas*, *reencarnacionistas* e *antifundamentalistas* (cf. PAULA, p. 45).

CRISTIANISMO DO JESUS HISTÓRICO X CRISTIANISMO DO JESUS MÍTICO

Muitos espíritas e diversos outros espiritualistas costumam adotar uma distinção um tanto polêmica, mas muito importante, sobretudo do ponto de vista macroecumênico, entre duas modalidades antagônicas de cristianismo: 1) o “cristianismo de Jesus” (do **Jesus que é só homem**), chamado também de o “cristianismo das origens”, o qual consiste, essencialmente, num **código de moral (ou de ética) universal**, resumido na lei do amor, pluralista, unificador, no dizer de Allan Kardec, “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo), e 2) o “cristianismo dos cristãos” (o cristianismo do **Jesus que é Deus e homem**), caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou mitos) exclusivistas e divisionistas, fragmentado em centenas de igrejas, seitas e denominações, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história. Por isso mesmo, essa modalidade de cristianismo é também rotulada de “cristianismo mítico”, uma vez que é fundamentada muito mais em mitos do que em fatos históricos.

Indubitavelmente, o cristianismo mítico dos cristãos sempre dividiu (e continua dividindo) a cristandade e a humanidade, enquanto o “cristianismo de Jesus” (chamado também de “cristianismo de Cristo”) é o único que tem realmente condições de unir a todos, uma vez que, sem a prática do **código de moral (ou de ética) universal**, também denominado por Allan Kardec de “código divino” (KARDEC, *ibid.*), autenticamente ensinado pelo Jesus histórico, jamais poderá haver

união e paz na cristandade e na humanidade. (Os termos “moral” e “ética” são usados em meus livros ecumênicos no sentido de um conjunto de princípios universais de boa conduta humana.)

O PAPA DO JESUS HISTÓRICO

John Dominic Crossan, por ser o maior pesquisador do mundo sobre o Jesus histórico, é rotulado, apropriadamente, pelo escritor Vitor Gagliardo de o “**O PAPA DO JESUS HISTÓRICO**” (cf. Revista SUPER Interessante, edição 250, março/2008, p. 17-18).

Conforme já sabemos, mas convém repetir, John Dominic Crossan foi o idealizador e cofundador do **Seminário de Jesus** (*The Jesus Seminar*), instituição de pesquisadores, iniciada nos Estados Unidos, em 1985, que vem dando plena continuidade à pesquisa em busca do Jesus histórico.

John Dominic Crossan é Professor emérito da Universidade DePaul, Chicago (EUA), e é autor de 26 livros sobre o Jesus histórico.

Mas o que significa a expressão “Jesus histórico”? Resposta dada por Crossan:

Nosso esforço é o de separar o que, nos textos bíblicos, é fato histórico e o que é parábola religiosa. [...] Se as parábolas sobre Jesus fossem tomadas literalmente, nós teríamos sérios erros. [...] As histórias que contam a infância de Jesus não devem ser entendidas ao pé da letra. Dizer que Herodes matou as crianças em Belém para matar Jesus, como está em *Mateus*, é uma parábola. É afirmar que ele é o novo Moisés e Herodes é o novo faraó do *Antigo Testamento* (Revista SUPER Interessante, março/2008, p. 17-18).

HISTÓRIA RELEMBRADA X PROFECIA HISTORICIZADA

John Dominic Crossan, em sua obra *Quem Matou Jesus? As Raízes do Antissemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus* (CROSSAN, 1995a), também esclarece que é preciso distinguir, no Novo Testamento, **História Relembrada** de **Profecia Historicizada**. Mas qual a distinção entre “História Relembrada” e “Profecia Historicizada”? Crossan esclarece que “História Relembrada” refere-se a fatos, enquanto “Profecia Historicizada”

refere-se a narrativas inventadas pelos primeiros cristãos para fazer cumprir determinadas escrituras do Antigo Testamento.

Com base nessa distinção, Crossan afirma que os relatos da paixão-ressurreição de Jesus são aproximadamente apenas 20% “História Relembrada” e 80% são “Profecia Historicizada”.

Concluindo esta seção, concordo plenamente com John Dominic Crossan – **“O PAPA DO JESUS HISTÓRICO”** – ao fazer, em seus numerosos livros, a fundamental distinção entre *fato histórico* e *parábola religiosa*, bem como a crucial distinção entre *história relembrada* e *profecia historicizada*, alertando-nos para o perigo de se interpretar “parábolas” como “fatos históricos” e “profecias historicizadas” como “histórias relembradas” (ou seja, como fatos históricos reais), como tem feito a grande maioria dos cristãos ao longo de dois mil anos.

O QUE REALMENTE SABEMOS SOBRE O JESUS HISTÓRICO?

Para encerrar este capítulo sobre o modo histórico de ver Jesus, refletimos sobre a resposta dada a esta pergunta pelos integrantes do Seminário de Jesus, no livro *“The Acts of Jesus”* (p. 527-534), que traduzirei a seguir:

O que sabemos sobre as ações de Jesus? O que sabemos sobre a imaginária figura de Jesus retratada em mais de vinte evangelhos ou em fragmentos evangélicos que sobreviveram desde a antiguidade?

A breve resposta é que não sabemos muito sobre o Jesus histórico. Mas há algumas histórias que provavelmente preservam memórias históricas distantes, e podemos inferir alguns feitos a partir de suas parábolas e aforismos. [...]

FATOS BÁSICOS SOBRE JESUS

Estamos bastante seguros de que uma pessoa chamada Jesus de Nazaré existiu, de fato, na História, apesar dos pontos de vista de alguns céticos segundo os quais todas as histórias sobre Jesus são puro mito. Acreditamos que Jesus começou sua vida pública como um discípulo de João Batista, que ele se afastou de João Batista em al-

gum momento e retornou à Galileia onde iniciou sua própria missão como um sábio itinerante. Acreditamos que ele falou sobre o Reino soberano de Deus em parábolas e frases curtas (aforismos), atraindo muitos seguidores. Acreditamos também que ele tenha sido um curador carismático e exorcista, e que fora por fim condenado à morte pelos romanos (e não pelos judeus), por volta do ano 30 d.C. Paulo de Tarso, que se tornou um discípulo, depois da morte de Jesus, proclamou que o Jesus ressuscitado apareceu-lhe numa visão e que ele tinha também aparecido a Simão Pedro, um dos primeiros seguidores de Jesus. Além desses escassos fatos históricos, existe pouquíssima informação detalhada sobre a vida de Jesus. Contudo, é fácil imaginar uma história que junta esses fatos em uma única narrativa sequencial. Os evangelistas fizeram exatamente isso, ao narrar de forma sequencial, os fatos referentes à história de Jesus e o que sua vida significou para eles. Os autores evangélicos usaram as Escrituras e suas próprias convicções como guias para elaborar uma história que explicasse a morte de um virtuoso herói sofredor.

O estudioso da Bíblia que adota o papel de historiador, e não de teólogo, classificará os fatos delineados como “muito provavelmente históricos”. Probabilidade é a categoria com a qual os historiadores devem trabalhar ao verificar os relatos antigos de palavras e ações atribuídas a Jesus. Os Evangelhos preservam outros relatos de eventos e atividades típicas que são “provavelmente históricos” ou que, embora não sejam exatos em detalhes, contenham alguma informação histórica. Uma terceira categoria consiste em relatos que são “provavelmente não históricos” – aqueles que preservam não mais do que uma vaga lembrança histórica ou contêm informação não confiável. Ainda outros relatos são muito provavelmente o produto da imaginação de algum contador de histórias e, portanto, de pouca utilidade para estabelecer fatos. Essas quatro categorias – muito provavelmente histórico, provavelmente histórico, provavelmente não histórico, e quase certamente não histórico – correspondem às quatro cores – vermelho, rosa, cinza, preto – usadas pelos pesquisadores do Seminário de Jesus em seus procedimentos de votação.

O TEMPO EM QUE JESUS VIVEU

O tempo em que Jesus viveu está relacionado com o reinado do rei Herodes, o Grande (37- 4 a.C.), época em que Jesus presumivelmente nasceu. Também temos o nome de Herodes Antipas, tetrarca de 4 d.C. até 39 d.C., que governou a Galileia no tempo em que Jesus viveu e decapitou João Batista; e temos também o nome de Pôncio Pilatos, o

procurador romano (26-36 d.C) sob o qual Jesus foi crucificado. Jesus, portanto, viveu num período histórico ligado a uma data anterior à morte de Herodes, por um lado, e no fim do mandato de Pilatos, no ano 36 d.C., por outro.

O LUGAR ONDE JESUS VIVEU

O lugar onde Jesus viveu foi a Palestina, que consistia, na sua época, da Galileia ao norte e da Judeia ao sul. Dividindo essas duas províncias, havia o território da Samaria, pelo qual Jesus pode ter ocasionalmente passado em suas idas e vindas a Jerusalém. Ele pode também ter viajado através da região do rio Jordão, por sua margem leste, uma vez que, como outros peregrinos judeus, ele pode ter escolhido evitar contato com samaritanos hostis ao atravessar repetidamente o rio Jordão nas peregrinações para a Cidade Santa.

A cidade natal de Jesus foi a Galileia semipagã, cujos habitantes, por serem de sangue mestiço e abertos à influência estrangeira, não eram bem vistos pelos judeus da região sul. Uma vez que Jesus era um judeu, ele pertencia ao grupo étnico que agora chamamos mais apropriadamente de judeus, os antepassados dos atuais judeus.

A FIGURA HISTÓRICA DE JOÃO BATISTA

João Batista foi quase certamente uma figura histórica. Jesus parece ter sido atraído pelo movimento de João Batista, em algum período antes da inauguração de sua própria missão pública. Os integrantes do Seminário de Jesus e outros eruditos geralmente consideram que Jesus foi muito provavelmente batizado por João Batista. Os estudiosos também acreditam que Jesus abandonou João Batista e iniciou sua própria trajetória na Galileia, e que outros seguidores de João também o abandonaram e se tornaram discípulos de Jesus. Estes acontecimentos não podem ter sido inventados pelos apologistas cristãos.

João Batista era popular com as pessoas. Herodes Antipas prendeu João por ele ter criticado seu casamento com Herodíades e porque João era uma ameaça ao seu controle político do povo. Herodes Antipas decapitou João na fortaleza de Machaerus localizada na Pereia, a leste do rio Jordão.

JESUS FOI UM SÁBIO ITINERANTE

Jesus foi evidentemente um sábio itinerante, viajando de um lugar para outro, ensinando, curando e vivendo de doações. Jesus foi um personagem ativo durante seu trabalho público nas cidades e nas aldeias da Galileia, mas nenhuma menção é feita nos Evangelhos escritos de atividade comparável nas cidades gregas daquela mesma região. Ele e seus seguidores, diferentemente de João Batista, não praticaram o batismo no início.

JESUS, SEUS PARENTES, DISCÍPULOS, INIMIGOS E AS MULTIDÕES

Não temos certeza se Jesus deliberadamente formou um grupo de discípulos, mas é certo que seguidores, incluindo mulheres, reuniam-se ao seu redor. Sabemos os nomes de alguns desses seguidores, tais como Simão Pedro, Tiago e João, os filhos de Zebedeu, carinhosamente conhecidos como os “filhos do trovão”, cujas próprias histórias são vagas no melhor das hipóteses. Em seguida, também sabemos os nomes de algumas mulheres seguidoras de Jesus, tais como Maria Madalena, que pertencia ao seu grupo de seguidores e que posteriormente desempenhou um papel lendário muito importante. Além desses poucos nomes, cujos perfis biográficos são vagos, dispomos de pouquíssima informação consistente.

Maria era o nome da mãe de Jesus. Jesus teve quatro irmãos cujos nomes foram Tiago, José, Judas e Simão (Marcos 6,3). De acordo com o Evangelho de Marcos, a mãe de Jesus e seus irmãos foram originalmente céticos a respeito da missão de Jesus, mas depois tornaram-se parte do movimento cristão (Marcos 3,21, 31; João 7,5; Atos 1,4; 1 Coríntios 9,5). Jesus também teve irmãs (Marcos 6,3; Mateus 13,56). José foi provavelmente o nome do pai de Jesus.

Jesus era popular com as pessoas, embora os evangelistas tendam a exagerar essa popularidade. Contudo, Jesus não era bem recebido em sua cidade natal. Ele também sofria oposição por parte de algumas autoridades religiosas, tanto na Galileia como em Jerusalém, embora a maior parte da controvérsia nos Evangelhos entre aderentes da nova seita e o judaísmo possa refletir condições posteriores, subseqüentes à destruição de Jerusalém e do Templo (70 d.C), quando a igreja nascente estava competindo com a sinagoga.

Não sabemos quanto tempo durou a vida pública de Jesus, mas as narrativas evangélicas implicam um período relativamente curto, de um a três anos. Como um ato final, Jesus foi para Jerusalém, onde ou

falou ou agiu contra o Templo e as suas autoridades, e foi executado pelos romanos.

JESUS COMO UM DIVERGENTE SOCIAL

Estamos convictos de que Jesus foi um divergente social, pois ele regularmente violava os códigos sociais vigentes na sua sociedade. Ele se unia abertamente com os párias sociais, com os “cobradores de impostos e com os pecadores”. Não rejeitava alimentos impuros conforme a lei judaica. Sugeriu que não é o que entra no corpo de uma pessoa, mas o que sai do seu corpo, que a torna impura. Jesus não praticava o jejum e, ocasionalmente, violava as leis sabáticas. Também não cumpria outras leis judaicas de pureza, por exemplo, lavar as mãos antes de comer. Vivia em desavenças com sua família; Defendia adotar “verdadeiros parentes” como parte de sua família estendida.

Essas características são derivadas de nove histórias de pronunciamento que foram coloridas com vermelho ou rosa; todas essas nove histórias envolvem controvérsias sobre os assuntos mencionados acima.

HABILIDADES LINGUÍSTICAS DE JESUS

A língua nativa de Jesus foi o dialeto do aramaico, falado na Galileia, que os judeus aparentemente podiam distinguir de sua própria forma de fala, como sugerido pela explicação de Mateus na confrontação com Pedro, no pátio, durante o julgamento de Jesus (Mateus 26,73). O Evangelho de Marcos atribui a Jesus várias expressões aramaicas (Marcos 5,41; 7,34; 14,36; 15,34). Não sabemos se Jesus sabia ler e escrever; o relato de Jesus lendo na sinagoga um texto de Isaías (Lucas 4, 16-30) pode muito bem ser apenas uma ficção inventada por Lucas, o autor do terceiro Evangelho. A história da mulher apanhada num ato de adultério retrata Jesus curvando-se e “escrevendo” na areia, enquanto aqueles que estavam prontos para apedrejá-la começaram a pensar quem entre eles estava sem pecados. Esta história não tem um lugar fixo nos manuscritos evangélicos, aparecendo em vários locais; aparentemente, ela não aparece originalmente em nenhum dos Evangelhos conhecidos, mas pode ser um fragmento de um Evangelho desconhecido. Ela não pode ser tomada como evidência de que Jesus sabia ler e escrever. O leitor crítico deve constantemente estar alerta para os embelezamentos ficcionais nos Evangelhos.

Não sabemos se Jesus conhecia hebraico, em seu tempo apenas uma língua literária. Existe agora evidência de que ele pode ter sido bilíngue; o grego era provavelmente sua segunda língua, aprendida no ambiente pagão que circundava a Galileia, particularmente em Séforis, cidade grega localizada apenas a quatro milhas de sua cidade natal. De qualquer modo, os Evangelhos foram todos escritos em grego e, julgando-os pelo lado poético da maior parte de sua linguagem, parece certo que a tradição de Jesus foi calcada também na língua grega. Se Jesus não soubesse grego, pouquíssimas de suas palavras originais teriam chegado até nós.

JESUS COMO UM EXORCISTA

Os pesquisadores do Seminário de Jesus acreditam que Jesus praticou o exorcismo. Contudo, eles deram aos seis relatos de exorcismo a cor cinza, pelo fato de eles não serem relatos confiáveis de eventos específicos. Contudo, os pesquisadores estão convencidos de que Jesus foi acusado de ser um agente de Beelzebu, o chefe dos demônios (Lucas 11, 15-17) e foi conseqüentemente considerado louco. Houve outros exorcistas no tempo de Jesus, cujos feitos são narrados por Josefo, Filostrato e outros. É preciso esclarecer que a maioria dos pesquisadores do SJ duvida da existência de demônios, mas alguns acreditam na existência de espíritos.

JESUS COMO UM CURADOR

Durante sua vida, Jesus foi considerado um curador. Segundo a visão atual, as curas de Jesus são relacionadas com doenças psicossomáticas. Jesus geralmente curava somente pelo uso de palavras; suas curas eram algumas vezes efetuadas instantaneamente. As Escrituras judaicas (Antigo Testamento) forneciam modelos produtivos para construir histórias de curas sobre Jesus como sendo um médico. Histórias greco-romanas também serviam como modelos para as histórias sobre Jesus.

Dezenove curas (incluindo ressurreições de mortos) são atribuídas a Jesus nos Evangelhos. O Seminário teve dificuldade em encontrar histórias indubitavelmente consideradas como relatos de curas reais. Contudo, a essência de seis histórias recebeu cor rosa na votação do SJ ["provavelmente históricas"], no livro *The Acts of Jesus*. As outras treze curas receberam cor cinza ou preta na votação por cores do SJ.

Os integrantes do SJ acreditam que Jesus realmente curou a sogra de Pedro de uma febre (Marcos 1, 29-31).

Jesus provavelmente curou alguém com erupção cutânea, interpretada na época como lepra (Marcos 1,40-45).

Jesus pode muito bem ter curado um paralisado (Marcos 2,3-12).

É inteiramente plausível que Jesus tenha curado alguma mulher que sofria de um fluxo de sangue vaginal hemorrágico (Marcos 5, 25-34).

O Seminário concluiu que Jesus pode ter curado um cego (como o cego de Betsaida, Marcos 8,22-26; e o cego Bartimeu, Marcos 10,46-52).

As histórias restantes de curas miraculosas, incluindo a ressurreição de Lázaro, a ressurreição do filho da viúva de Naim, o filho/escravo do oficial e a cura da filha de Jairo receberam cores cinza ou preta na avaliação dos pesquisadores do SJ.

MILAGRES NO DOMÍNIO DA NATUREZA

Os pesquisadores do SJ foram incapazes de aprovar qualquer tipo de milagre no domínio da natureza como eventos históricos atribuídos a Jesus, tais como: acalmar uma tempestade, andar sobre a água, alimentar cinco mil homens com alguns pães e peixes, transformar água em vinho, amaldiçoar a figueira estéril e a pesca milagrosa. Todos esses milagres são ficções. Por isso, todos receberam cor preta.

MILAGRES COMO SINAIS DA CHEGADA DO REINO DE DEUS

O Seminário concluiu que, no tempo em que Jesus viveu na Palestina, tanto os fariseus como as demais pessoas em geral esperavam sinais celestes relacionados com a vinda do Reino de Deus. Por isso, muitos interpretavam os milagres de Jesus como fortes sinais da chegada do Reino de Deus. Eles, entretanto, estavam incertos se os fariseus tinham pedido a Jesus algum sinal. Os pesquisadores do SJ acham que Jesus provavelmente se recusou a fornecer sinais celestiais, como insiste Marcos (8,12). Por outro lado, é evidente que os evangelistas e outros contadores de histórias antes deles consideravam os exorcismos, curas e outros feitos miraculosos de Jesus, como sinais da chegada do Reino de Deus.

HISTÓRIAS PLANEJADAS

Marcos inicia seu Evangelho com o aparecimento de João Batista no deserto, o batismo de Jesus por João e o retorno de Jesus para a Galileia, onde ele começa a pregar. O Seminário de Jesus coloriu todas (ou quase todas) essas histórias com a cor vermelha [“muito provavelmente históricas”]. As narrativas das tentações de Jesus no deserto foram coloridas com a cor cinza [“provavelmente não históricas”]: do modo como foram narradas, essas histórias são lendárias, embora elas possam refletir alguma experiência real de Jesus ao pensar sobre sua missão e preparar-se para entrar na vida pública.

As histórias que formam o ponto central do Evangelho de Marcos foram todas coloridas com a cor preta [“quase certamente não históricas”], como projeções das convicções dos primeiros crentes. Essas histórias incluem a confissão de Pedro (Marcos 8,27-30), as predições de Jesus de sua morte (Marcos 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34) e a transfiguração de Jesus (Marcos 9,2-8).

Do mesmo modo, as histórias que formam o ápice das narrativas evangélicas foram predominantemente coloridas com a cor preta [“quase certamente não históricas”].

NARRATIVAS DA PAIXÃO

Os pesquisadores do SJ estão relativamente convictos de que Jesus não entrou em Jerusalém montado num jumento, a fim de declarar que era o Messias, conforme a profecia de Ezequiel (9,9). Eles realmente acham que Jesus pode ter entrado em Jerusalém montado num jumento como um ato simbólico.

Os pesquisadores do SJ acreditam que o incidente do Templo, a prisão de Jesus e sua execução foram todos acontecimentos históricos. Algo que Jesus disse ou fez contra o Templo ocasionou sua prisão. Seus discípulos provavelmente fugiram quando Jesus foi preso. Ele foi levado ao sumo sacerdote, que, por sua vez, o entregou a Pilatos para o julgamento. Pilatos provavelmente condenou Jesus imediatamente. Não é justo o conteúdo do julgamento, mas o fato de um julgamento que carece de fundamento histórico. O SJ chegou à conclusão de que a maior parte da narrativa do julgamento de Jesus foi criada com base no Salmo 2.

Jesus foi provavelmente chicoteado, de acordo com a prática romana, e depois crucificado. Contudo, as narrativas desses acontecimentos foram tão fortemente influenciadas por acontecimentos paralelos nas Escrituras judaicas e por textos proféticos, incluindo os Salmos, que não podemos extrair informações seguras sobre elas. Como consequência, a maioria dos detalhes recebeu cor preta.

A afirmação de que os romanos foram inocentes da morte de Jesus, e de que os judeus é que foram os responsáveis, é pura propaganda cristã.

A conspiração contra Jesus e o papel de Judas, bem como o próprio Judas, são provavelmente ficções. A história da negação de Pedro é uma ficção. Os dois julgamentos são ficções; Lucas acrescentou um terceiro julgamento perante Herodes, que também é uma ficção. O escárnio pode ser uma ficção. Simão de Cirene é uma ficção. O sepultamento de Jesus é uma ficção realizada por uma personalidade ficcional, José de Arimateia.

NARRATIVAS DA RESSURREIÇÃO

Os integrantes do SJ votaram com cor vermelha [“narrativa muito provavelmente histórica”] a afirmação de Paulo de que Jesus lhe apareceu, uma vez que Paulo faz essa afirmação em benefício de si próprio. Eles votaram com cor rosa a afirmação de que Jesus apareceu a Pedro, uma vez que o relato de Paulo em 1Coríntios é um relato não original. As outras aparições narradas em 1Coríntios (15,5-8) receberam do SJ votação cinza ou preta.

As histórias do túmulo vazio em todos os Evangelhos receberam cor preta pelos pesquisadores do SJ. Os relatos mais antigos dos Evangelhos não contêm nenhuma história de aparecimento de Cristo ressuscitado. A ressurreição real de Jesus é retratada somente no Evangelho [apócrifo] de Pedro, e, como uma ficção, esse relato recebeu cor preta. A história do suborno do guarda [do túmulo] é igualmente uma ficção.

Os integrantes do SJ acreditam que Maria Madalena esteve presente entre as primeiras testemunhas da ressurreição, embora as histórias em Mateus e em João sobre essa aparição de Jesus a Maria Madalena sejam puras ficções. De qualquer modo, Maria Madalena foi considerada uma líder no movimento cristão primitivo juntamente com Pedro e Paulo.

Com base em uma análise fechada de todos os relatos de ressurreição, o SJ decidiu que a ressurreição de Jesus não foi percebida inicial-

mente como dependente do que aconteceu com o seu corpo. O corpo de Jesus provavelmente decompôs-se como todos os outros corpos. A ressurreição de Jesus não foi um acontecimento que ocorreu no primeiro domingo da Páscoa; não foi um acontecimento que poderia ser captado por uma câmera de vídeo.

O Seminário concluiu que não parece ser necessário para os cristãos acreditarem na veracidade literal de qualquer narrativa posterior de aparição de Jesus.

NASCIMENTO E INFÂNCIA

Jesus provavelmente nasceu em Nazaré, sua cidade natal. Lendas posteriores que localizam seu nascimento em Belém foram inventadas para satisfazer uma antiga profecia.

Jesus não nasceu de uma virgem; os pesquisadores do SJ duvidam que Maria tenha concebido Jesus sem relação sexual. O pai de Jesus foi José ou algum outro homem desconhecido que seduziu a jovem Maria [...] .

O recenseamento mundial, a viagem para Belém, a estrela no oriente, os astrólogos [reis magos], a fuga para o Egito e o retorno do Egito, o massacre das crianças, os pastores nos campos e o parentesco com João Batista são tudo ficções cristãs.

As histórias do nascimento e infância de Jesus em Mateus e Lucas foram a última parte da tradição evangélica a ser criada. Elas não foram concebidas, com toda probabilidade, até o final do primeiro século depois de Cristo.

JESUS, MESTRE E SÁBIO

Além desses fatos escassos, nós também temos um compêndio de ensinamentos que consistem de parábolas, aforismos e diálogos, juntamente com alguns ditos espirituosos narrados sobre Jesus por seus primeiros admiradores. As palavras autênticas de Jesus podem ser isoladas, em maior ou menor grau, de outras palavras emprestadas das velhas escrituras ou da sabedoria popular e colocadas em sua boca, e de palavras criadas pelos evangelistas sob a licença poética exercida por contadores de histórias de todo o mundo. O conteúdo do

corpo de palavras autênticas nos diz muito mais sobre Jesus, mesmo que indiretamente.

Entretanto, os fatos esparsos que podemos reunir não produzem de si mesmos um Jesus que é o Cristo da fé cristã. Os autores da fé cristã tradicional são Pedro e Paulo.

REDIMINDO OS MITOS

O integrantes do Seminário de Jesus são profundamente cientes de que os seres humanos não vivem apenas alimentados pelo pão dos fatos. Nós vivemos alimentados também pelos nossos mitos, fantasias – e essas ficções supostamente fazem sentido dentro de um universo complexo de sentidos mesclados de absurdos. Os mitos não são verdadeiros ou inverídicos; eles são vivos ou mortos, conforme diz um dos pesquisadores do SJ. O literalismo nas interpretações bíblicas, ou seja, o mito interpretado literalmente como fato histórico, tem contribuído para estrangular os mitos da tradição cristã. A crítica histórica, como a praticada pelo Seminário de Jesus, tem o objetivo de libertar os mitos evangélicos de sua interpretação literalista, tratando-os não como fatos históricos, mas como lendas e mitos, de modo que possam recuperar sua própria função. Quando os mitos são vistos sob essa perspectiva, talvez novos produtores de mitos e contadores de lendas possam ter voz para celebrar o simples mas duradouro mito de Jesus de Nazaré. (FUNK, Robert W. & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 527-534)

Concluindo este capítulo, estou convicto de que os dados nele apresentados são mais do que suficientes para comprovar a existência do Jesus histórico.

CAPÍTULO 3

A MANEIRA MÍTICA LITERAL DE VER JESUS

Este capítulo, como foi afirmado no Prefácio e na Introdução deste livro, discorda do modo mítico literalista, exclusivista e errôneo de ver Jesus, a maior causa de conflitos e divisões entre cristãos e não cristãos.

O MAL DAS INTERPRETAÇÕES LITERAIS DO JESUS MÍTICO

Os mitos, não me cansarei de repetir, não devem ser interpretados literalmente, mas simbolicamente. Não se deve confundir verdade mítica com verdade histórica.

Como foi dito no final do capítulo anterior,

o literalismo nas interpretações bíblicas, ou seja, o mito interpretado literalmente como fato histórico, tem contribuído para estrangular os mitos da tradição cristã. A crítica histórica, como a praticada pelo Seminário de Jesus, tem o objetivo de libertar os mitos evangélicos de sua interpretação literalista, tratando-os não como fatos históricos, mas como lendas e mitos de rico valor espiritual. Quando os mitos são vistos sob essa perspectiva, talvez novos produtores de mitos e contadores de lendas possam ter voz para celebrar o simples, mas duradouro, mito de Jesus de Nazaré (FUNK, Robert W. & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 534).

No dizer do escritor e ex-pastor anglicano Tom Harpur, “a nossa crença cega no literalismo está matando a religião cristã” (HARPUR, 2008, Quarta capa).

Esse mesmo autor afirma, com razão, que “nunca teremos paz sobre a Terra enquanto o literalismo controlar as religiões” (HARPUR, 2008, p. 194).

Por isso, discordo frontalmente da maneira literalista e exclusivista de ver o Jesus mítico, mas concordo plenamente com o modo simbólico e pluralista de vê-lo, do mesmo modo como concordo com o modo histórico de vê-lo, pois o Jesus histórico, como foi esclarecido no Capítulo 2 deste livro, nos ensinou um código de

moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade capaz de unir todas as crenças e todas as pessoas deste planeta e a única forma de nos fazer evoluir espiritualmente e de nos sintonizar com a chama divina que habita dentro de cada um de nós, isto é, com Deus dentro de nós (“o *Cristo interno*”, “o *Cristo cósmico*”, também chamado no hinduísmo de “*Atman*”).

INTERPRETAÇÃO LITERAL DE JESUS COMO “DEUS ENCARNADO”

Como sempre afirmo em meus livros ecumênicos (e no meu *blog*), a interpretação literal de Jesus como Deus encarnado é o maior erro doutrinário (ou a maior mentira) do cristianismo dogmático. Se este dogma, *literalmente* interpretado, é falso, como, de fato, argumento que o é, falsos são também todos os demais dogmas ou mitos cristãos que dependem dessa crença literal na divindade de Jesus, tais como: a trindade, o nascimento miraculoso de Jesus, sua morte expiatória, sua ressurreição dos mortos, sua unicidade salvífica e da religião (ou igreja) por ele supostamente instituída, seu retorno físico por ocasião do suposto juízo final, o batismo das crianças, a maternidade divina e a virgindade perpétua de sua mãe etc.

Segundo o ponto de vista que defendo, a crença de que Jesus é literalmente Deus encarnado, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, não é uma verdade histórica, mas um mito, por sinal, o mito cristão fundamental, do qual, repito, dependem todos os demais dogmas ou mitos do cristianismo tradicional.

INTERPRETAÇÃO LITERAL DE JESUS COMO O “FILHO DE DEUS”

Os cristãos dogmáticos, fundamentalistas e exclusivistas interpretam Jesus como sendo literalmente o único “Filho de Deus” que se encarnou historicamente neste planeta.

Essa interpretação literal do Jesus mítico é falsa, porque Deus não é literalmente “pai” de ninguém. Simbolicamente (metaforicamente), podemos dizer que Jesus é “Filho de Deus”, mas literalmente,

não, pois Deus, sendo puro espírito, infinito, imaterial, não pode “gerar filho”. Nesse contexto, vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. II) e Porfírio (séc. III) já diziam: “A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha” (apud COMBY, 1996, p. 35).

A grande maioria dos cristãos continua defendendo, contudo, o dogma mítico e errôneo segundo o qual Jesus é *literalmente* “Filho de Deus”, isto é, “Filho de Deus” no sentido *natural*, e não no sentido *analógico* ou *metafórico*.

INTERPRETAÇÃO LITERAL DE JESUS COMO “DEUS O FILHO”

Os cristãos dogmáticos interpretam Jesus literalmente como “Deus o Filho” (Segunda Pessoa da Santíssima Trindade). Argumento que essa crença é falsa, mentirosa, pelas seguintes razões: Em primeiro lugar, porque Jesus, não sendo literalmente “Deus encarnado”, como já vimos, não pode fazer parte da Trindade Divina; em segundo lugar, porque o próprio dogma da Trindade divina é falso, pois o verdadeiro Deus é uno, mas não trino, ou seja, um Deus em três pessoas divinas iguais (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo).

Em terceiro lugar, alguns escritores, por exemplo, José Reis Chaves (cf. CHAVES, 2006, p. 137), bem como o espírita (teólogo e ex-padre católico) Carlos Torres Pastorino, em sua obra (de 8 volumes) *Sabedoria do Evangelho* (cf. PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 12; vol. 3, p. 7), não veem a Trindade Divina como constituída de três PESSOAS, mas de três ASPECTOS: **1º aspecto** = Deus como Espírito Absoluto; **2º aspecto**: Deus como Pai Criador; **3º aspecto**: Deus como Filho Criado.

Nesse sentido de Aspectos (em vez de Pessoas) da Trindade, a ordem da Trindade Cristá não é **Pai, Filho e Espírito Santo**, mas **“Espírito Santo, Pai e Filho”** ou seja, **“Espírito (Deus), Pai (em seu Aspecto de Pai) e Filho (em seu Aspecto de Filho)”** (CHAVES, *ibid.*) (negrito meu).

Nessa concepção da Trindade divina, com a qual concordo plenamente, em Deus não há **PESSOAS**, mas **ASPECTOS** ou **ATRIBUTOS**: “Deus é Espírito, mas possui o Aspecto (ou Atributo) de Pai Criador, bem como o Aspecto (ou Atributo) de Filho Criado (representado por Cristo e por todos nós também filhos de Deus)” (CHAVES, 2006, p. 146). “Deus é Espírito, Luz, Inteligência Suprema, Causa Primária, o Único Ser Incontingente e Amor” (CHAVES, *ibid.*).

A concepção de Aspectos ou Atributos (e não de Pessoas) da Divindade Suprema remonta ao hinduísmo: **Bramã** (ou **Brahman**) – a Divindade Suprema (*impessoal e neutra*) – com seus três Aspectos ou Atributos: **Brama** (o Pai Criador), **Vishnu** ou **Krishna** (o Filho Criado) e **Shiva** (o Espírito Santificador).

A concepção de Aspectos ou Atributos (em vez de Pessoas) da Divindade é bem mais racional do que as concepções antropomórficas e míticas de um Deus uno e trino, isto é, de um Deus em três Pessoas (Pai, Mãe, Filho ou Pai, Filho e Espírito Santo).

Abordarei agora, com John Hick, o surgimento do mito cristão fundamental, segundo o qual Jesus é “Deus o Filho” (Segunda Pessoa da Santíssima Trindade).

No livro *O Mito do Deus Encarnado*, John Hick (cf. HICK, 1977, p. 174-175) explica detalhadamente como surgiu esse mito cristão, com base no encontro da imagem literária e metafórica judaica de “filho de Deus” com a imagem mitológica grega de “Deus o filho”, que deu origem ao dogma cristão da Santíssima Trindade, no qual Jesus foi dogmatizado como sendo “Deus o Filho” (a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade).

John Hick nos dá uma excelente explicação sobre esse encontro das duas culturas (a judaica e a grega), como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer (cf. ANDRADE, 1995, p. 59) que ser “filho de Deus”, na cultura hebraica, não significava literalmente “ser Deus”, mas era um título honorífico, como se infere de João: “A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem **filhos de Deus**” (João 1,12) (negrito meu).

Já na cultura greco-romana, era muito comum a ideia mítica de alguém ser “filho de uma divindade” (no sentido literal da palavra) e

de uma divindade encarnar-se em forma humana – O MITO DO DEUS ENCARNADO – daí ter sido fácil a transição da imagem judaica de “filho de Deus” para a imagem mitológica grega de “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO NUMA PESSOA HUMANA).

Vejam agora como Hick (ibid.) nos esclarece como a velha linguagem metafórica judaica de “filho de Deus” (no sentido adotivo), título geralmente atribuído aos reis de Israel por ocasião de suas coroações (e também atribuído a Jesus pelos cristãos do cristianismo nascente) se transformou, devido ao encontro da cultura judaica com a cultura grega, na figura mitológica de “**Deus o filho**”, fazendo com que Jesus passasse, no cristianismo histórico primitivo, de “filho de Deus” para “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO, SEGUNDA PESSOA DA TRINDADE).

Eis como Hick descreve esse encontro das duas culturas (a judaica e a grega), mediante o qual os cristãos fizeram com que Jesus passasse de “filho de Deus” para “Deus o filho”:

A primitiva comunidade cristã percorreu uma trajetória cultural que se iniciou com o judaísmo e desembocou na cultura helenista do mundo greco-romano. As ideias de deificação e encarnação eram muito comuns na cultura helenista e, quando se encontram com a imagem judaica de “filho de Deus”, essas novas categorias fazem acontecer uma significativa transição na imagem cristã de Jesus: de “filho de Deus” para “Deus o filho”, a segunda pessoa da Trindade (HICK, 1977, p. 175).

Em termos mais claros ainda, o filósofo e teólogo pluralista John Hick (ibid.) explica que,

dentro do próprio judaísmo, a noção de um homem ser chamado “filho de Deus” já existia há muito tempo. O Messias devia ser um rei terreno descendente de Davi e os reis antigos da linhagem de Davi recebiam o título divino de “filho de Deus” ao serem ungidos na posse do cargo: as palavras do Salmo 2,7, “Ele me disse: Tu és meu filho, eu hoje te gerei” foram provavelmente usadas nas cerimônias de coroação. Outro texto-chave é o 2º Livro de Samuel (2Samuel 7,14): “Eu serei para ele um pai, e ele será para mim um filho”, novamente dito a respeito do rei terreno. Portanto, **a linguagem de exaltação que a Igreja inicial aplicou a Jesus já fazia parte da longa tradição judaica** (ibid.) (negrito meu).

INTERPRETAÇÃO LITERAL DO NASCIMENTO VIRGINAL E MIRACULOSO DE JESUS

Segundo a grande maioria dos cristãos, Jesus nasceu miraculosamente de um parto virginal. Argumento que essa crença é um mito, e não uma verdade histórica. A crença literal no nascimento virginal e miraculoso de Jesus, mesmo tendo grande significação espiritual para os cristãos paulinistas, não é um fato histórico, de acordo com as pesquisas atuais de todos os estudiosos críticos do cristianismo.

Historicamente, Jesus nasceu do mesmo modo natural como qualquer um de nós. Afirmar que ele nasceu miraculosamente, por obra e graça do Espírito Santo, é uma verdade mítica que tem um grande valor espiritual para alimentar a fé dogmática e mítica dos cristãos, mas não é uma verdade histórica; é, quando literalmente interpretada, uma grande mentira, que gera muita discriminação entre os cristãos dogmáticos e os membros de outras religiões.

Como afirmam todos os historiadores das religiões, o mito de partos virginais e miraculosos é antiquíssimo, encontrando-se em muitas religiões anteriores ao cristianismo e que, segundo os historiadores das religiões, nascer de uma mãe virgem significava, na antiguidade, que a criança seria um personagem importante. Por isso, os evangelistas, tendo que anunciar aos primeiros cristãos que Jesus era o Messias prometido pelos profetas ao povo de Israel, explicaram-no dizendo que ele nascera de uma mulher virgem, por obra e graça do Espírito Santo.

No dizer do renomado escritor espanhol Pepe Rodríguez, em seu livro *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*,

nascer de uma virgem fecundada por Deus foi um mito pagão difundido em todo o mundo antigo anterior a Jesus. [...] Quando o personagem *anunciado* era de primeira ordem, a mãe era sempre fecundada diretamente por Deus, através de um procedimento milagroso que, fosse ele qual fosse, confirmava claramente o mito da concepção virginal. [...] Todos os grandes personagens, tenham sido eles reis ou sábios – como, por exemplo, os gregos Pitágoras (570-490 a.C.) ou Platão (427-347 a.C.) –, ou se tenham tornado o centro de alguma religião e acaba-

do por ser adorados como “filhos de Deus” (Buda, Krishna, Confúcio ou Lao Tsé) foram mitificados pela posteridade como filhos de uma virgem. Jesus, surgido muito depois, mas destinado a desempenhar um papel semelhante ao que os seus antecessores haviam desempenhado, não podia ter um estatuto inferior ao deles (RODRÍGUEZ, 2001, p. 98; 100-101; 103).

Com base nesses dados históricos, reafirmo que é, de fato, uma grande mentira sobre Jesus, afirmar que ele nasceu miraculosamente, de um parto virginal, por obra do Espírito Santo. Jesus nasceu do mesmo modo natural, como qualquer um de nós.

INTERPRETAÇÃO LITERAL DAS NARRATIVAS SOBRE O NASCIMENTO E A INFÂNCIA DE JESUS

As passagens evangélicas que narram o nascimento e a infância de Jesus não são narrativas históricas, mas parabólicas. Em primeiro lugar, é importante saber que as narrativas sobre o nascimento de Jesus só se encontram nos Evangelhos de Mateus e Lucas, escritos por volta dos anos 80 ou 90 d.C., mas não se encontram nos escritos cristãos mais antigos, como as Epístolas de Paulo, escritas na década de 50 d.C. e o Evangelho de Marcos (o mais antigo de todos), escrito mais ou menos no ano 70 d.C., o que prova que as histórias do nascimento de Jesus não tinham muita importância histórica nem teológica para a cristandade dos primeiros tempos (cf. BORG & CROSSAN, 2008, capítulo 2, p. 39-41).

Em segundo lugar, argumento (com John Dominic Crossan) que as passagens de Mateus e de Lucas que narram o nascimento e a infância de Jesus não são narrativas históricas, mas metafóricas, simbólicas, parabólicas e, portanto, não devem ser interpretadas ao pé da letra, como fatos históricos, mas como *parábolas* e alegorias.

Como foi esclarecido neste livro, dizer, por exemplo, que Herodes mandou matar as crianças em Belém, para matar Jesus, não é uma verdade histórica, mas é, no correto dizer de Crossan, uma *parábola*, para afirmar que Jesus é o novo Moisés e Herodes é o novo faraó do Antigo Testamento (cf. John Dominic Crossan, Revista SUPER Interessante, edição 250, março/2008, p. 17-18).

Nesse sentido, todas as histórias e cenas que Mateus e Lucas narram acerca do nascimento e da infância de Jesus, por exemplo, a manjedoura, a estrela de Belém, os três reis magos, os pastores, os anjos, os cantores, o massacre das crianças pelo rei Herodes, a fuga para o Egito etc., são *parábolas* e, logo, não devem ser interpretadas ao pé da letra. Interpretá-las *literalmente* como fatos históricos é transformar em mentiras as histórias sobre o nascimento e a infância de Jesus.

Em seu livro “O Nascimento do Cristianismo”, John Dominic Crossan afirma que **“os Evangelhos foram escritos pela fé, para a fé e a partir da fé. [...] Os Evangelhos são teologia em vez de história”** (CROSSAN, 2004, p. 61) (negrito meu).

Ora, se os Evangelhos não são, essencialmente, livros de história, mas de fé no Deus-Jesus, interpretá-los ao pé da letra, como verdades históricas absolutas e exclusivas do cristianismo, não deixa de ser uma grande mentira sobre Jesus.

INTERPRETAÇÃO LITERAL DE FRASES EGOÍSTAS E EXCLUSIVISTAS ATRIBUÍDAS A JESUS

Jesus não costumava fazer declarações egoístas e exclusivistas, iniciando diálogos na 1ª pessoa do singular (“EU SOU”). Como esclarecem os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 419) – os evangelistas não receiam pôr na boca de Jesus muitas declarações, **na primeira pessoa do singular** (“Eu sou”), que ele nunca fez, pois ele não costumava iniciar diálogos fazendo afirmações míticas, espiritualmente arrogantes, egoístas e exclusivistas sobre sua pessoa do tipo:

- Eu sou o pão da vida (João 6,35).
- Eu sou a luz do mundo (João 8,12).
- Eu sou o bom pastor (João 10,11).
- Eu sou a ressurreição e a vida (João 11,25).
- Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim (João 14,6).
- Eu sou a verdadeira vide (João 15,1).

Segundo os pesquisadores do SJ, essas declarações exclusivistas são “palavras do evangelista João”, e não “palavras autênticas de Jesus”. João quer provar que Jesus é Deus e, por isso, põe em seus lábios expressões desse tipo, ou atribui a ele várias ações miraculosas no domínio da natureza, como a transformação de água em vinho (João 2,1-10), a multiplicação de pães (João 6,1-15), a caminhada sobre as águas (João 6, 16-21), a pesca milagrosa (João 21, 3-14), a ressurreição de Lázaro (João 11) etc., para provar a divindade de Jesus.

O evangelista João nos diz explicitamente por que é que escreveu a sua obra: “Para credes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (João 20,31).

O estudo crítico dos Evangelhos, realizado pelos pesquisadores do SJ, conclui que declarações, como as que exemplifiquei há pouco, nunca foram “palavras exatas” nem “autênticas” (do ponto de vista de seu conteúdo) ditas pelo “Jesus histórico”, mas palavras típicas e exclusivas do evangelista João para expressar a sua interpretação ou a de sua comunidade acerca da pessoa e missão do “Cristo da fé”, personagem bem distinto do “Jesus histórico”.

Nenhum dos versículos joaninos há pouco citados, por exemplo, aparece nos Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas). Eles são, portanto, criação exclusiva do evangelista João, que, certamente os copiou de literaturas religiosas bem mais antigas do que o cristianismo, pois o Jesus histórico, repito, nunca fez tais declarações exclusivistas e egoístas, que contradizem radicalmente as leis do código de moral universal que ele ensinou aos seus discípulos, como a humildade, o amor, o pluralismo, a igualdade e a fraternidade, sem discriminar ninguém.

Uma prova clara de que os versículos joaninos, há pouco citados, ou seja, de declarações **na primeira pessoa do singular** (“Eu sou”), são cópias feitas pelo evangelista João de literaturas religiosas bem mais antigas do que o cristianismo, é que frases desse tipo já eram supostamente ditas também pelo deus Hórus, do Egito antigo, cerca de quatro ou cinco mil anos antes de Cristo, como nos esclarece o

escritor cristão Tom Harpur (ex-pastor anglicano), nos seguintes termos:

Pense no seguinte: Hórus (*O Ritual: O Livro dos Mortos egípcio*, c. 78) diz: **“Eu sou Hórus em glória”; “Eu sou o Senhor da Luz”; “Eu sou o vitorioso (...) Eu sou o herdeiro do tempo eterno”; “Eu, eu mesmo, sou aquele que conhece os caminhos para o céu”**. Essas frases todas fortemente remanescentes (ou melhor, talvez se devesse dizer proféticas) das palavras de Jesus: “Eu sou a luz do mundo”, e novamente, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. [...] **A “vida” de Jesus nos Evangelhos já estava escrita, em essência, pelo menos 5 mil anos antes da vinda dele**. Um Jesus egípcio ressuscitou dos mortos um Lázaro egípcio em uma Betânia egípcia, na presença de uma Maria e uma Marta egípcias, nas inscrições daquela terra antiga pelo menos 5 mil anos antes da era cristã (HARPUR, 2008, p. 86-89) (negrito meu).

É interessante saber, contudo, que o escritor espírita (e ex-padre católico) Carlos Torres Pastorino, em sua obra “Sabedoria do Evangelho”, argumenta que as declarações na 1ª pessoa do singular (“EU SOU”), atribuídas a Jesus no Evangelho de João, não são de autoria de Jesus, nem do evangelista João, mas do “Cristo cósmico” (“o Cristo interno”, “Deus dentro de nós”) falando através de Jesus. A esse respeito, leiamos o que escreveu o escritor espírita José Lázaro Boberg, em seu livro “O Evangelho de Tomé: O Elo Perdido”:

Pastorino entende que muitas citações do Evangelho [de João], como *Eu sou a luz do mundo*, *Eu sou o pão da vida*, *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*, *Eu sou a videira verdadeira*, entre outras expressões, seriam, na realidade, o *Cristo Interno* falando através de Jesus. O ensinamento, portanto, não parece ser do Jesus carnal, e sim, da divindade, ou seja, Deus (o Cristo interno) fala por intermédio dele. Uma vez integrado, ou, em plena sintonia, Deus – A Lei do Universo – fluía por meio de Jesus. (BOBERG, 2011, p. 33)

Carlos Torres Pastorino, profundo conhecedor de grego e latim, também argumenta que o versículo joanino “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (João 14,6), é uma tradução literal errada do original grego, e que a tradução literal correta seria: **“Eu sou o caminho da Verdade e da Vida”**, e que o sentido real (gnóstico) de todo

o versículo seria este: **“O Eu é o caminho da Verdade e da Vida: ninguém vem ao Pai senão pelo Eu”** (cf. PASTORINO, 1964, vol. 8, p. 7) (negrito meu). Eis suas palavras explicativas:

Sendo o EU de cada um de nós (o Eu profundo) a individuação do CRISTO, a tradução mais perfeita, para evitar qualquer dúvida, é a do sentido real: “O EU é o caminho da Verdade e da Vida”. Em qualquer ser, “que já tenha Espírito., o Eu ou Cristo interno é, sem a menor dúvida, o caminho, o meio, pelo qual se alcança o objetivo da evolução: a Verdade e a Vida. (PASTORINO, 1964, vol. 8, p. 7)

A respeito das traduções literais erradas de versículos como “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (João 14,6), em vez de **“Eu sou o caminho da Verdade e da Vida”**, Pastorino nos esclarece que, em hebraico, duas palavras poderiam estar

unidas pela conjunção “e”, ao invés de o serem pela preposição, como: **“ressurreição E vida”** por **“ressurreição DA vida”**; **“caminho, verdade e vida”**, por **“caminho DA verdade e DA VIDA”** etc. Isto porque, em hebraico, eram colocados dois substantivos, um ao lado do outro, e isto bastava para relacioná-los. (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 8) (negrito meu)

Retornando à minha argumentação contra a interpretação literalista e exclusivista de Jesus ter afirmado ser “o Caminho, a Verdade e a Vida” e que ninguém iria ao Pai a não ser por ele, volto a insistir que o versículo joanino (João 14,6), um dos mais citados em toda a literatura cristã, não é de autoria exclusiva de Jesus. Por isso, faço um forte alerta macroecumênico a respeito desse famoso versículo joanino, segundo o qual Jesus teria afirmado ser O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA. Imaginem quanta discriminação por parte dos cristãos, ao longo de toda a sua história, contra as outras religiões, exatamente com base em interpretações literalistas e exclusivistas dos cristãos, a respeito de passagens evangélicas literalmente interpretadas como sendo de autoria exclusiva de Jesus, como as desse famoso versículo joanino.

Se Jesus é literalmente o caminho, não há outro caminho, ou seja, ficam excluídas automaticamente todas as pessoas que seguem outros líderes religiosos e outras religiões. Nesse sentido, o

slogan tão repetido em minhas obras ecumênicas (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) perde totalmente o seu sentido pluralista, em favor de uma interpretação altamente exclusivista a respeito da pessoa de Jesus.

Imaginem que dois terços da humanidade (hoje cerca de 4 bilhões de seres humanos não cristãos) ficariam todos excluídos, caso passagens evangélicas como João 14,6 e muitas outras fossem realmente de autoria exclusiva de Jesus. Em outras palavras, para os cristãos exclusivistas, baseados nas interpretações literalistas e exclusivistas dos Evangelhos, particularmente no de João, só há um caminho e uma só religião. Se Jesus é a verdade, todos os outros caminhos tornam-se automaticamente “falsos”. Se Jesus é a vida, quem não o segue está “morto”, está “perdido” e “condenado” às penas eternas, conforme a interpretação apocalíptica da maioria dos cristãos.

Esse famoso versículo joanino foi (e continua sendo) a grande lógica para o *slogan* exclusivista: FORA DE JESUS, NÃO HÁ SALVAÇÃO (ou, mais restritamente, FORA DA IGREJA, NÃO HÁ SALVAÇÃO), uma vez que Jesus não apenas seria o caminho, a verdade e a vida, e ninguém iria ao Pai a não ser por ele, mas também teria fundado uma Igreja e entregue exclusivamente a Pedro as chaves do Reino dos Céus (cf. Mateus 16,18-19). A interpretação exclusivista e literalista desse versículo joanino tem apoiado a pretensão do cristianismo institucional de ser “a única fé verdadeira para toda a humanidade” (DRCO, verbete **cristianismo**), todas as demais religiões sendo automaticamente classificadas como “marginais” ou “falsas” (cf. DRCO, p. 379).

É preciso reafirmar também, com base na história das religiões, conforme já vimos neste livro, que o conteúdo do versículo joanino (João 14,6) já havia sido atribuído a outros líderes religiosos do mundo, três ou quatro mil anos antes de Cristo. Por exemplo, na literatura sagrada do hinduísmo, Krishna, o filho de Deus, o verbo encarnado, o primeiro salvador do mundo, nascido miraculosamente (de um parto virginal), cerca de quatro mil anos antes de Cristo, também declarava ser **O CAMINHO, A VIDA E A LUZ DA VERDADE**: “**Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da**

Verdade [...]” (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11) (negrito meu). Hórus (divindade egípcia), cerca de quatro mil anos antes de Cristo, também declarava ser **A LUZ DO MUNDO, O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA** (cf. HARPUR, 2008, p. 93).

Em suma, reafirmo que o conhecidíssimo versículo joanino (João 14,6), literalmente interpretado, e atribuído exclusivamente a Jesus, é, de fato, uma das maiores mentiras do cristianismo dogmático sobre o que Jesus disse.

INTERPRETAÇÃO LITERAL DE FRASES AGRESSIVAS OU VINGATIVAS ATRIBUÍDAS A JESUS

Jesus não é o autor de várias passagens agressivas, vingativas ou apocalípticas atribuídas a ele nos Evangelhos. Argumento (com os pesquisadores do SJ) que as várias passagens agressivas, vingativas ou apocalípticas, atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são de autoria dele, mas dos autores dos Evangelhos, como as que analiso a seguir:

- 1) “Se alguém não permanecer em mim será lançado fora como um ramo de árvore, e secará; tais ramos são recolhidos, lançados ao fogo e se queimam” (João 15,6).

Comentário: A queima de incrédulos durante a Inquisição da Igreja Católica foi baseada, em grande parte, na interpretação literal dessa passagem evangélica apocalíptica falsamente atribuída a Jesus, o qual não foi um religioso agressivo e vingativo. Logo, é mentira atribuir literalmente a Jesus passagens apocalípticas desse tipo.

- 2) “Não penseis que vim trazer paz à Terra: não vim trazer paz, mas uma espada” (Mateus 10,34).

Comentário: Esta é outra passagem chocante atribuída a Jesus, que contradiz frontalmente seu código divino de moral (ou de ética) universal resumido na lei do amor. Logo, essa passagem evangélica não pode ter sido proferida por Jesus.

- 3) “De fato, aquele que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também **o Filho do Homem** se envergonhará dele quando vier na glória do seu Pai com os santos anjos” (Marcos 8, 38; ver também Marcos 13,26; 14,62; Mateus 16,27; Lucas 9,26; 12,8-10; Mateus 10, 32-33) (negrito meu).

Comentário: De acordo com os pesquisadores do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, *The Five Gospels*, p. 77), essa passagem evangélica apocalíptica, atribuída a Jesus, é derivada de Daniel 7 e, por conseguinte, não é de autoria do Jesus histórico, mas posta nos seus lábios pelos escritores do Novo Testamento. Aliás, todos os títulos neotestamentários exclusivistas, míticos e/ou apocalípticos atribuídos a Jesus nos Evangelhos (tais como: **Filho do Homem, Filho de Davi, Filho de Deus, Logos, Senhor.**) são, na sua origem, pré-cristãos, tendo sido posteriormente mudados e adaptados na aplicação feita a Jesus e atribuídos a ele pelos cristãos primitivos.

- 4) “Estando próxima a Páscoa dos judeus, Jesus subiu a Jerusalém. No Templo, encontrou os vendedores de bois, de ovelhas e de pombas e os cambistas em suas bancas. Tendo feito um chicote de cordas, expulsou todos do Templo, com as ovelhas e os bois; lançou ao chão o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas e disse aos que vendiam pombas: ‘Tirai tudo isto daqui; não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio’ ” (João 2, 13-16).

Comentário: Em primeiro lugar, de acordo com os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, *The Acts of Jesus*, p. 373-374), existe uma forte contradição entre a narrativa de João e as dos Evangelhos sinópticos quanto ao contexto e ao conteúdo dessa passagem evangélica: no Evangelho de João, ela ocorre quase no início da vida pública de Jesus, enquanto nos Evangelhos sinópticos ela ocorre na última semana de vida pública de Jesus, ou seja, na Semana da Paixão de Cristo; em segundo lugar, o modo de Jesus falar e o que ele diz nesse episódio diferem muito entre a passagem de João e as dos outros evangelistas. Os pesquisadores do SJ acham que Jesus pode ter, de fato, feito algumas críticas ao culto do Templo, sobretudo contra a comercialização feita nele, mas não que ele tenha ficado com “raiva” e tenha feito um “chicote” e expulsado “todos” do Templo, pois o Templo era enorme e continha milhares de fiéis durante as grandes festas. Se ele tivesse tentado expulsar “todos” do Templo, ele teria sido preso. Essa passagem evangélica, portanto, interpretada toda ao pé da letra, como fato histórico, é mais uma grande mentira sobre Jesus.

- 5) “Se alguém escandalizar um desses pequeninos que creem, melhor seria que lhe enfiassem pelo pescoço a mó que os jumentos movem e o atirassem ao mar” (Marcos 9, 42).

Comentário: Este versículo apocalíptico, conforme esclarecem os pesquisadores do SJ, era um provérbio usado pelos judeus em vários contextos, muito tempo antes da vinda de Jesus, mas que foi erroneamente atribuído exclusivamente a ele pelos autores dos Evangelhos sinóticos.

- 6) “E se a tua mão te escandalizar, corta-a: melhor é entrares mutilado para a Vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena [=para o inferno eterno], para o fogo inextinguível” (Marcos 9, 43-44).

Comentário: As passagens evangélicas apocalípticas que atribuem a Jesus a sua pregação do “inferno eterno”, “fogo eterno”, “castigo eterno”, “penas eternas” (tradução do termo hebraico “geena”) não são de autoria de Jesus, mas dos evangelistas.

- 7) “Aquele, porém, que me renegar diante dos homens, também o renegarei diante de meu Pai que está nos Céus” (Mateus 10,33).

Comentário: Jesus, que ensinou o amor até aos inimigos, não poderia ter sido um profeta vingativo. Logo, essa passagem bíblica apocalíptica também não é de autoria de Jesus.

- 8) “Na verdade eu vos digo: tudo será perdoado aos filhos dos homens, os pecados e todas as blasfêmias que tiverem proferido. Aquele, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, não terá remissão para sempre. Pelo contrário, é culpado de um pecado eterno” (Marcos 3,28-29; Mateus 12,32; Lucas 12,10).

Comentário: Eu pergunto (com o escritor judeu Francimar de Oliveira, ao ler e revisar este livro): “Por que o pecado contra o Pai e o Filho poderão ser perdoados, mas o pecado contra o Espírito Santo, não? O Espírito Santo é maior do que o Pai? O dogma cristão não proclama a igualdade das três pessoas divinas?” Essa passagem evangélica (contraditória e apocalíptica) não é de autoria de Jesus, mas dos evangelistas, com a finalidade de defenderem a doutrina apocalíptica do inferno eterno e a controversa divindade do Espírito Santo (Terceira Pessoa da Trindade). Outro argumento contra a referida passagem evangélica: Se o pecado contra o Espírito Santo não tem perdão, o sacramento católico da confissão, ou seja, do perdão gratuito de todos os nossos pecados, perde totalmente o seu sentido, pois quem peca contra o Espírito Santo não será perdoado. Quantas contradições e mentiras nos Evangelhos, quando interpretados literalmente!

- 9) “De manhã, ao voltar para a cidade, [Jesus] teve fome. E vendo uma figueira à beira do caminho, foi até ela, mas nada encontrou, senão folhas. E disse à figueira: ‘Nunca mais produzas fruto!’ E a figueira secou no mesmo instante” (Marcos 11,12-14; Mateus 21,18-19.).

Comentário: Eu pergunto (com os pesquisadores do SJ): “Como poderia Jesus ter amaldiçoado uma figueira por estar infrutífera fora de estação?” Essa passagem evangélica, interpretada literalmente, é, portanto, completamente absurda, mentirosa e, logo, não pode ter sido de autoria de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 97).

- 10) “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no Reino de Deus” (Marcos 10,25; Mateus 19,24; Lucas 18,25).

Comentário: De acordo com os integrantes do SJ (cf. *The Five Gospels*, p. 223), este versículo parece ser um aforismo humorístico, que não pode ser interpretado ao pé da letra, uma vez que nenhum camelo pode literalmente passar pelo buraco de uma agulha. Acreditar que Jesus disse literalmente essa frase é crer que nenhum rico poderá salvar-se, o que é uma mentira, pois Jesus nunca discriminou ninguém. Logo, ele não pode ter sido o autor literal dessa passagem bíblica.

Há, nos Evangelhos, inúmeras outras passagens (incluindo parábolas) apocalípticas semelhantes às dez que acabei de analisar nesta seção, mas creio que essas são suficientes para mostrar ao leitor que nenhuma passagem arrogante (vingativa, agressiva ou apocalíptica) é de autoria do Jesus histórico, mas dos autores dos Evangelhos.

Poderia ter citado também várias parábolas apocalípticas atribuídas a Jesus, como a **parábola do ladrão noturno**, que vem, sem avisar, e com o qual o Jesus mítico compara seu retorno, concluindo essa comparação com a frase: “Por isso, também vós ficai preparados, porque o Filho do Homem virá numa hora que não pensais (Mateus 24,44). O mesmo se diga da **parábola do servo que dormia**, quando seu amo o surpreende com sua chegada: “O senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada. Ele o partirá ao meio e lhe imporá a sorte dos hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes (Mateus 24,50-51).

INTERPRETAÇÃO LITERAL DAS PASSAGENS EVANGÉLICAS SOBRE A PAIXÃO DE JESUS

Um dos mais graves erros dos cristãos ortodoxos é interpretar literalmente todas as passagens evangélicas sobre a Paixão-Resurreição de Jesus como fatos históricos. A interpretação literal errônea da Paixão-Ressurreição pela teologia cristã foi “em grande parte lamentavelmente grave e fatal”, conforme declara o escritor Alvin Boyd Kuhn (apud HARPUR, 2008, p. 157).

Como foi dito no Capítulo 2 deste livro, mas convém repetir nesta seção, o teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, em sua obra *Quem Matou Jesus? As Raízes do Antissemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus* (CROSSAN, 1995a), esclarece que é preciso distinguir, no Novo Testamento, **História Relembrada** de **Profecia Historicizada**. Ele esclarece que “História Relembrada” refere-se a fatos, enquanto “Profecia Historicizada” refere-se a narrativas inventadas pelos primeiros cristãos para fazer cumprir determinadas escrituras do Antigo Testamento.

Segundo Crossan (no referido livro *Quem Matou Jesus?*), os relatos da Paixão-Ressurreição de Jesus são, aproximadamente, 20% “História Relembrada” e 80% “Profecia Historicizada” (CROSSAN, 1995a, p. 16).

O primeiro exemplo que ele dá de “Profecia Historicizada” é o das **Trevas ao Meio-Dia**, na data da morte de Jesus, narradas em todos os quatro Evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João), para fazer-se cumprir a profecia do profeta Amós: “Nesse dia, diz o Senhor Deus, farei o *sol* desaparecer ao meio-dia, e farei surgirem trevas na terra em plena luz” (Amós 8, 9-10).

Crossan (ibid.) argumenta que a expressão “Trevas ao Meio-Dia”, da profecia de Amós, refere-se à catástrofe terrível pela qual iria passar Israel, quando o seu reino do norte foi devastado pelo brutal militarismo do império assírio. “Autores do século I, como Josefo, Plutarco e Plínio, o Velho, afirmam que o mesmo fenômeno acompanhou o assassinato de Júlio César, em 15 de março de 44 d. C.” (ibid.).

Esse mesmo autor prossegue em sua argumentação, afirmando que “os cristãos, lendo suas Escrituras, encontraram esta antiga descrição da futura punição divina., e assim criaram aquela narrativa *ficcional* sobre as trevas ao meio-dia para afirmar que Jesus morreu em cumprimento à profecia” (ibid.).

Mas qual o mal de se interpretar os relatos da Paixão-Ressurreição de Cristo como “profecia historicizada”?

Segundo John Dominic Crossan,

a resposta envolve as narrativas da Paixão-Ressurreição como matriz para o antijudaísmo cristão e, por fim, para o antissemitismo europeu. [...] E, sem aquele antijudaísmo cristão, o antissemitismo europeu letal e genocida teria sido impossível ou, pelo menos, não teria atingido tamanha proporção. O que estava em jogo nessas narrativas da Paixão-Ressurreição, no longo curso da história, era o holocausto judeu (CROSSAN, 1995a, p. 47; 51).

INTERPRETAÇÃO LITERAL DE JESUS COMO O ÚNICO SALVADOR

O Jesus mítico (o “Cristo da fé”) é visto pelos cristãos exclusivistas como o único “Salvador” da humanidade. Essa crença, literalmente interpretada, é obviamente outra das maiores mentiras sobre Jesus. As evidências da grande semelhança entre o “Jesus mítico” (o “Cristo da fé”) e várias outras divindades, como Osíris, Hórus, Krishna, Buda, Mitra e outras, comprovam que o cristianismo dogmático não é uma religião exclusiva, excepcional e única, mas é uma religião ao lado de muitas outras, com as mesmas crenças, os mesmos ritos, os mesmos mitos e lendas.

Está na hora, portanto, de os cristãos exclusivistas abandonarem o mito errôneo da unicidade cristã, segundo o qual o Cristo da fé é o único Salvador da humanidade (**SÓ CRISTO SALVA!**): **“Pois não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos”** (Atos 4,12) (negrito meu).

O mito da unicidade cristã é rejeitado atualmente por todos os estudiosos críticos do cristianismo. Nesse contexto, reflita-

mos sobre as seguintes palavras do escritor e ex-pastor anglicano Tom Harpur:

Muito tempo antes do advento de Jesus Cristo, os egípcios e outros povos acreditavam na vinda de um messias, numa virgem santa com o seu filho, na concepção por uma virgem e na encarnação do Espírito na carne. A Igreja cristã primitiva adotou essas verdades antigas como os próprios dogmas da religião cristã, mas repudiou as suas origens. O que começou como um sistema de crenças universal, baseado em mitos e alegorias, acabou se transformando numa instituição ritualista, encabeçada por literalistas ultraconservadores (HARPUR, 2008, Quarta Capa).

Este velho **mito da unicidade cristã** é um dos mais combatidos em minhas obras ecumênicas, porque é o mito mais exclusivista e antiecumênico de todos, segundo o qual o cristianismo tradicional é a única religião verdadeira e Jesus é o único “salvador” da humanidade. Jesus, repito, é um salvador (ao lado de muitos outros), e não o salvador, um caminho (ao lado de muitos outros), e não o caminho de “salvação”, ou melhor, de “libertação espiritual”.

Felizmente, já existem, há vários anos, no meio dos próprios cristãos, famosos teólogos que rejeitam, com razão, este chamado **mito da unicidade cristã**.

Nesse contexto, recomendo a leitura do livro *The Myth of Christian Uniqueness* (‘O Mito da Unicidade Cristã’), organizado pelos teólogos pluralistas John Hick – protestante – e Paul Knitter – católico (HICK & KNITTER, 1987), os quais argumentam, com muita propriedade, que a crença na *unicidade cristã*, não é uma verdade histórica absoluta, mas é um mito cristão superexclusivista e, por conseguinte, uma das maiores mentiras sobre Jesus. Segundo esse mito cristão, **SÓ JESUS SALVA!**

O Jesus histórico nunca afirmou ser o único caminho de “salvação”. Tal atitude de Jesus feriria frontalmente a base de sua doutrina, qual seja, o amor ao próximo e a humildade, caracterizando arrogância espiritual, erguendo assim um muro intransponível entre o cristianismo e todas as demais religiões deste planeta.

Os autores da referida obra (HICK & KNITTER, 1987) têm, pois, muita razão ao argumentarem que o Jesus histórico é um caminho

ao lado de muitos outros, mas não o único caminho. Reafirmo que essa velha crença exclusivista do cristianismo ortodoxo precisa mudar. Do contrário, dificilmente poderá haver verdadeira fraternidade entre cristãos e não cristãos e, menos ainda, a existência do diálogo inter-religioso de igual para igual.

Nesse sentido, refletimos sobre o seguinte pensamento pluralista do historiador italiano Ambrogio Donini:

Fala-se ainda hoje do cristianismo como de uma religião em si, para a qual confluíram e encontraram a sua sistematização motivos antiquíssimos, até representar algo de “excepcional” e de “único”. É necessário despir-se deste hábito dogmático e, se me permitem a expressão, presunçoso (DONINI, 1965, p. 198).

Ainda em oposição ao mito exclusivista da “unicidade cristã”, refletimos também sobre o seguinte pensamento pluralista de um dos maiores líderes religiosos do século XX, o hinduísta Mahatma Gandhi:

Se, porém, houver alguma suspeita em sua mente de que apenas uma religião pode ser a verdadeira e todas as outras são falsas, **você pode rejeitar a doutrina da fraternidade**. Então, estaremos alimentando um processo contínuo de exclusão e fundando a nossa fraternidade sobre alicerces de exclusivismos (apud ELSBERG, 1996, p. 128) (Negrito meu).

Como bem afirmou Gandhi nessa citação, a ideia exclusivista de haver uma única religião verdadeira é incompatível com a fraternidade e, por conseguinte, com a paz, a humildade e o amor.

O exclusivismo religioso também conduz facilmente à intolerância e aos conflitos religiosos, como bem esclarece o famoso teólogo católico Leonardo Boff na seguinte citação:

Quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrompem conflitos religiosos com incontáveis vítimas (BOFF, 2002, p. 25).

Como afirma Frances Young, o exclusivismo religioso também gera facilmente atitudes de **arrogância**: “É arrogância espiritual a

convicção de que só a nossa crença é verdadeira e todas as outras são falsas” (YOUNG, 1977, p. 39).

Semelhante pensamento é expresso por Waldemar Boff, ao afirmar que “é leviandade e arrogância afirmar que somente a minha lâmpada ilumina realmente a aldeia e que somente pelo seu caminho se chega ao oceano de Deus” (apud PEDREIRA, 1999, p. 123).

Outro argumento que se oferece a favor da tese pluralista é que em todas as religiões há “santos” (pessoas boas) e “demônios” (pessoas más). Em todas, há “trigo” e “joio”. Logo, é por demais ilógico concluir-se a favor de uma única religião verdadeira.

O *slogan* pluralista adotado em meus livros ecumênicos (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) expressa a equivalência funcional das religiões, ou seja, todas as religiões são **funcionalmente equivalentes**, isto é, todas são diferentes caminhos que conduzem ao mesmo destino. Logo, é um erro (uma mentira) afirmar que existe um único caminho ideal para todos, isto é, uma única religião ideal para todos. Há diversos caminhos, cada um podendo ser considerado relativamente o melhor para (e por) aqueles que o escolheram, mas ninguém deve achar que o seu caminho, por ser considerado o melhor para si, é também o melhor para todas as outras pessoas do mundo, ou o único caminho verdadeiro para toda a humanidade.

Nesse sentido da **equivalência funcional das religiões**, o cristianismo é o melhor caminho para os cristãos, assim como o judaísmo é o melhor caminho para os judeus, o islamismo para os muçulmanos e assim por diante.

É chegada a hora, portanto, de dar um basta a essa velha história de “religião exclusiva” e dizer, com Pablo Barrera, que “religião exclusiva é coisa do passado” (BARRERA, 2003, p. 438).

Nessa mesma linha de pensamento, tem muita razão o Espírito São Luís, ao dar a Allan Kardec a seguinte instrução: “Desconfiai dos que pretendem estar na posse da exclusiva e única verdade” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 21, n. 8).

INTERPRETAÇÃO LITERAL DE JESUS COMO O NOSSO “BODE EXPIATÓRIO”

Jesus foi o nosso “bode expiatório”? De acordo com a grande maioria dos cristãos, sim. Discordo dessa crença pelas razões que serão apresentadas a seguir.

Essa crença cristã é baseada no mito antigo e bárbaro do perdão de nossas faltas por meio da oferta de sacrifícios expiatórios a Deus, com o **derramamento de sangue da vítima**, rito esse praticado não somente pelo povo hebreu, mas por muitos outros povos mais antigos. Mediante esse velho rito mítico, seres humanos (principalmente heróis, crianças e moças virgens) eram sacrificados para agradar aos deuses e obter deles favores e perdão dos pecados. Foi esse mito que gerou a doutrina cristã mítica da salvação defendida por Paulo de Tarso e pelo cristianismo dogmático, ou seja, “Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. **É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele**” (VASCONCELOS, Yuri. O Homem que inventou Cristo. *SUPER Interessante*. Edição 195, dez, 2003) (negrito meu).

Com o passar dos tempos, animais (como bois, bodes, cordeiros, ovelhas e pombas) substituíram os seres humanos nos sacrifícios expiatórios.

No judaísmo, anualmente, no Dia da Expição dos Pecados, conforme Levítico 16, um bode era sacrificado como oferecimento pelos pecados dos judeus e outro bode era enviado ao deserto, conduzindo os pecados do povo hebreu.

Foi sobretudo esse mito judaico do “bode expiatório” que deu origem à doutrina cristã dogmática (paulinista) da “expição” do “pecado original” pelo sacrifício de Cristo na cruz, ou seja, Jesus (o mítico) passou a ser literalmente interpretado como o bode (ou o cordeiro) expiatório final e definitivo pelos pecados de todos os seres humanos deste planeta.

Mais explicitamente, o Jesus mítico sempre foi visto pelos cristãos dogmáticos (paulinistas) como a personificação da prática

mítica antiga de transferir os pecados de um grupo para um animal ou para um bode expiatório humano, que seria banido ou mesmo sacrificado como meio de expurgar as faltas cometidas pelos membros da sociedade.

Esse animal, ou ser humano, era algumas vezes revestido de divindade e, assim, um homem-deus podia morrer como um bode expiatório e transformar-se num “redentor”. Por isso, o Jesus mítico é literalmente interpretado como “o Cordeiro de Deus”, o “redentor” da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz.

A doutrina central do cristianismo dogmático da expiação dos pecados da humanidade pelo sangue de Cristo derramado na cruz é vista, com razão, por muitos escritores modernos como cruel, repugnante e masoquista (ou sadomasoquista).

“Masoquista” (ou “sadoomasoquista”) é uma pessoa que busca o sofrimento, a humilhação, ou até mesmo a morte, sentindo muito prazer (cf. Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa, verbete **masoquismo**). Nesse sentido, refletamos sobre o que escreveu o escritor Richard Dawkins:

Agora o sadomasoquismo. Deus encarnou-se como homem, Jesus, para que pudesse ser torturado e executado em *expiação* do pecado hereditário de Adão. Desde que Paulo expôs essa doutrina repugnante, Jesus vem sendo adorado como o *redentor* de todos os nossos pecados. Não apenas o pecado passado de Adão: pecados *futuros* também, decidam ou não as pessoas futuras cometê-los! [...] Se Deus quisesse perdoar nossos pecados, por que não perdoá-los, simplesmente, sem ter de ser torturado e executado em pagamento...? [...] Paulo... estava impregnado do velho princípio teológico judaico de que sem sangue não há expiação. [...] [Em suas epístolas], ele diz exatamente isso. Os estudiosos progressistas da ética hoje em dia já acham difícil defender qualquer tipo de teoria retributiva da punição, imagine então a teoria do bode expiatório – executar um inocente para pagar pelos pecados dos culpados. [...] E, para completar, Adão, o suposto executor do pecado original, nem existiu: [...] Ah, mas é claro, a história de Adão e Eva era apenas *simbólica*, não era? *Simbólica*? Então, para impressionar a si mesmo, Jesus fez-se ser torturado e executado, numa punição indireta por um pecado *simbólico* cometido por um indivíduo *inexistente*? (DAWKINS, 2007, p. 325, 326 e 327)

Mesmo não sendo ateu, concordo plenamente com o que escreveu o escritor ateu Richard Dawkins nesta citação. Como é que Jesus pode ter morrido para pagar o pecado original, cometido por Adão, se nem Adão nem o pecado original existiram historicamente, mas apenas simbolicamente? E se a história de Adão e Eva é apenas *simbólica*, como defendem atualmente, com razão, muitos teólogos cristãos, como é que Jesus pode ter sido sacrificado na cruz para pagar uma culpa apenas *simbólica*, cometida por indivíduos *inexistentes*?

Essa argumentação lógica é mais do que suficiente para desmentir, à luz da “fé raciocinada”, o dogma cristão da redenção de nossos pecados pelo sangue de Cristo derramado na cruz. Essa doutrina mítica, cruel, repugnante e sadomasoquista é, portanto, totalmente falsa, mentirosa.

Essa doutrina mítica é de autoria de Paulo de Tarso:

Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo de Tarso retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos (KERSTEN, 1986, p. 35) (negrito meu).

Concluindo a presente seção, reafirmo, à luz da fé raciocinada, que Jesus não é o nosso “bode expiatório”. Ele não foi morto para pagar nossos pecados. Somente o amor-caridade será capaz de nos redimir de nossos pecados, em múltiplas (re)encarnações, neste e em outros planetas, e não o sangue de Cristo derramado na cruz. O que nos salva, o que nos liberta, o que nos faz evoluir espiritualmente, não me cansarei de repetir, é somente a prática do amor-caridade, e não a fé em Cristo morto e ressuscitado, como defende o cristianismo dogmático (paulinista), há dois mil anos.

INTERPRETAÇÃO LITERAL E EXCLUSIVISTA DOS MILAGRES ATRIBUÍDOS A JESUS

Somente os milagres atribuídos a Jesus têm valor histórico? De forma alguma. É preciso também combater, como faço em minhas obras ecumênicas, duas atitudes exclusivistas e errôneas da

maioria dos cristãos: 1) a crença de que os milagres supostamente realizados por Jesus são provas de sua divindade e 2) a crença de que somente os milagres atribuídos a Jesus têm valor histórico, os demais milagres atribuídos a outros líderes religiosos do mundo sendo considerados como “magia” ou como relatos puramente mitológicos, sem nenhum valor histórico. Por que essa discriminação?

Essas atitudes são totalmente falsas (mentirosas), pois os milagres não constituem por si mesmos um critério suficiente para julgar a origem divina ou humana de uma pessoa, uma vez que o próprio Jesus teria afirmado que milagres podem também ser realizados por “falsos Cristos e falsos profetas”: “Surgirão falsos Cristos e falsos profetas e farão grandes milagres” (Mateus 24, 24).

A crença cristã segundo a qual somente os milagres atribuídos a Jesus têm valor histórico, os demais milagres atribuídos a outros líderes religiosos do mundo sendo considerados como “magia” ou como relatos puramente mitológicos, sem nenhum valor histórico, é inteiramente falsa, mentirosa, uma vez que todos os tipos de milagres atribuídos a Jesus no Novo Testamento já tinham sido supostamente realizados por outros líderes religiosos do mundo.

“Na mitologia religiosa, todos os tipos de milagres são possíveis” (HASSNAIN, 1999, p. 73). Logo, para quem acredita no mito da divindade de Jesus, isto é, que ele seja *literalmente* Deus encarnado, todos os tipos de milagres são possíveis, inclusive os que aparentemente anulam as leis da natureza. Aliás, para os cristãos dogmáticos, todos os milagres atribuídos a Jesus no Novo Testamento tinham a função de provar que ele era realmente um ser divino, com poderes singulares e exclusivos, em relação aos outros milagreiros.

Por isso mesmo, a maioria dos cristãos, na sua convicção de Jesus ser literalmente Deus encarnado, acredita que ele fez vários milagres que supostamente anulam as leis da natureza, como ressuscitar mortos, acalmar uma tempestade, andar sobre as águas, multiplicar pães, transformar água em vinho, mudar a substância do pão e do vinho em seu próprio corpo e sangue etc.

Mesmo na hipótese de que Jesus tenha, de fato, realizado todos esses milagres, não é justo os cristãos pensarem que esses tipos de milagres tenham sido realizados única e exclusivamente por Jesus, uma vez que prodígios dessa natureza são igualmente atribuídos a inúmeros outros personagens da literatura religiosa deste planeta: sabe-se, por exemplo, que o profeta Eliseu (cf. 2Reis 4,42-44) também “multiplicou” pães, um discípulo de Buda também “andou” sobre as águas do rio Acivarati (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 207) e vários profetas, como Elias e Eliseu (1Reis 17; 2Reis 4), também “ressuscitaram” mortos etc.

INTERPRETAÇÃO LITERAL DO “AUTOESVAZIAMENTO” DE JESUS

É verdade que Deus “autoesvaziou-se” *literalmente* na pessoa de Jesus? O apóstolo Paulo, em sua carta aos Filipenses (Filipenses 2, 6-11), expõe a chamada doutrina da *kenosis* de Cristo, ou seja, a doutrina mítica literal do “autoesvaziamento” de Deus na pessoa de Jesus,

o qual, subsistindo na forma de Deus,
não se aferrou a sua igualdade com Deus,
mas aniquilou-se a si mesmo
para assumir a condição de servo,
e se fez semelhante aos homens;
foi ainda mais humilde,
a ponto de aceitar a morte,
e morte na cruz.

Porém Deus o exaltou
e lhe deu o nome

que está acima de todos os nomes,
para que, ao nome de Jesus,
todas as criaturas,
nos céus, e na terra, e debaixo da terra,
e toda língua aclame

Jesus como o Senhor [kyrios]

para a glória de Deus Pai. (Filipenses 2, 6-11) (versão extraída de ARMSTRONG, 2008, p. 124-125)

Essa crença mítica (paulinista), interpretada *literalmente* como fato histórico, é outra grande mentira sobre Jesus. É a doutrina mítica segundo a qual Deus “autoesvaziou-se” temporariamente de seus atributos divinos, ao encarnar-se na pessoa física de Jesus, a fim de que ele sofresse e morresse na cruz para pagar os nossos pecados.

A crença mítica no “autoesvaziamento” temporário de Deus, para encarnar-se num ser humano, era comum a muitas outras culturas religiosas bem mais antigas do que o cristianismo. Segundo esse mito antigo, Deus pode “autoesvaziar-se” temporariamente de seus atributos divinos e encarnar-se na forma de um ser humano, assumindo todas as nossas imperfeições e limitações, o chamado mito da *kenosis*, ou do “autoesvaziamento” de Deus.

Este chamado mito da *kenosis*, ou do “autoesvaziamento” de Deus, é idêntico ao mito do “Deus encarnado”, comum a muitas outras religiões, e não exclusivamente ao cristianismo, em que Deus supostamente se encarna num determinado ser humano, que passa a ser chamado de “avatar” ou “salvador”, o qual vem ao mundo para nos redimir ou nos salvar, inclusive com o derramamento de seu sangue.

Não confundamos essa doutrina da encarnação de Deus num determinado “avatar” ou “salvador” com a encarnação universal de Deus em todos nós, ou seja, com o “Cristo interno” (“Deus dentro de nós”).

No cristianismo exclusivista paulinista, conforme já sabemos, Jesus é visto como a única encarnação de Deus na história, o único salvador da humanidade, o único “avatar” enviado por Deus a este mundo para nos redimir de nossos pecados mediante seu sangue derramado na cruz. Para os cristãos dogmáticos paulinistas, **SÓ JESUS SALVA!** Que grande mentira!

O escritor Tom Harpur nos esclarece, em seu livro “O Cristo dos Pagãos”, que os estudos comparativos das religiões (sobretudo das chamadas “religiões de mistérios”) comprovam que quase todas as crenças tradicionais do mundo repousam em um mito central de um “Salvador” (um “avatar”), ou seja, um filho de um rei/deus celestial que desce para o mundo de trevas inferior, sofrendo, morrendo e ressuscitando, antes de voltar ao seu mundo superior de origem (cf. HARPUR, 2008, p. 50-51):

A história nos diz como esse rei/deus conquista a vitória sobre os seus inimigos, tem um cortejo triunfante e é entronizado nas alturas. [...] **Os pesquisadores dedicados ao estudo comparativo das religiões fizeram listas de trinta a cinquenta desses avatares ou salvadores.** Kersey Graves escreveu um livro intitulado *The World's Sixteen Crucified Saviors* [**Os 16 Salvadores Crucificados no Mundo**]. Frank e Gandy mostram que a religião cristã e as religiões de mistério dos períodos anteriores e contemporâneo compartilham praticamente todas as mesmas crenças, doutrinas, rituais e ritos (HARPUR, *ibid.*) (negrito meu).

O mito da salvação cristã, segundo nos esclarece o escritor Ambrogio Donini, também se origina da fórmula antiga de um escravo que adquire a sua liberdade:

O preço do resgate pode ser pago diretamente, ou por um terceiro, sob várias formas, em favor do escravo. A concepção total do mito da salvação cristã já está contida nesta fórmula. [...] Sendo o homem um pecador e incapaz de libertar-se pagando à divindade o preço do seu resgate, intervêm um “redentor”, o qual paga por ele com a sua paixão e a sua morte: esta é a essência da doutrina soteriológica entre os primeiros escritores cristãos gregos, latinos e sírios. [...] Para alguns, o “preço do resgate” é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder (DONINI, p. 203).

Conforme venho argumentando, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada”, o que nos salva, ou melhor, o que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, é a prática da caridade, a qual inclui, obviamente, a “kenosis”, no sentido de “desapego”, “humildade”, “mansidão”, “amor”, “perdão”, mas não a “kenosis” no sentido mítico da crença num avatar ou salvador exclusivista, como o Cristo da fé, que supostamente veio ao mundo para nos salvar, nos redimir, mediante sua morte expiatória com a efusão de seu sangue na cruz.

Para o apóstolo Paulo, como já vimos, a salvação não vem pelas obras de amor-caridade, mas exclusivamente pela fé em Cristo morto e ressuscitado. Segundo a sua doutrina, se uma pessoa pudesse se salvar apenas pelo cumprimento da lei judaica (incluindo obviamente a Lei do Amor), então não teria sido preciso que o Deus-Jesus se “autoesvaziasse” e viesse morrer na cruz. Logo, o fato de o Deus-Jesus ter se “autoesvaziado” e morrido na cruz tinha de significar, no raciocínio de Paulo, que Deus queria mesmo que Je-

sus morresse na cruz, pois, para Paulo, **“a salvação exigia sofrimento. Ainda mais que isso, exigia o horrendo sofrimento da crucificação”** (EHRMAN, 2008, p. 128) (negrito meu).

Como aceitar essa doutrina absurda, repugnante, sadista, masoquista e sadomasoquista, ou seja, essa chamada **“teologia do sangue”**, pela qual o Deus antropomórfico dos cristãos parece ter tido prazer com o sofrimento de seu próprio Filho Jesus morto na cruz? O Deus verdadeiro pode deleitar-se com o sofrimento dos outros? Além disso, Deus poderia morrer?

Alguns teólogos defendem a tese de que Jesus morreu como homem, e não como Deus, mas esses mesmos teólogos paulinistas se contradizem ao ensinar que **não se pode separar o lado humano de Jesus do seu lado divino, “pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade”** (Colossenses 2,9) (negrito meu). Logo, segundo essa visão, Jesus teria morrido como homem e Deus. Por isso, “a Igreja Católica, durante milênios, dedicou-se a tachar os judeus de **assassinos de Deus**” (ARIAS, 2001, p. 92) (negrito meu).

Por influência de religiões pagãs mais antigas, os teólogos cristãos paulinistas sempre defenderam a tese absurda de que Deus, tendo ficado aborrecido, por causa do suposto “pecado original”, decidiu enviar seu próprio Filho Jesus Cristo para sofrer e morrer na cruz a fim de pagar nossa culpa original e nos salvar.

Para concluir esta seção, reafirmo que, segundo o ponto de vista que defendo, não é a crença num avatar ou salvador externo, ou seja, num Deus encarnado, que se “esvaziou” de seus atributos divinos e morreu crucificado, como no caso do Cristo da fé, que nos redime, que nos salva, ou melhor, que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, mas unicamente a prática do amor-caridade: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO**, como prega o espiritismo. O “Jesus histórico” também pregou que não queria sacrifícios, mas a prática do amor-caridade: **“Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício”** (Mateus 9,13) (negrito meu).

INTERPRETAÇÃO LITERAL DA RELIGIÃO (OU IGREJA) SUPOSTAMENTE INSTITUÍDA POR JESUS

É mentira atribuir ao Jesus histórico a fundação de uma nova religião ou igreja? Com certeza. Em função dos objetivos genuinamente ecumênicos e macroecumênicos de meus livros, reafirmo minha posição pluralista segundo a qual o Jesus histórico não fundou uma nova religião nem uma igreja (a SUA IGREJA), como alegam os seguidores do cristianismo dogmático.

É muito simples justificar essa minha posição, segundo a qual Jesus não fundou uma nova religião, isto é, uma nova instituição religiosa, e menos ainda uma “igreja”, a sua Igreja (como dogmatizaram os católicos). O que Jesus fez, como já disse muitas vezes, mas não me cansarei de repetir, foi ensinar **a prática do amor a Deus e ao próximo.**

Como Jesus, que tanto amou a todos indistintamente, poderia ter fundado uma “igreja”, a sua “igreja”, se “igreja” é normalmente sinônimo de “divisão” e de “exclusivismo”, haja vista as centenas (para não dizer milhares) de “igrejas” que se dizem “cristãs”, espalhadas pelo mundo inteiro, “lançando anátemas umas contra as outras” (COMBY, 1996, p. 35), cada uma pretendendo ser dona exclusiva da verdade cristã? **Quem exclui ou discrimina o próximo, não o ama!**

Segundo uma estatística publicada nos Estados Unidos, em 2006, denominada *Atlas das Religiões*, existem no mundo 33.800 seitas ou denominações cristãs, cada uma considerando-se dona da verdade absoluta! Como afirma o escritor e ex-padre católico Marcelo da Luz, em seu livro “Onde a Religião Termina?”, “há atualmente mais de 33 mil seitas cristãs no mundo, todas clamando terem a verdade acerca do *mito do filho do Altíssimo*” (LUZ, 2011, p. 136).

Não foi Jesus, por conseguinte, faço questão de repetir, quem fundou uma nova religião ou uma “igreja”, mas foram os cristãos exclusivistas que o fizeram, a começar por Paulo de Tarso. É totalmente inconcebível, portanto, que Jesus tenha sido o fundador de uma nova religião (o cristianismo mítico) ou de uma igreja (a Igreja

Católica). O Jesus histórico ensinou e praticou não uma nova religião, mas A RELIGIÃO, A VERDADEIRA RELIGIÃO – A VIVÊNCIA DO AMOR!

Os espíritas vêm, corretamente, transmitindo essa mesma verdade em sua rica literatura. E atualmente existem até mesmo teólogos e estudiosos cristãos (incluindo católicos) que negam, com razão, que Jesus tenha, de fato, fundado uma igreja durante a sua vida terrena.

Como exemplo de um famoso escritor católico que defende essa mesma verdade, quero citar aqui o ilustre teólogo Hans Küng, padre suíço, nomeado pelo papa João XXIII como consultor teológico para o Concílio Vaticano II. Eis suas palavras:

Jesus não fundou uma igreja durante sua vida. [...] Hoje, até exegetas católicos aceitam que **a famosa frase sobre Pedro como a pedra na qual Jesus construirá sua igreja** (Mateus 16,18-19: a declaração está no futuro), e da qual os outros evangelhos não têm conhecimento, **não é uma frase do Jesus terreno, mas foi composta após a Páscoa pela comunidade palestina, ou mais tarde pela comunidade de Mateus** (KÜNG, 2002, p. 28) (negrito meu).

Essa mesma tese de que Jesus não fundou uma igreja, como nos informa o escritor e ex-padre católico Eduardo Hoornaert, já havia sido defendida, no início do século XX, pelo padre francês Alfred Loisy, o qual

sofreu muito por causa desse seu posicionamento, foi humilhado e proibido de ensinar em instituições da Igreja. Morreu isolado de seus colegas. Mesmo assim, **sua tese é vitoriosa, hoje, pelo menos entre os estudiosos da história das origens do cristianismo** (HOORNAERT, 2006, p. 34) (negrito meu).

A tese de que Jesus não fundou uma igreja é igualmente defendida, hoje, pelos integrantes do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 41).

Com essa hipótese, não pretendo diminuir a importância e o valor do cristianismo dogmático e da Igreja Católica ao longo da História, mas desejo apenas tentar contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta: “Conhecereis a verdade e a verdade vos

libertará” (João 8,32). Nesse contexto, refletamos sobre o que escreveu o famoso escritor vaticanista espanhol Juan Arias:

Uma das perguntas mais delicadas, comprometedoras e complexas sobre Jesus de Nazaré é se ele quis fundar uma nova Igreja e uma nova religião. Uma pergunta difícil, já que a Igreja Católica e, em geral, as igrejas cristãs jamais admitirão que não foram fundadas por Jesus [...] E estão convencidas de que o cristianismo é uma nova religião, como o islamismo, o judaísmo e o hinduísmo. Contudo, não poucos especialistas se fizeram seriamente essa pergunta. **E muitos deles, a começar pelos modernistas, foram condenados e perseguidos por terem questionado a vontade de Jesus de fundar uma Igreja.** Roma, ao contrário, jamais teve dúvidas quanto ao fato de Jesus ter fundado sua Igreja sobre Pedro, a quem deu o poder de governar e o dom da infalibilidade para não errar em sua tarefa. [...] Mesmo na hipótese não provada de que não seja Jesus o fundador da Igreja Católica [...], isso não diminui em nada a importância que essa instituição religiosa e o cristianismo em geral tiveram e têm na história. **Tampouco diminui sua importância o fato de que essa Igreja possa ter nascido da fé dos primeiros cristãos e da concepção religiosa de Paulo de Tarso, considerado por alguns autores o verdadeiro fundador do cristianismo, ao fazer com que o cristianismo primitivo se afastasse de suas originais raízes judaicas** (ARIAS, p. 127-128) (negrito meu).

O famoso teólogo Leonardo Boff, em seu livro *Igreja: Carisma e Poder*, publicado (pela Editora Vozes) em 1981, também reconhece a existência dentro do próprio catolicismo de duas correntes opostas entre os teólogos: uma corrente afirmando que Jesus fundou a Igreja e outra afirmando que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico.” (BOFF, 2005, p. 425). Por causa dessa afirmação, Boff foi duramente criticado e julgado por Joseph Ratzinger (hoje o papa Bento XVI), que o acusa nos seguintes termos, citando Boff (ibid.):

Segundo suas próprias palavras, (L. Boff) coloca-se dentro de uma orientação na qual se afirma que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico, surgindo, isto sim, como evolução posterior à ressurreição, particularmente com o processo progressivo de desescatologização” (p. 133) (RATZINGER, apud BOFF, ibid.)

Mesmo tendo rebatido essa e outras críticas feita por Ratzinger ao seu livro, passado um ano do julgamento (em 1985), Boff

foi condenado a um tempo indeterminado de “silêncio obsequioso”, deposto da cátedra de teologia, impedido de escrever e de coordenar o edital religioso da Editora Vozes. O livro *Igreja: carisma e poder* não poderia mais ser reeditado sem profundas remodelações (BOFF, *ibid.*, p. 17-18).

INTERPRETAÇÃO LITERAL DE SACRAMENTOS SUPOSTAMENTE INSTITUÍDOS POR JESUS

Jesus instituiu sacramentos indispensáveis à salvação? Na visão espírita (que sigo), Jesus não instituiu nenhum sacramento. Todos os sete sacramentos da Igreja Católica foram instituídos por ela mesma ao longo dos séculos.

Além disso, se quase toda a Igreja Católica é de origem pagã, como comprovo em minhas obras ecumênicas, não há como ignorar o fato de que todos os seus **sacramentos** são também de origem pagã, conforme argumentam muitos estudiosos das religiões.

ORIGEM PAGÃ DA EUCARISTIA

Com todo o meu respeito à crença católica no Sacramento da Eucaristia, que alimenta a fé de mais de um bilhão de fiéis, devo expressar, contudo, a bem da verdade, meu pensamento atual sobre a sua origem pagã, à luz da história das religiões e da “fé raciocinada”.

Dois das divindades mais populares da Grécia antiga, cuja história, ritos e festas antecipam efetivamente, sob muitos aspectos, a religião cristã, incluindo obviamente a Eucaristia, são precisamente “Deméter” (a “mãe” de Deus) e “Dioniso” (o “filho” de Deus). Aliás, conforme já vimos, o termo “Dioniso” (da língua trácio-frígia) significa etimologicamente “filho de deus” – “**dio-niso**” (cf. DONINI, p. 145, nota 26).

Os nomes dessas duas divindades (“**Deméter**” e “**Dioniso**”) lembram algumas das características típicas do mito cristão, incluindo obviamente o mito da Ceia Eucarística (cf. DONINI, p. 144).

Assim, por exemplo, o momento culminante do rito dionisíaco era uma espécie de assimilação eucarística da carne do deus Dioniso, simbolizada por um cabrito, do mesmo modo como no cato-

licismo a carne do deus Jesus é simbolizada pelo pão consagrado; o fiel participava assim da força sobrenatural do próprio deus Dioniso e transformava-se em homem-Baco, ou seja, em homem-deus (cf. DONINI, p. 208).

Vê-se nesse rito dionisíaco, claramente, uma das origens do significado da Ceia Eucarística católica. Os católicos, de fato, acreditam que, ao comerem o pão e ao beberem o vinho eucarísticos, participam do “Deus-Cristo” do mesmo modo como os pagãos acreditavam que participavam dos seus deuses comendo a carne dos animais sacrificados em sua honra (cf. GRIESE, p. 179).

O apóstolo Paulo, para induzir os cristãos a não participarem dos sacrifícios pagãos e não comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, proíbe essa prática, substituindo-a pela “Ceia do Senhor”, dizendo que, como pela carne dos ídolos, o homem participa dos “demônios”, ou seja, dos “deuses pagãos”, do mesmo modo pelo consumo do pão e do vinho eucarísticos o cristão participa do “Cristo da fé”, ou seja, do “Deus-Cristo” (cf. GRIESE, p. 175).

Segundo esse mesmo teólogo e ex-padre católico Franz Griese (cf. GRIESE, 1957, p. 106), a cena da Última Ceia Eucarística católica é também uma cópia exata da cena da Última Ceia Eucarística de Agni (divindade hindu e védica, cultuada na Índia), em que **os fiéis consumiam pão e vinho consagrados como se fossem o corpo e o sangue do filho de Deus.**

Analogamente, os adoradores do deus Mitra (da Pérsia) também deviam servi-lo com absoluta pureza, recebendo **sete sacramentos**, entre os quais figuravam **o batismo, a confirmação e a comunhão: pão e vinho consagrados** por fórmulas rituais. **Os fiéis consumiam pão e vinho consagrados como se fossem o corpo e o sangue do próprio deus Mitra (ou Mitras).**

Mais explicitamente, uma das principais características do mitraísmo era precisamente **a refeição sacrificial** (que certamente deu origem à Ceia Eucarística cristã e à Missa dos católicos), que envolvia **comer a carne e beber o sangue de um touro como se fossem a carne e o sangue do próprio deus Mitra.** Em outros termos, Mitra, como o Cristo da fé (no pão e vinho eucarísticos), estava “presente” na carne e no sangue do touro e, quando consu-

mido, concedia salvação àqueles que tomavam parte da refeição sacrificial (rito de **teofagia = comer o próprio deus**).

Mitra nasceu de uma virgem, num 25 de Dezembro, numa cova ou numa gruta, foi adorado por pastores e magos, foi perseguido, fez milagres, foi morto e ressuscitado ao terceiro dia. e o rito central do seu culto era a eucaristia, uma eucaristia cuja forma e fórmulas verbais são em tudo idênticas às que acabaria por adotar a Igreja cristã (RODRÍGUEZ, 2001, p. 123).

A Igreja Católica é, por conseguinte, uma religião altamente sincretista, uma vez que é o resultado da fusão de diversas crenças. Essa verdade histórica deveria diminuir (ou mesmo eliminar) as pretensões exclusivistas da grande maioria dos católicos (e de outros cristãos) em torno do mito da unicidade do cristianismo.

A EUCARISTIA COMO UM RITO DE ANTROPOFAGIA E TEOFAGIA

A Ceia Eucarística católica, inicialmente criada por Paulo de Tarso, como uma simples lembrança *simbólica* da morte e do sangue derramado de Jesus, foi transformada, depois, num rito pagão literal de **antropofagia** (do grego *anthropos*, “homem”, e *phagein*, “comer”) e de **teofagia** (do grego *theós*, “deus”, e *phagein*, “comer”), rito este existente em várias religiões bem mais antigas do que o catolicismo, particularmente, como já foi dito, no mitraísmo.

Depois da proclamação do dogma da divindade de Jesus, no ano 325, em que Jesus foi dogmatizado como sendo Deus e Homem, a Ceia Eucarística católica passou igualmente a ser literal e oficialmente interpretada como um rito pagão de **antropofagia** e **teofagia**, no qual os fiéis comem o corpo e bebem o sangue do HOMEM-JESUS (**antropofagia**) e do DEUS-JESUS (**teofagia**), *literalmente* presente no pão e no vinho consagrados.

JESUS REALIZOU O MILAGRE DA TRANSUBSTANCIAÇÃO?

Para os católicos, sim; não, porém, para os protestantes e os espíritas. Segundo os católicos, Jesus, na noite que precedeu a sua morte, celebrou a última ceia com seus apóstolos, na qual tomou o pão da mesa, fez uma prece e o distribuiu aos seus apóstolos, dizendo: “Tomai e comei, **isto é o meu corpo**”. Depois, tomou o cáli-

ce com vinho, fez uma prece e o deu aos seus apóstolos, dizendo: “Tomai e bebei: **isto é o meu sangue**”.

Com estas palavras, Jesus teria realizado o **milagre da “transubstanciação”**, de tal maneira que, depois da consagração, cada molécula do que antes era pão e vinho transformou-se no Jesus inteiro: corpo, sangue, alma e divindade. Do pão e do vinho restaram apenas as aparências, chamadas de “espécies” ou “acidentes”, a figura exterior, em oposição à “substância” (= “natureza” ou “essência”).

Asseguram ainda os católicos que, naquela última ceia, como em cada missa, se celebrou e se celebra, de modo “**incruento**”, isto é, sem derramamento de sangue, o sacrifício de Cristo na cruz. Eu pergunto: se a missa é a celebração “incruenta” do sacrifício de Cristo na cruz, ou seja, sem derramamento de seu sangue, **como pode, então, o vinho consagrado ser o “sangue” de Cristo? Como podem os fiéis estar literalmente bebendo o sangue de Cristo, na Ceia Eucarística, se a missa é sacrifício sem sangue?** Eis aí, portanto, mais uma grande contradição ou mentira católica: **beber o sangue de Cristo numa celebração sem sangue.**

E o pior é que o exame em laboratório das espécies consagradas demonstra que as pessoas estão certas em sua descrença. Ora, se a missa é sacrifício sem sangue, poderia o vinho consagrado ser o sangue real de Jesus? (CHAVES, José Reis, coluna no diário O TEMPO, de Belo Horizonte, 16/6/2008, p. 2)

O escritor e ex-padre católico José Barbosa Neto, em seu livro “Confissões Surpreendentes de um ex-Padre”, contesta convincentemente o mito católico da Ceia Eucarística (interpretado literalmente) da seguinte forma: Como poderia Jesus ter dito, na Última Ceia, que **em suas mãos estavam o seu próprio corpo e sangue,**

quando ainda estava **VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS**, habitando o mesmo corpo com o qual nascera de Maria e com o qual **andara e ainda estava andando** na companhia dos discípulos? Tal pensamento propalado pela Igreja Romana para assegurar a doutrina da **transubstanciação** fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas! Muitas vezes, nas **Sagradas Escrituras** encontramos a mesma construção gramatical, onde o verbo ser é usado com o sentido de

representar [isto é meu corpo = isto representa meu corpo], e nessas passagens não pode ter outro significado (NETO, 2004, p. 83).

JESUS AFIRMOU QUE A COMUNHÃO É NECESSÁRIA PARA A SALVAÇÃO DE TODOS?

Mentira. Os católicos, apoiados em várias passagens bíblicas falsamente atribuídas a Jesus, no Evangelho de João, acreditam que a Comunhão Eucarística é necessária para a salvação de todos: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (João 6,53-54).

À luz da “fé raciocinada”, não podemos concordar com essas passagens bíblicas exclusivistas, falsamente atribuídas a Jesus, segundo as quais só teriam a vida eterna os que literalmente comem a sua carne e bebem o seu sangue, ou seja, somente os católicos, atualmente um pouco mais de um bilhão de fiéis, numa população mundial de mais de sete bilhões de seres humanos.

Se Cristo é literalmente Deus, conforme a fé cristã dogmática, é preciso saber que o verdadeiro Deus não pode ter carne nem sangue, pois Deus é puro ESPÍRITO imaterial. Nesse sentido, é um grande erro católico (uma grande mentira sobre Jesus) interpretar *literalmente* a citada passagem do evangelista João: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (João 6,53-54).

Se essas passagens evangélicas, sobre o que Jesus disse, fossem literalmente verdadeiras, somente os católicos (atualmente um pouco mais de um bilhão de fiéis) teriam a vida eterna, ou seja, seriam salvos, e os mais de seis bilhões de seres humanos não católicos iriam todos para o inferno eterno. Isso é verdade ou mentira sobre o que Jesus disse?

Claro que é uma grande mentira apocalíptica, falsamente atribuída a Jesus pelo evangelista João, pois o inferno eterno não existe e Jesus, como um religioso pluralista, jamais iria excluir de seu Reino a grande maioria da população deste planeta, que literalmente

não come sua carne nem bebe seu sangue, isto é, seres humanos que não praticam, como os católicos, ritos e cultos míticos pagãos de **antropofagia** (comida de carne humana) e **teofagia** (comida de carne divina). Além disso, como estamos comprovando em várias seções (e subseções) deste livro, à luz da “fé raciocinada” e da história das religiões, a Ceia Eucarística católica não foi instituída pelo Jesus histórico. Ela é um rito de origem pagã.

JESUS AFIRMOU QUE ESTAVA FISICAMENTE PRESENTE NA EUCARISTIA?

De modo algum, pois, se Jesus, na Última Ceia, transformou literalmente o pão em seu corpo físico e o vinho em seu sangue, pode-se concluir, então, como já foi dito, que **ele comeu e bebeu a si mesmo, na Santa Ceia, quando ainda estava VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS, habitando o mesmo corpo físico, com o qual andava e ainda estava andando**, crença essa que, no correto dizer do escritor e ex-padre católico José Barbosa Neto, “fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas!” (NETO, 2004, p. 83)

Como pode Jesus estar **FISICAMENTE** presente (com seu corpo **PESADO**, com sua **ALTURA** e com todos os seus membros) na hóstia e no vinho consagrados?

Como é que mais de um bilhão de fiéis católicos ainda interpretam *literalmente* este velho mito da “transubstanciação” eucarística? A fé sagrada na presença física de Cristo na Eucaristia, embora mereça todo o nosso respeito, é, porém, à luz da “fé raciocinada” e da história das religiões, totalmente cega, falsa, mentirosa.

Por conseguinte, a Ceia Eucarística não pode ter sido instituída pelo Jesus histórico. O renomado teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, em seu livro *O Jesus Histórico*, argumenta que a Ceia Eucarística, interpretada literalmente, não é originária do Jesus histórico (cf. CROSSAN, 1994, p. 398-399).

Mais precisamente, ele mostra que a Ceia Eucarística, como referida numa das obras mais antigas do cristianismo, a chamada *Didaqué* (ou “Instrução dos Doze Apóstolos”), escrita por volta do final do Século I de nossa era (mas descoberta somente no ano 1883), nada tem a ver com os acréscimos posteriores católicos a respeito da Ceia Eucarística, supostamente instituída por Jesus, e

sobre o suposto milagre da “transubstanciação”. Na Ceia Eucarística descrita na obra *Didaqué* (capítulos 9 e10), “**não há qualquer menção de uma refeição feita para comemorar a Páscoa, de uma última ceia, nem de alguma conexão com a morte de Jesus ou sua celebração**” (CROSSAN, *ibid.*, p. 400) (negrito meu).

POR QUE JESUS NÃO PODE ESTAR FISICAMENTE PRESENTE NA EUCARISTIA?

Em primeiro lugar, porque Jesus, como qualquer outra pessoa desencarnada, não tem mais um corpo físico (com carne e sangue), mas apenas um corpo espiritual, semelhante ao corpo físico, mas que não tem mais as características do corpo físico, como carne e sangue. Todo corpo físico, após o desencarne de uma pessoa, se decompõe e suas moléculas vão formar novos organismos. Logo, se Jesus não tem mais um corpo físico, não pode estar “fisicamente” presente na Eucaristia.

Em segundo lugar, Jesus não “ressuscitou” fisicamente, pois ninguém ressuscita, ou seja, ninguém, após o seu desencarne, volta a viver com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer.

Em terceiro lugar, Jesus não pode estar presente na Eucaristia com sua **divindade**, porque ele, como já vimos, não é literalmente Deus encarnado.

OS MILAGRES EUCARÍSTICOS COMPROVAM A “TRANSUBSTANCIAÇÃO”?

Na visão espírita (que sigo), não. O termo “transubstanciação” significa “mudança de uma substância em outra, palavra adotada pela Igreja Católica, sobretudo a partir da filosofia escolástica, para explicar a presença real de Jesus Cristo no sacramento da Eucaristia” (AURÉLIO, verbete **transubstanciação**).

Cerca de 130 supostos milagres eucarísticos são relatados na literatura católica. Os dois mais famosos são: **O Milagre Eucarístico de Bolsena-Orvieto** e **O Milagre Eucarístico de Lanciano** (ambos ocorridos na Itália).

O Milagre Eucarístico de Bolsena-Orvieto ocorreu no século XIII (no ano 1.263), quando um padre alemão, ao celebrar uma missa, duvidou da presença real de Cristo na hóstia consagrada. No

momento em que dizia: “Este É o meu corpo... Este É o meu sangue...”, então, bastante sangue começou a jorrar da hóstia e a pingar sobre o altar.

O papa, ouvindo a história, mandou investigá-la imediatamente. Quando todos os fatos foram supostamente confirmados, ele fez uma grande celebração e colocou a hóstia milagrosa em exibição na Catedral de Orvieto.

Um ano após o referido “milagre”, em agosto de 1.264, o papa Urbano IV instituiu a festa de *Corpus Christi* (festa do Corpo de Cristo), celebrada até os dias de hoje em todo o mundo católico.

O Milagre Eucarístico de Lanciano ocorreu no século XIV, quando outro padre, ao celebrar uma missa, também duvidou da presença real de Cristo na hóstia consagrada.

Aconteceu aqui o mesmo que ocorreu em Bolsena. Enquanto eram repetidas as supostas palavras de Jesus: “Tomai todos e comei, este É o Meu corpo... Tomai todos e bebei, este É o Meu sangue...”, a hóstia consagrada se transformou em carne e sangue na frente de todos.

Em 24 de novembro de 1994, uma jovem coreana chamada Júlia, ao receber a comunhão, em Naju, Coreia, teve a eucaristia transformada em carne e sangue dentro de sua boca, enquanto o padre colocava a hóstia consagrada sobre sua língua. Estavam ali presentes muitas testemunhas. Esse mesmo milagre voltou a acontecer com Júlia por diversas vezes nos anos seguintes.

Em 31 de outubro de 1995, Júlia foi ao Vaticano e, enquanto recebia a comunhão das mãos do papa (João Paulo II), a hóstia se transformou em carne e sangue ao mesmo tempo em que tocava a língua dela.

O papa João Paulo II testemunhou pessoalmente o milagre, mas a Igreja Católica ainda não se pronunciou sobre esse milagre eucarístico da coreana Júlia.

Esclareço, com base em explicações espíritas, que os supostos milagres eucarísticos, como os de Bolsena e de Lanciano (Itália), bem como o da coreana Júlia etc., não são “milagres” que comprovam a presença real de Jesus na Hóstia consagrada, mas são **fenômenos mediúnicos, paranormais, de efeito físico, isto é, de**

transmutação da matéria, fenômeno mediúnicos comum em sessões espíritas. No dizer do escritor espírita José Reis Chaves (em sua coluna no diário O TEMPO, de Belo Horizonte, 3/9/2008),

os fenômenos de efeito físico, de Hóstias que sangram, como os de Lanciano, Itália, são paranormais ou mediúnicos de transmutação da matéria, envolvendo o padre, um ou mais fiéis e um ou mais espíritos da corrente católica. No espiritismo, que é uma ciência e uma religião que mais experiência científica tem nessa área, eles são de variados tipos e são conhecidos aos milhares, os quais são extraordinários, mas também naturais e não sobrenaturais. E Hóstias que sangram não comprovam que as outras Hóstias Consagradas sejam carne e sangue, do mesmo modo que quem levita não comprova que não existe a lei da gravidade.

Eles têm acontecido em várias partes do mundo. No Brasil, ocorreram com o médium padre Cícero, de Juazeiro do Norte, CE. E, no Vaticano, até mesmo com o Papa João Paulo II aconteceu um caso desses, quando ele dava comunhão a uma coreana, em 1995, a qual já tinha tido essa experiência em seu país. A Igreja manteve-se em silêncio a respeito do assunto, pois ela tem suas dúvidas sobre o fenômeno. Ademais, a Igreja não olha com bons olhos a realidade da mediunidade.

JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DA CONFISSÃO?

Também não. Na visão espírita (que adoto), faço questão de repetir, Jesus não instituiu nenhum sacramento.

Por conseguinte, na nossa visão, não há perdão gratuito de nossos “pecados” e, portanto, não é pelo sacramento da confissão que obtemos o perdão de nossas faltas e de nossos erros. Somente através da prática do amor, da caridade, o homem consegue resgatar seus débitos e evoluir para mundos mais adiantados, onde passa a viver mais feliz e livre de reencarnações em mundos físicos atrasados como o Planeta Terra.

Os cristãos católicos, porém, acreditam que Jesus instituiu literalmente o sacramento da confissão para o perdão gratuito de nossos pecados. Segundo esse dogma (ou mito) católico, a confissão é necessária para o perdão dos pecados e os sacerdotes católicos têm o poder de perdoar ou de reter os pecados dos fiéis, com base na seguinte passagem inautêntica do Evangelho de João:

“A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio.”
Dizendo isto, soprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo.
Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles
aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos.” (João 20, 21-23)

Em primeiro lugar, a frase, supostamente dita por Jesus, “Recebei o Espírito Santo”, está errada, pois, no original grego não aparece aí o artigo definido, devendo a tradução correta ser “Recebei um Espírito Santo”, e não o Espírito Santo da Trindade Cristã.

Em segundo lugar, essa passagem evangélica, repito, é inautêntica, uma vez que os referidos versículos joaninos não são palavras do Jesus histórico, como nos asseguram os pesquisadores do SJ (cf. FUNK, Robert W., HOOVER, Roy W., & THE JESUS SEMINAR, p. 467).

Em terceiro lugar, como nos esclarece o teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE, “a confissão, tal como hoje é praticada na Igreja Católica, era completamente desconhecida nos tempos dos apóstolos” (GRIESE, p. 147). Foi somente no século 13, no ano de 1215, que o papa Inocêncio III, no Sínodo de Latrão, tornou a confissão obrigatória, ao menos uma vez por ano.

Em quarto lugar, o próprio Jesus disse que “ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado através de múltiplas (re)encarnações, ensinamento este que nega radicalmente três verdades do cristianismo dogmático: 1) o dogma cristão do inferno eterno; 2) a crença na unicidade de nossa existência no plano físico e 3) o sacramento católico da confissão.

Em razão desses argumentos e dados históricos, podemos concluir, com Franz GRIESE, que “a confissão é uma instituição absolutamente contrária à doutrina do Jesus histórico e à tradição apostólica” (GRIESE, *ibid.*).

O Jesus histórico, de fato, não instituiu nenhum sacramento. Todos os sacramentos da Igreja foram instituídos por ela mesma ao longo dos séculos.

Os protestantes já vêm entendendo essa verdade há cerca de 500 anos, pois passaram a rejeitar quase todos os sacramentos da Igreja Católica, com exceção do batismo e da Ceia Eucarística (ce-

lebrada apenas simbolicamente em memória de Cristo, negando, portanto, o dogma católico da transubstanciação).

JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DO BATISMO?

Jesus, repito, não instituiu nenhum sacramento. Segundo a grande maioria dos cristãos, com base numa inautêntica passagem do Evangelho de Marcos, Jesus teria afirmado que o batismo é necessário para a “salvação” e que só pode ser “cristão” (e “salvar-se”) quem crer e for batizado: “E disse-lhes: ‘Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado, será salvo; o que não crer será condenado’ ” (Marcos 16, 15-16).

Os mesmos cristãos, baseados numa falsa e intercalada passagem do Evangelho de Mateus, igualmente asseguram que Jesus ordenou o seguinte: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, **batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**” (Mateus 28,19) (negrito meu).

A verdade, porém, é que o Jesus histórico nunca disse isso. Tanto o versículo bíblico de Marcos (Marcos 16,15-16) como o de Mateus (Mateus 28,19) são inautênticos, uma vez que não se encontram em versões mais antigas dos mesmos Evangelhos.

Além disso, a passagem de Mateus foi copiada do chamado “Pseudo Evangelho de Marcos (Mc 16,9-20), que é, segundo os pesquisadores do SJ, um caso de acréscimo a todo o Evangelho de Marcos, uma vez que não consta nas versões mais antigas desse mesmo Evangelho. Esses doze versículos falam das aparições de Jesus ressuscitado e de sua suposta ordem aos discípulos, dizendo-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. **Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado**” (Marcos 16,15-16) (negrito meu).

Fica, portanto, mais do que claro que a doutrina do batismo não foi ensinada pelo Jesus histórico. Apesar de ser bastante provável que Jesus tenha sido batizado por João Batista, ele nunca fez uso do batismo nem ordenou aos discípulos que fossem por todo o mundo evangelizando e batizando toda criatura em nome da Trindade, nem jamais afirmou que só seria salvo quem cresse e fosse batizado. Isso tudo foi doutrina mítica exclusivista acrescentada posterior-

mente pela Igreja Católica, a fim de legitimar biblicamente a sua hegemonia eclesial.

Com base nesse dado histórico, o batismo é, por conseguinte, mais um mito cristão. Jesus ensinou que, para alguém “salvar-se” (ou melhor, para “libertar-se”) e para ser “cristão”, isto é, para ser “seu discípulo”, a condição necessária e suficiente, conforme já vimos neste livro, mas convém repetir, é **amar o próximo**: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois cristãos], se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13,35).

Por conseguinte, não é o batismo nem qualquer outro sacramento ou prática ritualística que “salva” (ou “liberta”) e que caracteriza o “cristão” como Jesus o definiu. Assim, o hinduísta Mahatma Gandhi, um dos espíritos mais iluminados do século XX, grande admirador do Evangelho de Cristo, praticante como Jesus da não violência, isto é, do amor, nunca foi “batizado”, entretanto, no feliz dizer do escritor espírita Hermínio C. Miranda, “foi cristão dos melhores, na vivência do amor ao próximo, na mansidão, no entendimento fraterno, no viver limpo, correto, modesto, autêntico” (MIRANDA, 1988, p. 18).

Os cristãos dogmáticos alegam que o batismo é necessário para a salvação, porque ele apaga o “pecado original”.

Essa é uma das crenças míticas que une a grande maioria dos cristãos, para os quais “no batismo erradica-se o pecado original, restaurando-se o estado de graça” (DER, verbete **pecado original**), o que implica afirmar que todos os seres humanos nasceram em estado de “desgraça”, ou seja, nasceram todos com o “pecado original” – um pecado que não cometeram, mas que absurda e injustamente lhes foi transmitido por herança de seus primeiros pais (Adão e Eva). Além do mais, se os seres humanos não tivessem herdado esse tal “pecado original”, cometido pelos seus supostos primeiros pais, não “morreriam”. Seriam todos imortais!

O pecado original, literalmente interpretado, como na visão cristã dogmática, é, de fato, um grande erro (uma grande mentira) do cristianismo mítico, e não uma verdade histórica absoluta. Fazendo uso da “fé raciocinada”, questionamos esse dogma cristão mediante a seguinte reflexão: que Deus mesquinho é esse que, por causa de

uma suposta desobediência do primeiro casal humano faz nascer todos os demais seres humanos em estado de tamanha “desgraça” moral, obrigando seu suposto Filho unigênito a encarnar-se na Terra para redimir a humanidade de tão “grande” falta, mediante sua morte na cruz? Deus, com o sangue do seu Filho Unigênito, teria, assim, pago a Satanás o resgate da humanidade. Entretanto, numa justa crítica do filósofo Pietro Ubaldi, em seu livro *Cristo*,

é absurdo que Deus seja submisso ao poder de Satanás, e tenha enviado Seu Filho primogênito para pagar com o Seu sangue o resgate da humanidade, que foi induzida ao pecado pelo próprio Satanás. Como pode Deus justificar esta culpa, a ponto de reconhecer uma dívida Sua para com Satanás? [...] Justificando semelhante absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás (UBALDI, 1988, p. 274).

A Humanidade não descende de Adão e Eva, casal mítico que nunca existiu. A ciência, há muito tempo, já comprovou que os seres humanos não se originaram de um único primeiro casal (Adão e Eva). Essa crença mítica não tem o menor sentido perante as pesquisas antropológicas sobre a origem do homem e das diversas raças de nosso planeta. A crença de que todos descendemos de Adão e Eva, casal responsável pelo “pecado original”, é, portanto, totalmente falsa, mentirosa.

Não é de admirar, portanto, que, entre as várias denominações cristãs e entre os próprios grandes teólogos e doutores da Igreja, as opiniões sobre o batismo sejam por demais contraditórias. Por exemplo: enquanto para a maioria das denominações cristãs, o batismo é absolutamente necessário para apagar o “pecado original” e para a salvação, para outras, ele não é absolutamente necessário (por exemplo, para os luteranos). Enquanto para algumas denominações cristãs, o batismo só é válido se for administrado exclusivamente a adultos (por exemplo, para os batistas), para outras, ele pode ser validamente administrado a crianças (por exemplo, para os católicos). Enquanto para o maior doutor da Igreja, Santo Tomás de Aquino, a eficácia do batismo dependia somente da fé daquele que o recebesse, para outro dos maiores doutores da Igreja Católica, Santo Agostinho, como as crianças que são batizadas não podem ter fé, é

suficiente a fé dos padrinhos (cf. SCHUTEL, 1986, p. 38; ver também DER, verbete **batismo**).

INTERPRETAÇÃO LITERAL DA RESSURREIÇÃO DE JESUS

É verdade que Jesus ressuscitou fisicamente? Não. De acordo com a Doutrina Espírita (que sigo), não existe “ressurreição”, no sentido da volta de alguém à vida no mesmo corpo físico que tinha antes de morrer. Nesse sentido, não existe “ressurreição”, mas “**re-encarnação**”, ou seja, a volta do espírito em um novo corpo físico.

Defendemos também a tese de que a “morte” não existe; somente o corpo físico é que morre, e não o espírito, que é imortal. O corpo físico também não ressuscita; após sua morte, suas moléculas formam novos organismos. De acordo com essa nossa visão, Jesus não “ressuscitou”, no sentido comum de “ressurreição” como o retorno à vida no mesmo corpo físico que se tinha antes de morrer.

Mais explicitamente, Jesus, de fato, nem “morreu” nem “ressuscitou” (fisicamente), porque ninguém “morre” (a morte não existe). É por demais conhecida a afirmação de que nada, de fato, morre no universo, tudo apenas se transforma. O que inadequadamente chamamos de “morte” é apenas o descarte de nossa vestimenta física, ou seja, de nosso corpo físico, que não é parte essencial de nossa natureza (pois somos essencialmente “espíritos”). Nosso corpo é apenas uma vestimenta temporária de trabalho, adequada ao plano físico-material do planeta em que vivemos. Quando essa vestimenta de trabalho não mais cumpre sua função, desfazemos dela, continuando a viver num outro plano, com nosso “corpo espiritual” ou “corpo de ressurreição”, para usar uma terminologia bíblica, corpo esse que é formalmente idêntico ao corpo físico, mas diferente na substância (ele é fluídico).

É com esse “corpo espiritual” que muitas pessoas, depois de “mortas”, se manifestam concretamente, “aparecem” (materializadas) aos “vivos” para demonstrar que a morte não existe (como no caso das aparições de Jesus) ou para comunicar-nos determinadas mensagens (como ocorre em algumas sessões espíritas). Esse tipo de “ressurreição de mortos”, isto é, esse fenômeno de apari-

ções de “mortos” sempre ocorreu e continua ocorrendo na humanidade. Nesse sentido, todos nós podemos “ressuscitar” dos mortos.

Por conseguinte, na visão espiritualista/espírita que adoto, afirmar que Jesus “ressuscitou dos mortos” significa dizer, precisamente, que ele, após sua “morte”, ou melhor, após seu “desencarne”, “apareceu” (materializado), com seu corpo espiritual (e não com seu corpo físico), a várias pessoas, para demonstrar que ele não morreu e que a morte não existe. Mas, como bem elucida o escritor espírita Hermínio C. Miranda,

não é Jesus o primeiro, e está longe de ser o último, que se manifestou concretamente, ou seja, objetivamente e até materializado a homens, mulheres e crianças, depois de “morto”, em seu corpo espiritual (MIRANDA, 1988, p. 116).

Mas, se a materialização (aparição) de “mortos” é um fenômeno comum, como, de fato, o é, cai logicamente por terra o caráter único, exclusivo, extraordinário e miraculoso da ressurreição (= materialização) de Cristo.

Para os espiritualistas espíritas, repito, a “morte não existe”. Na realidade, se, como diz a ciência, “na natureza nada morre, tudo se transforma”, é uma contradição de termos afirmar que o homem “morre”. O homem não morre, apenas continua a viver com um corpo mais leve, mais sutil, fluídico (o chamado “corpo espiritual”), após descartar o corpo velho, pesado, físico-material, o qual passa a ser cadáver que será decomposto na sepultura, cujas moléculas formarão novos organismos e que, portanto, jamais foi ou será “reanimado” (ou revivificado/ressuscitado fisicamente).

Nesse sentido, por conseguinte, a “ressurreição” de Cristo significa a sua “sobrevivência” com seu “corpo espiritual”, após o descarte de seu corpo físico, o qual nunca foi (nem será jamais) revivificado. Esses dois tipos de corpos (o corpo físico e o corpo espiritual) se assemelham em tudo, menos na matéria de que são feitos: o corpo espiritual (chamado no espiritismo de “perispírito”) é sutil, fluídico, leve, enquanto o corpo físico é denso, pesado.

Convém esclarecer que o apóstolo Paulo acreditava na ressurreição física de Cristo, bem como na de todos os mortos, mas com

o corpo físico transformado num corpo espiritual, glorioso, imortal: “O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos: semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual” (1Coríntios 15,42-44).

O grande erro (ou a grande mentira) de Paulo (e de todos os demais cristãos dogmáticos) é acreditar que haverá “ressurreição dos mortos”, sim, com seus mesmos corpos físicos que tinham antes de morrer, porém transformados em corpos espirituais, gloriosos, imortais, o que não é verdade, pois o corpo físico, depois de sua morte, jamais será transformado em corpo espiritual e jamais retornará a este plano físico. Ele se decomporá em moléculas que formarão novos organismos, como comprova a ciência.

Nesse contexto, enquanto a Bíblia garante que, por ocasião do suposto Juízo Final, todos os corpos “ressuscitarão”, ou seja, todos sairão das sepulturas, mesmo que transformados, e voltarão à sua existência físico-material, a Ciência comprova que isso é impossível, uma vez que, com a desintegração física dos cadáveres nas sepulturas, suas moléculas passam a formar novos organismos. Como poderiam essas moléculas retornar (por ocasião do suposto Juízo Final) aos corpos enterrados e decompostos há séculos ou há milênios, cujas moléculas já serviram para compor milhares de outros organismos? O dogma cristão da ressurreição da carne é, por conseguinte, literalmente falso, mentiroso.

Jesus, portanto, não ressuscitou com seu corpo físico transformado num corpo espiritual, no sentido paulino, mas apenas apareceu materializado em seu corpo espiritual, após seu desencarne.

O núcleo da fé cristã tradicional (“paulinismo”) é a crença na ressurreição de Jesus. Esse é indubitavelmente o dogma central do cristianismo ortodoxo. Sem a crença no dogma da “ressurreição de Jesus”, desmorona toda a fé cristã ortodoxa, como bem expressa o próprio apóstolo Paulo, principal fundador do cristianismo dogmático e mítico, na seguinte passagem do Novo Testamento: “Se Cristo não ressuscitou, vazia é nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Coríntios 15,14).

Para concluir esta seção, reafirmo que o que é verdade não é, portanto, a crença irracional cristã na “ressurreição da carne (ou dos mortos)”, com seus corpos físicos transformados em corpos espirituais, mas a doutrina racional espiritualista/espírita da “reen-carnação”, ou seja, do retorno de nossa alma (ou espírito) em novos corpos físicos, neste ou em outros planetas, quantas vezes isso for necessário para a nossa evolução espiritual.

INTERPRETAÇÃO LITERAL DE RESSURREIÇÕES DE MORTOS ATRIBUÍDAS A JESUS

Jesus ressuscitou Lázaro, o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo?

Literal e historicamente, não. Esclareço, com o escritor Alfons Weiser (cf. WEISER, 1978, p. 136-137), que os chamados milagres de “ressurreição de mortos” narrados na literatura cristã e na de outras religiões podem ter várias interpretações, desde a posição que os interpreta ao pé da letra, em sentido histórico e real, “passando pelas hipóteses de morte aparente e por explicações parapsicológicas, até à opinião segundo a qual esses textos tratam apenas de lendas, de narrativas simbólicas, parabólicas, ou da transposição do mito do deus-sol que morre e ressuscita” (id. *ibid.*, p. 137).

Há, de fato, vários relatos de milagres de “ressurreições de mortos” na Bíblia judaico-cristã e na literatura religiosa de outros povos. O Antigo Testamento nos fala de dois casos de ressurreição de mortos atribuídos, respectivamente, aos profetas Elias e Eliseu (1Reis 17; 2Reis 4). O Novo Testamento atribui a Jesus três milagres de ressurreição de mortos: a de Lázaro (João 11), a do filho da viúva de Naim (Lucas 7) e a da filha de Jairo (Marcos 5; Mateus 9; Lucas 8). Além de Jesus, o NT atribui um milagre de ressurreição a cada um dos dois apóstolos Pedro e Paulo (Atos 9,40-41; Atos 20,10). “A literatura cristã nos diz que muitos santos teriam ressuscitado mortos durante suas vidas. Entre estes, mencionam-se Martinho de Tours, Bento de Núrsia, Francisco de Assis e Dom Bosco” (WEISER, p. 136). Casos de ressurreições de mortos encontram-se igualmente na literatura de outras religiões, por exemplo, na literatura judaica,

atribuem-se casos de ressurreições de mortos a alguns rabinos; na literatura helenística relata-se um milagre de ressurreição operado por Apolônio de Tiana e assim por diante.

No parecer do renomado escritor Alfons Weiser, “de todo o material das fontes não se pode deduzir, com suficiente certeza, um único caso sequer em que um morto de verdade tenha retornado alguma vez à existência terrena” (WEISER, p. 137).

Concordando com esse mesmo autor, reafirmo que jamais um morto de verdade retornou alguma vez à existência terrena com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer.

A crítica histórica moderna das narrativas bíblicas também tem enfrentado o problema da suposta ressurreição de Jesus, “procurando as origens desta crença, não rara na Antiguidade” (DONINI, p. 295):

As religiões de salvação [também chamadas de “religiões de mistérios”], baseadas no culto de seres divinos ou semidivinos que morrem e ressuscitam, não só influíram sobre o modo de apresentar a ressurreição de Jesus, como tornaram mais fácil a sua aceitação, até transformar esta questão de fé num elemento decisivo do sucesso da nova religião (DONINI, p. 295).

Em suma, a crença em “ressurreição de mortos” (ou em “ressurreição da carne”), no sentido de reanimação do cadáver de alguém que “desencarnou”, definitivamente, é mais um mito que precisa ser devidamente questionado e reavaliado na mesa do diálogo religioso.

Analisemos agora a ressurreição de Lázaro.

A “ressurreição de Lázaro” (João, capítulo 11) é literalmente interpretada pela maioria dos cristãos como “o milagre mais impressionante de todos atribuídos a Jesus no Novo Testamento” (HARPUR, 2008, p. 136). Argumento, em minhas obras ecumênicas, apoiado em diversos autores, que a ressurreição de Lázaro, interpretada literalmente como um fato miraculoso real, para provar a divindade de Jesus, ou seja, para provar que Jesus é literalmente o Filho de Deus, Deus encarnado, o Messias, o Salvador etc., não é uma verdade histórica absoluta, mas uma parábola, um mito, o qual não deve ser inter-

pretado ao pé da letra, como fato histórico. Esse suposto milagre evangélico, no correto dizer do teólogo e ex-pastor anglicano Tom Harpur, “tem o sabor e o caráter da alegoria e do mito” (HARPUR, 2008, p. 139).

Se esse famoso “milagre” tivesse realmente acontecido historicamente, como é que os evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), que foram escritos muitos anos antes do Evangelho de João, não o teriam narrado? Este suposto milagre aparece unicamente no quarto Evangelho (o de João). Como poderia uma “prova” tão importante do poder divino de Jesus ter sido ignorada pelos outros evangelistas? Esses argumentos já são suficientes para provar que a ressurreição de Lázaro não é história, mas parábola e mito.

Além disso, como nos esclarece Tom Harpur, em sua mencionada obra, o relato da ressurreição de Lázaro é cópia (ou plágio) da literatura sagrada egípcia, que tem um rico sentido espiritual, quando interpretado simbolicamente, para os que acreditam na ressurreição final dos mortos, mas que é falso, quando interpretado literal e historicamente, como faz a maioria dos cristãos (para a história completa do Lázaro egípcio, cf. HARPUR, 2008, p. 140-143). Nas palavras desse mesmo autor,

um Jesus egípcio ressuscitou dos mortos um Lázaro egípcio, em uma Betânia egípcia, na presença de uma Maria e de uma Marta egípcias, nas inscrições daquela terra antiga pelo menos 5 mil anos antes da era cristã (HARPUR, 2008, p. 89).

A ressurreição do filho da viúva de Naim (Lucas 7,11-17) também não é, segundo os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 288-289), um fato histórico, realizado por Jesus, mas é uma criação parabólica do evangelista Lucas, com base na história muito semelhante da ressurreição do filho da viúva de Sarepta, realizada pelo profeta Elias (cf. 1Reis 17, 17-24). É que muitas histórias narradas nos Evangelhos foram criadas pelos evangelistas com base em histórias semelhantes narradas no Antigo Testamento.

Quanto á ressurreição da filha de Jairo (cf. Marcos 5,22-24; 35-43; Mateus 9, 18-26; Lucas 8, 41-42; 49-56), os pesquisadores do

SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 83) também afirmam que essa suposta ressurreição da filha de Jairo não é um fato histórico, mas um relato parabólico criado pelo evangelista Marcos (copiado depois por Mateus e Lucas). O mais provável, porém, como teria afirmado o próprio Jesus (cf. Lucas 8,52), é que a filha de Jairo não estava morta, mas dormindo, como teria acontecido também com a suposta ressurreição de Eutico, realizada pelo apóstolo Paulo (Atos 20,7-12), o qual não estava morto, conforme assegurou o próprio Paulo, ao dizer: “Não vos perturbeis; sua alma está nele” (Atos 20,10).

INTERPRETAÇÃO LITERAL DA SEGUNDA VINDA DE JESUS

A grande maioria dos cristãos acredita na segunda vinda física e gloriosa de Jesus Cristo para o Juízo Final da humanidade (cf. Mateus 25,31-46), premiando os justos com o céu e castigando os maus com o inferno eterno. Muitas passagens do Novo Testamento (por exemplo, Mc 9,1; 13, 1-32; Mateus 16,27; 24, 1-35; 25, 31-46; Lucas 9,27; 21, 5-33; 1Coríntios 15,23; 1Tessalonicenses 2,19; 3,13; 4,15-17; 5,2; 5,23; 2Tessalonicenses 1, 6-10; 2,1-12 etc.) afirmam que Jesus garantiu que retornaria à Terra para o julgamento final da humanidade, enquanto ainda alguns de seus discípulos ou apóstolos estivessem vivos.

A crença literal na segunda vinda do Cristo da fé para o Juízo Final da humanidade, premiando os justos com o céu e castigando os maus com o inferno eterno, é mais um mito cristão, um mito escatológico, isto é, referente às últimas coisas que supostamente deverão acontecer no final dos tempos, doutrina antiga, segundo a qual Deus poria um fim na história da humanidade, ressuscitando todos os mortos e dando a cada um a sua sentença final, de acordo com as suas obras (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 245-246).

Essa crença mítica torna-se bastante racional, contudo, quando interpretada à luz do espiritismo (cf. KARDEC, *A Gênese*, cap. 17, n. 43-67), o qual nos esclarece que a humanidade não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua regeneração:

chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação [...] é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” (KARDEC, *A Gênese*, cap. 17, n. 63)

Quanto à promessa não cumprida do breve retorno de Jesus Cristo para o Juízo Final da humanidade, enquanto ainda alguns de seus discípulos ou apóstolos estivessem vivos, defendo a hipótese de que não foi o Jesus histórico quem a fez, mas foram os escritores cristãos – particularmente Paulo de Tarso – que, baseados em crenças apocalípticas míticas, existentes no judaísmo (por exemplo, em Daniel 7-10) e em outras culturas mais antigas, criaram essas passagens neotestamentárias, atribuindo a Jesus a sua autoria, para que adquirissem mais valor. O Jesus histórico, porém, não é o autor dessa promessa ou profecia (não cumprida), nem de qualquer passagem neotestamentária relacionada com a figura apocalíptica mítica do “Filho do Homem”.

Se as passagens bíblicas sobre a suposta segunda vinda de Jesus Cristo, para o julgamento final da humanidade, enquanto ainda estivessem vivos alguns dos seus discípulos (ou apóstolos), não são míticas, mas históricas, então Jesus Cristo errou e, se ele errou, ele não era (nem é) Deus, pois Deus não pode errar. Não há como escapar dessa “fé raciocinada”. A profecia (ou promessa) de seu breve retorno, para o julgamento final da humanidade, de fato, não se cumpriu. Sua ideia central pode ser resumida nas seguintes passagens do Novo Testamento:

(...) porque logo voltará o Filho do Homem na glória de seu Pai e então retribuirá a cada um, segundo suas obras. Em verdade vos digo que alguns de vocês que estão aqui não provarão da morte até que vejam o Filho do Homem retornar na glória de seu reino. (Marcos 9,1; Mateus 16,27; Lucas 9,27)

Aliás, eu vos digo que, dentro de pouco tempo, vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. (Mateus 26,64)

Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos lá para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. (1 Tessalonicenses 4,15-17)

Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça. (Marcos 13,30; Mateus 24,34)

Não é muito mais lógico acreditar – com Allan Kardec e os pesquisadores do Seminário de Jesus – que essas e outras passagens semelhantes do Novo Testamento, não são, de fato, palavras do Jesus histórico (nem palavras de Deus), mas palavras dos autores cristãos, baseados no mito da parusia (ou parúsia) de Jesus, ou seja, da sua suposta segunda vinda física, gloriosa, no final dos tempos, para estar presente ao juízo final? Atribuí-las ao Deus-Jesus, ou seja, ao “Cristo da fé”, como fazem os cristãos ortodoxos, não é confessar abertamente que ele errou?

Sabemos que, para justificar o não cumprimento dessa profecia mítica, foi escrita a segunda epístola de Pedro (o último escrito do Novo Testamento), por volta do ano 150 d.C., declarando que “para Deus um dia é como mil anos e mil anos como um dia” (2 Pedro 3,8). A respeito dessa interpretação sofismática de Pedro, o teólogo Franz GRIESE afirma, com razão, que “a segunda epístola de Pedro é uma carta apócrifa, escrita no ano 150 d.C., com o propósito de encobrir o fracasso da profecia não cumprida do breve retorno de Cristo” (GRIESE, p. 50, nota 1). O “Cristo da fé”, então, errou?

Encerro este capítulo, respondendo, com Franz GRIESE (cf. GRIESE, 1957, cap. 2), que o “Cristo da fé” realmente errou, ao fazer a promessa não cumprida de seu breve retorno, a maior prova de que ele não era, nem é, Deus, pois Deus não pode errar.

CAPÍTULO 4

A MANEIRA MÍTICA SIMBÓLICA DE VER JESUS

Conforme esclarecido no Prefácio deste livro, mas faço questão de repetir na introdução deste seu último capítulo, neste meu 6º livro ecumênico, faço e enfatizo a distinção entre três maneiras de ver Jesus: 1) **a maneira histórica**; 2) **a maneira mítica literal** e 3) **a maneira mítica simbólica**.

Pela **maneira histórica** de ver Jesus, como comprovamos no Capítulo 2 deste livro, ele é um personagem histórico puramente humano, ou seja, ele é somente HOMEM; pela **maneira mítica literal** de ver Jesus, conforme vimos no Capítulo 3 deste livro, ele é interpretado, *literalmente*, pela grande maioria dos cristãos, como um DEUS-HOMEM histórico, o único “Deus encarnado”, o único “Filho de Deus”, o “único Salvador da humanidade”, mas, pela **maneira mítica simbólica** (metafórica, alegórica, parabólica, gnóstica, esotérica, pluralista) de ver Jesus, como veremos neste último capítulo, ele é um personagem mítico, de muito valor espiritual, que simboliza **A CENTELHA DIVINA ENCARNADA EM TODO SER HUMANO**, também designada pelas seguintes expressões: “o Cristo cósmico”, “o Cristo Interno”, “o Cristo interior”, “o Eu divino em cada um de nós”, “o Pai em nós”, “o Reino de Deus no homem”, “Deus dentro de nós”, o “Atman hindu” etc.

MANEIRA MÍTICA LITERAL X MANEIRA MÍTICA SIMBÓLICA DE VER JESUS

A maneira mítica literal de ver Jesus, conforme vimos no Capítulo 3 deste livro, é um erro fatal, a maior mentira das igrejas cristãs, enquanto a maneira mítica simbólica (gnóstica, alegórica, esotérica) de vê-lo é um modo correto e valoroso de ver Jesus. A maneira mítica literal de ver Jesus é **superexclusivista, discriminatória e divisionista**, enquanto a maneira mítica simbólica de interpretá-lo é altamente **pluralista, igualitária e unificadora**, como veremos nas demais seções deste capítulo.

Conforme esclarecido no primeiro capítulo deste livro, os mitos religiosos, por expressarem verdades espirituais profundas (transcendentes), possuem um grande valor espiritual, **quando interpretados simbolicamente**. A sua interpretação literal, porém, tem causado muitos males na humanidade: exclusivismos, divisões, conflitos, preconceitos, discriminações, intolerância, guerras catastróficas, autos de inquisição etc.

Devido ao seu limitado poder de interpretação, a grande maioria dos religiosos ainda lê as narrativas de suas sagradas escrituras ao pé da letra, e não simbolicamente, alegoricamente.

Krishna (deus hindu), cerca de quatro mil anos antes de Cristo, já pregava essa mesma verdade nos seguintes termos:

Aqueles que carecem de discernimento poderão citar as Escrituras literalmente, mas na realidade estarão negando a verdade implícita que elas transmitem (Bhagavad-Gita, apud HARPUR, 2008, p. 29).

Em outras palavras, é por falta de discernimento, de maturidade e de atraso evolutivo que a grande maioria dos religiosos ainda interpreta seus mitos literalmente, sem perceber o seu significado espiritual alegórico profundo. A interpretação simbólica dos mitos, repito, tem um imenso valor, porque o mito é o único meio de expressar verdades sagradas inefáveis, como nos esclarece Tom Harpur nos seguintes termos:

Quem quiser compreender a religião, as ideias religiosas e os documentos religiosos – isto é, os textos sagrados de qualquer natureza – deve entender que o divino, o oculto, o inefável, as obras do espírito no coração humano ou no cosmos em geral não podem ser expressos convenientemente de outra maneira a não ser pelo mito, pela alegoria, por um conjunto de imagens, parábolas e metáforas. Uma narrativa literal, descritiva, leva inevitavelmente à idolatria ou ao extremo absurdo (HARPUR, 2008, p. 32).

O grande teólogo cristão do século II, Orígenes, já afirmava essa mesma verdade, nos seguintes termos: “É reconhecido por todos aqueles que têm algum conhecimento das escrituras que tudo é transmitido enigmaticamente, isto é, esotericamente” (apud HARPUR, 2008, p. 33).

O famoso escritor americano Alvin Boyd Kuhn confirma essa mesma verdade, ao afirmar que “as pessoas inteligentes nunca acreditaram nos mitos; elas acreditavam no que eles representavam, simbolizavam, renunciavam” (apud HARPUR, 2008, p. 33).

No dizer desse mesmo autor (Tom Harpur),

foi a interpretação totalmente errônea do mito, das alegorias e da dramatização que resultou na **transformação de Jesus em um Deus-Homem histórico** – um feito que distorceu o cristianismo dos primeiros tempos e efetivamente frustrou o verdadeiro poder do mito para transformar a vida das pessoas. [...] Isso acabou levando ao erro colossal, perpetuado desde o século III em diante, de confundir mito, dramatização, ritual, alegoria e outras formas de representação simbólica com história objetiva, e por conseguinte converter literalmente o conjunto de mitos em pretensos acontecimentos (HARPUR, 2008, p. 33-34) (negrito meu).

Sobre o erro fatal de os cristãos interpretarem mitos como história, o escritor Alvin Boyd Kuhn escreveu:

Os textos sagrados estão escritos em uma linguagem de mitos e símbolos, e a religião cristã jogou fora e perdeu a própria alma do significado deles quando traduziu erroneamente essa linguagem em pretensa história, em vez de interpretá-los como uma alegoria espiritual (Alvin Boyd Kuhn, apud HARPUR, 2008, p. 34).

O resultado foi uma fé patética, cega, em um tipo de supernaturalismo emocional e supersticioso. As evidências disso se encontram por toda parte hoje em dia, nas modalidades extremas, literalistas, ultraconservadoras da religião cristã (HARPUR, 2008, p. 34).

É por causa de toda essa confusão entre interpretação literal e simbólica da Bíblia, bem como entre história e mito nos textos sagrados, que adoto em meus livros ecumênicos e no meu *blog* a distinção crucial entre o “Jesus histórico” e o “Jesus da fé” (também chamado de “Cristo da fé” ou “Jesus mítico”), defendendo a tese de que os Evangelhos contêm, de fato, a história de um homem real (o Jesus histórico – uma pessoa inteiramente humana), ao lado da história de um Deus-Homem supostamente histórico (o Jesus mítico, também rotulado de “Cristo da fé”, “Cristo confessional”, “Jesus canônico”) – interpretado literalmente, pelos cristãos

fundamentalistas, como uma pessoa histórica e divina (totalmente divina, mas com duas naturezas: a divina e a humana).

Esta é a chamada **“historicização”** do Jesus mítico, ou seja, a transformação do Jesus mítico num **Deus-Homem histórico**, em oposição à **“simbolização”** do Jesus mítico, ou seja, à sua interpretação simbólica (alegórica), não como um Deus-Homem histórico e exclusivista, fundador de uma religião (ou igreja), mas interpretado de maneira pluralista como “Deus dentro de cada um nós”.

EVANGELHOS CANÔNICOS X EVANGELHOS GNÓSTICOS

Como este capítulo é muito mais baseado em passagens evangélicas gnósticas, resolvi esclarecer nesta seção o sentido de “Evangélicos Gnósticos” em oposição a “Evangélicos Canônicos”.

Os Evangelhos Canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) são os oficialmente reconhecidos pelo cristianismo ortodoxo como “autênticos” (verdadeiros), em oposição aos Evangelhos Gnósticos, que são considerados pelo cristianismo ortodoxo como “apócrifos”, isto é, inautênticos, falsos. Discordo, obviamente, desse ponto de vista do cristianismo ortodoxo, pois os próprios Evangelhos Canônicos possuem muitas passagens gnósticas de rico valor espiritual, como comprovaremos neste capítulo.

Em 1945, um camponês árabe fez uma descoberta arqueológica espantosa em Nag Hammadi, vilarejo do Alto Egito, a 500 kms do Cairo, onde foi encontrado um pote de cerâmica de quase 1 metro de altura, contendo 13 papiros encadernados em couro, com 52 textos incluindo vários Evangelhos gnósticos.

Helena P. Blavatsky mostra em seus escritos que o Novo Testamento apresenta um grande número de expressões gnósticas, particularmente no Evangelho de João e nos escritos de São Paulo.

Nos últimos meses, tenho lido e estudado bastante a literatura gnóstica, particularmente o Evangelho de Tomé (considerado o mais gnóstico de todos).

Depois de ter lido vários livros sobre o gnosticismo cristão, cheguei à conclusão de que os ensinamentos gnósticos, atribuídos

a Jesus nos Evangelhos gnósticos e nos Canônicos (particularmente no Evangelho de João), têm um rico valor espiritual, como comprovarei ao longo desta seção e deste capítulo.

Dentre os principais livros que tenho lido e estudado sobre o gnosticismo cristão, faço questão de mencionar os oito seguintes: 1) “O Evangelho de Tomé: O Elo Perdido”, de autoria do escritor espírita José Lázaro Boberg (BOBERG, 2011); 2) “A Gnose Cristã”, de autoria do teósofo C. W. Leadbeater, Bispo da Igreja Católica Liberal (LEADBEATER, 2001); 3) “A Sabedoria Oculta na Bíblia Sagrada”, de autoria do teósofo Geoffrey Hodson (HODSON, 2007); 4) “Sabedoria do Evangelho” (em 8 volumes), de autoria do escritor espírita (e ex-padre católico) Carlos Torres Pastorino (PASTORINO, 1964); 5) “Os Ensinamentos de Jesus e a Tradição Esotérica Cristã”, de autoria do teósofo Raul Branco (BRANCO, 1999); 6) “Os Evangelhos Gnósticos”, de autoria de Elaine Pagels (PAGELS, 4ª. ed., 2006); 7) “O Cristo dos Pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus”, de autoria de Tom Harpur (HARPUR, 2008) e 8) “Transformando Água em Vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos”, de autoria do mesmo autor Tom Harpur (HARPUR, 2009).

De todos esses livros, os que mais me encantaram foram os quatro seguintes: 1) “O Evangelho de Tomé”; 2) “Sabedoria do Evangelho”; 3) “O Cristo dos Pagãos” e 4) “Transformando Água em Vinho”. A obra gnóstica “O Cristo dos Pagãos” é a mais citada neste capítulo.

Fiquei encantado com a análise do escritor José Lázaro Boberg sobre o Evangelho apócrifo (não canônico) de Tomé, normalmente rotulado pelos seus analistas como um Evangelho *gnóstico* (segredo, esotérico). Recomendo aos meus leitores que leiam essa maravilhosa obra de José Lázaro Boberg. Citarei a seguir algumas passagens desta fantástica obra:

O Evangelho Gnóstico de Tomé é composto de 114 *logions* ou ‘dizeres’ de Jesus, sendo alguns semelhantes aos que constam dos [Evangelhos] canônicos, mas sem milagres, histórias, contendo os ‘ditos’, simplesmente. A título de exemplo, no *logion* ou dito nº 1, o Jesus de Tomé diz: “Quem descobrir o sentido destas palavras não provará a

morte”. A grande diferença entre os gnósticos e os canônicos é que os primeiros advogam uma ligação direta com Deus, na própria intimidade, enquanto os segundos criaram uma estrutura organizada com dogmas, rituais, e a ligação com Deus só ocorreria através da Igreja. Para os gnósticos, o Reino de Deus é uma conquista íntima, enquanto que, para a Igreja, é algo que ocorreria por procuração dada pelo crente, ao filiar-se à instituição. (BOBERG, José Lázaro. *O Evangelho de Tomé: O Elo Perdido*. 3. ed. Santa Luzia - MG: Editora Chico Xavier, 2011, p. 14)

Na versão cristã que conhecemos, o chamado “Reino de Deus”, apreendido por Jesus, é um lugar alhures, no tempo e no espaço, apartado da intimidade humana, para onde o ser “irá” no futuro incerto, além da morte física. Isto se tiver a capacidade de, apenas em uma existência física, ter sido bom e correto. [...] Por outro lado, a visão gnóstica do Cristianismo, mostrada no Evangelho de Tomé, tem todo um ensinamento introspectivo, que leva ao ser o conhecimento de si mesmo, o que lhe faculta a realização do “Reino de Deus” na sua própria intimidade, a qualquer tempo e situação, de maneira progressiva e contínua. (BOBERG, 2011, p. 18-19)

Quanto ao Evangelho de João, escrito em torno de 100-110, embora tenha sido enquadrado como *canônico*, porém não *sinótico*, diferindo profundamente dos demais, sendo por isso, considerado como “Evangelho Pneumático”, ou seja, o mais espiritual de todos eles. Pastorino entende que muitas citações do Evangelho, como *Eu sou a luz do mundo*, *Eu sou o pão da vida*, *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*, *Eu sou a videira verdadeira*, entre outras expressões, seriam, na realidade, o *Cristo Interno* falando através de Jesus. O ensinamento, portanto, não parece ser do Jesus carnal, e sim, da divindade, ou seja, Deus (o Cristo interno) fala por intermédio dele. Uma vez integrado, ou, em plena sintonia, Deus – A Lei do Universo – fluía por meio de Jesus. (BOBERG, 2011, p. 33)

O Evangelho de Tomé é um documento fascinante e contém as palavras de Jesus. E muitas das coisas contidas nestes escritos encontram-se também em o Novo Testamento. Mesmo assim, ao compará-lo com os textos canônicos, perceber-se-á que, embora alguns “ditos” sejam semelhantes às ideias básicas e fundamentais desses Evangelhos, são profundamente diferentes dos textos que temos hoje. (BOBERG, 2011, p. 41)

No Evangelho de Tomé, Jesus parece transmitir uma estranha mensagem, um ensinamento secreto, muito diferente do contido nos Evangelhos tradicionais. Estes ensinam que Jesus é o único filho de Deus e

aquele sugere que todos nós podemos nos tornar filhos de Deus. Ele diz: “quando conhecerdes a vós mesmos, então sereis conhecidos e entenderéis que sois filhos do Pai Vivo”. (BOBERG, *ibid.*)

A diferença é que o Evangelho de Tomé, comparando-se com os canônicos, é um Evangelho gnóstico e só contém as palavras de Jesus – os chamados ‘ditos’. [...] Aqui não há histórias contadas sobre Jesus, nem sobre o nascimento, batismo, milagres, viagens, julgamentos, morte e ressurreição, nenhuma narrativa de qualquer tipo. [...] Mais da metade dos ditos encontrados no Evangelho de Tomé é semelhante aos encontrados nos Evangelhos do Novo Testamento. (BOBERG, 2011, p. 92)

Os gnósticos constituíam-se duma seita do Cristianismo antigo. Davam ênfase profunda ao misticismo e discordavam dos vários preceitos da hierarquia cristã emergente. Os *gnósticos* foram salvos por conhecimento secreto. Um verdadeiro seguidor de Jesus deveria conhecer esse conhecimento secreto. *Gnose* é uma palavra grega que significa ‘conhecer’ e, *gnóstico* significa ‘aquele que sabe’. Não um conhecimento teórico e empírico, mas de caráter intuitivo e transcendental. Foi usada para designar um conhecimento profundo e superior do mundo e do homem. **O gnosticismo propugna ensinar seus seguidores a encontrar Deus dentro de si mesmo.** (BOBERG, *ibid.*) (negrito meu)

Façamos agora alguns comentários sobre a fantástica obra gnóstica de Carlos Torres Pastorino, “Sabedoria do Evangelho” (em 8 volumes), que é preciosíssima.

No Volume 1 dessa obra (p. 13), ele afirma que precisamos distinguir JESUS, o homem, do CRISTO, “a força divina que impregna todas as coisas, todos os seres”.

Nesta mesma página, Pastorino argumenta a favor da preexistência de João Batista:

“Houve um homem, chamado João, ENVIADO por Deus”. A dedução lógica é evidente: se ele foi ENVIADO, é porque já existia. (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 13)

Na página 18 desse mesmo volume, Pastorino afirma que “o Evangelho apresenta DOIS sentidos principais:

1 – um sentido para a personalidade (sentido literal, único que pode ser percebido por aqueles que só trabalham com raciocínio, e não realizaram nada, por meio da intuição, sua ligação com a consciência profunda);

2 – um sentido para a individualidade (que é o alegórico, o simbólico, e o místico ou espiritual).

Ambos são REAIS e produzem seus efeitos, cada qual em sua escala própria na fase evolutiva em que se encontra o leitor. (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 18)

Na página 21 desse mesmo volume, Pastorino nos fornece um ótimo esclarecimento a respeito da verdade gnóstica segundo a qual

CRISTO [...] está integralmente em todas as coisas criadas, embora nenhuma coisa criada seja O CRISTO senão quando souber anular-se totalmente, para deixar que o Cristo se manifeste nela.

Há exemplos que poderão esclarecer esta verdade.

Apanhe um espelho grande: ele refletirá o sol. Quebre esse espelho num milhão de pedacinhos: cada pedacinho de per si refletirá o sol. Já reparou nisso? Se o desenho estivesse NO espelho, e ele se partisse, cada pedacinho ficaria com uma parte minúscula de um só desenho grande. Mas com o sol não é isso que se dá: cada pedacinho do espelho refletirá o sol todinho.

Ora, embora não possamos dizer que o pedaço de espelho SEJA o sol, teremos que confessar que ali ESTÁ o sol, todo inteiro, com seu calor e sua luz. E quanto mais puro, perfeito e sem jaça for o espelho, melhor refletirá o sol. E as manchas que o espelho tiver, tornando defeituosa e manchada a imagem do sol, deverão ser imputadas ao espelho, e não ao sol que continua perfeito. O reflexo dependerá da qualidade do espelho; assim a manifestação Crística nas criaturas dependerá de sua evolução e pureza, e em nada diminuirão a perfeição do Cristo.

Outra comparação pode ser feita: um aparelho de televisão. A cena representada no estúdio é uma só, mas as imagens e o som poderão multiplicar-se aos milhares, sem que nada perca de si mesma a cena do estúdio. E no entanto, em cada aparelho receptor entrará a imagem TOTAL e INTEGRAL. Se algum defeito houver no aparelho receptor, a culpa será da deficiência do aparelho, e não da imagem projetada. E podemos dizer que a cena ESTÁ toda no aparelho receptor, embora este aparelho NÃO SEJA a cena. Assim o Cristo ESTÁ em todas as criaturas, INTEGRALMENTE, não obstante cada criatura só manifestá-lo conforme seu estágio evolutivo, isto é, com a imagem distorcida pelas deficiências DA CRIATURA que o manifesta, e NÃO do Cristo, cuja projeção é perfeita. (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 21)

DEUS ESTÁ DENTRO DE NÓS?

Sim. Defendo, com os gnósticos, que Deus está, de forma latente, dentro de cada um de nós, conforme argumentarei nesta seção.

Embora eu não acredite mais no Deus *pessoal, antropomórfico*, da maioria das religiões, creio, porém, no Deus *impessoal* da Doutrina Espírita, conceituado como “a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, resposta da Pergunta nº 1).

Acredito que esse Deus, ou seja, essa inteligência suprema (infinita, impessoal, imutável, imaterial, una, absoluta, perfeítíssima) é o chamado *Espírito de Deus que habita em cada um de nós*.

Nesse sentido, o apóstolo Paulo estava certo, ao dizer: “Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus [=Deus] habita em vós?” (1Coríntios 3,16).

Jesus, nas palavras do evangelista Lucas, discípulo de Paulo, também teria afirmado: “**O reino de Deus [=Deus] está dentro de vós**” (Lucas 17,21) (negrito meu).

Nos Atos dos Apóstolos, Paulo diz: “É nela [= na Divindade], com efeito, que temos a vida, o movimento e o ser” (Atos 17,28). Em outras versões, este mesmo versículo paulino é traduzido assim: “Nele [=em Deus] vivemos, nele nos movemos e temos o nosso ser” (Atos 17,28).

A teosofista Helena P. Blavatsky, em seu livro “A Doutrina Secreta”, escreveu:

“Não há diferença alguma entre as palavras do Apóstolo cristão [Paulo de Tarso]: “Nele vivemos, nele nos movemos e temos o nosso ser” (Atos 17,28), e o que diz o Rishi [sábio] hindu: “O Universo vive em Brahman [= a Divindade Suprema do hinduísmo], dele procede e a ele voltará”. (BLAVATSKY, 1995, v. 1: Cosmogênese.)

No livro hinduísta *Baghavad Gita*, encontramos a seguinte passagem:

“Trazes em ti mesmo um amigo sublime que não conheces. Pois **Deus reside no interior de todo homem, mas poucos sabem encontrá-lo**” (apud KERSTEN, 1986, p. 134) (negrito meu).

Essa passagem do *Baghavad Gita* é idêntica à do apóstolo Paulo, ao dizer: “Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus [=Deus] mora em vós?” (1Coríntios 3, 16).

Para mim, todas essas citações expressam a mesma grande verdade religiosa gnóstica, segundo a qual Deus (“a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”) realmente habita em cada um de nós. Nesse sentido, podemos corretamente afirmar: **DEUS ESTÁ DENTRO DE NÓS**. Como poderíamos viver, se Deus, o Absoluto, não estivesse realmente, de forma latente, dentro de cada um nós?

A divindade dentro de nós, conforme já vimos, é também designada, por várias correntes de pensamento, pelas seguintes expressões: “*a chama divina*”, “*o Cristo interno*”, “*o Cristo cósmico*”, “*o Eu divino em cada um de nós*”, “*o Pai em nós*”, “*o Reino de Deus no homem*”, *o Atman hindu etc.*

Para sentirmos a presença de Deus dentro de nós, precisamos estar em sintonia com o *Cristo interno* (Deus) que habita em cada um de nós, particularmente mediante a prática do amor-caridade, ideia muito bem defendida por vários escritores, dentre os quais destaco os três seguintes: Uberto Rohden, no livro “Rumo à Consciência Cósmica”; Tom Harpur, no livro “O Cristo dos Pagãos”; e José Lázaro Boberg, no livro “O Segredo das Bem-Aventuranças”.

Estou encantado com o conteúdo e a forma literária dessa obra magnífica do escritor espírita José Lázaro Boberg. Estou gostando muito de sua insistência, em quase cada página, de que, para evoluirmos espiritualmente, devemos estar em sintonia com o *Cristo interno* que habita em cada um de nós.

É preciso esclarecer, contudo, com o escritor José Lázaro Boberg, em sua referida obra, que nossa sintonia com a divindade dentro de nós é sempre relativa, e não absoluta, uma vez que nunca seremos iguais a Deus, pois Deus é único. Eis suas palavras:

Sendo que o reino de Deus [=Deus] está dentro da própria criatura, quanto mais se procede à limpeza espiritual, mais se *sente* a Sua presença, fruto de sintonia vibratória com Ele. A limpeza promove a sintonia com o Pai, de forma relativa, pois jamais atingiremos a plenitude, senão seríamos iguais ao Todo. E Deus é único. (BOBERG, 2009a, p. 72.)

Concordo plenamente com esse pensamento do escritor Boberg, pois, para mim, nenhuma das passagens bíblicas citadas nesta seção, a respeito de nossa união com a Divindade, elimina a *transcendência* de Deus. Elas exemplificam a sua *imanência* em nós, mas Ele (Deus) continua sendo Ele e não nós, e nós continuamos sendo nós e não Ele.

As passagens bíblicas citadas nesta seção apenas expressam nossa união e comunhão íntima com Deus (que realmente está dentro de nós), o que não significa dizer que existe uma identidade perfeita entre nós e Deus, mas apenas a união, a comunhão íntima e imanente (de modo relativo) entre nós e Deus. Procurar constantemente essa união mística e íntima com Deus é tarefa de todos nós, o que não significa dizer, como afirmam os panteístas, que “todos somos Deus”.

EM QUE SENTIDO PODEMOS AFIRMAR QUE “TODOS SOMOS DEUS”?

No sentido gnóstico, podemos afirmar, sim, que “todos somos Deus”; não, porém, no sentido panteísta, conforme argumentarei nesta seção.

Um dos temas mais abordados neste meu 6º livro ecumênico, **“Três Maneiras de Ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica”**, é precisamente acerca da crença gnóstica segundo a qual **“todos somos Deus”**, não no sentido panteísta, mas no sentido de nossa união mística com a *chama divina* que habita em cada um de nós.

Segundo o gnosticismo, é, portanto, correto afirmar que **“todos somos Deus”**, sim, não no nosso ego, mas na profundidade do nosso ser, como bem expressou o renomado escritor Joseph Campbell, uma das maiores autoridades no campo da mitologia no século XX, em sua monumental obra *“O Poder do Mito”*, já com 28 edições. Eis suas palavras esclarecedoras sobre em que sentido podemos afirmar que **“todos somos Deus”**, ou que **“Eu sou Deus”**:

Veja, há dois modos de pensar **“Eu sou Deus”**. Se você pensa: “Aqui, em minha presença física e em meu caráter temporal, eu sou Deus”, então você está louco e provocou um curto-circuito na experiência. **Você é Deus não em seu ego, mas em seu mais profundo ser, onde você é uno com o transcendente não dual** (CAMPBELL, 2011, p. 221) (negrito meu).

Concordo plenamente com esta visão gnóstica de Joseph Campbell, pois é este Deus transcendente, não dual, não pessoal e invisível (*o Cristo interno*) que nos sustenta: **“O tema básico de toda a mitologia é o de que existe um plano invisível sustentando o visível”** (CAMPBELL, p. 76) (negrito meu).

Discordo, porém, da visão panteísta, segundo a qual Deus não é *transcendente*, mas só *imane*nte em tudo o que existe (**tudo é Deus e Deus é tudo**). Os panteístas não fazem, portanto, nenhuma distinção entre Deus e suas criaturas. Logo, na visão panteísta, **“todos somos Deus”**, até mesmo em nosso ego e no nosso eu inferior.

Os panteístas, para os quais não há distinção entre Deus e suas criaturas, costumam apoiar-se em algumas passagens da Bíblia judaico-cristã para provar nossa identidade total com Deus, tais como:

“Eu declarei: Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo.”
(Salmo 82, 6)

“Não está escrito em vossa Lei: *Eu disse: Sois deuses?*” (João 10, 34)

– Como devem ser interpretadas essas passagens bíblicas? Literal ou metaforicamente?

– Claro que metaforicamente. A própria *Bíblia de Jerusalém* esclarece, nas notas de rodapé referentes a essas duas passagens bíblicas, o sentido *metafórico* (e não *literal*) de alguém ser chamado “deus” ou “filho de Deus” na Bíblia judaico-cristã:

“Os príncipes e os juizes são comparados aos ‘filhos do Altíssimo’, membros da corte divina.” (*A Bíblia de Jerusalém*, Salmo 82, 6, nota g)

“Esta palavra dirige-se aos juízes, chamados ‘deuses’ metaforicamente, por causa de seu ofício, pois ‘o julgamento cabe a Deus’.” (*A Bíblia de Jerusalém*, João 10,34, nota c)

Além disso, essas passagens não dizem que todos somos “deus” (no singular), mas “*deuses*” (no plural), o que significa, metaforicamente, que todos somos como deuses, como seres divinos. Por conseguinte, essas e outras passagens bíblicas semelhantes não podem servir de apoio para provar que todos somos *literalmente* “Deus” ou “filhos de Deus”.

Os panteístas costumam também citar os seguintes versículos bíblicos, a fim de provarem a identidade entre Jesus e Deus ou entre nós e Deus: “Eu e o Pai somos um” (João 10,30); “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus mora em vós?” (1Coríntios 3, 16); “... pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17, 28); “O reino de Deus está dentro de vós” (Lucas 17, 21).

Para mim, como afirmei na seção anterior, nenhuma dessas passagens bíblicas elimina a *transcendência* de Deus. Elas exemplificam a sua *imanência* em nós, mas Ele continua sendo Ele e não nós, e nós continuamos sendo nós e não Ele, sem nenhuma confusão, do mesmo modo como um livro não pode ser confundido com o seu autor. Em outras palavras, afirmar que “nele vivemos, nele nos movemos e temos o nosso ser” (Atos 17, 28) não significa dizer que *nós somos Deus* (no sentido total), mas que, como suas *criaturas*, dependemos Dele para vivermos, nos movermos e existirmos, ou seja, Deus é a *causa* de nossa existência e nós somos o *efeito* dessa causa. Mas o efeito não é a causa, nem a causa é o efeito.

Para concluir esta seção, reafirmo que “**todos somos Deus**”, sim, não no sentido panteísta, mas no sentido gnóstico de nossa união íntima com a chama divina que habita dentro de cada um de nós. “Todos somos Deus”, não no nosso ego (no nosso eu inferior), mas, como bem expressou Joseph Campbell, na profundidade do nosso ser:

Você é Deus não em seu ego, mas em seu mais profundo ser, onde você é uno com o transcendente não dual (CAMPBELL, 2011, p. 221) (negrito meu).

JESUS É O “VERBO ENCARNADO” DENTRO DE NÓS?

Literalmente, não; mas simbolicamente, sim, conforme argumentarei nesta seção.

Como foi dito no Capítulo 2 deste livro, os Evangelhos sinópticos (Marcos, Mateus e Lucas) são os mais ricos acerca do Jesus histórico, enquanto o Evangelho de João (considerado por alguns como um **Evangelho gnóstico**), interpretado **literalmente**, é o mais pobre de todos acerca do Jesus histórico, mas, interpretado **simbolicamente (gnosticamente)**, ele é o mais rico de todos a respeito tanto do **Jesus histórico como do Jesus mítico, interpretados simbolicamente** como “*Deus dentro de nós*” (“*o Cristo interior*”), conforme veremos ao longo deste capítulo.

A título de exemplificação, o Evangelho de João inicia com este versículo: “**No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus**” (João 1,1). E no versículo 14, está escrito: “**E o Verbo se fez carne e habitou entre nós**”; na versão gnóstica do escritor espírita e ex-padre católico Carlos Torres Pastorino (profundo conhecedor do latim e do grego), a tradução correta deste versículo é esta: “**E o Verbo se fez carne e construiu seu tabernáculo dentro de nós**” (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 11) (negrito meu).

Qual o verdadeiro sentido do “**VERBO TORNADO CARNE**” no Evangelho de João? Esta expressão se refere *literalmente* à encarnação do “Jesus histórico” ou à presença divina encarnada em todos nós?

Esta expressão não se refere *literalmente* à encarnação do “Jesus histórico”, conforme interpretam os cristãos dogmáticos e fundamentalistas, mas à presença divina encarnada em todos nós, como bem expressa o escritor gnóstico e ex-pastor anglicano Tom Harpur, em seu livro “Transformando Água em Vinho”:

O mais importante para nossa investigação é que **o verdadeiro sentido do Verbo tornado carne é a referência ao Cristo [interno] ou presença divina encarnada na vida e no coração de todos nós**. A enorme incapacidade da Igreja, ao longo dos séculos, de entender essa verdade importante, substituindo-a em vez disso por uma interpretação

literal que a restringe a um indivíduo em particular – Jesus Cristo –, privou, nesse processo, todo o resto da humanidade da consciência de sua divindade (HARPUR, 2009, p. 196-197) (negrito meu).

Como afirmou Tom Harpur nessa citação, a expressão “**VERBO TORNADO CARNE**”, desses versículos joaninos, não se refere, por conseguinte, *literalmente*, à encarnação do Jesus histórico neste planeta Terra, mas à “**presença divina encarnada na vida e no coração de todos nós**”.

O Jesus histórico, portanto, não é *literalmente* **O VERBO ENCARNADO**. No correto dizer de Carlos Torres Pastorino, “precisamos distinguir aqui entre JESUS, o homem, e o CRISTO, a força divina que impregna todas as coisas, todos os seres” (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 13). Ou seja, JESUS não é *literalmente* O CRISTO (Deus dentro de nós).

Vemos, portanto, a grande importância de se distinguir o “Jesus histórico” do “Cristo cósmico” (a centelha divina em todos nós). O “Jesus histórico”, ou seja, o homem Jesus, não é *literalmente* o *Cristo interior* (Deus dentro de nós), embora ele possa também ser visto *simbolicamente/metaforicamente* (com muitos outros espíritos evoluídos) como a Chama Divina em todos nós.

O Evangelho de João é considerado por alguns estudiosos como um Evangelho *gnóstico* porque ele tem muitas semelhanças com os chamados Evangelhos gnósticos encontrados em Nag Hammadi em 1945, particularmente com o Evangelho de Tomé (ver BOBERG, 2011) e ele tem também muitos paralelos com as Escrituras védicas gnósticas da Índia. No Rig Veda, por exemplo, encontramos praticamente o mesmo versículo gnóstico joanino, há pouco citado: “No princípio era Brahman [=o Deus impessoal do hinduísmo], com quem estava o Verbo [=Krishna]; e o Verbo era verdadeiramente o supremo Brahman” (apud HARPUR, 2009, p. 207).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DE JESUS COMO DEUS DENTRO DE NÓS

Pela **maneira mítica simbólica de ver Jesus**, tema central deste capítulo, defendo que tanto o “Jesus histórico” como o “Jesus

mítico” (o “Cristo da fé”) podem também ser vistos, *simbolicamente*, como a manifestação ou como a presença real de Deus em cada um de nós e em toda a humanidade. Por meio dessa interpretação simbólica e pluralista, tanto do “Jesus histórico” como do “Cristo da fé”, desaparecem os antagonismos exclusivistas no modo de ver Jesus, ou seja, nesse sentido pluralista, tanto o “Jesus histórico” como o “Jesus mítico” (bem como os grandes líderes de outras religiões, como Krishna, Buda, Mitra, Gandhi e muitos outros) passam a ser igualmente vistos por todos os seres humanos como *a personificação simbólica da centelha divina presente em cada um de nós*. Era assim que os antigos interpretavam seus líderes religiosos:

Os antigos situaram no centro do mito uma pessoa ideal que simbolizasse a humanidade em si na sua natureza dual humana e divina. Essa pessoa ideal – os nomes eram Tamuz, Adônis, Mitra, Dioniso, Krishna, Cristo, entre muitos outros – simbolizava **a centelha divina encarnada em todo ser humano**, o elemento “destinado em última análise a deificar a humanidade” (HARPUR, 2008, p. 36) (negrito meu).

Conforme já vimos neste capítulo, mas convém repetir, o próprio apóstolo Paulo, considerado por muitos como um cristão gnóstico, interpretava Jesus, em algumas de suas cartas, como “o Cristo interior”, “Deus dentro de nós”: **“Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo [= Deus] que vive em mim”** (Gálatas 2,20) (negrito meu).

O erro de Paulo, como esclareço em meu livro “Mentiras sobre Jesus” (Questão nº 42), foi confundir, em algumas de suas cartas, o “Jesus histórico” com “Deus”, identificando *literalmente* o “Jesus histórico” com o “Cristo interno”, ou seja, com Deus que habita *imanentemente* dentro de cada um de nós. Como já foi esclarecido, não devemos confundir o “Jesus histórico” com o “Cristo interno” (“Deus dentro de nós”).

A famosa escritora teósofa Helena P. Blavatsky esclarece, com razão, conforme já vimos neste capítulo, que essa doutrina gnóstica não é exclusiva de Paulo:

Não há diferença alguma entre as palavras do Apóstolo cristão [Paulo]: “Nele vivemos, nele nos movemos e temos o nosso ser” (Atos 17,28),

e o que diz o Rishi [sábio] hindu: “O Universo vive em Brahman [= a Divindade Suprema do hinduísmo], dele procede e a ele voltará” (BLAVATSKY, 1995, v. 1: Cosmogênese).

No livro hinduísta *Baghavad Gita*, como já vimos, encontramos essa mesma doutrina gnóstica do Deus que habita dentro de nós:

“Trazes em ti mesmo um amigo sublime que não conheces. Pois Deus reside no interior de todo homem, mas poucos sabem encontrá-lo” (apud KERSTEN, 1986, p. 134).

Essa passagem do *Baghavad Gita* é idêntica à do apóstolo Paulo, ao dizer: “Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus [=Deus] mora em vós?” (1Coríntios 3, 16).

Para mim, repito, todas essas citações gnósticas expressam a mesma grande verdade religiosa, segundo a qual Deus (“a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”) realmente habita em cada um de nós. Como poderíamos viver, repito, se Deus (o Absoluto) não estivesse *imanentemente* dentro de nós?

É preciso esclarecer, contudo, com o teósofo Geoffrey Hodson, que “o Deus vivo, o puro Espírito no homem, não é uma individualidade separada, mas um raio de um oceano infinito de Luz, o Deus supremo Universal” (HODSON, 2007, p. 52).

Este mito gnóstico do deus interior (o Cristo interior) tem um imenso valor espiritual, uma vez que, como já foi dito, “todos somos Deus”, não no nosso ego (no nosso eu inferior), mas na profundidade do nosso ser.

Concordo com a crença gnóstica do *Cristo interno* (Deus dentro de nós), mas não é essa fé (essa crença) que nos “salva”, ou melhor, que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente. O que nos “salva”, o que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, não me cansarei de repetir, é somente a prática do amor-caridade: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ “SALVAÇÃO”** (no sentido de “libertação” ou “evolução espiritual”), como ensina a Doutrina Espírita.

Para concluir a presente seção, reafirmo que não se deve confundir o “Jesus histórico” com o “Cristo cósmico” (Deus dentro de nós), embora ele possa também, juntamente com muitos outros es-

píritos evoluídos, ser *simbolicamente* interpretado como Deus dentro de nós, uma vez que ele nos deu muitos exemplos de viver em grande sintonia com o Deus que habita em cada um de nós, pois Jesus foi um espírito muito evoluído espiritualmente.

Em suma, tanto o Jesus histórico como o Jesus mítico, bem como muitos outros espíritos evoluídos que já viveram neste planeta, podem ser simbolicamente (gnosticamente) interpretados como Deus dentro de nós.

Quando essa visão gnóstica e pluralista for aceita por todos, desaparecerão os conflitos, as divisões, as guerras entre as religiões e haverá um só rebanho e um só pastor. Oxalá isso possa acontecer brevemente neste planeta.

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA ENCARNAÇÃO DE DEUS NA PESSOA DE JESUS

Os escritores Gerald Massey e Alvin Boyd Kuhn afirmam que **“o ensinamento central de toda religião é na verdade a encarnação do divino no humano”** (apud HARPUR, 2008, p. 35) (negrito meu).

Nesse sentido, o mito da encarnação de Deus na pessoa de Jesus (ou na pessoa de outros espíritos iluminados que já encarnaram neste planeta) simboliza a presença inerente do divino na vida e na alma de todo ser humano.

Em seu livro *Life After Death* (“Vida Após a Morte”), no capítulo intitulado “The Christ Myth as the Ultimate Myth of the Self” [‘O Mito de Cristo como o Mito supremo do Eu’], o escritor Tom Harpur argumenta, com razão, que a história do Jesus mítico, simbolicamente interpretada, é na verdade a história de cada ser humano (cf. HARPUR, 2008, p. 186), e não a história exclusivista da encarnação histórica de Deus somente na pessoa do “Cristo da fé”.

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO NATAL DE JESUS

A verdadeira história natalina do Jesus mítico não é o relato lendário, supostamente histórico, narrado por Mateus e Lucas nos

dois primeiros capítulos de seus Evangelhos, literalmente interpretados pela grande maioria dos cristãos como fatos históricos reais e exclusivos sobre Jesus de Nazaré.

No sentido simbólico de ver Jesus, o mito de seu Natal, ou seja, de seu nascimento divino, “é um relato supremo do mito central de todas as religiões – a encarnação do divino na carne humana” (HARPUR, 2008, p. 151). Ou seja, o mito do natal de Jesus, *simbolicamente* interpretado, significa **a encarnação da Centelha Divina em cada um de nós.**

Assim, todos os ritos e práticas das igrejas na época do Natal só são realmente eficazes e significativos se o nascimento de “Jesus, o Salvador” for entendido como um símbolo do glorioso nascimento “imaculado” dentro de nós (HARPUR, 2009, p. 43).

Essa interpretação simbólica e pluralista da encarnação divina em cada um de nós tem o grande valor espiritual de nos reconhecermos todos como irmãos e irmãs e de nos amarmos todos como membros de uma só família. Como afirma Tom Harpur,

A doutrina da encarnação fornece os elementos para nos reconhecermos universalmente como irmãos e irmãs em Deus. [...] **Se você reconhece a presença divina em outra pessoa, não poderá fazer mal a ela ou permitir que o seu irmão seja injustiçado** (HARPUR, 2008, p. 188, 192) (negrito meu).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA CONCEPÇÃO VIRGINAL E MIRACULOSA DE JESUS

Nas culturas antigas, um personagem histórico importante, como Krishna, Buda, Mitra, Jesus (e muitos outros) não podiam ter nascido, de acordo com a interpretação mítica daquela época, de maneira normal como qualquer um de nós, mas de maneira miraculosa. Era um modo mítico, metafórico, parabólico, de enaltecer o *status* de uma figura importante da história.

Sobre o mito da concepção virginal de Jesus, eis o que escreveu John Dominic Crossan, em seu livro “Jesus: uma biografia revolucionária”:

Compreendo a concepção virginal de Jesus como uma colocação confessional sobre o *status* de Jesus e não como uma colocação biológica sobre o corpo de Maria. Trata-se de fé posterior em Jesus como adulto retrojetada mitologicamente em Jesus como criança. (CROSSAN, 1995b, p. 20).

O mito da concepção virginal e miraculosa de Jesus (e de muitos outros personagens importantes da história), *simbolicamente* interpretado, significa a importância da encarnação do divino dentro de cada um de nós.

Além disso, como foi esclarecido no primeiro capítulo deste livro, **os nascimentos virginais** de todas as divindades solares (como Cristo, Mitra, Hórus, Dioniso e muitas outras) significam que elas nasceram no ciclo (ou casa) zodiacal de **VIRGEM**.

A respeito da interpretação simbólica do nascimento miraculoso de Jesus, leiamos a seguinte citação:

O nascimento de todo ser humano é um acontecimento milagroso. Recebemos uma natureza física e psíquica do ventre de nossa mãe, mas também somos gerados por Deus. [...] **Temos uma origem divina ou divindade latente dentro de nós** que resulta da descendência divina direta (HARPUR, 2009, p. 42) (negrito meu).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DAS NARRATIVAS DO NASCIMENTO E DA INFÂNCIA DE JESUS

Conforme esclarecido no capítulo anterior, mas convém repetir neste capítulo, as passagens evangélicas de Mateus e de Lucas que narram o nascimento e a infância de Jesus não são narrativas históricas, mas metafóricas, simbólicas, parabólicas e, portanto, não devem ser interpretadas ao pé da letra, como fatos históricos, mas como *parábolas* e alegorias.

Dizer, por exemplo, que Herodes mandou matar as crianças em Belém, para matar Jesus, não é uma verdade histórica, mas é,

no correto dizer de John Dominic Crossan, uma *parábola*, para afirmar que Jesus é o novo Moisés e Herodes é o novo faraó do Antigo Testamento (cf. John Dominic Crossan, Revista SUPER Interessante, edição 250, março/2008, p. 17-18).

Nesse sentido, todas as histórias e cenas que Mateus e Lucas narram acerca do nascimento e da infância de Jesus, por exemplo, a manjedoura, a estrela de Belém, os três reis magos, os pastores, os anjos, os cantores, o massacre das crianças pelo rei Herodes, a fuga para o Egito etc., são *parábolas* e, logo, não podem ser interpretadas ao pé da letra. Interpretá-las *literalmente*, como fatos históricos, é transformar em mentiras as histórias simbólicas sobre o nascimento e a infância de Jesus.

Todas as histórias sobre o nascimento e a infância do Jesus mítico (e de outros personagens míticos), *simbolicamente* interpretadas, repito, significam a encarnação e o desenvolvimento do Eu divino dentro de cada um de nós.

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO NASCIMENTO DE JESUS EM BELÉM

Segundo os especialistas atuais em história do cristianismo, o Jesus histórico não nasceu em Belém, mas provavelmente em Nazaré.

As narrativas evangélicas segundo as quais Jesus nasceu em Belém são exemplos de “profecia historicizada”, e não de “história lembrada”, para fazer-se cumprir forçadamente a profecia de Miqueias do Antigo Testamento, a qual dizia que o esperado Messias nasceria em Belém: “Mas tu, (Belém), Éfrata, embora pequena entre os clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que será dominador em Israel. Suas origens são de tempos antigos, de dias imemoráveis” (Miqueias 5,1). A versão de Mateus é esta: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o menor entre os clãs de Judá, pois de ti sairá um que será o guia que apascentará Israel, o meu povo” (Mateus 2,6).

O escritor gnóstico Tom Harpur, em seu livro “Transformando Água em Vinho”, argumenta, contudo, que o nascimento de Jesus

em Belém tem um rico significado simbólico, uma vez que a palavra “**Belém**”, em hebraico, significa “**a Casa do Pão**” e Jesus é interpretado simbolicamente, no Evangelho de João, como “**o Pão da Vida**”: “Eu sou o pão da vida” (João 6,34). Além disso, a cidade natal do deus Hórus (do Egito antigo) era Anu, que também significava lugar dos “**pães que se multiplicam**”, conforme esclarece Tom Harpur nos seguintes termos:

Há uma razão profunda para os Evangelhos de Mateus e Lucas dizerem que Jesus nasceu em Belém, afora o fato de que era em Belém que, segundo a profecia, o Messias iria nascer. *Beth Lechem* [Belém], em hebraico, significa “a Casa do Pão”. Da mesma maneira, muito antes de Jesus, a cidade natal de Hórus no Egito era Anu, lugar dos “pães que se multiplicam” (HARPUR, 2009, p. 109).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO BATISMO DE JESUS

O batismo de Jesus, simbolicamente interpretado, nada tem a ver com o perdão gratuito do chamado “pecado original”, nem com a admissão numa espécie de “clube” eclesiástico exclusivo, como ainda interpretam as igrejas cristãs exclusivistas, mas é, no dizer do escritor Tom Harpur, “um sacramento que consiste em celebrar e expressar ritualmente o elemento básico de toda religião – a encarnação do espírito na carne” (HARPUR, 2009, p. 54). Esse mesmo autor nos esclarece que,

num nível mais profundo e esotérico, o batismo [de Jesus] é uma alegoria da evolução da alma na matéria, a alma de cada um de nós. O Evangelho [de Marcos] começa com o batismo de Jesus, símbolo da encarnação no ambiente líquido do corpo humano, isto é, a imersão total no corpo material. Assim como Jesus entra nas águas do rio Jordão, a alma de cada um de nós “desce” para viver no ventre materno. Dois terços do corpo humano, como sabemos, são feitos de água (HARPUR, 2009, p. 49).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DOS 12 DISCÍPULOS DE JESUS

Todas as divindades solares, como o Jesus mítico (da Palestina), Hórus (do Egito antigo), Mitra (da Pérsia) e Dioniso (da Grécia),

além de muitas outras, foram todas acompanhadas por doze discípulos que simbolizam os doze signos (ou as 12 casas) do zodíaco.

Sobre o rico significado simbólico dos 12 discípulos de Jesus, leiamos o que escreveu Tom Harpur, em seu livro *best-seller* “O Cristo dos Pagãos: A Sabedoria Antiga e o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus”:

Significativamente, tanto Hórus quanto Jesus, foram acompanhados por doze discípulos, assim como se deu com Mitra e Dioniso. Depois de ler Massey e Kuhn, descobri que isso tem um significado espiritual mais profundo do que parece à primeira vista. Um imenso caudal de luz ilumina a interpretação do Evangelho quando se compreende que os doze discípulos de Jesus simbolizavam os doze poderes da energia luminosa espiritual a ser decompostos em doze trabalhos (ou estágios) de crescimento, todos representados pelos doze signos do zodíaco. [...] Os doze discípulos representam doze potências divinizadas, não homens. Na antiga gnose, à medida que a alma progride na escala da evolução, atravessa doze graus de existência, acrescentando ao seu estado as virtudes acumuladas em cada nível, até que se complete a absorção da essência de toda a natureza. Essas doze virtudes de compreensão aperfeiçoada é que são representadas pelos doze signos astrológicos do zodíaco. Na sabedoria antiga, a jornada do sol através de cada signo, adquirindo as características de cada um, simbolizava o ciclo dos elementos da alma e a aquisição dos doze talentos. **Tudo tinha na sua base a passagem do deus solar pelo céu, que simbolizava a divindade invisível por trás e através de todas as coisas** (HARPUR, 2008, p. 95; 96) (negrito meu).

A verdade é que doze é um número esotérico especial, tanto na Bíblia quanto em outros livros antigos: os doze filhos de Jacó, as doze pedras que Josué recebeu ordens de colocar no leito seco do rio Jordão, os doze pedaços em que o corpo da concubina foi cortado na história do Antigo Testamento, os doze “Urim e Thummim” (fórmula mágica dos antigos judeus) no peitoral do sumo sacerdote, os doze cestos com restos de comida depois que os cinco mil fiéis se alimentaram, os doze meses do ano solar e muitos outros exemplos (HARPUR, 2009, p. 68).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA TRANSFORMAÇÃO DA ÁGUA EM VINHO

Em primeiro lugar, convém esclarecer, com os especialistas em história das religiões, que os deuses Hórus (do Egito) e Dioniso

(da Grécia) também transformaram água em vinho. Dioniso era um deus do vinho (cf. HARPUR, 2009, p. 112-113).

No Capítulo 2 do Evangelho de João, encontra-se a narrativa do primeiro milagre atribuído a Jesus, o da transformação da água em vinho, nas bodas de Caná.

Este “milagre”, interpretado ao pé da letra, como fato histórico e exclusivo do cristianismo, é uma grande mentira sobre Jesus, mas, interpretado simbolicamente, tem um grande valor espiritual, conforme esclarece Tom Harpur nos seguintes termos:

Todos os que conhecem bem não só a Bíblia judaico-cristã, como também as outras “Bíblías” ou escritos sagrados do antigo Oriente Próximo, sabem que o simbolismo do vinho é quase uma constante. Muitos deuses da Antiguidade eram deuses do vinho, desde Hórus no Egito até Dioniso ou Baco nas antigas Grécia e Roma. Como observei em meu livro *The Spirituality of Wine* [“A Espiritualidade do Vinho”], o vinho, as uvas e os vinhedos são mencionados centenas de vezes, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. O vinho [...] era o símbolo perfeito do milagre da Encarnação – modelo, hieróglifo ou analogia do Cristo em cada um de nós. Portanto, a metáfora tão sugestiva de transformar a água em vinho é uma maneira realmente poderosa de condensar o verdadeiro sentido da história de Jesus: a transformação que acontece quando o segredo de estarmos totalmente vivos e conscientes, como filhos e portadores da Luz interior, se revela a nós (HARPUR, 2009, p. 112-114).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA CAMINHADA DE JESUS SOBRE A ÁGUA (ACALMANDO UMA TEMPESTADE)

No sentido simbólico, ver Jesus caminhando sobre a água (acalmando uma tempestade), como já foi dito várias vezes neste livro, não deve mais ser interpretado literalmente como a anulação das leis da natureza por um deus-homem Jesus, mas pode ter um emocionante significado simbólico da representação do “Cristo interior” (“Deus dentro de nós”) acalmando o “oceano perturbado” dos nossos temores subjetivos e instilando um sentimento de paz (cf. HARPUR, 2008, p. 190).

Sobre a grande importância espiritual da interpretação simbólica dessa maravilhosa passagem evangélica, refletimos sobre o que

escreveu o teósofo Geoffrey Hodson, em seu maravilhoso livro “A Sabedoria Oculta na Bíblia Sagrada”:

A história de acalmar a tempestade (Marcos 4,36-41) é outro exemplo de uma alegoria inspirada. Numa interpretação humana e psicológica, o barco pode ser considerado como um símbolo do corpo humano, que transporta a alma, com seus vários atributos, sobre as águas da vida. [...]

Interpretando-se essa história e aplicando-a às tempestades da vida humana (especialmente de emoção, como está indicado pela localização do incidente, na água), quando assaltados pela tentação e impelidos pelo desejo ou anseio de erradicar um hábito indesejável, somos aconselhados a afastar nossos pensamentos da dificuldade, a concentrar-nos poderosamente na nossa natureza divina e, *com a exclusão de qualquer outro pensamento*, afirmar seu irresistível poder. Então, a escuridão do estado indesejável da mente desaparecerá na grande luz que brilha no Deus interno. Simbolicamente, o Cristo desperto acalmará a tempestade. [...]

A importância dos testes e pressões da vida está indicada também nessa maravilhosa estória; pois se não tivesse ocorrido a tempestade na Galileia, o Cristo poderia não ter sido acordado. Assim, também, os conflitos e as tempestades de nossas vidas. Eles podem vir a ser os meios para o despertar de nossos poderes superiores mais elevados. (HODSON, 2007, p. 41)

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DAS PARÁBOLAS DE JESUS

Como esclarecido por diversas vezes neste livro, os Evangelhos devem ser interpretados muito mais como **parábolas** do que como narrativas históricas.

Mas o que é *parábola*?

Parábola é uma forma pedagógica antiga de transmissão de conhecimento espiritual, através de estórias, cujo conteúdo principal é revelar um ensinamento moral e ético.

As parábolas revestem-se de dois tipos de conhecimento: o conhecimento *exotérico* (público, aberto a todos) e o conhecimento *esotérico* (fechado, oculto, entendido apenas pelos que têm condições de conhecer os mistérios do reino de Deus).

Eis aí a razão pela qual o Jesus histórico falava abertamente aos seus discípulos, mas aos não discípulos ele mesmo dizia que lhes falava por meio de parábolas: “Quando ficaram sozinhos, os que estavam junto dele com os Doze o interrogaram sobre as parábolas. Dizia-lhes: “A vós foi dado o mistério do Reino de Deus; aos de fora, porém, tudo se passa em parábolas” (Marcos 4,10-11). “Anunciava-lhes a Palavra por meio de muitas parábolas..., conforme podiam entender; e nada lhes falava a não ser em parábolas. A seus discípulos, porém, explicava tudo em particular” (Marcos 4, 33-34).

Se aceitarmos o teor dessas passagens evangélicas, podemos assumir que a tradição cristã, pelo menos em seus primórdios, teve um lado interno, oculto, esotérico, estabelecido diretamente por Jesus.

O conhecimento esotérico (oculto) da Bíblia é muito mais importante do que o conhecimento exotérico (explícito), como bem esclarece o teósofo Geoffrey Hodson, em sua monumental obra “A Sabedoria Oculta na Bíblia Sagrada”:

A riqueza da Bíblia Sagrada lembra um *iceberg*: sua parte visível, por mais grandiosa que pareça, é quase insignificante quando comparada à parte que permanece submersa e escondida pela linguagem sagrada. O leitor usual acostumado a aceitar o sentido literal da escritura, ficará surpreso, talvez estupefato, ao descobrir que o significado oculto da Bíblia é muito mais importante. Mas, para perceber esse outro lado das parábolas, das alegorias e dos símbolos, ele precisará de ajuda (HODSON, 2007, Quarta Capa).

Nesse sentido, a linguagem bíblica, quase toda expressa por parábolas, tanto revela como oculta as verdades espirituais, como bem afirma esse mesmo escritor Geoffrey Hodson nos seguintes termos:

Os escritores antigos sabiam que somente aqueles que possuísem as chaves da interpretação seriam capazes de descobrir as verdades que a linguagem sagrada [parabólica] tanto revela como oculta. O segredo é mantido ainda mais seguro pelo fato de que, para usar as chaves [da interpretação] com sucesso, a pessoa deve ter desenvolvido a faculdade da intuição e estar imbuída de um forte senso de responsabilidade moral (HODSON, p. 32).

Como já foi dito neste livro, se quase todos os relatos dos Evangelhos devem ser vistos como parábolas, e não como história, o leitor deve procurar entender o seu *significado parabólico*, pois a importância da parábola está em seu significado *simbólico*. Além disso, no dizer de Marcus Borg e John Dominic Crossan, no livro “*A Última Semana: um relato detalhado dos finais de Jesus*”,

não devemos pensar em história como “verdade” e em parábola como “ficção” (e, portanto, sem importância). Somente a partir do Iluminismo do século XVII a cultura ocidental começou a identificar verdade com “factualidade”. De fato, essa identificação é uma das características centrais da cultura ocidental moderna. Tanto os literalistas bíblicos quanto as pessoas que rejeitam a Bíblia completamente fazem isso: os primeiros insistem que a verdade da Bíblia depende de sua factualidade literal [ou seja, de sua historicidade literal] e os segundos veem que a Bíblia não pode ser literal e factualmente verdadeira e, portanto, não a consideram nem um pouco verdadeira. Mas a parábola, independentemente da factualidade histórica, pode ser profundamente verdadeira. De fato, talvez as verdades mais importantes só possam ser expressas através de parábolas (BORG & CROSSAN, 2007, p. 224-225).

Concordo com o ponto de vista segundo o qual as parábolas religiosas são “verdades de fé” (que merecem todo o nosso respeito), mas isso não significa dizer que elas são verdades absolutas e exclusivas desta ou daquela religião.

As parábolas, *simbolicamente interpretadas*, repito, não são *mentiras* e, portanto, têm um grande valor espiritual para todos nós.

Recordemos, por exemplo, o rico sentido espiritual das **parábolas do Bom Samaritano** (Lucas 10,25-37) e **do Filho Pródigo** (Lucas 15, 11-32). Essas parábolas, autenticamente narradas pelo Jesus histórico (conforme vimos no Capítulo 2 deste livro), têm um profundo significado espiritual para todos os seres humanos.

A **parábola do Bom Samaritano** nos traz o riquíssimo ensinamento espiritual de que todos somos interiormente irmãos de todos aqueles que encontramos e que precisam de nossa ajuda, enquanto a **parábola do Filho Pródigo** expressa a bondade infinita do Pai bondoso (Deus dentro de nós), que sempre nos

recebe com festas e nos acolhe em seu Reino, quando nós evoluímos espiritualmente.

Recordemos também a grande riqueza espiritual do significado simbólico da **Parábola do Grão de Mostarda**:

“O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce é a maior das hortaliças e torna-se árvore, a tal ponto que as aves do céu se abrigam nos seus ramos” (Marcos 4,30-32; Mateus 13,31-32; Lucas 13, 18-19).

O significado simbólico riquíssimo desta parábola é que fomos todos criados pequenos (como uma semente, todos “*simples e ignorantes*”, como nos ensina a Doutrina Espírita), mas com o poder de nos desenvolvermos, de crescermos, de progredirmos espiritualmente, em múltiplas reencarnações, particularmente através da prática do amor-caridade.

A **Parábola do Grão de Mostarda** mostra a valorização do fenômeno do crescimento espiritual para merecer o “Reino de Deus”. Cultivando as primícias do bem e do amor, semelhantes a uma pequenina semente de mostarda que é depositada em seu coração, o Espírito do homem encarnado se eleva no campo das virtudes santificantes, passando a merecer que “as aves do Céu”, ou seja, os Espíritos do Senhor sejam atraídos pelas suas novas qualidades interiores, ajudando-o, assim, a galgar melhor a escalada do progresso espiritual, aproximando-se cada vez mais do Criador [Deus dentro de nós]. (Texto extraído do livro **Curso de Aprendizagem do Evangelho da FEESP**)

Reflitamos também sobre o rico sentido simbólico e espiritual da **parábola da Figueira Estéril**:

[Jesus] “contou ainda esta parábola: ‘Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha. Veio a ela procurar frutos, mas não encontrou. Então disse ao viticultor: ‘Há três anos que venho buscar frutos nesta figueira e não encontro. Corta-a; por que há de tornar a terra infrutífera?’ Ele, porém, respondeu: ‘Senhor, deixa-a ainda este ano para que eu cave ao redor e coloque adubo. Depois, talvez, dê frutos. Caso contrário, tu a cortarás.’ ” (Lucas 13,6-8).

No sentido simbólico e espiritual dessa parábola, o Senhor da vinha (ou da fazenda) é Deus dentro de nós, alertando-nos para produzir

frutos de amor, justiça e fraternidade. A figueira retrata a humanidade moralmente atrasada deste planeta. O Cristo interno (a chama divina dentro de nós) vive a despertar-nos a consciência, a fim de cumprirmos nossos deveres para com Deus e para com o próximo. Lamentavelmente, porém, ainda continuamos presos às nossas ilusões e fantasias, vivendo o egoísmo, deixando de realizar o altruísmo.

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DE PARÁBOLAS DE JESUS SOBRE O “REINO DE DEUS”

A pregação básica de Jesus, em parábolas e aforismos, sempre foi sobre o “**Reino de Deus**”, às vezes denominado de “**Reino dos Céus**”. Mas o que ele queria dizer com a expressão “Reino de Deus” (ou “Reino dos Céus”)? Tentarei dar uma resposta na presente seção, com base no Capítulo 4 do livro “Os Ensinamentos de Jesus e a Tradição Esotérica Cristã”, de autoria do escritor Raul Branco, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1999.

No Evangelho de Mateus, Jesus diz: “*Convertei-vos porque está próximo o Reino dos Céus*” (Mateus 4,17).

Com este aforismo alegórico, Jesus não estava se referindo necessariamente a uma proximidade temporal nem fazendo uma proclamação apocalíptica, pois, para Jesus o “Reino de Deus” não é limitado no tempo nem no espaço, mas é infinito, ou seja, o “Reino de Deus” não tem fronteiras nem limites, uma vez que inclui todo o universo.

A interpretação literal e errônea das palavras de Jesus tem levado grande número de cristãos a esperar por um iminente retorno de Cristo, a vaticinada parusia (ou parúsia), para estabelecer um reino de Deus na terra. Como, com o passar do tempo, esse retorno físico de Jesus não ocorria, os teólogos cristãos passaram a interpretar as palavras bíblicas como o anúncio do fim dos tempos, quando deverá supostamente ocorrer o temido juízo final.

A verdade é que Jesus procurou nos alertar que o Reino de Deus estava, e ainda está, muito próximo de todos nós (*dentro de nós*), pois pode ser encontrado em nossos corações aqui e agora. Por isso, disse que *o Reino de Deus está “no meio de vós”* (Lucas

17,20-21), ou melhor, “*dentro de vós*” (outra tradução possível, conforme esclarece *A Bíblia de Jerusalém*, Lucas 17,20-21, nota 1).

Ao dizer que “*meu Reino não é deste mundo*” (João 18,36), Jesus estava indicando que o “Reino de Deus”, sendo um conceito espiritual, só pode ser percebido num sentido espiritual, simbólico, alegórico, gnóstico. O Reino pode e deve ser alcançado aqui e agora, com a elevação da consciência de nosso plano material para o plano espiritual.

Como o “Reino de Deus”, nas próprias palavras de Jesus, “não é deste mundo”, logicamente não pode ser percebido por nossos sentidos materiais. Mas sendo um Reino espiritual, ele está ao alcance de todos aqueles que desenvolveram os sentidos espirituais. Esses sentidos não podem ser referidos de maneira literal, mas de forma simbólica, oferecendo imagens que possibilitam uma percepção intuitiva de seu significado.

O Reino de Deus não é um lugar físico e não será encontrado num futuro distante, pois ele existe potencialmente aqui e agora, *dentro de cada um de nós*. O importante é o reconhecimento de que não precisamos esperar até o suposto fim do mundo para entrar no “Reino de Deus”, como muitos ainda acreditam.

Jesus falava muito do “Reino de Deus” em parábolas, uma linguagem toda especial para esse propósito. Nas parábolas sobre o “Reino dos Céus”, Jesus falava em sentido figurado, gnóstico, alegórico, simbólico. Vejamos a interpretação de algumas parábolas de Jesus sobre o “Reino de Deus”, comentadas por Raul Branco:

- 1) **A parábola do grão (ou da semente) de mostarda** (Mateus 13,31-32): o fato de que o Reino já existe latente dentro de cada um de nós, como um estado de espírito sublimado, foi magistralmente transmitido na parábola da semente (ou do grão) de mostarda, que germina e cresce quando ocorrem as condições propícias, tornando-se um arbusto frondoso que dá abrigo aos pássaros (àqueles que voam pelas alturas espirituais). (BRANCO, 1999, cap. 4)
- 2) **A parábola do fermento** (Mateus 13,33): A mesma ideia da pequenina essência espiritual que cresce e transforma a natureza das coisas externas é transmitida pela parábola do fermento adicionado a três medidas de farinha. A farinha é a substância material da

personalidade do homem com seus três corpos: físico, emocional e mental, que deve ser transformada, ou fermentada, para que a consciência possa crescer até atingir a plenitude do Cristo em nós (*o Cristo interno*). (BRANCO, *ibid.*)

- 3) **As parábolas do tesouro escondido** (Mateus 13.34) **e do comerciante de pérolas** (Mateus 13,45-46): Discernimento e renúncia são necessários no caminho que leva ao Reino. Esse aspecto é enfatizado nessas duas referidas parábolas. Percebe-se na primeira dessas duas parábolas que o “Reino de Deus” é realmente um tesouro escondido no interior do ser humano, a ser descoberto por cada um de nós. Num estreito paralelo com essa parábola, a pérola da segunda parábola simboliza o tesouro espiritual, pelo qual devemos sacrificar todos os outros bens, como faz o comerciante perspicaz. (BRANCO, *ibid.*)

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DAS CURAS ATRIBUÍDAS A JESUS

No dizer do escritor Tom Harpur,

Se considerarmos as diversas curas “milagrosas” como uma referência dramática, mítica, ao poder de cura do Cristo interior que existe em cada um de nós, e se considerarmos tais acontecimentos que de outra forma seriam mágicos e incompreensíveis (como a alimentação de milhares de pessoas pela multiplicação do pão ou pela conversão da água em vinho) como a simbolização do dom de Deus a cada um de nós das energias divinas pelas quais vivemos e crescemos, as passagens [evangélicas] são compreendidas de uma maneira totalmente nova. Conforme Kuhn afirma, os Evangelhos são a história das nossas almas: “O nascimento, o despertar do poder intelectual aos 12 anos de idade, a tentação ou a tensão de conflito entre o corpo e a alma, o desenvolvimento do potencial divino da alma de curar as doenças e fraquezas da carne, a superação e afastamento das forças demoníacas do homem natural pela influência do Cristo [interior], a ressurreição simbólica do poder espiritual mortalmente inerte a uma nova expressão de vida (...) toda a experiência da alma sob o longo domínio do instinto animal sendo em si a essência da crucificação na cruz da matéria, a vitória final da transfiguração radiante da alma do homem mortal pela luz do espírito, a ressurreição final da alma da sua morte sob o peso sufocante da vida do sentido.” Não há dúvida de que isso transforma completamente toda a nossa compreensão dos textos antigos (HARPUR, 2008, p. 190-191).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA CURA DE UM PARALÍTICO POR JESUS

Os Evangelhos sinópticos narram a cura de um paralítico realizada por Jesus:

Vieram trazer-lhe um paralítico, transportado por quatro homens. E como não pudessem aproximar-se por causa da multidão, abriram o teto à altura do lugar onde ele se encontrava, e, tendo feito um buraco, baixaram o teto em que jazia o paralítico. Jesus, vendo a sua fé, disse ao paralítico: “Filho, os teus pecados estão perdoados.” [...] Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa. (Marcos 2, 3-10)

Qual o sentido simbólico da cura de Jesus da referida paralisia? A resposta é dada por Tom Harpur nos seguintes termos:

Alguns escribas que estavam ali tentaram começar uma discussão sobre a suposta “blasfêmia” de Jesus ao dizer ao doente que seus pecados estavam perdoados, mas a verdadeira lição que podemos tirar daí é que a paralisia do homem simboliza nossos próprios medos e bloqueios interiores. Quantas vezes na vida descobrimos que estamos presos dentro de nós, incapazes de seguir em frente, incapazes de dar um passo ou tomar uma decisão importante, paralisados de alguma maneira. O que a passagem diz é que, se invocarmos o Cristo interior, ele pode desatar as correntes que impedem nosso progresso. Os “pecados” ou erros que causaram nossa paralisia temporária podem ser perdoados – sem a intervenção de um padre ou de outras pessoas – e nós podemos nos fortalecer para apanhar a cama ou o leito e seguir em frente (HARPUR, 2009, p. 86).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DAS TENTAÇÕES DE JESUS

No Evangelho de Mateus, Jesus sofre três supostas “tentações demoníacas”, mas não se deixa vencer por nenhuma delas.

Simbolicamente, todos nós também sofremos “tentações demoníacas”, mas é preciso saber que, na visão espírita, os chamados “demônios” são apenas espíritos desencarnados imperfeitos (desde a sua criação), suscetíveis de regeneração e evolução, como qualquer um de nós (cf. KARDEC, “O Céu e o Inferno”, capítulo 9, n.

21; ver também meu livro “Catecismo Ecumênico”, resposta da Pergunta nº 137).

Nesse sentido, as tentações de Jesus, bem como as de todos nós, pelo chamado “demônio” devem ser interpretadas de forma simbólica, alegórica, e não de maneira literal.

A luta de Jesus com o “diabo” (ou “demônio”) significa, *simbolicamente*, que Jesus precisou enfrentar muitas forças que tentavam impedi-lo de realizar sua missão. As “tentações” são inevitáveis a todos nós. Não há quem não seja tentado, mas Jesus nos deu o exemplo de que, mesmo sendo “tentados”, poderemos vencer nossas tentações, viver uma vida na presença de Deus (que habita dentro de nós) e, com sua ajuda, recebermos força para vencer as tentações, ou seja, para vencermos o mal, os desafios e as dificuldades de nossa vida, sobretudo mediante a vivência do amor-caridade.

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO “AUTOESVAZIAMENTO” DE JESUS

Na famosa passagem da chamada *kenosis*, ou do “autoesvaziamento” de Jesus, narrado na epístola de Paulo aos Filipenses, o apóstolo diz que Cristo “esvaziou-se a si mesmo”. No ritual egípcio, somos informados de que o deus Hórus “despe-se” para revelar a si mesmo enquanto se apresenta à Terra. No pensamento esotérico antigo, todo o processo da descida do deus ou da alma para a encarnação sempre envolvia o despojamento de camadas de glorioso vestuário por um lado ao mesmo tempo que assumia trajes ainda mais densos – significando a imersão na opacidade da matéria. Obviamente, a humilhação, a assunção do papel de um ser menos glorioso, é o que estava sendo retratado; era um esvaziamento da glória. Em um estágio ou outro do mito, as três pessoas da Trindade egípcia, Ísis, Osíris e Hórus, são representadas “descendo” para esta terra em forma humilde, humana (cf. HARPUR, 2008, p. 214).

Em suma, a chamada *kenosis* (ou o “autoesvaziamento” de Jesus), em sua interpretação simbólica, significa a humildade, o

desapego, que todos devemos ter para nos aproximarmos sempre mais da “*Chama Divina*” que habita dentro de nós.

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DE JESUS COMO “A LUZ DO MUNDO”

Obviamente, por se tratar de uma divindade solar, ao lado de muitas outras, é que o Jesus mítico era chamado de “a luz do mundo”, juntamente com todas as demais divindades solares deste planeta, uma vez que o Deus-Sol era a “luz do mundo”.

No Evangelho de João, o mais simbólico de todos, Jesus diz: “Eu sou a luz do mundo” (João 8,12). Esta afirmação, *simbolicamente* interpretada, significa dizer que Jesus veio ao mundo como “uma luz para iluminar os povos, abrir os olhos cegos, libertar os presos das correntes e dos que estão na escuridão das prisões” (HARPUR, 2008, p. 213).

Nesse mesmo sentido mítico simbólico, pode-se dizer que Jesus como a “Luz do Mundo” (ao lado de muitos outros espíritos evolucionados) representa a nossa “luz divina interior” (“Deus dentro de nós”).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DE JESUS COMO “ÁGUA VIVA” E “PÃO DA VIDA”

Jesus disse à mulher samaritana, à beira do Poço de Jacó, que lhe daria uma **água viva**, e que ela não teria mais sede (cf. João 4,10-14). Essa água viva deve ser interpretada literalmente, como H₂O? De modo algum.

De outra feita, Jesus afirmou que era o **pão da vida** que desceu do céu (cf. João 6,35). Jesus é literalmente pão e água? Claro que não. Essas passagens evangélicas não devem ser interpretadas ao pé da letra, mas de forma simbólica, metafórica, alegórica, no sentido de que o “Cristo interno” (“Deus dentro de nós”) é um alimento espiritual necessário para nossa evolução espiritual, alimento esse simbolizado nessas passagens bíblicas pelas expressões “água viva” e “pão da vida”.

A respeito do sentido simbólico de Jesus ser “o pão da vida”, refletimos sobre o que escreveu Tom Harpur, em seu livro “Transformando Água em Vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos”:

Como Hórus antes dele, Jesus diz: “Sou o pão da vida”. Em outras palavras, se o princípio divino encarnado em cada um de nós for reconhecido e assimilado plenamente, torna-se o segredo da própria vida – não só da vida física, como da vida imortal, a vida para sempre. É isso o que realmente significam todas as expressões do Novo Testamento sobre “comer o corpo de Cristo. Não há a menor intenção de transmitir – coisa abominável para qualquer judeu ortodoxo daquela época ou de hoje – o sentido literal de comer de fato a carne ou o corpo de alguém. Era uma metáfora inteiramente pagã (egípcia e grega) e inteiramente alheia às tradições do judaísmo (HARPUR, 2009, p. 109).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DE JESUS COMO “O SALVADOR” DA HUMANIDADE

Por ser uma divindade solar, o Jesus mítico era também visto como “o Salvador da humanidade”, pois, como vimos no primeiro capítulo deste livro, as divindades solares eram pessoas que, nas antigas religiões, personificavam o Deus-Sol, principal divindade do mundo antigo, uma vez que nada pode existir neste planeta sem o Sol. Por isso, o Sol era visto pelos antigos como “Deus”, como “Filho de Deus”, como “Senhor”, como a “Luz do Mundo” e, obviamente, como o “**Salvador**” da humanidade.

Não somente Jesus, mas qualquer outra divindade solar, por simbolizar Deus dentro de nós, também simboliza Deus como o verdadeiro “salvador” de todos nós.

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DE JESUS COMO “O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA”

No sentido *simbólico* dessa expressão, ou seja, no sentido de que o código de moral (ou de ética) universal que Jesus ensinou e viveu, resumido na lei do amor, é realmente verdadeiro e libertador, somente quem o praticar será “salvo” (liberto) e terá “vida plena”.

Conforme argumento muitas vezes em minhas obras ecumênicas, a crença cristã exclusivista segundo a qual Jesus é *literalmente* o único Caminho e a única Verdade, com base no famoso versículo joanino, segundo o qual o próprio Jesus teria afirmado ser “o Caminho, a Verdade e a Vida” (João 14, 6), e ninguém iria ao Pai a não ser por ele, é uma crença fundamentalista, literalmente equivocada, e espiritualmente arrogante, dos cristãos, que tem causado muita discriminação ao longo de dois mil anos de história do cristianismo.

O referido versículo joanino, porém, se interpretado de maneira *simbólica* e *pluralista*, tem um rico significado religioso, no sentido de que somente aquele que pratica o amor-caridade alcançará a salvação, ou melhor a libertação ou evolução espiritual, pois, como bem ensina o Espiritismo, **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO!**, diferentemente do velho slogan católico: **FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO!**

Convém reafirmar, porém, o que já foi dito no Capítulo 2 deste livro, que **o código de moral (ou de ética) universal**, que Jesus ensinou e viveu, não foi ensinado e vivenciado exclusivamente por ele, mas igualmente por muitos outros sábios, fundadores ou não de religião, filósofos, outros mensageiros (ou messias) do além etc., ao longo da história humana, por exemplo, Sócrates, Platão, Moisés, Buda, Krishna, Zoroastro, Confúcio, Lao-Tsé, Baha'u'llah, Gandhi, Allan Kardec, Chico Xavier e tantos outros.

Nesse sentido pluralista do ensino e vivência do chamado “código divino” de moral universal por inúmeros mensageiros enviados por Deus para ajudar nosso planeta a evoluir moralmente, não se pode afirmar que Jesus é *literalmente* o único Caminho, o único Salvador, o único Messias, o único Redentor da humanidade, mas um dentre muitos outros espíritos evoluídos, que já vieram a este mundo, para nos ensinar a verdadeira religião, a prática do amor-caridade, a única modalidade de religião capaz de unir a todos e fazer evoluir a humanidade. Este código de moral universal é também chamado por Allan Kardec de “código divino” (cf. KARDEC, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Introdução, 1º Parágrafo).

Jesus, como já foi esclarecido por diversas vezes neste livro, não foi o único a supostamente declarar que era **O CAMINHO, A VERDADE e A VIDA** (João 14,6). Krishna, Hórus e Mitra também afirmavam ser **A LUZ DO MUNDO, O CAMINHO, A VERDADE e A VIDA**.

A interpretação literalista e exclusivista de João 14,6 é fruto do escorregão humano de um para o, esclarecido na resposta da pergunta nº 93 de meu livro *Catecismo Ecumênico*, segundo o qual Jesus é o (único) Caminho, e não um Caminho (ao lado de muitos outros), enquanto a interpretação *simbólica* e *pluralista* desse mesmo versículo joanino, além de não discriminar nenhuma outra religião e nenhum outro líder religioso, une todas as crenças e todas as pessoas deste planeta.

Outra interpretação de muito valor simbólico para o referido versículo joanino (João 14,6), como já vimos no capítulo anterior, mas convém repetir aqui, é a explicação dada pelo escritor espírita (e ex-padre católico) Carlos Torres Pastorino, em sua obra “Sabedoria do Evangelho”, argumentando que as declarações na 1ª pessoa do singular (“EU SOU”), atribuídas a Jesus no Evangelho de João, não são de autoria de Jesus, nem do evangelista João, mas do “Cristo cósmico” (“o Cristo interno”, “Deus dentro de nós”) falando através de Jesus. A esse respeito, leiamos novamente o que escreveu o escritor espírita José Lázaro Boberg, em seu livro “O Evangelho de Tomé: O Elo Perdido”:

Pastorino entende que muitas citações do Evangelho [de João], como *Eu sou a luz do mundo, Eu sou o pão da vida, Eu sou o caminho, a verdade e a vida, Eu sou a videira verdadeira*, entre outras expressões, seriam, na realidade, o *Cristo Interno* falando através de Jesus. O ensinamento, portanto, não parece ser do Jesus carnal, e sim, da divindade, ou seja, Deus (o Cristo interno) fala por intermédio dele. Uma vez integrado, ou, em plena sintonia, Deus – A Lei do Universo – fluía por meio de Jesus. (BOBERG, 2011, p. 33)

Como também foi esclarecido no capítulo anterior deste livro, Pastorino argumenta que o versículo joanino “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (João 14,6), é uma tradução literal errada do origi-

nal grego, e que a tradução literal correta seria: **“Eu sou o caminho da Verdade e da Vida”**, e que o sentido real (gnóstico) de todo o versículo seria este: **“O Eu é o caminho da Verdade e da Vida: ninguém vem ao Pai senão pelo Eu”** (cf. PASTORINO, 1964, vol. 8, p. 7) (negrito meu). Eis suas palavras explicativas:

Sendo o EU de cada um de nós (o Eu profundo) a individuação do CRISTO, a tradução mais perfeita, para evitar qualquer dúvida, é a do sentido real: “O EU é o caminho da Verdade e da Vida”. Em qualquer ser, que já tenha Espírito..., o Eu ou Cristo interno é, sem a menor dúvida, o caminho, o meio, pelo qual se alcança o objetivo da evolução: a Verdade e a Vida (PASTORINO, 1964, vol. 8, p. 7).

A respeito das traduções literais erradas de versículos como “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (João 14,6), em vez de **“Eu sou o caminho da Verdade e da Vida”**, Pastorino nos esclarece, como já vimos, que, em hebraico, duas palavras poderiam estar

unidas pela conjunção “e”, ao invés de o serem pela preposição, como: **“ressurreição E vida”** por **“ressurreição DA vida”**; **“caminho, verdade e vida”**, por **“caminho DA verdade e DA VIDA”** etc. Isto porque, em hebraico, eram colocados dois substantivos, um ao lado do outro, e isto bastava para relacioná-los. (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 8) (negrito meu)

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA MULTIPLICAÇÃO DE PÃES POR JESUS

O milagre da multiplicação de pães atribuído a Jesus é uma cópia do Antigo Testamento e de outras religiões (como o budismo). Sabe-se, por exemplo, que o profeta Eliseu (cf. 2Reis 4,42-44) também “multiplicou” pães e “Buda, com um único pão, alimentou 5.000 homens que o seguiam, tendo sobrado mais pedaços do que o pão repartido” (apud GRIESE, 1957, p. 111).

A multiplicação de cinco pães atribuída a Jesus nos Evangelhos (e a outros líderes religiosos da humanidade) não é história, mas mito, parábola e, logo, não deve ser interpretada literalmente, mas simbolicamente, alegoricamente, no sentido de partilha dos bens ou de uma comparação ao alimento espiritual da alma.

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA EUCARISTIA

A Ceia Eucarística católica, literalmente interpretada, é, conforme vimos no capítulo anterior deste livro, um velho rito religioso de **antropofagia e teofagia**, de origem pagã (existente em várias outras religiões bem mais antigas do que o cristianismo), que merece todo o nosso respeito, mas que não deve ser interpretada *literalmente* (como verdade exclusiva e absoluta do catolicismo). Como é que os católicos ainda acreditam que ninguém poderá salvar-se sem literalmente comer a carne e beber o sangue do Deus-Jesus?

O escritor Tom Harpur, em seu livro “O Cristo dos Pagãos”, nos fornece uma excelente explicação simbólica para as doutrinas da cruz, da crucificação, da ressurreição de Jesus e da Ceia Eucarística, nos seguintes termos:

Uma compreensão espiritual e mística do mito do Cristo tornou fortemente relevante toda a doutrina da cruz, da crucificação e da Ressurreição do Cristo. Toda a velha questão sobre o sangue, o sacrifício e sofrimento divinos finalmente entrou em foco e alcança tanto a mente quanto o coração. O amor de Deus é visto mais claramente do que nunca no “sacrifício”, ou no fluxo constante da sua natureza divina, para assegurar a nossa participação nela para sempre. O significado mítico, alegórico da Paixão de Jesus Cristo como uma representação do papel de Deus na nossa criação e na nossa encarnação como “fragmentos de divindade” incorporados é muito mais profundo do que alguma transação imaginada em que a ira de Deus é anulada pela morte literal do seu único filho.

O ponto acima leva à minha consciência renovada do poder e do simbolismo da própria Eucaristia. Ela deixa de ser um eco rude, bárbaro, de algum tipo de rito canibalístico, nem é uma recordação instruída puramente simbólica de um acontecimento de 2 mil anos de idade. De maneira visual e poderosa ela oferece uma vivência imediata da “ingestão” introjetada dos fatos de que **o divino despeja as suas energias e a vida como o nosso pão e a nossa bebida espiritual** (HARPUR, 2008, p. 192-193) (negrito meu).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA MORTE DE JESUS NA CRUZ

De acordo com a antiga sabedoria esotérica, tanto a “morte” como a “cruz” sempre simbolizaram o espírito mergulhado na matéria, ou seja, a encarnação do divino em cada um de nós (cf. Alvin Boyd Kuhn, apud HARPUR, 2008, p. 57).

“A cruz é um símbolo comum do nosso enraizamento na terra por um lado e do nosso destino com Deus pelo outro” (HARPUR, 2008, p. 57-58).

As evidências são esmagadoras de que no paganismo e na religião cristã primitiva a cruz sempre foi um símbolo da vida, nunca da morte (a não ser como “morte” no sentido simbólico, significando encarnação). Estar no corpo era ser posto – até mesmo supliciado ou crucificado – sobre essa cruz da existência carnal. Esse é o poderoso significado por trás do mandamento de Jesus: “Assumi a vossa cruz.” – quer dizer, aceita a disciplina e a ambiguidade e o sofrimento envolvido em ser um ser humano plenamente consciente. (Os gregos diziam que o corpo é o túmulo da alma.) (HARPUR, 2008, p. 58).

Esse mesmo autor nos esclarece que

“a narrativa acerca de Jesus é a narrativa sobre cada um de nós em forma alegórica. Como animais dotados de espírito, somos crucificados na cruz da matéria; somos os portadores do Cristo interior e um dia ressuscitaremos para um destino glorioso ao lado de Deus. Toda alma é crucificada na cruz quando vive no corpo físico, de acordo com a antiga sabedoria esotérica (HARPUR, 2008, p. 155) (negrito meu).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO SACRIFÍCIO INCRUENTO DA MISSA

Conforme vimos no Capítulo 3 deste livro, mas convém repetir aqui, asseguram os católicos que, na última ceia de Jesus, como em cada missa, se celebrou e se celebra, de modo “**incruento**”, isto é, sem derramamento de sangue, o sacrifício de Cristo na cruz. Eu pergunto: se a missa é a celebração “incruenta” do sacrifício de Cristo na cruz, ou seja, sem derramamento de seu sangue, como pode, então, o vinho consagrado ser literalmente o “sangue” de Cristo?

Como podem os fiéis estar literalmente bebendo o sangue de Cristo, na Ceia Eucarística, se a missa é sacrifício sem sangue?

Eis aí, portanto, mais uma grande contradição ou mentira católica: **beber o sangue de Cristo numa celebração sem sangue.**

E o pior é que o exame em laboratório das espécies consagradas demonstra que as pessoas estão certas em sua descrença. Ora, se a missa é sacrifício sem sangue, poderia o vinho consagrado ser o sangue real de Jesus? (CHAVES, José Reis, coluna no diário O TEMPO, de Belo Horizonte, 16/6/2008, p. 2)

No correto questionamento desse mesmo escritor mineiro,

se a missa é a repetição do sacrifício incruento (simbólico, sem sangue) do Calvário, como o vinho pode se transformar no sangue real de Jesus? Li de um teólogo que os padres são mais importantes do que Nossa Senhora e os anjos, por eles terem o poder de transformar o pão e o vinho no corpo e sangue de Jesus. Com todo o respeito, não seria essa vaidade dos sacerdotes a causa da exaltação com que muitos deles defendem o dogma da Transubstanciação? E como muitos deles dizem que Jesus é também Deus, então os padres criariam Deus nos altares, diariamente, quando sabemos que Deus é incriado? É surpreendente a teimosia de muitos líderes religiosos na defesa dos erros teológicos do passado, o que é responsável pelas divisões, cada vez mais numerosas, entre os cristãos. Ademais, ao longo dos séculos, infelizmente, a Bíblia se tornou um dos livros mais falsificados que existem. E ainda há os que, ingenuamente, querem vê-la como sendo, literalmente, a palavra de Deus, na qual se deve crer, pois, segundo eles, cegamente. Discordemos de doutrinas religiosas, mas respeitemo-las todas, mesmo as absurdas, e principalmente, não anatematizemos ninguém, pois só assim, podemos ser religiosos de verdade! (José Reis Chaves, Coluna no Diário O TEMPO de Belo Horizonte, 14/7/2011)

Em suma, para concluir esta seção, quero repetir as seguintes palavras do escritor Tom Harpur, a respeito do modo simbólico de interpretar o sacrifício incruento da missa dos católicos:

O ponto acima leva à minha consciência renovada do poder e do simbolismo da própria Eucaristia. Ela deixa de ser um eco rude, bárbaro, de algum tipo de rito canibalístico, nem é uma recordação instruída puramente simbólica de um acontecimento de 2 mil anos de idade. De maneira visual e poderosa ela oferece uma vivência imediata da "ingestão" introjetada dos fatos de que **o divino despeja as suas ener-**

gias e a vida como o nosso pão e a nossa bebida espiritual!
(HARPUR, 2008, p. 192-193 (negrito meu).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

Convém esclarecer, de início, que Jesus Cristo não foi o único personagem mítico a passar por uma *transfiguração*, pois Krishna (divindade hindu), que viveu cerca de quatro mil anos antes de Cristo, também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos. Buda, que viveu seis séculos antes de Jesus, também sofreu uma transfiguração quando subiu uma montanha do Sri Lanka chamada Pandava, ou Amarelo-esbranquiçada. “La os céus se abriram e uma grande luz apareceu e o envolveu totalmente e a glória de sua pessoa resplandeceu com ‘energia redobrada’. Ele refulgiu com o esplendor do Sol e da Lua” (HARPUR, 2008, p. 46).

Na cena da transfiguração de Jesus, no monte Tabor, a face de Jesus “resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz”. *Simbolicamente* interpretadas, as histórias de transfiguração ensinam o poder iluminador da divindade que se encontra em cada um de nós (cf. HARPUR, 2008, p. 215).

A Transfiguração de Jesus ou mudança gloriosa de aparência, portanto, é um símbolo profundo da nossa metamorfose futura em seres de luz. [...] Feitas as contas, essa história é um glifo ou metáfora de nosso glorioso destino final como filhos e filhas de Deus (HARPUR, 2009, p. 80).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA ENTRADA TRIUNFAL DE JESUS EM JERUSALÉM NO LOMBO DE UM JUMENTO

Historicamente, segundo os especialistas em história do cristianismo, Jesus não entrou em Jerusalém no lombo de um jumento, animal que “tinha relação com várias divindades antigas, tanto no Egito quanto ao longo da bacia do Mediterrâneo” (HARPUR, 2009, p. 151).

Nos mistérios gregos de Dioniso, o jumento era um símbolo comum da natureza animal inferior em todos nós (cf. HARPUR, *ibid.*).

Tom Harpur, no seu livro “O Cristo dos Pagãos” (p. 216), afirma que a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, no lombo de um jumento, “é uma parte literalizada mas mutilada do antigo mito egípcio em que o deus Hórus também cavalga no lombo de um jumento”. O mesmo mito ocorreu com o deus Dioniso (da Grécia).

O significado simbólico dessa estória é que o elemento divino (o Deus encarnado em cada pessoa) cavalga para a glória no dorso do eu animal. É para marcar o triunfo final da alma no homem sobre a sua natureza inferior (animal). “A personagem do homem-deus cavalcando um jumento numa parada vitoriosa era o símbolo por excelência da vitória final de cada um de nós sobre nosso ego inferior e animal” (HARPUR, 2009, p. 151).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA RESSURREIÇÃO DE JESUS

A ressurreição de Jesus não deve ser interpretada como um acontecimento histórico, mas simbólico, metafórico, como já defendiam alguns cristãos gnósticos, no início do cristianismo: “A ressurreição, insistiam, não era um acontecimento singular ocorrido no passado: em vez disso, ela simbolizava a forma como era possível experimentar a presença de Cristo no momento presente. O importante não era a visão literal mas sim a visão espiritual” (PAGELS, 2006, p. 41).

A ressurreição de Cristo não teve absolutamente nada a ver com um cadáver que volta à vida e rompe a barreira de um túmulo de rocha numa colina na Judeia, numa manhã muito antiga. Em vez disso, veremos que se trata de um testemunho poderoso da ressurreição diária que pode ocorrer a cada momento em nossa própria vida, se permitirmos que o Cristo interior, o fragmento divino ou “centelha” que reside em todos os corações, nos inspire de novo para a novidade do viver (HARPUR, 2009, p. 178).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA RESSURREIÇÃO DE JESUS “APÓS TRÊS DIAS”

O número **três** tem um rico sentido esotérico e simbólico e a ressurreição de divindades solares pagãs (como Átis, Adônis, Osíris/

Hórus e Cristo), “após três dias”, tem uma explicação astrológica, referente ao solstício de inverno, conforme veremos nesta seção.

No dizer do escritor Tom Harpur,

O número **três** ganhou dimensão esotérica e simbólica pelo fato conhecido de que, por **três dias** e duas noites a cada mês, a Lua deixa de ser visível da Terra. Simbolicamente, acreditava-se que a Lua mantinha relações com o Sol nesse período para conceber a Lua nova. Portanto, **três** tornou-se um símbolo de qualquer período importante de mudança ou renovação. **Isso também explica os três dias de Jesus no túmulo antes da ressurreição** (HARPUR, 2009, p. 45) (negrito meu).

Como também afirma Joseph Campbell, em sua obra “O Poder do Mito”,

a morte e ressurreição do deus [solar] é associada, em toda parte, à lua, que morre e ressuscita todo mês. São duas noites ou três dias de escuridão; e ali temos Cristo, por duas noites e três dias, no túmulo. Ninguém sabe exatamente qual a data do nascimento de Jesus, mas adotou-se a data que costumava ser a do solstício de inverno, 25 de dezembro, quando as noites começam a ficar mais curtas e os dias mais longos. Este é o momento do renascimento da luz. Essa é exatamente a data do nascimento do deus persa da luz, Mitra, Sol, o sol (CAMPBELL, 2011, p. 188).

Os astrólogos e astrônomos explicam que o Deus-Sol “morria” e “ressuscitava” “após três dias”, no solstício de inverno, ou seja, o Sol desaparecia (isto é, “morria”) e, “depois de três dias”, reaparecia (ou seja, “ressuscitava”).

Ao longo da história, muitos personagens foram identificados como o Deus-Sol, “Salvador do mundo”, “Filho de Deus”, que “morre” e “ressuscita”, “após três dias”, para nos salvar, tais como Hórus (do Egito Antigo), Krishna (da Índia), Mitra (da Pérsia) e, obviamente, Jesus Cristo e muitos outros.

Diante de todas essas evidências históricas, não há mais como negar o fato de que o Jesus da fé cristã dogmática (semelhante a muitas outras divindades solares deste planeta) é realmente um mito pagão de origem solar, o qual, *simbolicamente* interpretado, tem o rico sentido de representar a divindade dentro de nós, o nosso “salvador”.

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO TÚMULO VAZIO DE JESUS

Como estamos comprovando neste capítulo, quase todas as doutrinas da fé cristã dogmática, quando interpretadas *simbolicamente*, têm um grande valor espiritual para alimentar a fé dos cristãos, mas, quando interpretadas *literalmente*, são puras “**mentiras sobre Jesus**”. Interpretar, por exemplo, a narrativa do túmulo vazio de Jesus, de maneira metafórica/parabólica, com o significado de que Jesus não está mais entre os mortos, e sim entre os vivos, é uma grande verdade espiritual sobre Jesus, como afirmam os escritores Marcos J. Borg e John Dominic Crossan, no livro “A Última Semana” (BORG & CROSSAN, 2007, p. 236), mas afirmar, como faz a grande maioria dos cristãos, que o túmulo vazio é prova histórica da ressurreição física de Jesus, é uma grande mentira sobre Jesus, pois ele não ressuscitou fisicamente, mas espiritualmente. Ninguém ressuscita fisicamente, mas apenas espiritualmente, ou seja, após nosso desencarne, continuamos a viver com o nosso espírito (ou alma) e Jesus não podia fugir à regra estipulada por Deus, como ser humano que era.

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA ASCENSÃO DE JESUS

Os cristãos fundamentalistas, baseados no Evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos – de autoria do próprio Lucas –, acreditam que Jesus, após sua ressurreição, subiu fisicamente ao céu, de onde retornará fisicamente um dia para julgar a humanidade.

O renomado escritor Joseph Cambell resume os relatos sobre a ressurreição e ascensão de Jesus da seguinte maneira:

Jesus morre, ressuscita e ascende ao Céu. Essa metáfora exprime uma espécie de mistério religioso. Jesus não poderia ter ascendido literalmente ao Céu, pois não há um lugar geográfico aonde ele pudesse ir. Elias subiu ao céu numa “carruagem de fogo” segundo a Bíblia, mas não podemos encarar isso como descrição de uma jornada literal. São acontecimentos espirituais descritos por meio de metáforas (Campbell, apud HARPUR, 2009, p. 181).

No dizer do escritor Tom Harpur,

a ascensão de Jesus simboliza a verdade de que em última análise, quando morremos, o atual corpo físico se desintegra, mas nosso Eu verdadeiro segue adiante em direção a uma glória mais alta (HARPUR, 2009, p. 181).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO RETORNO DE JESUS

Na visão espírita, diferentemente da visão católica (e também da visão protestante), Jesus não retornará fisicamente, no fim do mundo, para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno. Isso é crença mítica dos cristãos.

Conforme esclarecido, a humanidade, na visão espírita, não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua regeneração.

O verdadeiro retorno de Jesus, na visão simbólica espírita, significa o retorno de seu verdadeiro cristianismo, o “cristianismo de Jesus”, o “cristianismo das origens”, o “cristianismo redivivo”, pregado e vivenciado pelo espiritismo, o mesmo cristianismo que Jesus autenticamente ensinou e viveu, ou seja, **o código de moral (ou de ética) universal que ele pregou e praticou, resumido na lei do amor, do amor-ágape, isto é, da prática da caridade**, a única modalidade de cristianismo capaz de unir a cristandade e a humanidade, em oposição ao “cristianismo dos cristãos” (**PAULINISMO**), caracterizado sobretudo por um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas, o qual nunca uniu, nem terá jamais condições de unir, a cristandade e a humanidade.

Allan Kardec, diferentemente dos cristãos dogmáticos e fundamentalistas, não interpreta *literalmente* as passagens bíblicas (por ex., Mateus 24 e Marcos 13) sobre o fim dos tempos e sobre a segunda vinda de Cristo. Ele as interpreta *alegoricamente, simbolicamente*.

Leiamos agora alguns de seus comentários, prestando muita atenção sobretudo ao terceiro parágrafo (particularmente ao texto em negrito), no qual Kardec faz referência à **restauração do código de moral evangélica ensinado por Jesus**, como condição para

o reinado do bem e da fraternidade da nova era que deve se instalar na Terra na etapa de sua regeneração:

É evidentemente alegórico este quadro do fim dos tempos, como a maioria dos que Jesus compunha. Pelo seu vigor, as imagens que ele encerra são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes. Para tocar fortemente aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem acentuadas. Ele se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de apanhar a delicadeza das formas. A fim de atingir o coração, fazia-se-lhe mister falar aos olhos, com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos, por meio da força da linguagem. [...]

É de notar-se que, entre os antigos, os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram acessórios forçados de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros. Com eles deparamos, por ocasião da morte de Jesus, da de César e num sem-número de outras circunstâncias da história do paganismo. Se tais fenômenos se houvessem produzido tão amiudadas vezes quantas são relatados, fora de ter-se por impossível que os homens não houvessem guardado deles lembrança pela tradição. Aqui, acrescenta-se a *queda de estrelas do céu*, como que a mostrar às gerações futuras, mais esclarecidas, que não há nisso senão uma ficção, pois que agora se sabe que as estrelas não podem cair.

Entretanto, sob essas alegorias, grandes verdades se ocultam. Há primeiramente, a predição das calamidades de todo gênero que assolarão e dizimarão a Humanidade, calamidades decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. **Há, em segundo lugar, a da difusão, por toda a Terra, do Evangelho restaurado na sua pureza primitiva; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, a derivar do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será verdadeiramente, o reino de Jesus, pois que ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob a égide da sua lei. Será o reinado da felicidade, porquanto diz ele que – “depois dos dias de aflição, virão os de alegria”.** (Negrito meu) [...]

Será que, predizendo a sua segunda vinda, era o fim do mundo o que Jesus anunciava, dizendo: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim?” [...] Não é racional se suponha que

Deus destrua o mundo precisamente quando ele entre no caminho do processo moral, pela prática dos ensinamentos evangélicos. Nada, aliás, nas palavras do Cristo, indica uma destruição universal que, em tais condições, não se justificaria.

Devendo a prática geral do Evangelho determinar grande melhora no estado moral dos homens, ela, por isso mesmo, trará o reinado do bem e acarretará a queda do mal. É, pois, ao fim do *mundo velho*, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as paixões pecaminosas, a que o Cristo aludia, ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim”. Esse fim, porém, para chegar, ocasionaria uma luta e é dessa luta que advirão os males por ele previstos. [...]

Se consideramos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, aspirações e pressentimentos das massas, a decadência das ideias antigas que em vão se debatem há um século contra as ideias novas, não poderemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o mundo velho chega a seu termo. [...] donde a conclusão de que atingimos os tempos anunciados, o que confirmam, em todos os pontos do globo, os Espíritos que se manifestam. [...] O advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que ele forçadamente tem de exercer sobre as ideias. Ele se encontra, além disso, anunciado, em os Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e filhas profetizarão”. [...] É a predição inequívoca da vulgarização da mediunidade, que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; [...] Isso, conforme está dito, acontecerá nos últimos tempos; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário, à época da sua regeneração, devemos entender aquelas palavras como indicativos dos últimos tempos do mundo moral que chega a seu termo. (KARDEC, A GÊNESE, cap. 17, n. 54-61)

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO JUÍZO FINAL

Segundo o Espiritismo, conforme esclarecido, o planeta Terra não terá um fim, como descreve o mito cristão do Juízo Final, mas uma *transformação*, na época de sua regeneração, em que o nosso planeta atingirá mais uma etapa evolutiva, subindo um degrau a mais na sua evolução material e moral, semelhante à que ocorreu no Sis-

tema de Capela, há milhares de anos atrás, e semelhante às etapas de regeneração que ocorrem constantemente nos milhares de outros planetas habitados do Universo.

Nesse sentido, refletamos agora sobre o Juízo Final, na visão simbólica espírita, conforme os lúcidos esclarecimentos fornecidos por Allan Kardec, o codificador da Doutrina dos Espíritos:

Chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação [...] é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” [...]

A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à eternidade da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Que utilidade teriam então o Sol, a Lua e as estrelas que, segundo a Bíblia, foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que tão imensa obra se haja produzido para tão pouco tempo e a benefício de seres votados de antemão, em sua maioria, aos suplícios eternos. Materialmente, a ideia de um julgamento único seria, até certo ponto, admissível para os que não procuram a razão das coisas, quando se cria que a Humanidade toda se achava concentrada na Terra e que para seus habitantes fora feito tudo o que o Universo contém. É, porém, inadmissível, desde que se sabe que há milhares de milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade em fora e entre as quais a Terra é dos menos consideráveis, simples ponto imperceptível. [...]

O juízo, pelo processo da emigração, conforme ficou explicado acima, é racional; funda-se na mais rigorosa justiça, visto que conserva para o Espírito, eternamente, o seu livre-arbítrio; não constitui privilégio para ninguém; a todas as suas criaturas, sem exceção alguma, concede Deus igual liberdade de ação para progredirem; o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, nenhuma interrupção ocasionará à marcha progressiva do Espírito. Tais as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, não é exata a qualificação de *juízo final*, pois que os Espíritos passam por análogas fieiras a cada renovação dos mundos por eles habitados, até que atinjam certo grau de perfeição. Não há, portanto, *juízo final* propriamente dito, mas *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos. (KARDEC, *A Gênese*, cap. 17, n. 63- 67)

COMO O ESPIRITISMO EXPLICA A REGENERAÇÃO DO PLANETA TERRA

Na fase de regeneração do planeta Terra, os seus habitantes que ainda não tiverem atingido o nível de adiantamento moral adequado à sua nova etapa evolutiva, não mais reencarnarão aqui, mas em outros planetas de níveis semelhantes ou inferiores ao do planeta Terra. Isto, porém, não é o fim do mundo, mas o início de uma nova era para o planeta Terra, uma era de mais união, amor, paz e fraternidade entre os seus habitantes. Na nova fase evolutiva da Terra, repito, só reencarnarão nela espíritos mais evoluídos do que a grande maioria dos atuais habitantes dela, os quais serão exilados para outros planetas de nível semelhante ou inferior ao de nosso atual planeta Terra.

O QUE É NECESSÁRIO PARA REGENERAR O PLANETA TERRA

Só o Progresso Moral Pode Regenerar a Humanidade.

O progresso intelectual realizado até ao presente, nas mais largas proporções, constitui um grande passo e marca uma primeira fase no avanço geral da Humanidade; impotente, porém, para regenerá-la. Enquanto o orgulho e o egoísmo o dominarem, o homem se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos para satisfazer às suas paixões e aos seus interesses pessoais, razão por que os aplica em aperfeiçoar os meios de prejudicar os seus semelhantes e de os destruir.

Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade. (Negrito meu)

Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará cair os preconceitos de casta e se calarem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não procurarem viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos. (KARDEC, *A Gênese*, cap. 18, n. 18-20) (negrito meu)

A IMPORTÂNCIA DA “UNIDADE DE CRENÇA” PARA A REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE

A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos, pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos pelos outros como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados.[...]

A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana. (KARDEC, *A Gênese*, cap. 18, n. 18-20)

A unidade de crença está solidamente alicerçada no AMOR transcendental explicitado por Jesus nos seus mandamentos que sintetizam toda a Lei e os Profetas: “Amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo!”

Encerrando o último capítulo deste livro, faço votos para que esta obra (“*Três Maneiras de Ver Jesus*”) possa contribuir um pouco para a **UNIDADE DE CRENÇA** e, assim, acelerar a regeneração de nosso planeta Terra, onde, infelizmente, ainda existem muitas religiões exclusivistas, cada uma tendo a pretensão de ser dona exclusiva da verdade. Daí a necessidade do diálogo ecumênico e inter-religioso, aberto e sincero, para se saber, à luz da fé racionada, o que é verdade e o que é mentira em crenças religiosas.

CONCLUSÃO

Abordei neste meu 6º livro ecumênico **três maneiras de ver Jesus (a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica)**.

Discordei neste livro da maneira literalista e exclusivista de ver o Jesus mítico, mas defendi plenamente o modo simbólico e pluralista de vê-lo, do mesmo modo como defendi o modo histórico de vê-lo, pois o Jesus histórico, como esclareço em minhas obras ecumênicas, foi um personagem real que nos ensinou um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade, ou melhor, de espiritualidade, capaz de unir todas as crenças e todas as pessoas deste planeta e a única forma de nos fazer evoluir espiritualmente e de nos sintonizar com a chama divina que habita dentro de cada um de nós.

Esclareci neste livro que os mitos religiosos, por expressarem verdades espirituais profundas (transcendentes), possuem um grande valor espiritual, **quando interpretados simbolicamente**. A sua interpretação literal, porém, tem causado muitos males na humanidade: exclusivismos, divisões, conflitos, preconceitos, discriminações, intolerância, guerras catastróficas, autos de inquisição etc.

Como também foi dito por diversas vezes neste livro, mas convém repetir nesta Conclusão, devido ao seu limitado poder de interpretação, a grande maioria dos religiosos ainda lê as narrativas de suas sagradas escrituras ao pé da letra, e não simbolicamente.

Vimos neste livro que Krishna (deus hindu), cerca de quatro mil anos antes de Cristo, já pregava essa mesma verdade nos seguintes termos:

Aqueles que carecem de discernimento poderão citar as Escrituras literalmente, mas na realidade estarão negando a verdade implícita que elas transmitem (Bhagavad-Gita, apud HARPUR, 2008, p. 29).

Em outras palavras, é por falta de discernimento, de maturidade e de atraso evolutivo que a grande maioria dos religiosos ainda interpreta seus mitos literalmente, sem perceber o seu significado espiritual alegórico profundo. A interpretação simbólica dos mitos,

repto, tem um imenso valor, porque o mito é o único meio de expressar verdades sagradas inefáveis.

Como espero ter deixado bem claro ao longo deste livro, tanto o “Jesus histórico” como o “Cristo da fé”, bem como outros personagens iluminados, podem também ser vistos *simbolicamente* como a manifestação ou como a presença real de Deus em cada um de nós e em toda a humanidade. Por meio dessa interpretação simbólica, gnóstica e pluralista de ver a pessoa do “Jesus histórico” e a do “Cristo da fé” (bem como a de outros personagens), desaparecem os antagonismos exclusivistas no modo de ver Jesus, ou seja, nesse sentido pluralista, tanto o “Jesus histórico” como o “Cristo da fé” (bem como os grandes líderes de outras religiões, como Krishna, Buda, Mitra, Gandhi e outros) passam a ser igualmente vistos por todos os seres humanos como a personificação simbólica de Deus no mundo, ou seja, como a centelha divina presente em cada um de nós.

Conforme foi dito neste livro, era assim que os antigos interpretavam seus líderes religiosos:

Os antigos situaram no centro do mito uma pessoa ideal que simbolizasse a humanidade em si na sua natureza dual humana e divina. Essa pessoa ideal – os nomes eram Tamuz, Adônis, Mitra, Dioniso, Krishna, Cristo, entre muitos outros – simbolizava a centelha divina encarnada em todo ser humano, o elemento “destinado em última análise a deificar a humanidade” (HARPUR, 2008, p. 36).

Um dos temas mais abordados neste livro, sobretudo em seu último capítulo, foi acerca do mito gnóstico e supervaloroso do deus interior, o Cristo interior, uma vez que, segundo esse mito gnóstico, **“todos somos Deus”**, não no nosso ego, mas na profundidade do nosso ser, como bem expressou Joseph Campbell, uma das maiores autoridades no campo da mitologia no século XX, em sua monumental obra “O Poder do Mito”, já em 28 edições:

Veja, há dois modos de pensar **“Eu sou Deus”**. Se você pensa: “Aqui, em minha presença física e em meu caráter temporal, eu sou Deus”, então você está louco e provocou um curto-circuito na experiência. **Você é Deus não em seu ego, mas em seu mais profundo ser, onde você é uno com o transcendente não dual** (CAMPBELL, 2011, p. 221) (negrito meu).

É este Deus transcendente, não dual, não pessoal e invisível (*o Cristo interno*) que nos sustenta: **“O tema básico de toda a mitologia é o de que existe um plano invisível sustentando o visível”** (CAMPBELL, p. 76) (negrito meu).

Conforme esclarecido por diversas vezes neste livro, concordo com a crença gnóstica do *Cristo interno* (Deus dentro de nós), mas deixei bem claro que não é essa fé (essa crença) que nos “salva”, ou melhor, que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente. O que nos “salva”, o que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente é somente a prática do amor-caridade: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ “SALVAÇÃO”** (no sentido de “libertação” ou “evolução espiritual”), como ensina a Doutrina Espírita.

Enfatizei neste livro que não se deve confundir o “Jesus histórico” com o “Cristo cósmico” (Deus dentro de nós), embora ele possa também, juntamente com muitos outros espíritos evoluídos, ser simbolicamente interpretado como “Deus dentro de nós”, uma vez que ele nos deu muitos exemplos de viver em grande sintonia com o Deus que habita em cada um de nós, pois Jesus foi um espírito muito evoluído espiritualmente. Em suma, tanto o Jesus histórico como o Jesus mítico, bem como muitos outros espíritos evoluídos que já viveram neste planeta, podem ser *simbolicamente* interpretados como *Deus dentro de nós*.

Concluindo este meu 6º livro ecumênico, faço votos para que essa visão simbólica e pluralista possa um dia ser aceita por todos, e passemos a interpretar os mitos religiosos *simbolicamente*, e não mais *literalmente*, pois somente assim desaparecerão os conflitos, as divisões, as guerras entre as religiões e haverá um só rebanho e um só pastor. Oxalá isso possa acontecer brevemente neste planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- ANDRADE, Jayme. *O Espiritismo e as igrejas reformadas*. 4. ed. São Paulo: EME, 1995.
- ARIAS, Juan. *Jesus, esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARMSTRONG, Karen. *Uma História de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard; LINCOLN, Henry. *O Santo graal e a linhagem sagrada*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
- BARRERA, Pablo. Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade. In: TRASFERETTI, José & GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Orgs.). *Teologia na Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BIERLEIN, J. F. *Mitos paralelos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BLAVATSKY, Helena P. *A Doutrina secreta*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- BOBERG, José Lázaro. *O Segredo das Bem-Aventuranças: uma leitura do Sermão da Montanha*. Capivari-São Paulo: Editora EME, 2009a.
- _____. *A Oração Pode Mudar sua Vida*. 4. ed. Capivari-São Paulo: Editora EME, 2009b.
- _____. *O Evangelho de Tomé: o elo perdido*. 3. ed. Santa Luzia – MG: Editora Chico Xavier, 2011.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- _____. *Igreja: carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante*. Edição revista. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- BOLTON, Lesley. *O livro completo da mitologia clássica: deuses, deusas, heróis e monstros gregos e romanos de Ares e Zeus*. São Paulo: Madras, 2004.
- BORG, Marcus J., & CROSSAN, John Dominic. *A Última Semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- _____. BORG, Marcus J., & CROSSAN, John Dominic. *O Primeiro Natal: o que podemos aprender com o nascimento de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

- BRANCO, Raul. *Os Ensinamentos de Jesus e a tradição esotérica cristã*. São Paulo: Editora Pensamento, 1999.
- BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do mito*, com Bill Moyers. 28 ed. São Paulo: Palas Athena, 2011.
- CHAVES, José Reis. *A Face oculta das religiões: uma visão racional da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006.
- _____. Coluna no diário, o TEMPO, de Belo Horizonte, 16/6/2008.
- _____. Coluna no diário, o TEMPO, de Belo Horizonte, 3/9/2008.
- _____. Coluna no diário, o TEMPO, de Belo Horizonte, 14/7/2011.
- COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja I: das origens ao século XV*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. *Quem Matou Jesus? As raízes do antissemitismo na história evangélica da morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995a.
- _____. *Jesus: uma biografia revolucionária*. Rio de Janeiro: Imago, 1995b.
- _____. *O Nascimento do Cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *The Greatest Prayer: rediscovering the revolutionary message of THE LORD'S PRAYER*. New York: HarperOne, 2010.
- CROSSAN, John Dominic & WATTS, Richard G. *Who Is Jesus?* New York: HarperOne, 1996.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DONINI, Ambrogio. *Breve história das religiões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

- EHRMAN, Bart D. *O Que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê.* São Paulo: Prestígio, 2006.
- _____. *O Problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao sofrimento.* Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade.* 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- ELSBERG, Robert (Org.). *Gandhi e o cristianismo.* São Paulo: Paulus, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa.* 2.ed. Rev. Aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR. *The Five Gospels: what did Jesus really say? The search for the authentic words of Jesus.* New York: Macmillan Publishing Company, 1993.
- FUNK, Robert W., and THE JESUS SEMINAR. *The Acts of Jesus: what did Jesus really do? The search for the authentic deeds of Jesus.* New York: Harper Collins, and Harper San Francisco, 1998.
- _____. *The Gospel of Jesus, according to the Jesus Seminar.* Santa Rosa, Califórnia: Polebridge Press, 1999.
- GAGLIARDO, Vitor. "O Papa do Jesus histórico", Revista SUPER Interessante, edição 250, março/2008.
- GRIESE, Franz. *La Desilusión de un sacerdote: la verdad científica sobre la religión cristiana.* 2. ed. reformada y aumentada. Buenos Aires: Editorial Cultura Laica, 1957.
- HARPUR, Tom. *O Cristo dos pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus.* São Paulo: Pensamento, 2008.
- _____. *Transformando Água em Vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos.* São Paulo: Editora Pensamento, 2009.
- HASSNAIN, Fida. *Jesus, a verdade e a vida: uma busca histórica pelos caminhos apócrifos, budistas, islâmicos e sânscritos.* São Paulo: Madras, 1999.
- HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate.* London: SCM Press, 1977.
- HICK, John & KNITTER, Paul (Orgs.). *The Myth of christian uniqueness, toward a pluralistic theology of religions.* New York: Orbis Book, 1987.
- HODSON, Geoffrey. *A Sabedoria oculta na Bíblia Sagrada.* Brasília: Editora Teosófica, 2007.

- HOORNAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo: uma leitura crítica*. Brasília: Editora Ser, 2006.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. *A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997a.
- _____. O Evangelho Segundo o Espiritismo. *A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997b.
- _____. O Livro dos Médiuns. *A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997c.
- _____. O Céu e o Inferno. *A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997d.
- _____. A Gênese. *A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997e.
- KERSTEN, Holger. *Jesus viveu na Índia: a desconhecida história de Cristo antes e depois da crucificação*. 17. ed. São Paulo: Best Seller, 1986.
- KÜNG, Hans. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- LEADBEATER, C. W. *A Gnose cristã*. 2. ed. Brasília: Editora Teosófica, 2001.
- LEWIS, David. A Leste de Qumran: em busca das raízes da fé ocidental. In: KENYON, J. Douglas (org.). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- LUZ, Marcelo da. *Onde a Religião termina?* Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2011.
- MATHER, George A.; NICHOLS, Larry A. *Dicionário de religiões, crenças e ocultismo*. São Paulo: Vidas, 2000.
- MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. Matão, São Paulo: O Clarim, 1988.
- NETO, José Barbosa de Sena. *Confissões surpreendentes de um ex-padre*. Niterói - RJ: Editora ADOS, 2004.

- PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos gnósticos*. 4. ed. Porto-Portugal: Via Óptima, 2006.
- PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do Evangelho*. Vol. 1-8, Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
- PAULA, Caco de. *O Iluminado*. *Super Interessante*, Edição 174, 2002.
- PEDREIRA, Eduardo Rosa. *Do Confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- PIRES, J. Herculano. *Revisão do Cristianismo*. São Paulo: Paideia, 1977.
- RAMATÍS. *O Sublime peregrino*. Psicografia de Hercílio Maes. 17. ed. Limeira - São Paulo: Editora do Conhecimento, 2006.
- RATZINGER, Joseph/Bento XVI. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- RODRÍGUEZ, Pepe. *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica: uma análise das graves contradições da Bíblia e de como esta foi manipulada em proveito da Igreja*. Lisboa-Portugal, Editora Terramar, 2001.
- ROHDEN, Huberto. *Bhagavad Gita*. 11. ed. Ilustrada. São Paulo: Martin Claret. [s.d.]
- _____. *Rumo à consciência cósmica*. São Paulo: Martin Claret. [s.d.]
- SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. v. 1 e 2.
- SCHURÉ, Édouard. *Krishna: Coleção Os Grandes Iniciados: esboço da história secreta das religiões*. São Paulo: Martin Claret Editores, 1986.
- SCHUTEL, Cairbar. *O Batismo*. 6. ed. São Paulo: O Clarim, 1986.
- SOUZA, José Pinheiro de. *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2005.
- _____. *Mitos Cristãos: desafios para o diálogo religioso*. Divinópolis (MG): GEEC Publicações, 2007.
- _____. *Catecismo ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da "fé raciocinada"*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010a.
- _____. *Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010b.
- _____. *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.

- TILESSE, Caetano Minette. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, ano 5, 1998.
- TABOR, James D. *A Dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- UBALDI, Pietro. *Cristo*. 3. ed. Campos, Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1988.
- VASCONCELOS, Yuri. O Homem que inventou Cristo. *SUPER Interessante*. Edição 195, dez. 2003.
- WILES, Maurice. Myth in Theology. In: HICK, John (Org.). *The Myth of God Incarnate*. London: SCM Press, 1977.
- WEISER, Alfons. *O Que é milagre na Bíblia: para você entender os relatos dos evangelhos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.
- YOUNG, Frances. A Cloud of witnesses. In: HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate*. London: SCM Press, 1977.